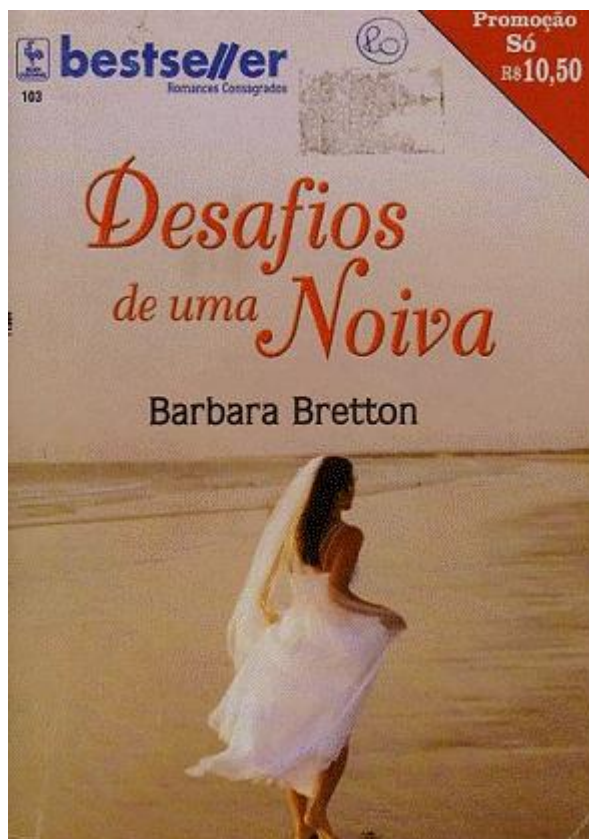


DESAFIOS DE UMA NOIVA

Barbara Bretton

TÍTULO ORIGINAL: Chances Are
Bestseller 103



Perto da felicidade...

Casar-se com Adam O'Malley é a realização de um sonho para Marjorie. Mas com a proximidade do casamento, ela descobre que algumas vezes os preparativos são bem mais estressantes do que imaginava. Às vésperas do grande dia, tem de enfrentar uma súbita hostilidade de sua futura cunhada... Sua prima resolve revelar um segredo assombroso e a filha adolescente de Adam, choca a família inteira com uma notícia inesperada. Apesar de todos esses desafios, Marjorie conseguirá subir ao altar sem deixar que pequenos contratemplos arruinem sua tão sonhada felicidade

Disponibilização: Rosangela

Digitalização: Joyce

Revisão: Eliana

Projeto

Revisoras





Capítulo I

Paradise Point, Nova Jersey

Três semanas depois de anunciar seu noivado com Adam O'Malley, Marjorie Decker viu-se em maus lençóis dentro do setor de trajes para noivas da grande loja Saks, em Newark, a principal cidade do Estado de Nova Jersey. Era refém de seus familiares, dos futuros sogros e de uma repórter principiante, chamada Cristal, coberta de tatuagens e piercings na maior parte visível do corpo.

A mãe de Marjorie usara como pretexto levá-la a um almoço comemorativo das futuras núpcias. Deveriam comer bem e divertir-se. Mas o paladar da noiva estava comprometido por alto consumo de comida mexicana, e assim ela detestou a ideia de irem a um restaurante vegetariano.

— Onde estão escondendo minhas roupas? — Marjorie protestou, ao ver a vendedora recolher seu jeans e a malha de algodão, perto do provador.

Barbara Bretton

— Não se preocupe, filha — disse Rose DiFalco. — É só para garantir que você não fugirá.

Tia Lucy, que entendia ou dizia entender de moda, examinou com um olhar crítico a sobrinha semidespida.

— Adam sabe que você usa esse tipo de lingerie. Todos os demais riram, inclusive a repórter que tentava se manter séria.

— Vire-se — pediu-lhe a prima, Gina Barone. — Quero ver se tatuou alguma coisa na parte de trás...

O pesadelo que Marjorie vinha tendo com frequência, no qual surgia nua no meio de uma loja de departamentos, pareceu-lhe de repente profético. Não podia, porém, dar importância a isso. Era adulta. Tinha uma filha. Contava com diploma universitário em ciências contábeis. Esforçara-se para conciliar trabalho e maternidade, mas, desde que vira Adam pela primeira vez, tudo em que conseguia pensar era na instituição chamada casamento.

As dúvidas eram intermináveis. Quantas damas de honra deveria haver? O que

seria mais apropriado: realizar a cerimônia em casa ou na igreja? Deveria servir apenas bolo com champanhe ou bufe completo? Orquestra local ou músicos trazidos de Newark ou Nova York? Havia ainda a considerar os convites, a decoração, a mala para a viagem de núpcias, que pretendia recheiar de biquínis brasileiros.

Assim que a filha lhe revelou suas intenções, Rose DiFalco se pendurou ao telefone para realizar uma infinidade de contatos. Como regra, Marjorie gostava de se colocar sob as asas protetoras da mãe, mas com o passar dos dias, começou a sentir-se uma intrusa em seu próprio matrimônio.

Apaixonar-se por Adam fora tão natural quanto respirar. Num dia, tudo era muito simples, e Marjorie se concentrava apenas em ser a melhor mãe do mundo. No outro,

sonhava em morar num chalé com o amado. A transição do namoro ao noivado foi quase imperceptível. Se isso fosse um sinal de felicidade eterna...

Seu próprio clã não tinha ideia de como Marjorie se sentia. As filhas da finada avó Faye, entre estreias e reincidências, tinham subido ao altar dezesseis vezes, o que significava dezesseis chás-de-cozinha, dezesseis incursões às lojas de noivas, dezesseis festas recheadas de risos, música e promessas jamais cumpridas.

Em uma memorável ocasião, o casamento durou apenas algumas horas a mais do que a recepção festiva. Marjorie imaginou se Pete Lassiter, o jornalista e historiador local, conhecia o episódio. Ele vinha pesquisando o passado de Paradise Point em função de um documentário sobre as cidades praianas de Jersey. Quando tomou conhecimento da união conjugal entre uma DiFalco e um O'Malley, membros das duas famílias mais antigas da região, não só colocou uma repórter no encalço dos noivos como colheu pessoalmente diversos depoimentos de Marjorie.

Foram entrevistas longas e tediosas, pois Lassiter valorizava demais os detalhes, pormenores que ninguém, nem mesmo Rose DiFalco, considerava interessantes. Adam, avesso à exposição pública, apresentara uma desculpa e desaparecera no primeiro encontro com Pete, assim que Marjorie lhe informou:

— Lassiter vai mandar dois cinegrafistas para registrar o evento.

Não havia como evitar que as cenas fossem aparecer no documentário em meio a outras — de grandes incêndios e crimes que abalaram a cidade.

Três anos antes, o irmão de Adam, Billy O'Malley, do Corpo de Bombeiros, morrera carbonizado no fogo que consumira um depósito. Billy recebera uma medalha póstuma de bravura pelo socorro prestado a outras vítimas. Paradise Point nem poderia ser chamada de cidade na época, pois se limitava a uma estreita faixa de terra entre os arredores de Newark ao Atlântico, com casas humildes, armazéns e algumas mansões dilapidadas. Ainda assim, era considerada a praia dos arredores.

Em pouco tempo, porém, o lugar florescera. Sob a direção de Adam, o Restaurante e Churrascaria O'Malley se tornou uma atração turística, e impulsionara o progresso da área urbana. Pouco restara das lembranças do passado.

Tal sucesso era pequeno se comparado ao de Rose. Ela assumiu o negócio de sua

falecida mãe, Faye, e logo transformou o estabelecimento no mais popular da Costa Leste. Sem demora, comprou a casa ao lado, a fim de reformá-la e expandir a pousada, que batizou de Candlelight, dentro dos mesmos altos padrões.

Rose sabia como ganhar dinheiro. Pragmática, morava numa boa residência nos fundos da pousada, o que lhe proporcionava o uso do estacionamento e de muitos serviços, como os de arrumação, limpeza e culinária. No entanto, fizera questão de montar sua própria cozinha, onde às vezes se distraía preparando pratos sofisticados.

Ao contrário de suas muitas primas, Marjorie conseguira chegar aos trinta e três anos sem um divórcio no currículo.

— Não fique tão contente — dissera-lha a prima Gina. — Só está invicta porque nunca se casou com Tom Lawler. Vocês ficaram juntos por seis anos, e então se separaram amigavelmente. Esse período é maior do que meus dois casamentos

somados, mas vamos ser francas: vem mantendo as tradições da família, minha querida!

Não era algo que Marjorie gostasse de ouvir, sobretudo da parte de Gina ou qualquer outro parente. Ela amava todos, sem dúvida, mas quando algum deles deu importância a seus sentimentos? Sua relação com Tom terminou assim que Ana nasceu. E assim também chegaram ao fim seus sonhos de construir uma grande família junto do homem que amava.

De repente, tudo mudou. Marjorie deixou Seattle para trás e trouxe Ana para Paradise Point, onde se apaixonou por Adam e teve a felicidade de ver seu amor correspondido. Essa fora, sem dúvida, a maior surpresa que o destino lhe preparou.

— Onde está Ana? — Rose fechou o mostruário de tecidos que vinha estudando, para observar o enorme salão do estabelecimento.

— Kelly a encontrou escondida no meio dos vestidos de noiva, chupando sorvete. Já a levou para baixo.

Céus! Uma menina de cinco anos, com um picolé na mão, entre caríssimos trajes! Ainda bem que Kelly, a futura enteada de Marjorie, sempre sabia o que fazer com Ana.

— Não se preocupe, minha filha.

— Já viu as etiquetas de preços, mamãe? É para me preocupar, sim!

A vendedora retornou com mais dois vestidos. As tias Susan e Connie trocaram olhares de aprovação. Marjorie pensou em dizer-lhes que não usaria nada tão justo, que marcava as nádegas de maneira indecente. Daria tudo para que Gina a tirasse dali. Mas sabia muito bem a resposta que receberia: Tarde demais.

— Um desses dois — propôs Connie.

— Prefiro outro modelo, titia. Algo mais discreto e confortável, de preferência. Um traje que valorize as formas é um coisa, mas se eu usar isso aí, irei precisar de um balão de oxigênio depois.

Ela viu o reflexo de Claire, a viúva de Billy e cunhada de Adam, no grande espelho do provador. Parecia divertida e ao mesmo tempo embaraçada pelas

discussões em família. Claire não conseguia esconder certa dose de desaprovação em relação ao casamento. Mostrou-se contente quando Adam o anunciou, mas demonstrou frieza ao ver o anel de noivado na mão de Marjorie. Essa atitude, até certo ponto, magoou a noiva.

Devia ser penoso para Claire ver Adam constituir outra família após tantos anos de viuvez, durante os quais se dedicou com exclusividade a Kelly. A morte de Billy, no incêndio, deixara Claire sozinha com cinco filhos, uma casa hipotecada e um salão de beleza de médio porte, no centro da cidade. O cunhado quis torná-la gerente da churrascaria, visto que Claire era dona de parte do capital social, por obra de Billy, mas ela preferira continuar com seu próprio negócio. E ninguém poderia censurá-la por retrair-se diante dos preparativos do matrimônio.

Claire sorriu para Marjorie, pelo espelho. Era porém, um sorriso impessoal, daqueles que se vêem na fila do banco ou dentro de um elevador. Marjorie suspirou, e isso fez com que o último botão de cima das costas se soltasse e voasse pelo ar até o rosto de sua tia Tânia.

— Fui agredida! — Tânia exclamou, sem nenhum humor e com seu olhar de águia. — Preciso de um médico!

— Por favor, mamãe... — suplicou sua filha, Denise. — Dê uma folga para todos nós, sim?

— Minha própria filha não acredita em mim! Quase perdi um olho!

— Está bem. — Rose abriu o celular. — Chamarei a polícia para você registrar uma acusação de tentativa de assassinato. A arma? Um botão de vestido de noiva.

Antes de Tânia cair em si, Rose mandou todos para fora do provador. Marjorie não se conformava em ter se submetido, primeiro, a uma incursão em grupo à loja Saks e depois, a um almoço sem graça.

— O botão se desprende porque o vestido precisava ser um número maior. — Claire afirmou, entre conciliadora e agressiva, e deixou o local.

Sozinha com a filha, Rose examinou a roupa devagar.

— Não é seu estilo, concordo, Marjorie. Mas você só experimentou esse.

— Gostaria de voltar aqui com calma, depois de saber o que Adam tem em mente.

— É hora de resolver, filha. Faltam três semanas para as bodas.

— Eu e Adam temos todo o tempo do mundo, mamãe. Não chegamos nem ao meio do ano, e nada nos impede de adiar a data.

— Os grandes casamentos são planejados com anos de antecedência — argumentou Rose, num súbito ataque de esnobismo.

— Não será, nem precisa ser, um grande casamento. Por mim, faria apenas uma cerimônia íntima. Sem vestido de noiva e com uma benvinda economia.

— Os DiFalco devem promover um evento de acordo com sua posição social.

— Adam acha que seria melhor que fugíssemos juntos, evitando toda essa confusão.

— Ele só pode estar brincando! Você é alta, fica bem num vestido de noiva. Além disso, não necessita de aulas sobre como se comportar na igreja ou na festa. É um dia especial demais, Marjorie. Pense na família.

— O correto seria pensar em mim e Adam. Em ninguém mais.

Rose caiu em pranto. Marjorie nunca a vira chorar, exceto quando Ana, vítima de uma estranha infecção, teve de ser levada às pressas para o hospital. Claro que Marjorie sentiu-se culpada. Mas não era essa a finalidade das lágrimas?

— Voltaremos outro dia — Rose conseguiu dizer. — Vou pedir suas roupas.

Marjorie fora atingida pela chantagem emocional da mãe. Quando a vendedora chegou com sua calça jeans e a malha original, recolheu o botão perdido e avisou que tinha ligado para a filial de Boston, para se certificar de que possuíam o número maior, do mesmo modelo.

— Eles têm?

— Sim. Posso encomendar?

Nem Rose nem Marjorie quiseram assumir compromisso. A atendente admirou o corpo bonito da cliente, a estrutura física de uma mulher feita, que parecia segura do que desejava em matéria de atenções masculinas. Uma vez recomposta, Marjorie seguiu Rose até o elevador, com ar humilde.

Cena típica da família DiFalco.

Claire O'Malley teve de manter seu autocontrole para não se ajoelhar perante Rose e beijar-lhe a mão, no momento em que ela expulsou os parentes do salão de atendimento e do provador. Com falta de ar, quase saíra correndo dali, por conta própria.

Ela e as duas matronas, Connie e Tânia, pareciam contar os segundos até que Marjorie desistisse de experimentar os trajes. De vez em quando, Claire cruzava com ambas na rua e dava graças a Deus por não ter a mesma aparência abatida delas, apesar dos primeiros sinais da passagem dos anos.

Não que pretendesse julgar os outros. As tias e primas de Marjorie, em geral, eram gente boa, não obstante as escapadas românticas e escolhas equivocadas, que se tornaram de domínio público pela sucessão de divórcios. Marjorie tinha uma história menos rumorosa, mas também não escapara da regra geral dos DiFalco: má sorte no amor. Feliz ou infelizmente, Claire pertencia a outra família, os Meehan, e se tornara uma O'Malley pelo casamento com o finado Billy.

Na Saks, ouvira Gina e Denise comentarem o preço de um vestido cravejado de imitações de diamantes, que sobressaía dentre todos os demais modelos. Custava mais caro do que a hipoteca da casa de Claire. A Saks não era o tipo de estabelecimento que poderia frequentar, salvo na condição de acompanhante. A não ser que passasse a preparar muitas noivas, em seu salão de beleza, cobrando um absurdo por isso, teria de dizer à filha mais jovem para esquecer o sonho de ir para a faculdade.

— Não sei quem Rose pensa que é — reclamava Connie.

— Mas não é a dona da loja e não pode nos expulsar!

— Marjorie recomendou que esperássemos no estacionamento, pois nos daria carona. — Claire ajeitou os cabelos. — Onde estão Kelly e Ana?

— Creio que foram comprar outro sorvete — interveio Lucy.

— Vou atrás delas. — Claire não perderia a oportunidade de se distanciar do grupo.

— Cuidado. O lugar é grande.

— Não se preocupe. Sou perita em garagens e em brigas por vagas.

— Tremo só de imaginar o que minhas irmãs contaram a Pete Lassiter. — Lucy fitava a repórter tatuada, que não cessava de tomar notas em seu caderno.

— Encontrou-se com ele hoje? — Claire odiava Lassiter e toda a equipe dele. Não passavam, em seu entender, de bisbilhoteiros que metiam o nariz onde não eram chamados.

— Marcamos para mais tarde. Pete quer ver o álbum de recortes que venho montando há anos.

— Lembra-se de que eu a ajudei? — Claire franziu a testa.

— Tenho habilidade com recortes e com desenhos de rostos.

— Sim, fez Rose ficar parecida com uma extraterrestre! Claire deu risada. Não era um insulto, vindo de Lucy. Recordou que, na época, estava desempregada e agradeceu à amiga por tê-la recomendado para uma vaga de balconista na confeitaria. Isso acontecera após a formatura de Claire no colégio, quando Lucy a presenteara com um vestido apropriado à cerimônia — feito por ela mesma — e emprestara um par de longas luvas para combinar.

Sem convite, Lucy seguiu Claire na busca pelas garotas. Caso fosse bem mais jovem, ousaria candidatar-se a dona do coração do ex-cunhado. Adam a impressionara como poucos homens na vida. Próximo ao balcão da sorveteria perto da loja, apanhou dinheiro na bolsa e balançou as notas do ar.

— Escolha o sabor, Lucy. Vamos tomar um sorvete. Nós merecemos, depois de passar pelo vexame que Rose deu.

Ana e a filha de Adam, porém, não se encontravam ali. Por isso, Claire deixou para mais tarde a guloseima.

— Vou dar uma olhada no salão dos fundos e no banheiro. Você fique aqui e vigie a porta da frente.

Claire apreciou o fato de afastar-se do balcão, e não só porque os sorvetes eram bonitos, cremosos e tentadores. Com sua decoração antiga e aconchegante, o local tinha sido um dos preferidos de Billy. Eles costumavam ir lá para passear com os filhos pequenos e, quando sozinhos, trocavam carícias. Foram sempre um casal que se dava muito bem.

Parada junto de uma coluna do salão, Claire sentiu uma pressão no ventre ao ver uma jovem grávida. Gostara de engravidar, e por cinco vezes desfrutara gestações tranquilas, inspiradoras. Algumas amigas se queixavam de ficar sem sexo naquela

fase, mas não era o caso de Claire. Como gestante, experimentara sensações fortes, e nunca se mostrara mais excitada. Billy notara a diferença, e não se negara a partilhar um prazer intenso em suas relações íntimas, um tanto selvagens. Lembranças, apenas lembranças! O casal não contara com uma história romântica, como Marjorie e Adam, e assim Claire não tinha recordações de outras experiências mágicas com Billy, de beijos ao luar e mesmo de palavras doces. Mas os dois trouxeram ao mundo cinco lindas crianças, e foram felizes até o fim. Um fim imperfeito, imerecido, porém por diversas razões Claire não podia se lamentar.

Não compreendia mulheres como Marjorie, que saíam de casa e passavam a viver por conta própria, longe da família e dos amigos. Para Claire, todos deviam crescer e morar no mesmo lugar até o fim de seus dias. Talvez a pessoa desenvolva menos luz interior, mas acaba se adaptando. Dedica-se ao cônjuge e aos filhos, envelhece com sabedoria e começa a perceber, gratificada, que agiu muito bem consigo própria.

Quando Marjorie voltou de Seattle, triste e perdida, Claire concluíra que esse regresso ao lar só se dera porque Tom Lawler a abandonara, bem como à pequena Ana. Apostara que a filha de Rose DiFalco, sem esse rompimento, teria escolhido permanecer em Seattle, num bom apartamento de cobertura, e jamais pensaria em retornar a Paradise Point.

"Você está sendo injusta", pensou.

Suas filhas do meio, Willow e Courtney, ingressaram no Exército para poderem financiar os estudos superiores. Sem contar o filho Elias, que se mudara para a Irlanda. Que grande diferença existia entre isso e o que Marjorie fizera? Às vezes, o destino leva os jovens para longe, com a finalidade de descobrirem lugares — e pessoas — que jamais conheceriam se não arriscassem a sorte.

Ao voltar para o balcão, Claire trocou um olhar inesperado com uma jovem mãe, que lhe sorriu por cima da cabeça do bebê que carregava no colo. Foi um instante mágico de conexão entre duas estranhas.

"Aproveite cada um desses momentos", Claire gostaria de dizer a ela, "antes que se tornem meras recordações."

Sabia, porém, que aquela mãe não a compreenderia. Era nova, por certo feliz, e tinha pela frente todo o tempo do mundo. Do mesmo jeito como Claire acreditara, muitos e muitos anos atrás.

No toalete, após passar mal, Kelly percebeu que Ana também estava enojada.

— Quero minha mãe... Não vou mais ficar aqui — a menina choramingou.

Kelly era uma garota esperta e responsável, por isso Marjorie a deixava sozinha com a filha, em casa, nas lojas e até nas ruas.

— O sorvete não me caiu bem. — Enxugou a boca com papel-toalha.

— Não foi isso. Sorvete só faz bem. — Ana pousou a mão na barriga de Kelly, que ainda sofria espasmos.

Era uma péssima hora para adoecer, mas pelo menos nenhuma das prestimosas

tias de Marjorie testemunhara o problema. Kelly não conseguia imaginar o que elas diriam, mas quando uma mulher abaixo dos quarenta sente enjoo, sempre há alguém para cogitar gravidez.

Impossível, Kelly decidiu. Quase impossível, corrigiu-se. As religiosas da igreja que frequentava tinham razão: o único meio seguro de contracepção é a abstinência. Preservativo, pílula, diafragma, cremes diversos, tudo isso pode falhar uma vez ou outra.

Era curioso como as pessoas, mesmo conhecendo as estatísticas, desafiavam a margem de erro dos métodos anticoncepcionais: uma porcentagem ridícula, mas capaz de mudar todo seu destino.

Esses percalços, para Kelly, ocorriam com meninas anônimas, carentes ou ignorantes, não com alguém que desfrutava uma bolsa de estudos integral na Universidade Colúmbia. Seu namorado, Seth, também frequentava a faculdade de letras, e tudo era tão perfeito que chegava a assustá-la. Estariam juntos por quatro anos até a graduação. Em seguida, iriam se casar e desenvolveriam suas respectivas teses de mestrado. Logo depois, em algum momento desse futuro brilhante, ambos começariam a própria família.

Os gritos assustados de Ana se converteram em soluços. Kelly começou a rir. Aquele dia vinha se mostrando surreal, na companhia das parentes. Claire pedira a Deus, em silêncio, para sair da loja, e a futura madrastra, Marjorie, fora obrigada a permanecer apenas de lingerie dentro do provador. Agora, Kelly acompanhava uma criança ao banheiro da sorveteria, mas fora ela própria quem fizera uso do vaso sanitário.

Ana soluçou forte mais uma vez. Não resistiu a uma risada, que contagiou Kelly, e as duas gargalharam até que as costelas doessem.

— Preciso usar o reservado com urgência — disse Ana, assim que parou de rir.

— Pois vá.

— Não. Você não pode ficar aqui enquanto eu vou.

— E se necessitar de alguma ajuda, Ana?

— Vá embora!

— Estarei do outro lado da porta — Kelly concordou, enfim. — Grite se precisar.

Kelly saiu, e ouviu a menina fechar a cabine. Sorriu diante da determinação e do senso de privacidade da garota. Manteve plantão à entrada do toalete e notou que a sorveteria estava menos cheia, mais agradável.

Talvez tomasse mais um sorvete, para enganar o estômago vazio. Desistiu da ideia, entretanto, ao se lembrar do enjoo que sofrera. O que fizera com Seth no mês anterior? Seria possível pôr a culpa pelo mal-estar num inocente sorvete?

Kelly ouviu os sons produzidos por Ana no interior da cabine reservada, incluindo o de descarga. Apesar de ter apenas cinco anos, a garotinha sabia se cuidar, sem a ajuda de adultos. Kelly gostaria de ter tido a mesma habilidade, quando criança, mas não se recordava de detalhes daquela época.

— Tudo bem? — bradou porta adentro.

O som de uma segunda descarga sinalizou que Ana estaria pronta para sair após lavar as mãos.

— Temos de nos apressar, Ana. Elas devem estar a nossa procura.

— Mas não tomei meu picolé! Ele derreteu quando me tiraram do salão da loja.

— Façamos o seguinte: você toma sorvete como sobremesa do almoço. Que tal?

Sim, havia se esquecido da refeição em grupo, num restaurante, apesar dos roncos de seu estômago. Tomara que fossem verdade o almoço e a sobremesa. Crianças esquecem até de onde colocam seu material escolar, mas nunca de uma mentira dos adultos.

Claire surgiu diante delas.

— Ah, aqui estão!

— Não terminei meu picolé. Mas Kelly... Não, querida, por favor não!

— ...pôs o dela para fora, e eu quase enjoei junto com ela. Claire tinha um modo de olhar que fazia as pessoas sentirem que ela conhecia todos os seus pensamentos, antes mesmo de serem articulados.

— Kelly? — A simples menção do nome escondia uma curiosidade letal.

— Nada sério. O sorvete me caiu mal, só isso.

Claire espalmou a mão na testa da sobrinha, a fim de verificar a temperatura, e focalizou suas pupilas em profundidade. Kelly desejou, mas não conseguiu desviar a vista. O toque manual da tia lhe era familiar, pois Claire sempre mantinha uma porta aberta para alguém que passasse mal. Além disso, sempre deixava um lugar à mesa para ela, mesmo durante o período em que sua vida virara de ponta-cabeça.

Fazia tempo, e Kelly nunca deixaria de ser grata à tia. Mas Claire, ao contrário de Marjorie, não conseguiria compreender que ela dormira com o namorado.

— Sente-se bem?

— Por que não me sentiria, tia Claire?

Kelly gostaria de reduzir-se ao tamanho de Ana e correr até o colo de Claire. Estou assustada, tia. Faça o medo ir embora!

— Podemos ir? — Ana estava faminta. Kelly tomou-a pela mão.

— Garanto que o restaurante que sua avó escolheu serve sorvete.

— Se quiser conversar com calma, Kelly, venha jantar comigo.

— Seria muito bom, tia, mas tenho um trabalho de matemática para fazer.

— Então, amanhã.

— Amanhã vou sair com Marjorie.

— Quando puder, então. Basta me avisar.

— Estou vivendo uma fase agitada na faculdade. Faço parte do grupo que será entrevistado para o documentário de Pete Lassiter.

— De qualquer modo, na próxima semana estarei a sua espera, Kelly. Quero saber o que está havendo.

— Alguém lhe disse alguma coisa que lhe tenha causado preocupação?

— Não, meu bem. Sua família tem sorte por contar com uma jovem tão

responsável.

Doeu em Kelly ouvir tais palavras descabidas. Ela de fato tinha fama de ser uma moça correta, séria, incapaz de fazer algo errado. Enquanto as primas tinham problemas com namorados, Kelly tirava boas notas e fora eleita representante da classe. Santa Kelly!

Quanto mais maluquices ocorriam na família O'Malley, maior pressão Kelly sentia para ser perfeita. Ninguém lhe pedira isso, no entanto. Era uma atitude que vinha de seu íntimo, um senso de ordem que a completava como pessoa. Apreciava elaborar listas de deveres cumpridos ou a cumprir, bem como da noção de que seus pais nunca teriam de se afligir por ela, quando fosse estudar na vizinha Nova York, na Universidade Colúmbia.

Exceto por um único erro...

Ana fixou os olhos azuis em Kelly, como que absorvendo suas reações pelas expressões faciais, armazenando dados para contar a Rose e Marjorie, em detalhes, como Kelly começara com um sorvete e terminara de joelhos, abraçada ao vaso sanitário.

Para a menina, era uma história e tanto!

Capítulo II

Rose reservara mesa para catorze pessoas no Bernino, restaurante de luxo situado numa das colinas que rodeavam o norte de Nova Jersey. Fingindo ajeitar a roupa de Ana, Marjorie esperou que todas as tias se acomodassem, porque assim ela e a menina poderiam tomar lugar fora do alcance do fogo cerrado.

No entanto, tinha consciência de que a única forma de escapar dos comentários seria ir almoçar longe dali.

— A menina não está comendo brócolis — disse Tânia.

— Nunca deixei meus filhos saírem da mesa sem acabar com todos os legumes — ajuntou Connie.

— O que explica aquele surto de diarreia em Paradise Point — Gina sussurrou no ouvido de Marjorie, a seu lado.

— Não seja rude, Gina! — Tânia censurou a filha por sobre a mesa, embora as pessoas mais próximas tivessem achado graça. — Vai anotar isso também? — perguntou a Cristal. — Dessa maneira, iremos parar num programa humorístico, em vez do documentário na rede aberta de televisão.

Houve outra onda de risos entre os demais. Tânia adoraria desaparecer naquele momento, e Marjorie se apiedou dela. Ana cobriu seu prato com as mãos, quando Gina quis lhe servir mais brócolis, porém comeu sua porção com o entusiasmo que costumava reservar a um sundae.

— Você conseguiu uma façanha, Gina.

— Tenho mais prática com crianças do que você, Marjorie. — Foi quando notou o olhar fixo de Claire sobre ela. — Qual o problema conosco? Estamos despenteadas?

— Só por ter se sentado ao lado de Connie, Claire pode estar sofrendo alguma influência... — Marjorie meneou a cabeça.

— Não é imaginação minha. Ela me olha de uma maneira inconveniente.

— Sabiam que Olivia Westmore vai reformar o chalé da família? Ela pretende abrir uma loja ou alugá-lo a turistas.

— Deus me livre, Lucy! — exclamou Connie. — Não precisamos de mais forasteiros por aqui.

— Fale por si mesma — pediu Rose. — Foi o turismo que salvou nossa cidade da decadência.

— Lógico que você gosta dos turistas. Eles enchem o cofre de sua pousada. Mas os demais cidadãos têm de conviver com as confusões que eles armam.

— A que se refere? — manifestou-se Claire, ao perceber que Cristal anotava toda a conversa. — Nunca soube de nenhum problema com relação aos turistas.

— É porque nunca houve nada. — Lucy cravou o olhar em Connie. — Ela só gostaria de impedir Olivia de namorar um forasteiro.

— Esperem! — A repórter ergueu a mão. — Devagar, senão vou necessitar de um gravador.

— Se está falando de Matthew — Connie rebateu —, essa é uma história antiga. Olivia sai com quem bem entende, isso não me incomoda.

— Assim é melhor — Rose apaziguou as duas. — Posso garantir que Olivia desistiu de Matthew, que tem o dobro de sua idade. Seu interesse se voltou para Simon Redgrave, o magnata que pretende instalar a televisão regional de Nova Jersey.

— Desde quando é especialista em Olivia Westmore, Rose? — Tânia decidiu defender suas habilidades em mexericos. — Não a conhece melhor do que nós.

— Na verdade, eu conheço — interveio Marjorie. — Nós nos tornamos grandes amigas desde que Olivia assumiu a vice-presidência da Associação das Mulheres de Negócios. Sabia que o irmão dela apareceu com destaque, no ano passado, num documentário sobre o leste europeu? Ele é um fotógrafo e cinegrafista famoso, e também faz trabalhos para a rede estatal.

— Oh, droga! — Claire olhou para os pés. — Derramei água!

Sem demora, um garçom veio em seu auxílio e a enxugou com um guardanapo gigante. Passado o susto, Connie não quis mais ouvir sobre o irmão célebre de Olivia.

— É uma perda de tempo — alegou. — Olivia nem mesmo nasceu aqui, e não sei por que vive sendo entrevistada para o documentário. Ignora por completo a história da cidade.

— Os pais dela são de Paradise Point — disse Rose. — Para alguma coisa o passado serve.

— Olivia é parte do futuro. — Denise tomou um gole de seu refrigerante. — Vai

ajudar Lassiter a traçar as perspectivas para os dias vindouros.

— Talvez os produtores queiram apenas atrair o irmão dela.

— Fran, a outra filha de Tânia, enfim deu sua opinião.

— Vocês ouviram? — Tânia zombou da jovem depressiva.

— Olivia tem saído com o produtor. Esse é o motivo de ser tão requisitada.

Cristal depôs a caneta sobre o caderno, desalentada. Era impossível acompanhar aquele diálogo frenético.

— Melhor você consultar um oftalmologista, querida — foi a vez de Lucy ironizar. — Quando Olivia está por perto, os rapazes não pensam em nada além de se deitar com ela.

Um murmúrio de censura percorreu o ambiente, por causa das jovens e crianças presentes.

— Se são tão amigas, Rose, você pode nos contar o que Olivia planeja fazer com o chalé da família.

— A ideia mais forte, Tânia, por enquanto, é montar uma casa de chá.

— Sensacional! — Marjorie e Denise vibraram em uníssono.

— Como? Para quê, se todos compram saquinhos e fazem a bebida em casa, fria ou quente?

— Bem, uma casa de chá não é só isso, Tânia. Torna-se um ponto de encontro e também serve produtos de confeitaria, como doces, bolos e biscoitos. Além do mais, Olivia pensa em instituir por aqui o costume britânico do chá das cinco.

— Numa terra de sol quente? Terá de competir com a sorveteria.

— Bem, o lugar é lindo, um verdadeiro cartão-postal. Creio que dará certo. — Com isso, Rose quis encerrar temporariamente a discussão.

— É necessário tomar cuidado com os cinegrafistas — alertou Claire. — Eles não costumam limpar os pés no tapete antes de entrar.

— Por mim — Rose a cortou —, pretendo transmitir a Lassiter e sua repórter, Cristal, aqui presente, as melhores anedotas sobre nossa vida familiar. Mas não vamos nos antecipar. Estamos reunidos para brindar a Marjorie por seu iminente casamento e falar dos preparativos para a festa.

Pelos olhares das irmãs, poder-se-ia supor que Rose acabara de propor suicídio coletivo. O que, considerando os acontecimentos do dia, não chegava a ser má ideia.

— Diga-me que acabou, por caridade! — Gina pediu, exausta, duas horas depois, na saída do Bernino. — Não passou de um pesadelo, não é?

— O jantar acabou. — Marjorie riu. — Mas não foi um pesadelo, e sim uma reunião de nossa família.

Gina abriu a porta do carro, assumiu o volante e entrou no trânsito de Nova Jersey com a prima. Ana pediu para ir para casa com Claire e Kelly, e Marjorie não se opôs.

— Todas elas estavam em grande forma, hoje.

— Entende agora por que saí de casa, depois de concluir o colégio, Gina?

— O que não entendo é por que voltou.

— Obrigada por me ajudar a enfrentá-las. — Marjorie acenou um adeus a Denise e Rose. — Pensei que seria uma batalha solitária.

— Não enquanto eu estiver por perto.

— Sabia que eu e mamãe brigamos no provador, depois de ela ter despachado vocês todas?

— Conte-me alguma coisa que ainda não sei.

— Por quê? Deu para ouvir, do lado de fora?

— Não foi preciso escutar. Bastou reparar na expressão das duas.

— Disse a Rose que Adam pretendia fugir comigo. Ele quer pegar Ana e Kelly e mudar-se para Las Vegas.

— Não! E implodir a festa de casamento que Rose deseja dar? O sangue dela vai ferver!

— Já ferveu quando hesitei em experimentar um vestido de noiva apertado demais.

— Bem, não é o mesmo que sair de casa outra vez. Você está destinada a viver em Paradise Point, Marjorie.

— Sentença de morte?! — Marjorie não pensava em si, mas no assassinato de todos os parentes.

— Parecia que seu relacionamento com Rose havia melhorado.

— Melhorou, sim. Tentamos nos entender. Mas o casamento nos deixa nervosíssimas.

— Não é o casamento, mas o documentário. Remexer o passado sempre traz consequências. Você terá o noivo, o vestido, a grinalda, o buque. Que importa se uma câmera discreta estiver filmando o evento, atrás do altar? Se ama Adam e quer se casar com ele, qual o problema, meu bem?

— Minha mãe e eu podemos acabar matando uma a outra antes da cerimônia. — A ideia de a cena ser filmada pela equipe de televisão causou repugnância em Marjorie.

Por alguns quilômetros, o trajeto foi percorrido em silêncio.

Gina tinha três filhos, e o menorzinho, Joey, adorava Ana. Com isso, ela estava previamente escalada para cuidar da menina durante a lua-de-mel da prima.

— Como vai Joey? — Marjorie quis saber.

— Engraçado. Neste exato momento eu imaginava Joey e Ana soltos dentro da Saks, com suas casquinhas duplas de sorvete.

— Seria um terror! Ambas riram.

— Teremos de voltar a Princeton para ver o médico, na próxima semana.

Joey sofria de uma leve disfunção cardíaca, sob controle.

— Princeton? Achei que estivesse satisfeita com a dra. Jeanne.

— Estou, mas é meu dever consultar o pai de Joey. Agora ele é diretor de um centro cardiológico em Princeton.

Marjorie podia compreender a ansiedade de Gina. Escolher pediatras e cardiologistas constituía uma eterna preocupação, sobretudo depois que Joey fora

hospitalizado.

Ana também passara por uma breve internação, devido a uma violenta alergia desencadeada por um produto para polimento de metais, que afetara ainda Irene, a avó de cem anos de Adam. Com isso, as famílias DiFalco e O'Malley acabaram se aproximando e celebraram juntas a recuperação das enfermas. Adam se revelara um companheiro e tanto.

A química entre eles dois não podia ser negada. Porém, mais importante era a crescente ligação emocional que levava o casal a um estado de encantamento permanente. O matrimônio apenas tornaria legais os votos que suas almas já haviam feito.

No entanto, até que ponto Ana aceitava Adam e compreendia a situação? A menina amava sua avó Rose e tia Lucy, ainda que não fosse tão óbvia a adoração pelos demais parentes. Adam não planejava tomar o lugar do pai de Ana, Tom Lawler, mas de qualquer modo era um estranho no ninho.

A filha adolescente de Adam, Kelly, constituía o anteparo da situação. Marjorie devia dar graças a Deus por ter colocado em seu caminho uma moça tão inteligente e carinhosa, que gostava de brincar com Ana. Até Adam tinha de admitir que ela era excelente pessoa, embora participasse em excesso das atividades sociais e já tivesse um namorado.

Sem problemas, sem queixas, sem motivo para se aborrecer, salvo a insistência dos cinegrafistas em registrar os passos dela e de Adam. Pela primeira vez na vida, tudo com que Marjorie sonhara estava a seu alcance. Seria possível crer também que essa felicidade fosse durar?

Ajeitou-se no banco do carro de Gina e escrutinou a rodovia.

— Não vi o automóvel de Claire desde que saímos do restaurante.

— Acho que ela tomou um atalho. Decerto nos cruzaremos depois que ela passar por Freehold.

— Em sua opinião, Claire é uma boa motorista?

— O Serviço de Trânsito acredita que sim, pois lhe concedeu a carteira de habilitação.

— Não tem graça! — Marjorie ficou preocupada com a passageira de Claire: sua filha, Ana.

— Ela ganhou alguns quilos depois que parou de fumar.

— Prefiro não falar muito de Claire, Gina.

— Por que não? É uma tradição da família todos falarem de todos.

— E que as coisas entre nós duas passaram a ir mal desde que fiquei noiva de Adam.

— Pelos olhares de Claire durante o almoço, você diria que se trata de ciúme?

— Não. Não de Adam, quero dizer; mas de Kelly.

— Nossa! Agora a história começa a ficar saborosa.

— Vamos mudar de assunto, Gina.

— Por quê? Aconteceu faz tempo, Marjorie. Agora, Billy está morto.

— Preferiria que não tivesse me contado sua aventura com ele, Gina. Sempre que vejo Claire, penso em você e...

— Ou eu lhe contava a verdade ou deixava você desconfiar que vinha dormindo com Billy, o que seria pior. Não tive opção.

— Acha que Claire sabe?

— Não a meu respeito.

— Mas sabe que Billy a traía.

— A cidade inteira sabe. Não era segredo para ninguém.

— Então, como você conseguiu escapar do falatório?

— Sei como e quando manter a boca fechada, prima. Gina se calou. A presença de Marjorie lhe trazia à memória a visão de Billy, a quem amara loucamente. Ainda não encontrara um substituto para seus ímpetos de paixão.

— Como consegue conversar com a ruiva de meia-idade, ciente de que queria roubar o marido dela?

— Gosto de Claire.

— Não o bastante para deixar Billy em paz...

— Ele é que não podia tirar as mãos de mim.

O significado disso era óbvio. Gina mantivera um caso com um homem casado. Mas não era a primeira, nem seria a última a fazê-lo.

— De novo: vamos mudar de assunto, sim? — Marjorie pediu.

Do alto de seus trinta e três anos, ela sabia que o mundo não era uma massa homogênea, em preto-e-branco. Tinha uma filha, mas não um marido. Portanto, conhecia as gradações de cinzento existentes na vida.

— Racionalmente, aceito o que você fez, Gina. Emocionalmente, porém, é outra história.

— Billy e eu ficamos noivos, em certa ocasião.

— Está brincando!

"Ainda bem que não sou eu que estou dirigindo o automóvel!", pensou Marjorie, chocada.

— Foi logo depois da formatura no colégio. Você passava o verão no sítio de seu pai, e eu fui a Nova York para um estágio. Billy era aprendiz no Corpo de Bombeiros, não pôde ir comigo. Temendo ser passado para trás por algum executivo de Wall Street, pediu-me em casamento.

— Isso quer dizer que você saía com Billy antes de Claire, quando eram estudantes.

— Às escondidas. Eu tinha problemas com a polícia, por causa do uso de drogas.

— Mas você me contou que isso aconteceu muito mais tarde, depois que Billy e Claire já eram marido e mulher.

— Lembra-se de como você era na época, Marjorie? Uma perfeita candidata ao convento.

— Rose não concordaria. Ela me considerava bastante rebelde.

— Adoro tia Rose, mas ela não sabe o que é rebeldia.

— E quem sabia de seu caso com Billy?

— A avó dele, Irene. Além de Denise e Adam. íamos manter segredo até o Natal, mas então cometi um grande erro.

— Envolveu-se com um daqueles sujeitos de Wall Street? Gina meneou a cabeça, confirmando, após hesitar um pouco.

— Greg tinha um carro esporte, uma casa de campo, vestia ternos caros... Ele me enfeitiçou. Mas só durou o suficiente para partir o coração de Billy.

Segundo Gina, Billy flagrara o casal de mãos dadas, saindo do prédio dela.

— Quando tornei a ver Billy, ele estava casado e havia um bebê a caminho.

— Nunca suspeitei que ele tivesse agido assim, Gina.

— Ninguém desconfiou. Claire era noiva de um rapaz chamado Charles, que morreu em acidente automobilístico. Claire ainda o amava, e Billy, você sabe...

Não era uma história complicada, nem incomum. Devia ocorrer todos os dias, centenas de vezes, de diferentes maneiras, sobretudo nas cidades mais populosas, onde o trabalho aproxima as pessoas.

— Chegou a cogitar ter um filho com Billy?

— Em geral, os apaixonados são muito egoístas, Marjorie.

Pararam num semáforo, perto do bairro em que Rose morara antes da mudança para Paradise Point.

— Adoro você, Gina, mas estaria mentindo se dissesse que gostei do que ouvi. Há algo que queira me contar sobre Tom ou sobre Adam? Sei que Adam traz certa bagagem, pois enviuvou faz quase dez anos. Muitas mulheres devem ter passado pela vida dele.

Marjorie decidira que poderia aceitar Tom, o pai de Ana, em sua existência. Acolher Adam, no entanto, com seu séquito de ex-amantes, era mais complicado.

— Nada tenho a revelar. Só lhe peço que, por mais empolgada que esteja com a união, mantenha os olhos abertos. Detesto surpresas.

— O que quer dizer?

— Não sei ao certo. Com esses repórteres esmiuçando a vida de todos, nunca se sabe o que pode vir à tona.

— Nada que eu já não conheça. Adam teve uma vida sexual antes de mim, ora. Basta que ela passe a ser só minha.

Gina meneou a cabeça.

— De qualquer modo, conserve os jornalistas longe dele, ou o documentário terá cenas censuradas para menores.

— Obrigada pelo conselho!

— Olhe... sinto muito. — Gina estacionou na entrada da casa. — Talvez o departamento de noivas da Saks tenha mexido comigo. Esqueça o que eu disse. Adam é um excelente sujeito e ama você. Sua felicidade completa está próxima. Cedo ou tarde, uma de nós tinha de ser feliz, não?

Kelly pediu à tia para ser deixada na churrasqueira de Adam, seu pai. Ao chegarem lá, Claire notou que vários homens do Corpo de Bombeiros estavam por lá, com seus brilhantes furgões vermelhos. Adorava aquela gente, que trabalhara com Billy e Adam. Acenou para todos, recebendo em troca a reverência que merecia a viúva de um colega.

— Obrigada pela carona, tia Claire. — Kelly saiu do veículo.

— Espere. Não minta para mim. Você está bem?

Kelly esboçou um de seus largos sorrisos e garantiu que estava ótima. Claire tomou-lhe o rosto entre as mãos, dando-se conta de que as sardas que a sobrinha tinha, quando pequena, haviam desaparecido quase por completo.

— Bem, cuidado com o que come, e não deixe as revistas de moda influenciarem você.

— Está falando como papai, tia. — Rindo, Kelly se despediu.

Ana, que não parara de tagarelar durante o trajeto, aquietou-se no instante em que Kelly bateu a porta do carro atrás de si. Claire sorriu para a garotinha, muito parecida com Kelly na mesma idade. A visão das duas juntas lhe despertou lembranças da época em que Kelly e seus filhos eram crianças, e o maior problema de Claire se resumia a decidir o que preparar para o jantar. Kelly sempre tinha um lugar à mesa, além de uma cama própria para as noites em que Billy e Adam cumpriam plantão.

Era terrível admitir: Claire passara quase dez anos rezando para que Adam não se apaixonasse de novo e se casasse. Ela era o que Kelly possuía de mais próximo de uma figura de mãe. Conquistara o coração da jovem e não pretendia dividi-lo com ninguém. Por vezes, ressentira-se do fato de Adam responder mal-humorado a questões sobre sexo e drogas. Mas, afinal, Kelly estava crescendo e precisava ser educada para a vida.

Quando do acidente fatal com Billy, Adam também ficara ferido e hospitalizado. Kelly viera morar com Claire e os primos numa casa que ficou marcada pela dor e mágoa.

A demorada convalescença de Adam — que ainda fazia tratamento para um tornozelo lesionado — deixara marcas em Kelly, que passou a se sentir um pouco alienada da presença paterna, e acostumou-se a pedir conselhos e orientações a Claire. Também cresceu muito, nesse período, uma natural afinidade entre Kelly e Marjorie. Isso era muito bom, considerando-se que Marjorie voltara de Seattle para ficar com a família.

Todos supunham que Kelly admirava Marjorie e vibrava com o fato de o pai ter se apaixonado por uma mulher tão maravilhosa. Longe disso, porém: era contra o casamento. Claire, sabedora do segredo, teve sua existência transformada num pequeno inferno.

— Você não me parece nada bem... — dissera-lhe Olivia durante um almoço. — Precisa se animar, tentar algo novo.

— Trocar o hambúrguer por atum?

O que Olivia pretendia era fazer com que Claire deixasse de agir como viúva e conhecesse o mundo um pouco além dos limites da Churrascaria O'Malley. Como amiga íntima, Olivia sabia que Claire, desde os dezenove anos, vinha cuidando de filhos, lavando e passando roupa, mantendo a casa em ordem. Agora, tinha pleno direito de tratar melhor de si mesma.

O que a impedia? As recordações. Estavam disseminadas por toda a moradia, da varanda à cozinha, com escala no dormitório do casal e no quartinho dos fundos do salão de beleza, onde Billy insistira em passar algumas das noites da lua-de-mel. Como bombeiro, sem outra fonte de renda e sem o tino comercial de Adam, Billy não pudera proporcionar ao casal nem mesmo uma viagem curta. Mas Claire desconfiava de que a avó Irene, então encarregada do salão, desviava dinheiro para sua conta particular.

Após a morte de Billy, o lugar foi ampliado e recebeu melhorias com a incorporação do quartinho, e dali Claire tirava o sustento da família. Três anos se passaram. Ela se julgava mais forte, agora. Embora acalentasse suas memórias, não via fantasmas, nem tinha grandes ilusões.

Por insistência de Rose, cuidara da silhueta, da pele e das roupas, graças ao que lhe sobrava do pagamento da hipoteca da casa. Adam conseguira um segundo empréstimo, ao qual Claire objetara firmemente, mas agora reconhecia que valera a pena.

Ela guardava outro segredo, além das restrições de Kelly, ao novo enlace de Adam. Claire o amava. Claro que fizera Billy feliz; mas paixão, fantasia e arrebatamento eram dirigidos, de forma platônica, ao irmão dele.

Era curioso que o que Claire dava como particular e sigiloso não escapasse das suspeitas de Marjorie, Gina e talvez mais familiares, todos complacentes com a viúva de Billy devido aos cinco filhos e a suas terríveis crises de tensão pré-menstrual.

Sob tratamento médico, ela procurava melhorar seu humor e conviver bem com a família. Mas surgira um problema novo: a pesquisa, encetada pelos jornalistas da rede aberta de televisão, sobre a história de Paradise Point. Isso representava entrevistas intermináveis com os habitantes locais, e assim o passado começou a aflorar sem freio."

A morte da centenária avó Irene, no último mês de dezembro, acabou revelando, entre seus guardados, uma série de recortes, fotos e anotações perspicazes a propósito de acontecimentos sociais, políticos e familiares da cidade. Por escrito, Irene doara esse farto material à biblioteca, que teve de montar uma estante do chão ao teto para abrigá-lo.

Boa parte dos recortes referia-se ao acidente que tirara a vida de Billy O'Malley e mais três bombeiros. O desabamento do teto em chamas do depósito significara também a queda de Claire no vazio da própria existência.

Ela recordou-se das homenagens a Billy, dos cartões de pêsames recebidos, e sentiu raiva do fim inglório de seu casamento; raiva do herói imperfeito que não conseguira amar como devia.

Ouviu uma leve tosse atrás de si. Ana estava lá, no banco traseiro do carro, presa à cadeirinha, esperando para ser deixada em seu lar. Claire sorriu para a menininha, mais uma vez tocada pela semelhança dela com Kelly. Anos preciosos haviam se escoado. Quatro dos cinco filhos já iam soltos pelo mundo, trabalhando ou estudando. Em dez anos, que passariam voando, chegaria a vez do quinto: Billy Júnior.

— Ficou tão quieta que quase me esqueci de você, anjinho... Ana sorriu-lhe.

— Soube que a gata Opala deu cria?

— Queria um gatinho para mim...

— No momento, só pode vê-los. São ainda muito novos para deixar a mãe, Ana.

— Admitiu para si mesma ter cometido um erro. Nunca se deve mencionar gatinhos e cachorrinhos para uma criança de cinco anos.

— Quando crescerem, poderei ter um?

— Perguntaremos a sua mãe, certo?

— Ela vai deixar.

— Mas sua avó Rose também tem de concordar.

— Meu avô cria muitos gatos, além de cavalos. Deixará que eu cuide de um gatinho, mesmo que vovó Rose não queira.

Era uma possibilidade, sem dúvida, embora fosse estranho que até mesmo Ana tivesse suas desavenças com Rose.

— Ontem sonhei com meu pai deitado na cama de minha mãe.

— Ele costumava se deitar em cima dela... — Claire não resistiu ao comentário maroto. — Bem, vou levar você para sua casa. Logo será noite e não é hora de crianças ficarem na rua.

Mais alguns minutos, e Claire virou a direção para entrar na estrada de Paradise Point.

Claire ansiava por um recomeço, por uma nova vida. Estava longe de ser uma senhora idosa, e não podia continuar tendo Ana ou Kelly por companhia. Além disso, e acima de tudo, a mulher que ela fora, durante sua união com Billy, não existia mais.

Por certo foram os deuses que ajudaram Rose a escapar do restaurante antes que alguém lhe pedisse carona. O motor de seu automóvel pegou na primeira tentativa, e os semáforos lhe deram sinal verde. Melhor ainda: Olivia Westmore atendeu à chamada do celular ao primeiro toque.

— Estou a caminho de casa — informou Rose. — Não quer me encontrar na Candlelight dentro de meia hora?

— Tenho trabalho. Não posso sair só porque lhe deu vontade de falar mal dos outros.

— Esteja lá, Olivia. Prometo que valerá a pena.

Olivia gerenciava a papelaria herdada dos pais, a Le Papier, enquanto não conseguia alçar vôo próprio e abrir sua casa de chá.

Rose sorriu ao ver Olivia já a sua espera, nos degraus de entrada da pousada. A amiga vestia um caro traje esportivo e contemplava o pôr-do-sol. Formava uma

imagem feminina ao mesmo tempo serena e sensual, uma mulher que nunca tivera de trabalhar para viver.

Claro, existia algum exagero e um pouco de ciúme nesse pensamento de Rose. A Le Papier exigia zelo da proprietária, assim como qualquer outro negócio.

— Deixei minha ajudante cuidado da loja — esclareceu Olivia assim que Rose se aproximou. — É melhor que você tenha notícias quentes.

— Sinto muito, querida. Creio que contei seu segredo a meus parentes.

— Qual segredo?

— Que você vai abrir uma casa de chá.

— Ora, pensei que tinha falado da noite em que dormi com Simon Redgrave, o homem da televisão.

— Jamais! Você me fez jurar, e vou cumprir a palavra.

— A casa de chá não é mais um mistério, Rose. Preenchi documentos legais para a prefeitura, que agora são de domínio público.

— Mas você ainda não fez o anúncio oficial. Eu deveria ter me calado, porém Tânia e Connie me arrancaram a confidência.

— Tudo bem. E o que as pessoas acharam?

— Todos os que contam julgaram a ideia sensacional!

— Mas Tânia e Connie a detestaram... — Olivia riu, jogando a cabeça para trás.

— O que sugere que a casa de chá será um sucesso.

— Sua oferta de sociedade continua de pé?

— Sim, desde que você se apresse.

— Tenho uma condição, Olivia. Gostaria de passar a gerência para Marjorie. Como sabe, ela tem experiência no ramo.

Olivia não disfarçou a falta de entusiasmo com a ideia.

— Sua filha não desejava fazer carreira na rádio local? Com a recomendação de Rose ao dirigente da emissora,

Marjorie passara a apresentar um programa sobre economia doméstica. No entanto, em vez de pagamento em espécie, recebia apenas ingressos grátis de cinema e um dispensável desconto em refeições feitas na Churrascaria O'Malley.

— Para ser franca, Rose, gostaria de convidar Claire (O'Malley para gerente da casa de chá. Foi ela quem desenvolveu o restaurante de Adam, antes de ele assumir.

— Não mesmo! Havia outros funcionários, muito dedicados.

— Avaliação subjetiva?

— Não sei, mas Marjorie é competente. Trabalhou anos como contadora em Seattle. Além disso, Claire tem seu próprio negócio.

— Bem, existe certa diferença entre fazer a contabilidade e tocar um estabelecimento comercial. — Olivia meneou a cabeça. — E o salão de beleza de Claire tem dado pouco lucro, e seus gastos não são pequenos. Mas... está pensando o mesmo que eu?

— Contratar as duas? Claire como recepcionista, na entrada, e Marjorie nos fundos, dando apoio ao atendimento.

— Se concordarem... — Olivia continuou reticente, mas achou melhor não decepcionar a amiga.

— Falarei com minha filha. — E eu com Claire.

Rose meneou a cabeça.

— O que foi?

— O trabalho na casa de chá ainda vai demorar, e Marjorie não poderá esperar tanto, Olivia. Teremos de bolar alguma coisa. Você me ajuda?

Capítulo III

Mais cinco minutos — avisou Nina, a fisioterapeuta de Adam, inclinada sobre o tanque de água quente em redemoinho. — Hoje você trabalhou bem.

— Estou bem disposto. — Adam flexionou o tornozelo direito debaixo dos jatos d'água. Tentou não franzir a testa de dor, mas Nina conhecia seu paciente, que se achava sentado numa cadeira elevada.

— Dói?

— Bastante. Tem certeza de que minha posição é a correta?

— A lesão foi séria, Adam. Não se pode esperar cem por cento de recuperação.

— Contento-me com cinquenta por cento. Ou seria melhor pensar em vinte?

— Desde quando se tornou um pessimista? Adotamos este tratamento antes, com bons resultados.

— Vou me casar, Nina. Não gostaria de ter de pedir ao padrinho para dançar com a noiva.

— Já tem data? — A fisioterapeuta procurou demonstrar indiferença, mas não enganava ninguém.

— Final de setembro, e mesmo assim parece perto demais. Tentei convencer Marjorie a fugir comigo para Las Vegas, onde nos casaríamos rápido, sem festa nem outros transtornos. Na volta, daríamos uma pequena recepção com bolo e champanhe.

— Grande ideia! Aposto como Rose e companhia adoraram.

— Nada disso. Ela chegou a levar Marjorie para escolher o vestido de noiva! E o dia está mantido: 21 de setembro.

— Faltam quatro meses, então. Você estará quase andando normalmente. Sem muleta; talvez com uma bengala.

— Pelo amor de Deus! Bengala não!

— Nesse caso, teremos de forçar mais um pouco os exercícios para os ossos da pelve.

— Bom...

— E espero receber um convite para a festa.

— Se consertar todos os meus ossos, prometo lhe conceder uma contradança.

Nina deu risada e se afastou até a sala de levantamento de pesos, onde iria torturar outro paciente com uma sessão de halteres.

Adam marcou no relógio: mais cinco minutos dentro do redemoinho e, então, segurando-se na barra horizontal, procuraria sair da tina.

Perdeu o apoio e escorregou na água. Conhecia agora a sensação de tombar de uma banqueta de balcão, como ocorrera com seu amigo Mel Perry, e precisar de ajuda para se erguer. Estou ficando velho, dissera Mel.

Adam sempre fora valorizado por sua força física. Junto com os cabelos castanhos e os olhos azuis, ela era o maior trunfo que podia ostentar na direção de uma aparência agradável, atraente para o sexo oposto. Isso durara até o momento do incêndio, quando passou a dar valor ao simples fato de continuar vivo.

Não que ainda pensasse muito no acidente. Também aprendera, por ocasião do falecimento de sua mulher, Sandy, que o ser humano consegue sobreviver aos mais horríveis golpes do destino. O coração, embora compungido, continua batendo.

Várias vezes Adam desejara que a perda de Sandy não fosse real, mas os meses e anos foram passando, a tristeza diminuiu e ele percebeu que poderia ser feliz de novo. Talvez menos do que com Sandy, mas feliz de outra maneira.

Tentara convencer Claire de que isso não era impossível, pouco depois da morte de Billy. Dissera-lhe que ela precisava acordar para a vida, parar de se sentir uma estranha em seu próprio corpo, em sua própria casa. Pregação muito precoce, talvez porque Claire lhe dera as costas e se trancara no quarto para chorar.

Ela fora casada por cerca de dezesseis anos com Billy e lhe dera cinco filhos. Bobagem dizer que sua existência girara, até então, em torno do marido e das crianças. Sem eles, o mundo de Claire ficava vazio.

Adam era um privilegiado. Após dez anos sem Sandy, a felicidade surgira diante dele na figura de Marjorie Decker. Não pensava em apaixonar-se por outra mulher. Gostava do sossego que partilhava com a filha, Kelly. No entanto, Marjorie retornara a Paradise Point e lhe roubara o coração. Era uma mulher franca, bem-humorada, calorosa, cheia de talentos e sensual como poucas.

Tudo o que Adam queria que Kelly fosse, ao crescer.

Amava a filha. Adorava o fato de ser Kelly a primeira criatura que via de manhã, e a última, antes de dormir. Adam experimentara o mesmo sentimento profundo aos dezessete anos, quando se apaixonou por Sandy. Era fácil, na juventude, amar assim.

Recordava-se bem do dia em que tudo mudara: Sandy lhe telefonara, dizendo que chegaria dentro de uma hora, trazendo um bolo de aniversário para ele, comprado em uma confeitaria famosa situada do outro lado da cidade. Vinte minutos depois, dois policiais visitaram Adam para informá-lo de que Sandy havia morrido num acidente de trânsito. A vida dele continuou, mas em suspenso. Deveria ter se casado com a mãe de Kelly e tratado de pôr no mundo uma geração inteira de descendentes. Ao contrário, tornara-se um pai solteiro e viúvo, por mais estranha que a definição

pudesse parecer.

Contava agora, aos trinta e seis anos de idade, os dias até seu casamento com a nova namorada, Marjorie. Por dentro sentia-se como se tivesse dezessete anos de novo, cheio de excitação, crente que, dessa vez, tudo caminharia para um final feliz.

— Ei, O'Malley! — Era Fred DeTrano, um frequentador da churrascaria que também fazia reabilitação física. — Calma, vou puxá-lo daí; ou prefere se afogar?

Muitos habitantes de Paradise Point ainda viam Adam como o atlético jogador de futebol que saíra da cidade e retornara, um ano depois, com um bebê no colo e sem futuro definido, dependendo de Billy e Claire até para morar num quartinho.

Billy, ao contrário, era tido como o selvagem da família.

Casara-se por amor, porém traía Claire com espantosa facilidade. A Adam restara justificar as ausências do irmão, por muitas noites. Tanto consolara a cunhada que ela, em segredo, se apaixonara por ele, mesmo sabendo que Adam jamais enganaria Billy. Assim, a casa foi se tornando repleta de silêncios e desculpas.

Billy ingressara no Corpo de Bombeiros e também levava o irmão para lá. Na noite do acidente fatal, Adam, ferido, trocara com Claire um primeiro e último abraço. Não precisa me dizer o que já sei, foi como a cunhada resumiu seus sentimentos, naquela ocasião.

Aposentado da corporação por incapacidade física, Adam tomou para si a missão de cuidar do bar que Billy montara e desenvolvê-lo até transformá-lo numa rendosa churrascaria.

O amigo Fred o resgatou do tanque de fisioterapia. Minutos depois, Adam acenava um adeus para Nina e abria seu furgão. Ainda usava uma só muleta para caminhar, mas o pé direito carecia de força suficiente para acionar os pedais do veículo, que sofrera adaptações especiais.

Recusou a ajuda adicional de Fred ao vencer o gramado verde e bem-cuidado da clínica. Seu foco, naquele momento, estava em não desabar sentado no chão.

— Como as mães sobreviviam antes do telefone celular? - questionou Marjorie, guardando seu aparelho na bolsa depois de receber uma ligação de Rose.

— Com sinais de fumaça ou pombos-correio — gracejou Gina. — A menina está bem?

— Brincando com suas bonecas.

— E Rose?

— Acho que Ana a encarregou de redecorar a casinha.

— Lembra-se de quando Rose enfeitou sua casa de bonecas? — Gina deu risada.

— Eu fui a única na escola a ter uma casinha com cortinas!

— Sua mãe sempre quis o melhor para você.

— É verdade.

As duas saíram juntas para fazer compras, e Marjorie espiava a rua e as calçadas em busca de alguém conhecido. Na esquina da via principal com a da praia, Gina parou no semáforo e gesticulou à frente.

— Não é o furgão de Adam?

— E, sim. — Marjorie se ajeitou no assento, enquanto a prima manobrava seu carro até estacionar.

— Vá lá e seduza seu noivo, antes que ele se perca em meio às lojas.

— Mas mamãe me espera para o jantar...

— Esqueça Rose. Eu direi a ela que Adam a levará embora, mais tarde. A vida é curta, querida!

Marjorie desceu, mas não avistou Adam. Ele costumava sair da clínica às quatro da tarde e ir comprar algo para Kelly ou para a churrascaria.

O ar recendia a flores, e Marjorie se deu conta da mágica transformação que o fim do inverno proporcionava à natureza, todos os anos.

Pouco depois, viu Adam descendo os degraus da confeitaria. O processo demandava toda sua concentração: olhar baixo, fixo no solo, e movimentos cautelosos com a muleta. Usava calça jeans, malha de mangas longas e botas de cano médio protegendo o tornozelo, como sempre. Tinha ombros largos e cintura estreita. A clássica figura de um atleta nato.

O vigor de Adam parecia irradiar-se ao redor dele, em ondas intercaladas apenas pelo ruído da muleta, que brandia quase como arma. O bastão metálico se tornara seu companheiro constante desde que sofrera uma queda, ferindo o tornozelo direito, já operado. Para evitar nova cirurgia, os ortopedistas recomendaram uma reabilitação de longo prazo, que acabou por abafar um pouco os ímpetos românticos e sexuais de Adam em relação a Marjorie.

Sem dúvida, existia amor entre eles, porém só a convivência traria uma sólida confiança mútua.

Ele tinha consciência de seu temperamento difícil. Era teimoso e precisava cuidar de uma filha de cinco anos. Mas ignorava que Marjorie amava até suas imperfeições. Ela aprendera com o pai a considerar um homem pelo que realmente era. Acreditava que um companheiro incapaz de demonstrar ternura e compaixão pelos outros não serviria para estar a seu lado.

No momento em que foi apresentada a Adam, no modesto bar de Billy, Marjorie reprimira um suspiro e fitara os pés dele. As botas estavam encharcadas. Afinal, Adam viera direto de um treinamento no quartel dos bombeiros. No entanto, por mais tola que se sentisse, Marjorie apaixonou-se por ele na mesma hora.

Marjorie recordou o peso das ocorrências da véspera: seu constrangimento na Saks, o surto de raiva da mãe, e mesmo a opinião da repórter tatuada de que o casamento deveria dizer respeito apenas aos noivos. Sim, tinha de proteger a todo custo seu sonho de construir a própria família junto da pessoa amada.

— Ei! — chamou quando Adam ia abrir o veículo.

Ele virou o rosto, e seus olhos refletiram sua alegria por encontrá-la de surpresa. Aquilo se chamava amor.

— Querida... Você veio à confeitaria?

— Mais ou menos. Estava passeando com Gina, de carro, para me refazer da

visita de ontem à Saks com Rose e quase toda a família.

— Para quê? — Adam franziu a testa.

— Escolher o vestido de noiva... — Marjorie sinalizou para que Adam se aproximasse.

Trocaram um beijo longo e intenso, de efeito imediato sobre a libido de ambos.

— Quer mesmo um vestido de noiva e uma cerimônia tradicional? — inquiriu Adam, após recuperar o fôlego.

— Você sabe que não, mas a família... Rose e as tias tiveram ganas de me trucidar por eu não ter escolhido nada, após mais de uma hora no provador.

— Gostaria de ter estado lá para vê-la em trajes íntimos. Ela se esforçou por ignorar a excitação que essas palavras provocaram.

— Foi um pesadelo, Adam. E a vendedora agiu como se nunca tivesse visto um corpo de tamanho grande.

— Grande e maravilhoso...

— Não tente me consolar. Acabei contando a mamãe que você queria fugir comigo, para nos casarmos em Las Vegas.

— E ela?

— Falou que era bobagem de sua parte. Mas Rose gosta de você e seria incapaz de denunciá-lo à polícia se me raptasse.

Talvez possamos...

Adam subiu na cabine, e Marjorie sentou-se no banco do motorista. Assim que se acomodou, ele deu mais um beijo nela.

— Mais duas semanas. — Adam traçou os contornos das faces da noiva com as pontas dos dedos. — Não quero que você se desaponte.

— Nada em você me desaponta.

— Nem o tornozelo estropiado?

— Não. Apenas a época foi imprópria.

O suspiro de Adam deixou clara sua frustração.

Dez semanas antes, a bondade divina lhes deixara uma noite livre, na sexta-feira. A queda de Adam ocorrera com a mesma probabilidade de um eclipse solar e lunar no mesmo dia.

Eles saíam juntos fazia um mês, àquela altura. A atração e cumplicidade só aumentavam. Evidente que, numa cidade pequena, todos sabiam o que se passava entre os dois. Precisavam de alguma privacidade a fim de discutir os próximos passos rumo ao futuro.

Marjorie descobrira que ter um amante, na faixa dos trinta anos, era uma experiência diferente de tudo o que já vivera. Era mãe de uma criança que necessitava dela até para aprender a escovar os dentes. Enfim, a decisão de casar-se não dependia apenas de Marjorie. Ela almejava a aprovação dos familiares, após ter visto o desfile de maridos e ex-maridos que marcaram a história das primas.

Parecia-lhe sólido o sentimento que a unia a Adam. Além da eletricidade à flor da pele, existia algo mais profundo do que ambos tinham imaginado a princípio.

Marjorie queria evitar o mínimo erro capaz de prejudicar Ana.

Os noivos haviam conversado muito sobre filhas, mães, parentes próximos e distantes, gente viva ou não mais. Falaram também dos parceiros — Tom e Sandy —, que tinham amado e perdido no curso dos acontecimentos.

Balanço feito, sonhos confirmados, estavam prontos como ninguém para partilhar todos os momentos do dia, em vez de se encontrar com hora marcada, como uma dupla de executivos sobrecarregados de trabalho.

Entretanto, os deuses lançaram uma camada de gelo no calor de seus súditos. Os planos de Marjorie e Adam tiveram de ser alterados quando ele fraturou o tornozelo direito, já reconstituído anos antes, depois do incêndio do depósito. De comum acordo, decidiram adiar a união formal, para Adam enfrentar uma fisioterapia intensiva.

Três meses decorreram nessas condições, e ambos ansiavam pelo instante em que pudessem passar de amantes a marido e mulher.

De qualquer modo, Adam sentia-se orgulhoso. A despeito da vulnerabilidade que o derrubara, no íntimo tinha certeza de que podia amar e ser amado. Marjorie o compreendia muito bem, pois também ela batalhava contra os quilos em excesso. Pagava seu preço pela maternidade, mas pretendia estar em plena forma por ocasião das núpcias.

— Afinal, escolheu seu vestido? — ele quis saber, ligando o motor.

— Ficou apertado. Além do mais, é muito caro. A loja se dispôs a trazer um número maior de outra filial, mas acabei desistindo, por enquanto.

— Pensei que todas as mulheres sonhassem com um vestido branco longo, véu e grinalda.

— E veja como acabaram... Eu já não cogitava me casar, só de cuidar de Ana.

— E eu de Kelly.

— Fez um ótimo trabalho com ela, Adam. Você é um pai incrível.

Sem falsa modéstia, Adam reconhecia a façanha, apesar das tentativas de Claire de sobrepor-se a ele na educação da filha. Em contrapartida, ficava sem graça ao escutar elogios, mesmo que viessem de Marjorie.

Dentro de poucas semanas, a agora adolescente Kelly completaria o segundo grau com mérito e muita chance de ganhar uma bolsa para ir estudar em Nova York. Não era longe, mas a garota teria de morar em Manhattan e dar início a sua vida adulta, buscando a felicidade que merecia.

Em meio ao caos desencadeado pelo planejamento de um matrimônio era ótimo que, nas duas famílias somadas, alguém como Kelly tivesse a bênção de ser uma jovem perfeita. Tomara que continuasse assim!

Existia algo de impreciso nas lições que os adultos davam aos filhos sobre óvulos e espermatozoides, fertilização e divisão de células. Falavam a respeito de gravidez e embriões, de ausência de menstruação e nove meses de gestação. Nenhum ponto desses discursos, porém, substituíam a necessidade de descobrir os fatos da vida por

sua própria conta e risco.

Desde a primeira vez que fez amor com Seth, Kelly atinou com uma força da natureza que os pais não tentavam nem conseguiam explicar: o prazer do sexo. Isso mudava tudo. Não se podia voltar atrás, nem para recuperar a virgindade. E a decisão de entregar-se a um rapaz alterava o cronograma da existência, tornando adulta quem ainda era uma menina.

Por semanas após sua primeira noite, Kelly evitou encarar o pai. A sensação de culpa desequilibrava o balanço positivo que podia fazer de sua juventude. Adam conversava com ela da mesma maneira que antes. Falava da churrascaria e dos familiares sem perceber diferença alguma na filha. Kelly enfrentou uma fase de tristeza inexplicável, mas guardou seu segredo até do diário pessoal que redigia no aconchego de seu quarto. Parecia-lhe que Adam não suspeitava de nada, porém não podia ter certeza.

As amigas logo notaram algo diferente nela, ainda no pátio da escola. Algumas lhe pediram detalhes que Kelly não queria partilhar com ninguém, embora fosse vista como uma espécie de heroína, pela coragem demonstrada.

Fran e Kim, por exemplo, tinham casamento planejado fazia anos, e nada sabiam sobre sexo. Sonhavam com um príncipe encantado que, além de beijá-las, as levasse rápido para uma cama.

Kelly almejava muito mais do que isso. Queria formar-se na faculdade, viajar pelo mundo e só então estabelecer-se dentro da profissão escolhida. Não fazia questão de se casar, e por enquanto ela e Seth desejavam a mesma coisa: encontros furtivos em nome do prazer.

Tomavam cuidado, por certo. Seth usava preservativo, e Kelly mantinha um olho no calendário, driblando os períodos férteis. Contracepção natural, como recomendado pela Igreja Católica. Assim, ela confiava na ajuda de Deus para não engravidar. Os enjoos que vinha sofrendo poderiam ser atribuídos a uma gripe forte incubada. Ou ao estresse do fim do ano, que lhe exigia mais estudo e pesquisas complexas.

Naquela noite, Kelly mais uma vez pegou carona com Claire até a Churrascaria O'Malley. Em vez de entrar, aguardou que o carro da tia desaparecesse na esquina, entrou no próprio automóvel, que sempre deixava estacionado ali, e partiu ao encontro de Seth.

O namorado a esperava nos arredores da cidade, em cima da motocicleta emprestada do irmão.

— Tive saudade — foi dizendo, e beijou a namorada com fervor.

— Também senti sua falta.

— Quanto tempo pode ficar?

— Bem... — Kelly consultou o relógio de pulso. — Uns trinta minutos. E você?

— Dez. É o tempo que meu irmão me concede para eu colocar gasolina na moto. Além disso, tenho de estudar para a prova.

— Eu também. Fase complicada, essa...

Kelly aprendera a dosar a amplitude de seus sonhos. Tinha consciência de que cursar uma faculdade dependeria de uma bolsa de estudos, trabalho mal remunerado nas horas vagas e ajuda financeira de parentes.

— Acho que você tem estudado demais, Kelly. Nós quase não nos vemos...

— Não sou rica como você — Kelly rebateu, mas era uma provocação: a família de Seth trabalhara duro para educá-lo bem.

Aliás, a dedicação de Seth aos estudos era uma das razões pelas quais Kelly o amava. Quando completou quinze anos ele descobriu um talento especial para carpintaria, e desde então ganhava algum dinheiro fazendo serviços em madeira para gente como Rose DiFalco e Olivia Westmore. Ambas só tinham elogios para o rapaz e mostravam com orgulho o acabamento em treliça de suas varandas.

Orgulho também era o que Kelly sentia no coração. Qualquer cumprimento para Seth se estendia a ela, visto que eram namorados e mantinham relações íntimas.

As habilidosas mãos dele deslizaram pelo corpo de Kelly. Excitada, ela o beijou e sentiu o calor dos lábios carnudos.

— Dez minutos! — ela reclamou.

De repente, teve vontade de chorar e pressionou o rosto no peito de Seth.

— O que foi? O que há de errado?

Foi o que bastou para Kelly perder o controle das lágrimas e das palavras que proferiu, sobre o forte enjoo na sorveteria e sua suspeita de gravidez.

— Como assim?! Quanto tempo sua menstruação atrasou? — Embora parecesse assustado, Seth não afrouxou seu abraço confortador.

— Dois dias. — Kelly secou os olhos com um lenço de papel.

— Deve ser porque você exagerou nos sorvetes — argumentou o rapaz, esperançoso.

— Só tomei duas bolas.

— Mas de estômago vazio, não foi? Dará tudo certo. É só esperar para ver.

Em seguida, o ronco da motocicleta de Seth, ao partir, ecoou na mente de Kelly como o som da felicidade perdida.

Billy Júnior aguardava sua mãe, Claire, no campo de futebol onde acabara de treinar com amigos.

— Atrasei-me porque parei na mercearia e no caixa eletrônico — ela se desculpou.

— Não se preocupe, Claire — disse David Fenelli, pai de outro adolescente, Ryan, que ainda batia bola com Billy. — Tomei conta dos garotos.

David tinha cinquenta anos. Era simpático, irradiava bondade e compreensão e exibia uma inata afeição nos olhos por trás dos óculos de lentes finas.

— Foi bom o treino? — Claire perguntou, distraída pelas risadas dos dois juvenzinhos.

— Billy joga bem. Meu Ryan, no entanto, ainda tem certa dificuldade, mas está melhorando.

A mãe chamou Billy, repetindo seu agradecimento a David por tê-la esperado.

— Ouça, Claire... Combinamos de ir comer uma pizza hoje a noite. Não quer vir conosco?

Ela já fora convidada antes, para uma partida de boliche, e notara o embaraço de David ao fazer a proposta, como naquele momento.

— É uma boa idéia, mas...

— Bem, talvez um outro dia. — O pai de Ryan preferiu desistir logo de suas pretensões em relação a Claire, parecendo aliviado.

Era mesmo tão fino e contido que a esposa, Jill, o trocara por outro homem, mais agressivo.

No carro, Billy Júnior perguntou se a mãe tinha brigado com David, por ver-lhe as faces coradas.

— Nada disso. Esse é um dos efeitos da menopausa. Explicou o fenômeno e discorreu sobre hormônios, certa de que não exagerava na carga de informação passada ao filho. Afinal, como os colegas de mesma idade, Billy aprendia muita coisa na televisão e na internet.

Em vez de mostrar-se admirado, o garoto cobrou da mãe um telefonema para o avô, que ela se esquecera de fazer.

— Sabe onde seu avô está, Billy?

— No centro para idosos.

— Então aperte o número seis. — E passou ao filho o celular. — Diga-lhe que estamos a caminho, para apanhá-lo.

Mike Meehan enviuvara cinco anos antes e passava as tardes no bem-aparelhado clube municipal de Paradise Point, onde praticava caminhadas e corridas, para manter a saúde. Isso acontecera depois de ele circular por diversas cidades, tentando readaptar-se à vida solitária.

Claire se alegrou por seu pai ter decidido voltar para a terra natal com a robustez de um ex-pescador de setenta e cinco anos. Sua personalidade forte e a teimosia, no entanto, causavam atritos. Mike tinha opinião sobre tudo e queria que Claire comprasse uma parte do restaurante de Adam, para poder gerenciá-lo à vontade.

Mike reclamou de ter esperado a filha no centro recreativo.

— Não me esqueci de você, papai. É que ando ocupada.

— Se continuar assim, vai se encontrar com sua mãe no céu antes de mim.

— Papai!

Claire vestia seu moletom caseiro, quando a campainha soou. Apressou-se até a porta e deparou com David Fenelli, que segurava um livro escolar. Com discrição, ela procurou ajeitar os cabelos com os dedos.

— Lamento interromper seu jantar, Claire, mas Billy esqueceu isto no banco do campinho. Achei melhor trazê-lo logo, pois não sabia se ele iria precisar, para suas tarefas escolares.

— É muita gentileza sua, David. Bastaria ter telefonado, e eu iria até sua casa apanhar o livro.

— Quem é? — Mike indagou da cozinha, onde jantava. — Não deixe qualquer um entrar!

— É o pai de Ryan, papai! — Claire tornou a se voltar para o visitante. — Gostaria de comer uma omelete conosco?

— Na verdade, adiei a ida à pizzaria, mas já jantei. Costumo evitar ovos.

— Faz bem. Quer repetir, papai?! — ela gritou na direção da cozinha, e na sequência baixou o tom da voz: — Cá entre nós, Mike não é meu pai verdadeiro. Eu o encontrei vagando pelo clube de idosos, tive pena e o trouxe comigo.

— Que interessante! Também encontrei o meu dessa maneira! Serão a mesma pessoa?

Do gracejo à gargalhada, ambos sentiram que a tensão entre eles se dissipava. David era dono de um sorriso cativante, até mesmo sensual. Mas, segundo Claire, ainda lhe faltava algo em termos de sedução.

— Na próxima noite em que Ryan e Billy ficarem em casa, sairemos todos juntos para comer uma pizza. Combinado?

Claire concordou e fechou a porta, experimentando uma rara leveza.

Com sua costumeira elegância, Olivia Westmore abriu a bolsa, retirou um estojo fino e comprido e o mostrou para Rose, que dava os retoques finais na mesa posta para o jantar.

— Uma caneta-tinteiro? Pensei que ninguém mais usasse isso.

— Não é para usar. Uma Parker 51 é uma relíquia, valeu cada centavo do que paguei por ela e é digna das cartas de um rei. Pode ser estranho, mas coleciono canetas raras. Você também cultiva seus pequenos prazeres.

Rose não negou. Gostava de bons vinhos, música erudita e tecidos caros em seus trajes. Tais inclinações foram preciosas para que conseguisse decorar o Candlelight de acordo com as expectativas dos hóspedes mais exigentes.

— Trouxe suas sugestões para encaminharmos Marjorie para um bom emprego? — Rose perguntou à amiga.

Olivia apanhou alguns papéis.

Diferentemente da filha, Rose não era dada a caprichos. Marjorie sempre soltara as asas da fantasia. A mãe não conseguia vê-la como herdeira e administradora de um hotel. Apreciava passar algumas noites no estabelecimento, em seu quarto permanente, sobretudo quando o ex-marido, John Decker, vinha à cidade e se hospedava lá. Juntos viam o crepúsculo de uma sacada alta, e Rose agradecia aos céus por esses raros momentos com o primeiro e único homem que amou.

Para Marjorie, faltava racionalidade naqueles encontros, mas os sentimentos sempre desafiavam a lógica. Aceitava a situação como expressão de um afeto que resistira a décadas de convivência e, por fim, a muitos anos de separação.

Por isso mesmo, julgava que os preciosos dias na companhia de Ana e de Rose nunca terminariam, a despeito da passagem do tempo. No mês seguinte, sua mãe completaria cinco anos de uma batalha vitoriosa contra um câncer de mama.

Na época, Marjorie morava fora de Paradise Point, assim como Rose não estivera com a filha por ocasião do nascimento de Ana. Uma não segurara a mão da mãe; a outra não ouvira o primeiro choro da neta.

De certo modo, Rose estava determinada a recompensar Marjorie com um inesquecível dia de casamento. Enfrentara a quimioterapia sozinha, e Marjorie criara Ana sem ajuda. Chegara a hora de ela viver em família, ao lado de um homem decente e amoroso como Adam.

— Não ouviu nada do que eu disse... — queixou-se Olivia, ao vê-la distraída. — E ainda colocou uma embalagem no microondas!

Rose desligou o aparelho a tempo. O som das risadas de Ana e uma amiguinha, vindo do quintal, a comoveu. Ganhara um presente maravilhoso, representado pela possibilidade de viver na mesma cidade com Marjorie e a neta.

— Mudou de ideia quanto a conseguir um bom emprego para Marjorie, Rose? Se for esse o caso, já vou andando: sua filha é adulta, inteligente, e deve saber o que quer.

— Não alterei meus planos, apesar da briga que tive com ela na Saks. Minha filha me ajuda na pousada e lhe dou algum dinheiro por isso, mas não é o bastante, lógico. Sabe, acho que trabalhar na churrascaria de Adam seria uma grande oportunidade para ela. Se bem que não sei como Marjorie se daria com Claire, no mesmo espaço.

— As duas são adultas e inteligentes, Rose. Chegarão a um acordo.

— Talvez, mas podem misturar trabalho com assuntos de família, o que atrapalharia a vida de Marjorie com Adam. Veremos. Você fica para o jantar?

— Só se abrir uma boa garrafa de vinho!

Capítulo IV

Assim que Marjorie parou o carro no estacionamento do Candlelight, viu o furgão de Adam e o Jaguar de Olivia Westmore.

— Oh, não! Mamãe recrutou reforços! Considerou inexplicável a afinidade entre a mãe e a dona da papelaria. Olivia devia estar beirando os quarenta anos, era refinada e sexy, casara-se diversas vezes e era radicalmente romântica. Rose, além de bem mais velha, tendia para o lado prático da vida, e não acreditava em nada que não pudesse ver ou tocar. Como maços de dinheiro, por exemplo.

Adam se aproximou, pisando com cuidado e utilizando a bengala. Por estarem em território neutro, puderam conversar. Rose convidou Olivia para jantar e trazer o mostruário de convites.

Mamãe está em busca de apoio. Creio que Olivia não é do tipo que se envolve em contendas familiares.

Então, entre comigo. Se Rose conta com Olivia, você pode ficar a meu lado.

— Não. — Adam beijou Marjorie. — Hoje terei clientes especiais para atender, no restaurante.

— É o que eu ganho por amar um dono de churrascaria...

— Repita. — Ele se fingiu de ofendido.

— Dono de churrascaria.

— Não, a parte que fala de amor.

— Que rapaz sentimental...

— Sou mesmo — afirmou Adam, orgulhoso, antes de beijar a noiva outra vez.

— Alguma chance de você subir comigo e ficar para o jantar?

— Com Rose e Olivia discutindo seu modelo de vestido e nosso futuro? Nenhuma!

Ana surgiu correndo, seguida por sua cachorrinha poodle. Levantou a perna a fim de mostrar o calçado rasgado.

— Priscila devorou meu tênis! — disse, chorosa, e se foi para dentro de casa.

Logo em seguida, Rose e Olivia vieram ter com eles.

— Vou acompanhar Olivia à papelaria. Ela não confia muito em sua auxiliar para fechar bem as portas. Depois, teremos um breve encontro com meus advogados.

— Fazendo negócios com Olivia, mamãe? — Marjorie inquietou-se. — Não me diga que irá comprar outra casa para transformar em pousada.

— Nada disso, mas agradeço pelo entusiasmo. Volto logo, porém não me espere para jantar. Ah! Pegue na despensa uma lata de azeite extra-virgem e tempere sua salada.

— Óleo de soja está bom para mim.

— Pelo amor de Deus! Não diga isso na frente de um de meus hóspedes. O Candlelight tem uma reputação a zelar.

— Tudo bem. Quero me desculpar por ter gritado com você na loja, mamãe. Estava exaltada.

— Eu entendo. Você é uma DiFalco e tem pavio curto. Marjorie desviou a vista para Adam, que se mantinha contrito, como que cercado por duas feras perigosas.

— É um pensamento horrível, mamãe. Fiquei noiva de Adam há menos de um mês, e os assuntos do casamento já me deixaram enlouquecida. Não creio que uma mulher normal sobreviva a isso mais de uma vez na vida.

— Se Deus quiser, você não terá uma segunda oportunidade.

— Que preço absurdo! — Marjorie olhava a etiqueta colada na lata de azeite importada. — Isto é ouro líquido!

Sem se abalar, Rose terminou de pôr a mesa.

— Não vamos esperar Olivia, mamãe?

— Ela teve problemas na papelaria. Uma encomenda urgente de convites de casamento, que Olivia terá de preencher um a um. Só que nossa emergência é pior, porque você nem escolheu ainda seu vestido de noiva.

— Mais um motivo para eu fugir com Adam e simplificar tudo.

— Filha...

— Estou brincando, mamãe.

— Chame Ana, senão a comida vai esfriar.

O aroma dentro da cozinha era divino. Rose fizera filé à francesa, com arroz e salada regada a azeite extra-virgem. Não era o normal na casa, mas ela pensara em domar a filha pelo estômago, até conseguir que Marjorie aprovasse o casamento dos sonhos de uma mãe dedicada.

— A refeição é leve porque você não pode mais engordar. — Rose não parara de pensar no lindo vestido da Saks, que não servira.

Marjorie retornou, trazendo Ana pela mão.

— Eu sei. Prometo evitar doces e bolachas. Quando virá a horda de invasores?

— Os cinegrafistas ficaram de voltar amanhã às dez. Com certeza, Pete Lassiter pretende ganhar o almoço, na pousada.

— A equipe incluirá aquela repórter tatuada?

— E com um piercing na língua. Não entendo como Cristal consegue comer e... beijar.

— Em Seattle, quase furei o nariz para colocar uma argola.

— Ora, faça-me o favor!

— É sério. Cheguei a marcar hora, mas papai descobriu e ameaçou mandar-me de volta para cá. Então, desisti.

— Ouviu, Ana?

A menina estava de olhos esbugalhados.

— Nada de tatuagens e piercings quando crescer, certo? Esta é uma família conservadora.

Com tantos divórcios e uma mãe solteira, quem daria crédito a Rose?

Ana experimentou uma garfada e disse:

— Kelly vomitou ontem, na sorveteria. Sua mãe e sua avó a encararam.

— Kelly lhe contou? — Rose quis saber.

— Eu vi. Estava com ela no banheiro.

— Chega, Ana — Marjorie a repreendeu. — Isso não é assunto para uma mesa de jantar.

Assim que Ana se retirou, ao fim da refeição, Rose indagou à filha:

— O que pode estar havendo com Kelly?

— Ela tem o estômago muito sensível, é isso.

— E se estiver grávida?

— É improvável, mamãe. Kelly é muito responsável, tem planos de terminar os estudos em Nova York e tornar-se uma profissional vitoriosa.

— No entanto, você teve gripe em Seattle, esqueceu-se de tomar a pílula, e nove meses depois Ana nasceu.

— Mas era mais velha do que Kelly é hoje. Ela só tem dezessete anos.

— Pensa em mencionar esse fato a Adam? — Rose ergueu-se e levou seu prato à pia.

— E o que direi? Que Ana me contou que a filha dele passou mal? Fora de

cogitação. Nem Adam, nem Kelly me perdoariam. E com razão, porque só pode ser um rebate falso. Além disso, não é de minha conta.

— Bem, Kelly tem alguém a quem recorrer: Claire. Ela a adora desde que nasceu. É como se fosse sua sexta criança.

— De gestação e parto Claire, sem dúvida, entende.

— Sabia que Billy ainda era vivo quando a filha mais velha deles, Kathleen, engravidou do namorado? O dr. Phil, médico da família, deu um jeito, mas...

— Kathleen é traumatizada até hoje. Deixe isso tudo para lá, mamãe. Quem neste mundo não fez alguma bobagem na vida?

— Concordo. Quero saber se posso alugar um salão de festas grande em Newark, para seu casamento. É preciso saber quantos convidados teremos, para aí tomarmos providências.

— Faça como quiser, mamãe. Por mim, eu me casaria com Adam numa daquelas capelas de Las Vegas, abertas noite e dia, sem nenhum parente por perto.

— Temos compromissos sociais, filha. — Rose sempre se escandalizava quando ouvia os planos para a fuga de Marjorie.

— Ouça. — Marjorie apurou a audição na direção da praia. — Parece que o mar entrou em ressaca. Adoro o som das ondas revoltas. Chego a me ver entrando num navio e correndo o mundo.

— Por vezes, Marjorie, creio que a imaginação excessiva tira sua energia vital.

— Engano seu. Eu me destaquei no trabalho em Seattle, e ainda estaria lá se a firma não tivesse fechado e Ana não demandasse maiores cuidados.

— E se não tivesse rompido com Tom Lawler. O que me consola é que Adam, além de gostar de você, é um homem rico.

— Não quero o dinheiro dele. Nem o seu.

— Poderia gerenciar a casa de chá de Olivia, filha. Deveria falar com ela, antes que inaugure o estabelecimento.

— Ouvi dizer que ela ia chamar Claire para essa função.

— Não, Claire será a recepcionista, se aceitar. Olhe, por que não conversamos com Olivia amanhã, durante o jogo de pôquer? — Rose examinava a filha, ponderando sobre como era difícil ser mãe de uma mulher tão decidida e independente como Marjorie. — Que tal?

— Não me sentiria confortável ocupando uma posição acima da de Claire.

— Vocês tiveram algum desentendimento?

— Não. Só que... Ela me trata com frieza desde que Adam e eu anunciamos o noivado.

— Puro ciúme. O que é bastante compreensível, pois Adam vem cuidando dela e da família desde a morte de Billy.

— Na verdade, mamãe, creio que ela tem ciúme de minha amizade com Kelly, ou do fato de vir a se tornar minha enteada.

— Não imaginava que você passasse tanto tempo com Kelly a ponto de Claire sentir-se ameaçada. Então acha que não conseguiria trabalhar ao lado dela?

— Não sei. Tudo é muito estranho para mim. Precisaria me reciclar, pois não entendo nada de chás e doces.

— As questões fiscais e contábeis não são as mesmas em qualquer tipo de comércio?

— Sim.

— Quer que eu peça a Olivia para recomendar você a outra pessoa? Talvez até ao atual namorado dela, Simon Redgrave, o homem da nova emissora televisão de Nova Jersey.

Era muito tentador. O senso prático de Rose estava quase vencendo as resistências de Marjorie.

— Não, mamãe. Se me decidir pela casa de chá, posso me entender com Claire de modo a trabalharmos no mesmo lugar.

Ocorria que a vida de Claire se achava entremeada à história de Paradise Point de um modo com o qual Marjorie jamais poderia competir. A cunhada de Adam vivera e crescera ali, casara-se e tivera filhos, perdera o marido herói, montara seu salão de beleza e ainda dava uma mão na Churrascaria O'Malley sempre que Adam precisava.

— Querida, não acha que agora você deveria se concentrar no casamento e na festa? Aliás, mostrar-se uma noiva deslumbrante será excelente para sua carreira profissional. Você vai aparecer na televisão, e assim ganhará muita publicidade gratuita.

— Obrigada por me dar essa chance.

— Aquele vestido da Saks ficou maravilhoso em você, Marjorie. Se concordar, encomendarei o número certo.

— Sou alta e cheia de corpo. Nem as grandes habilidades de tia Lucy conseguiriam ajustar aquele modelo a meu tamanho. Deixe-me pensar mais um pouco, sim?

— Concentre-se em ser a mais bela noiva do mundo — pediu a mãe, emocionada. — Lucy fará de você uma princesa.

— Não desejo nada de extravagante. Dou preferência a algo simples e...

— Deixe comigo! Você terá um casamento inesquecível. Marjorie imaginou a reação de Adam aos excessos de Rose, que deviam até mesmo incluir um cortejo de dez damas de honra e uma recepção digna de reis, com direito ao bufe mais caro de Newark.

No entanto, nada disso poderia compensar os erros do passado, de parte a parte. Talvez Gina tivesse razão. O matrimônio pertencia a ela e a Adam, a ninguém mais, embora Rose e toda a família sentissem necessidade de encenar um espetáculo de luxo e ostentação.

Compreensiva, Marjorie entendia que a mãe precisava daquilo para demonstrar seu amor. E ela teria de aceitar um grande evento pelo mesmo motivo.

No outro lado da cidade, um ritual noturno estava em andamento.

— Escovou os dentes? — Claire perguntava a seu filho caçula, Billy Júnior, enquanto ele se afundava sob as cobertas.

— Sim.

— Não deixou nenhuma roupa no chão?

— Não.

— Fez suas orações?

— Esqueci.

— Então, vamos rezar juntos. — Claire sentou-se na cama e fechou os olhos para ouvir a sucessão de nomes que o menino invocava, desde os parentes na totalidade até o cachorro, o gato e o peixinho do aquário.

Billy encerrou a prece, pedindo a bênção de Deus para seu pai no céu. Ergueu as pálpebras e esboçou o sorriso encantador de uma criança de oito anos.

— Posso ler mais um pouco das aventuras de Harry Potter?

— Já são nove horas, Billy. Tenho de apagar as luzes.

— Só mais um pouco, mamãe, por favor...

Bastou um simples olhar para aquelas íris castanhas, e Claire cedeu. Bem que os quatro filhos, que já não moravam com ela, a acusavam de estar estragando o caçula. De qualquer maneira, desfrutava a paz de consciência de quem tinha criado todos com amor e competência, colocando ordem no caos de uma família extensa e sem pai.

Cinco minutos, e você desliga o abajur. Eu te amo.

— Só não diga isso perto de meus amigos — implorou Billy.

— O que há de mal?

Claire considerava normal, naquela idade, o filho pequeno ter vergonha de ouvir que era amado pela mãe. E tudo seria ainda pior quando entrasse na adolescência, época em que os garotos odeiam demonstrações de ternura.

Na cozinha, Claire abasteceu de água as tigelas do gato e do cachorro.

Talvez instalasse uma lâmpada mais forte no corredor. Pensava nisso quando escutou o resmungo de Mike, que abria o baralho e jogava paciência na sala.

— Papai! — Claire se acercou dele. — Você é mais rabugento que suas netas, sabia?

Mas ele não estava sozinho.

— Adam!

— Surpresa! — o cunhado exclamou, conduzindo Claire de volta à cozinha, onde se serviu do café da garrafa térmica.

— Billy esqueceu a luva de beisebol em meu furgão, ontem. Eu ia apenas entregá-la e sair, mas seu pai me reteve para conversar.

— Pena que não veio mais cedo, para jantar conosco.

— Vim direto da churrascaria. Acha mesmo que eu tenho fome?

Claire também encheu uma xícara de café para si.

— Acabo de deixar Kelly na escola — Adam prosseguiu.

— O carro dela não quis funcionar.

— O que ela foi fazer lá, a esta hora?

— Ensaio da banda.

Claire chegou a abrir a boca para falar, mas fechou-a em seguida.

— O que você ia dizer?

— Nada.

— Vamos, diga — Adam insistiu.

Ele e Claire conheciam-se havia tantos anos que não existia espaço para mistérios entre os dois.

— Desde quando o ensaio da fanfarra escolar entra pela noite?

— Não entra, mas Kelly me pediu mais meia hora para mobilizar ajuda e verificar a bateria do automóvel. Vai me ligar no celular.

— Está vendo? Ela já fez dezessete anos, não? É o que eu pretendia dizer.

— Como assim? Não entendi.

— Não pergunte a mim, mas a Kelly. Mike veio explorar a geladeira.

— Você devia fazer como minha finada Lilly — reclamou mais uma vez. — Ela deixava todos os potes marcados com etiquetas, para eu saber o que continham.

Desistindo da busca por uma guloseima, o pai de Claire enveredou pelo corredor. Claro que encontrou mais uma motivo para queixa:

-Falta uma luz mais forte aqui. Nem o gato consegue enxergar alguma coisa.

-Vou providenciar, papai. — E Claire escutou a porta do banheiro bater com uma pancada seca. Adam terminou seu café.

— Até mais. Talvez eu antecipe minha passada pela escola, pois Jack se encarregou de fechar a churrascaria.

— Não permita que ele acione o alarme por qualquer bobagem. Da última vez, a polícia inteira esteve lá, e não era nada.

— Deixe comigo. — Adam recolheu a bengala que encostara na parede e saiu, jogando o peso do corpo da perna direita para a esquerda.

Claire não ousou ajudá-lo. Um O'Malley abominaria o gesto.

— Sabe algo sobre Kelly que eu não sei, Claire?

— Não. Apenas sugiro que você converse mais com sua filha.

— Tentarei. Não sei se conseguirei, porque ela é muito teimosa.

— Eu sei de onde veio isso. — Claire sorriu.

Adam girou a maçaneta, piscou-lhe, brincalhão, e deixou a residência.

— Adam já foi? — indagou Mike, orgulhoso por ter conseguido abrir uma lata de goiabada, quando a filha retornou à cozinha.

— Sim. Deixou-lhe um abraço e mandou dizer que gostou muito da conversa.

— Marjorie tem sorte. — Mike fez um esgar. — Sabe o que acho, filha? Que você se casou com o irmão errado.

De vez em quando, Claire pensava a mesma coisa.

Na manhã seguinte, correu pela cidade a notícia de que Rose DíFalco e Olivia Westmore haviam se tornado sócias no projeto da casa de chá. Acompanhando Ana no ônibus escolar, Marjorie foi bombardeada por perguntas, sobretudo depois de

Claire e Billy Júnior terem embarcado. Ficou aliviada ao voltar para o Candlelight, onde só teria de lidar com Rose e Lucy e aprovar o croqui do vestido de noiva.

Contrariada, Rose atendeu ao telefone e falou com Tânia, que se queixou de ter sabido da novidade por terceiros.

— Toda vez que eu fizer um negócio, querida, avisarei você na hora. — Rose desligou e todas caíram na risada.

— A idade não fez nada bem a Tânia — emendou Lucy, aumentando o bom-humor reinante na sala.

Rose parecia outra, depois de receber passe livre para cuidar do matrimônio da filha.

— Tia Tânia sempre foi insuportável. — Marjorie meneou a cabeça. — Não admira que tio Rick tenha pedido divórcio após seis meses de casados. Deixou-lhe tudo o que possuía, incluindo o velho automóvel Saab.

— Isso mostra como Rick ficou ansioso por se livrar dela.

— E Tânia usa o mesmo carro até hoje! — Rose ergueu as mãos.

— Quando começará a trabalhar na casa de chá, meu bem? — Lucy indagou a Marjorie, antes de exhibir-lhe os esboços.

Rose fez uma expressão de inocência.

— Tudo aconteceu rápido demais, ontem — disse. — Nem havia me ocorrido pedir a Olivia um cargo para Marjorie, mas a casa será aberta em julho, e ela está montando a equipe.

— Bem, sendo assim, não temos muito tempo para a escolha do traje de noiva e os outros preparativos — Lucy observou com sensatez.

— Também falou ontem com Claire? — Marjorie quis saber, arrependida de ter se candidatado a um emprego que talvez se resumisse ao atendimento das mesas.

Se trabalhasse com Adam, na churrascaria, por certo teria posição melhor, mesmo dividindo algumas atribuições com Claire.

— Olivia deseja definir logo seu pessoal, e concordou em conversarmos antes do jogo de pôquer, esta noite.

— Preciso contar-lhe algo, mamãe. E sei que não vai gostar de ouvir.

— Querem que eu me retire.

— Fique, titia.

— Ainda bem! — Lucy suspirou. — Estou muito velha para ficar escutando atrás da porta.

— Adam e eu conversamos ao telefone agora há pouco e... Sei que errei... mas disse a ele que Claire seria convidada para trabalhar com Olivia.

Rose ficou visivelmente irritada.

— Espero que não tenha pedido a Adam para falar com Claire antes de mim.

— Não. Adam apenas não entende por que você acredita que Claire estaria interessada, visto que não aceitou trabalhar na churrascaria em tempo integral como ele quer há tempos.

— Nem eu — Lucy aduziu. — Ela é dona de metade da Churrascaria O'Malley.

É como um patrimônio da casa. Por que iria preferir trabalhar para outra pessoa?

— É isso mesmo o que penso. — Rose ajeitou os cabelos. — A ideia foi de Olivia. Ela acha que Claire deseja uma mudança de vida.

— Isso tem pouco a ver com um trabalho semelhante ao de uma garçonete. Por que Olivia não contrata alguém que precise de emprego? Claire tem o salão.

— Você não gosta mesmo de Claire, não é, Marjorie?

— Gosta sim, Lucy — Rose defendeu a filha. — Claire é que não liga para Marjorie.

— Apenas não somos amigas.

— Pois parecem ser, quando as vejo conversando no ponto do ônibus escolar ou na saída da missa.

— É tudo consequência do noivado dela com o cunhado de Claire. — Rose arqueou uma sobrancelha.

— Bem, é uma situação clássica. — Lucy abanou a mão. — Ela cuidou de Adam e Kelly durante anos. Não deve ter ficado nada contente por ser trocada por Marjorie.

— Talvez seja pura implicância.

— A vida não é tão simples, menina.

— Para mim, a culpa é de Olivia — Rose interveio. — Ela adora Claire e sempre quis protegê-la. Conhecem-se há anos, desde a juventude.

— No entanto, mal se cumprimentam nas partidas de pôquer.

— Então, sinto-me aliviada — confessou Marjorie. — Pensei que era a única que não suportava conversar com Claire. Adam me falou que acredita que ela não aceitará o emprego na casa de chá. A família significa tudo para Claire, inclusive em termos de trabalho.

— Nesse caso, Adam deve preparar-se para ter Claire na churrascaria pelo resto da vida... — Rose foi sarcástica.

— Por um lado, Adam é o único laço que lhe resta com o falecido Billy. Por outro, Claire ainda tem o filho caçula para sustentar, além das quatro garotas que ainda ajuda. Trabalhar com o cunhado, ainda que só de vez em quando, é uma questão de segurança.

— Está sendo sentimental, minha sobrinha. Quem pode dizer o que é mais importante para uma determinada pessoa?

— Bem... — Rose piscou para elas — ...descobriremos isso esta noite.

Claire distribuía amendoins torrados nos pratinhos do couvert, na churrascaria, quando Pete Lassiter apareceu. Alto, magro, com óculos folgados que pareciam dançar em seu rosto bonito, o jornalista e historiador de Paradise Point se destacava em meio à clientela, constituída de ex-policiais, ex-bombeiros e velhos marujos.

Lassiter se tornara um astro local desde que, fazia várias semanas, começara a entrevistar e filmar cidadãos para um documentário sobre a região. O pai de Claire, empolgado com a iniciativa, não poupava elogios a Pete.

"Ele veio incomodar Adam", deduziu Claire ao vê-lo trocar apertos de mão com o prefeito e outros frequentadores da O'Malley. Era forçoso admitir, no entanto, que o lugar era uma boa fonte da história de Paradise Point. Uma das paredes, repleta de fotografias coladas, antigas e atuais, bastaria para manter Pete ocupado por uma semana.

Lassiter devia ter vinte e nove, trinta anos, regulando com a idade do que Kathleen, a filha mais velha de Claire. Sorria sempre, talvez amparado por ótimos financiamentos. Claire conhecia o tipo, um daqueles que rodeavam Adam em busca de doações de verbas ou vantagens. Essa simples possibilidade plantou nela uma antipatia radical por Pete.

— Sra. O'Malley?

Ao ouvir o chamado, ela se voltou, interrompendo o trabalho com os amendoins, e deparou com o sorriso estudado do jornalista, que estendeu-lhe a mão e se apresentou:

— Pete Lassiter, da televisão de Nova Jersey. Não respondeu a minhas mensagens eletrônicas...

— Claro que sim — ela rebateu. — Não responder também é uma maneira de dar retorno a e-mails.

Claire se envergonhou um pouco por ter causado rubor nas faces de Pete.

— Também tentei lhe telefonar, mas ninguém atendeu.

— Fale com Adam. — Claire se admirou da tenacidade de Pete, após tanta rejeição. — Ele é quem trata dos assuntos de publicidade e relações públicas.

— Mas eu gostaria de entrevistar você.

— Lamento, sr. Lassiter. Não tenho nada a lhe contar sobre o passado do restaurante. Sou uma O'Malley pelo casamento, não de nascença.

— Queria que falasse sobre seu marido e o considerável impacto que a curta existência dele ainda tem sobre a cidade. Todos meus entrevistados foram unânimes em destacar a coragem de Billy O'Malley.

— Fora de questão. — Claire expressou-se com tanta firmeza que Pete teve de recuar um passo, diante do balcão.

— Conversei com duas outras viúvas e... Seu marido foi um herói. Entrou no depósito em chamas a fim de salvar quem pudesse.

— Por favor! — Com isso, Claire tentou despachá-lo, mas Pete continuou falando ou resmungando em voz baixa.

Claire teve vontade de estrangulá-lo, apertando seu pescoço fino com os dedos nus.

— Tudo bem? — David Fenelli surgiu de repente ao lado do jornalista, que lhe estendeu a mão.

— Pete Lassiter, da tevê regional. Estou aqui para... David ignorou a tentativa de cumprimento.

— Sei quem é e o que faz, sr. Lassiter. Creio que a sra. O'Malley deixou claro que não quer lhe dar um depoimento.

— Prefiro ouvir isso dela própria.

Bendito David por estar presente, dando espaço a Claire para se recompor.

— Se desejar uma cerveja e uma porção de amendoins, terei prazer em servi-lo. Além disso, não perca seu tempo, sr. Lassiter.

— Pense bem, sra. O'Malley. — A expressão de arrogância com a qual se aproximara dela estava de volta. — Por que devo escutar a narrativa sobre seu marido de alguma outra pessoa, quando você foi quem melhor o conheceu? Farei contato. — E se afastou.

— Sujeitinho! — David murmurou. — Desculpe-me, Claire, mas não gosto desse moço.

— Não é o único. Devo lhe agradecer, David. Você me salvou de agredi-lo ou esganá-lo.

— Que pena! Lassiter já tem um grande fã-clube na cidade, sabia?

— Até meu pai está ansioso por recebê-lo. Pode imaginar?

— A conversa dele é sedutora, instigante. Sobretudo quando há muitas pessoas ouvindo. E se comporta como um bisbilhoteiro.

Era exatamente esse o motivo pelo qual Claire resolvera permanecer fora do projeto do documentário.

David ganhou um café e, como de costume, encheu metade da xícara com açúcar. Em seguida, tomou a bebida em apenas dois goles.

— Acredita que Lassiter andou indagando por aí sobre minha ex-mulher, Jill, aquela fugitiva?

— Não! — Claire ficou boquiaberta. — Como ele soube dela?

— Cidade pequena, bocas grandes. A definição fez Claire dar risada.

— Se Pete pretendesse mesmo pesquisar a história de Paradise Point, iria à biblioteca municipal. Mas parece que o objetivo maior é levantar segredos familiares e dar margem a boatos.

— Talvez por isso esteja se encontrando tanto com as irmãs DiFalco.

Foi a vez de David rir.

— Quem lhe contou que Lassiter perguntou sobre Jill?

— Diversas criaturas maldosas, Claire. Mas se ele espera que eu revele a um estranho minha vida particular com ela, pode desistir. Por incrível que pareça, Lassiter obteve até o número do voo de Jill, ao me abandonar. Fique esperta, porque o camarada está cavando tudo o que pode. Como se fosse produzir para a tevê um programa de confissões íntimas, não um documentário sobre Paradise Point.

David impediu que Claire tornasse a encher sua xícara. Ela notou os atraentes olhos dele, profundos e castanhos, por trás dos óculos. Não era tola. Sabia do que o charmoso David Fenelli estava falando. Três anos depois da perda de Billy, não iria ser indiscreta e ressuscitar a história de sua vida conjugal e das escapadas do marido.

A amabilidade de David, naquela noite, a tocou tanto quanto sua aparência agradável. Devolveu a cafeteira à chapa quente atrás de si e estudou a figura do visitante. O que sobrava a ele em caráter faltava em sensualidade.

— Obrigada por cooperar comigo. Mais tarde, farei alguns telefonemas para prevenir outras pessoas.

— Promete?

— Prometo. — Ela cruzou os braços sobre o peito, num gesto teatral, sem desviar o olhar de David.

— Já vou. Meu filho maior, Jason, me espera no carro. Estamos saindo de viagem até a Pensilvânia, porque marcaram mais uma entrevista com ele, na universidade.

— Achei que Jason já havia sido aceito na Penn State. David deu de ombros e explicou:

— Uma atualização, alegaram, antes da concessão da matrícula. O pobre Jason está suando frio!

— Boa sorte para os dois.

Nada existia de especial em David, além da simpatia e da facilidade com que deslizava entre as mesas cheias, até a saída do restaurante. Não era o mais bonito ali, nem mesmo o mais alto, e muito menos o mais atlético. No entender de Claire, era mais ou menos formoso, mais ou menos inteligente, mais ou menos divertido, mas confiável até os ossos. Por isso mesmo tinha a maior clientela entre os dentistas locais.

Se nada havia de perigoso em David Fenelli, também nada havia de excitante. Era bem diferente de Billy, que fora capaz de despertar paixão e fantasias trelouçadas em inúmeras mulheres.

Por enquanto, Claire decidiu, David era excelente companhia para comer uma pizza.

Ao girar nos calcanhares, deu de cara com o principal barman, Jack, que vivia a provocá-la.

— Não diga nada. Eu vi tudo.

— Posso falar o que quiser, porque você não viu nada, seu mexeriqueiro. Entendeu? Pare de me vigiar e de tentar ler meus pensamentos.

— Certo. Não vi nada.

— Então, por que me olha dessa maneira? — Claire assumiu sua irritação.

— Porque você está com uma casquinha de amendoim no meio dos dentes.

Capítulo V

Barney Kurkov terminou de carregar o furgão do Corpo de Bombeiros, dotado de luzes giratórias e sirene, com algumas caixas de costeletas de carneiro, grelhadas e bem temperadas. Elas se destinavam à equipe que chefiava, da qual Adam O'Malley participava como voluntário.

Após concluir seu trabalho, dirigiu-se a Adam, dizendo:

— Se algum dia passar pela sede da corporação, Adam, entre e dê conselhos a Hank, para ele parar de engordar feito um louco.

— Por que você mesmo não faz isso? Tem medo de perder alguns dentes no processo?

— Hank anda menos temperamental, mas continua sem fazer dieta.

— Trabalhei com ele durante cinco anos, e sei que nosso amigo necessita de mais do que um regime alimentar para emagrecer. Além de calmantes que o tornem mais sociável.

— Bem, talvez as costeletas de carneiro o ajudem. Mas não deixe Sara saber que o marido as comeu fora de hora. Ela alertou todos nós de que Hank também tem colesterol alto. E pediu colaboração.

Adam deu risada ao lembrar que Barney, após seu casamento, se tornara vegetariano, por obra e arte da mulher. Antes, chegara a vencer o concurso de Melhor Cozinheiro Bombeiro do ano, por suas especialidades em culinária irlandesa, que incluía irresistíveis panquecas de carne. O máximo que poderia fazer era seguir fornecendo, como gentileza, cortes magros ao quartel dos bombeiros.

No íntimo, Adam torcia por ser convocado para alguma emergência, fato que não ocorria desde a morte de Billy e outros colegas. Deu-lhe vontade de passar na sede, qualquer dia, e olhar de novo a placa em homenagem ao irmão, fixada na parede da entrada.

Talvez não. Seria como chamar de volta toda a dor da perda.

Depois que Barney saiu, Adam consultou o relógio e fez um esgar de contrariedade. Quase meio-dia, e ele ainda não conseguira sentar-se no escritório e examinar notas fiscais ou extratos bancários. Jack e Claire haviam cuidado de abrir a casa e prepará-la para receber os clientes da hora do almoço.

Em geral, Adam já se achava a postos às onze, no máximo. Estaria perdendo a disciplina? Após o acidente, concedera a si mesmo uma fuga da rotina. Aprendera a deixar os negócios correrem sem sua presença constante. Com a maturidade e o casamento próximo, decidira viver melhor, evitando o estresse. O lado negativo era que, com esse novo estilo de vida, dificilmente voltaria a ser útil no Corpo de Bombeiros.

Foi para casa trocar de roupa, pegar alguns objetos e sair à rua de novo, disposto a resolver problemas particulares. Ao entrar na cozinha, encontrou Kelly, que consumia chá com torradas. Seus cabelos loiros e ondulados estavam presos para trás, num minúsculo rabo-de-cavalo, mas a roupa, calça e blusa de moletom, com camiseta, indicava que ela não cumpriria nenhuma agenda social ou escolar naquele dia.

— Não vai ao colégio, filha?

— Passei a noite em claro, papai. — Kelly tentou esfriar o chá soprando sobre a xícara.

— Bem que ouvi você andando de lá para cá.

Na estante ao lado da porta, Adam pegou uma pasta com a etiqueta Documentos.

— Sinto muito se o acordei.

— Não foi você. Eu também não consegui conciliar o sono. Kelly pôs o chá de lado. Adam notou o tremor de suas mãos.

— Está tremendo, filha. Coloque um agasalho. — Avançou até pousar a palma na testa de Kelly. — Sem febre, pelo menos.

— Estou bem, juro. — Ela afastou a cabeça do alcance de Adam.

Não era verdade. Mas nenhum pai conseguia discutir saúde com uma adolescente.

— Então, o que pode ser? .

— Nada, já disse.

— Um resfriado? Uma prova muito estressante na escola? Ela balançou a cabeça e ainda sublinhou a negativa com uma careta.

— Vai tudo bem — Kelly insistiu.

— Você e seu namorado...

— Não! — O grito precedeu a conclusão da frase. Adam só ia perguntar se haviam brigado.

— Lamento desapontar você, papai.

Aquele era um velho argumento que Adam não queria reviver. Gostava de Seth, e Kelly sabia disso. Não apreciava, porém, que o namoro se tornasse sério e completo entre eles. A filha também tinha consciência disso.

— Se não é o colégio, nem Seth, do que se trata? Por que a irritação, o tremor?

Kelly levantou-se da cadeira e correu porta afora, envolta numa crise de choro e soluços que partiria qualquer coração, mais ainda o de um pai. Adam permaneceu na cozinha, julgando melhor não interferir. Um otimista, por definição, é o pai que espera que a filha adolescente lhe conte tudo.

Deveria fazer, ao menos, o que sempre fizera quando Kelly parecia infeliz: tomá-la no colo e abraçá-la com força até transferir a tristeza dela para si.

Quando agira assim pela última vez? Não lembrava.

Pela reação de Kelly, a amargura era das grandes, e o momento, delicado. O tempo passara, o relógio da vida não voltava para trás. A filha crescera, tornando-se uma mulher. Adam sentia-se embaraçado em abordá-la para tentar saber de sua atividade sexual.

Existia uma chance, porém. Ele poderia alcançar o corredor, ir até ela e exigir uma explicação para a noite de insônia, os olhos chorosos, a recusa em sair para a escola. Como pai, tinha todo o direito a respostas.

Ou poderia respirar fundo e afagá-la entre seus braços. Evidente que qualquer que fosse o problema de Kelly, ela não corria risco de vida. Não apresentava febre, nem algum osso quebrado. Garotas naquela idade sempre sofrem grande pressão. É a fase de decidir sobre o futuro, a carreira, a vida amorosa. E quando se espera demais de si próprio, perde-se bastante. A paz de espírito, para começar.

Kelly, deitada de bruços na cama, ouviu as batidas do pai na porta de seu quarto. Não era surpresa. Ele nunca a deixaria quieta; não sem uma explicação. Fugir de casa

não tinha sentido, mas Kelly vinha fazendo muitas coisas sem sentido, ultimamente. Restava-lhe deixar Adam plantado no corredor até que se cansasse e fosse embora, ou recebê-lo e enfrentar o interrogatório. Em qualquer dos casos, havia uma vantagem: seria deixada em paz.

No entanto, como dizer ao pai que estava grávida? Ele a mataria. A educação que Adam lhe dera, sem a ajuda de uma mãe, consistia em traçar metas claras para a vida, ter decência e moral irretocáveis, disposição para a luta e muito amor-próprio. Meses antes, era assim que Kelly se comportava. No entanto, falhara. Com a auto-estima abalada, julgava que merecia um belo castigo. No mínimo, teria de ouvir um sermão.

Seth era um rapaz de bom caráter. Podia parecer que tinham cometido uma loucura, mas não. Sempre usavam proteção, desde a primeira vez. Acima de tudo, amavam-se. Mas isso influiria em alguma decisão prática?

Seth não tivera culpa, e Kelly não andava pela cidade disposta a se deitar com qualquer um. Se Deus existia e olhava por seu rebanho, por que permitira que tudo terminasse numa grande confusão?!

"Veja o que aconteceu com Marjorie", Kelly pensava. Ninguém estava seguro. Na casa dos trinta anos, vivendo com um homem mais velho em Seattle, Marjorie não conseguira evitar que um solitário espermatozóide atingisse o alvo. Se uma gravidez indesejada ocorresse com alguém tão perspicaz e experiente como Marjorie...

Esperou um pouco, respirando devagar, valorizando a privacidade. Porém, desde sempre dividira seus problemas com Adam, e ele sempre encontrava uma solução ou reduzia a intensidade do sofrimento. Certo, Adam já não era tão afável ou disponível depois do acidente, mas Kelly sabia que podia contar com o pai.

Não era mais criança, e sim uma jovem desejável, com os hormônios explodindo. Por isso Adam tratava Seth com dureza, mesmo gostando dele. Queria mostrar-se vigilante, ao preço de causar desconforto no namorado da filha. Kelly compreendia isso. Fazia parte de seu processo de independência. Mas naquele momento o problema era grande, o maior que já enfrentara. E a única pessoa que podia ajudá-la era também a única a quem não devia relatar seu drama.

Recorrer a Claire? Inadmissível. A tia era desconfiada e repressora por natureza. Ninguém poderia culpá-la, pois o finado Billy não lhe tornara a vida mais fácil. Os problemas de Kathleen a afetaram o suficiente. Por vezes, parecia a Kelly que a tia escondera câmeras pela cidade inteira, não só para vigiar a própria filha como para descobrir os segredos que Kelly e Seth preservavam como sendo apenas deles.

Se a mãe estivesse viva...

Kelly escutara milhares de vezes que se assemelhava muito a ela, e isso a alegrava e preocupava ao mesmo tempo. Ao longo dos anos, também ouvira comentários sobre como a mãe era bem-humorada, acessível, prestativa. Fizera os parentes e amigos rirem como nunca, encantados.

Marjorie era parecida, na conduta e no temperamento. Ela, sim, talvez pudesse entender como Kelly se sentia. Não lhe fora fácil descobrir que estava esperando Ana,

contrariando a vontade de Tom Lawler. A futura madrastra devia ter passado pelo mesmo drama. Na certa acordara todas as manhãs implorando a Deus que fizesse sua menstruação descer.

Dia após dia, nada.

Marjorie fitaria Kelly com olhos cheios de dor e decepção. Mas não lhe daria as costas, nem mostraria raiva ou hostilidade, achando que o mundo se acabaria, com o chão rachando e se esfacelando a seus pés. Marjorie não tinha os dezessete anos de esperança que, naquele momento, repousavam sobre os ombros de Kelly como um peso morto. Ela entenderia tudo, saberia o que fazer para ajudar. Não esperava, como Claire, que Kelly fosse perfeita.

Continuou deitada pelo prazo de mais algumas batidas na porta. Depois, fez-se silêncio, e Kelly imaginou que Adam forçaria a entrada. No entanto, ouviu o barulho da garagem sendo aberta e o som do motor do furgão, tomando a direção da rua.

Voltou a chorar. Quando o cansaço venceu as lágrimas, ela fechou os olhos e adormeceu, enfim.

O encontro semanal das jogadoras de pôquer de Paradise Point estava marcado para dali a uma hora. Cinco das mais intransigentes, ferinas e bisbilhoteiras mulheres locais deveriam se dirigir à casa de Claire, a anfitriã.

Ela ainda arrumava a mesa para o jogo, removendo embalagens vazias de pizza e imaginando onde encontrar espaço para colocar as bandejas com os biscoitos que pretendia servir. Assim, distraída, levou um susto com o surgimento de Billy Júnior na sala, fazendo barulho equivalente ao de um trator.

— Vovô quer saber se pode ver televisão vestido só de calção.

— Sim, desde que tranque bem a porta do quarto e prometa não aparecer na sala antes que minhas convidadas tenham ido embora.

Da última vez, Mike invadira o local da jogatina e devorara com os olhos a elegante Olivia Westmore, para constrangimento geral. Claire se perguntou se Rose DiFalco, algum dia, teria passado pela mesma situação.

— Isso é o que vovô falou que você diria — afirmou o pequeno Billy.

— Então, ele é um homem inteligente. — Claire não resistiu a sorrir.

— E se vovô precisar ir ao banheiro? — Os olhos do garoto brilharam de esperteza. — E se passar mal?

— Bastará que papai se vista de maneira adequada e então vá ao toalete. — Ajeitou uma pilha de revistas de histórias em quadrinhos.

Mike partilhava com o neto a leitura das revistinhas. Muito cedo, concluía que Billy poderia ser seu melhor aliado contra as restrições impostas pela filha de meia-idade, em geral nervosa e cansada.

— Ou melhor! Por que vocês dois não vêem televisão, juntos, em. meu quarto? Se papai tiver necessidade, poderá usar meu banheiro privativo.

— Bruno pode ficar conosco?

— Só se você garantir que Fluffy não começará uma briga com ele.

Bruno era o enorme buldogue, pouco sociável, que constituía a mais recente aquisição da família. Fluffy, o gato idoso, tinha um quarto de seu peso e tamanho, mas era muito determinado em defender seu antigo território.

— Que bom! Vou avisar vovô. — E o caçula de Claire saiu voando da sala.

O menino contava com duas velocidades para seu uso: a de um trator e a de um avião supersônico. Havia entrado com uma e se retirado com outra.

Claire lançou as revistas num cesto de vime, ao lado do sofá. Ali já estavam, esquecidos, os pantufos com estampa de Mickey Mouse que uma das tias dera de presente a Billy Júnior, quando ele era o mestre do caos que apenas uma criança desordeira pode implantar numa casa.

Houve tempo em que Claire achava divertido convidar Olivia, Rose e outras amigas para um joguinho semanal de cartas. Descobriu depois que eram cinco tagarelas predispostas a falar sem parar e criar uma confusão sonora.

Mas era uma boa maneira de se atualizarem com os boatos que corriam pela cidade. Nos aniversários dos filhos pequenos, festejados na pista de boliche, na praia ou mesmo num bufe infantil, não seria possível manter um volume alto na conversação, nem criticar mulheres que fumavam charutos.

Ao longo dos anos, Claire acompanhara as mudanças na aparência e no timbre de voz das amigas. Teria de ser cega, surda e muda para evitar isso. Por vezes, sentia que, no fundo, aqueles encontros eram deprimentes. Como conservar o amor-próprio ao ouvir rumores sobre traições de maridos debochados? Como ir ao supermercado, comprar leite e frutas, quando a jovem da caixa registradora fora a última conquista de Billy? Como informar-se sobre o seguro de vida deixado pelo marido, quando a atendente loira e bonita do escritório lhe acendia a desconfiança de adultério?

Até na clínica de animais, aonde levava Fluffy a cada dois meses, Claire era recebida com olhares estranhos pela veterinária, decerto ciente, por experiência própria, de que ela era uma pobre mulher enganada pelo marido.

Bem, não podia queixar-se. Ninguém lhe prometera uma vida conjugal perfeita. Por certo período, Claire se aproximara do paraíso. Atencioso e viril, Billy fora seu cavaleiro andante, de armadura dourada, que galopava sem mácula nem pudor, oferecendo-lhe o próprio trofeu e exigindo o dela.

Foram necessários três anos para começar a se acostumar com a perda de Billy. Três anos durante os quais procurara alguém ou algo para culpar pela morte dele em ação: parentes, amigos, manobras erradas, turnos de trabalho dobrados...

A família O'Malley costumava dizer que, se não fosse pelo infortúnio, não haveria sorte para ninguém. Claire conhecera a verdade contida nessa afirmação. Planejara uma vida inteira ao lado de Billy, e na sucessão de filhos encontrara mais um motivo para amá-lo. Sorte ou falta dela?

Antes mesmo que se desse conta, viu-se sozinha com cinco filhos e a casa hipotecada. Ao menos Billy lhe deixara um modesto seguro e aplicara algumas economias na churrascaria que o irmão, Adam, resolvera abrir. De outra maneira, seria apenas uma cabeleireira viúva e pobre, batalhando muito para sobreviver.

Acabara de completar dezenove anos quando conheceu Billy. Ambos tinham o coração preso a outras pessoas, mas o destino agiu no sentido de uma aproximação rápida e inexorável. Charles, seu noivo na época e amigo de Billy, morreu num trágico acidente de trânsito, dois meses antes do casamento. O fato de Billy ser o padrinho do noivo o devastou tanto quanto a Claire.

Ambos adoravam Charles, que lembrava um sol radiante aquecendo e alegrando as pessoas em torno de si. Feridos, sufocados pela tristeza, Claire e Billy procuraram um ao outro em busca de alívio. A mágoa se converteu num poderoso laço de renovado amor.

Quando ela descobriu que estava grávida de seis semanas, de Charles, Billy a pediu em casamento. Claire aceitou. Fora seu melhor momento antes da tragédia que afastara Billy de seus braços. Ele não só acolhera a criança, passando-se por pai verdadeiro, como jamais questionara suas origens, nem acusara Claire de nada.

Iniciado o jogo, ninguém poderia refreá-lo ou revertê-lo. Billy queria uma família; Claire precisava de um ombro amigo. Eram jovens e emotivos demais, naquela época, para saber direito o que estavam fazendo. Por certo, mantiveram-se juntos na hora errada e pelos motivos errados, por mais que parecessem puros e nobres. Claire gostava de acreditar nisso.

Houve muitos comentários quando o casal voltou a Paradise Point, legalmente unido. Os piores diziam que Claire traíra Charles em plena véspera do casamento e que o bebê em seu ventre era de Billy. Com o passar do tempo, o assunto caiu no esquecimento. Poucados das especulações dos fuxiqueiros, Claire e Billy puderam criar seus filhos em paz.

Quando Kathleen nasceu, as pessoas disseram que era a imagem perfeita de Billy. Ninguém desconfiou da paternidade de Charles, exceto a avó Irene. Ela aderiu à conspiração do silêncio, mas não escondeu a frieza e indiferença em relação a Claire.

No começo, ressentida, Claire fez de tudo para conquistar a afeição de Irene; em vão. Depois do nascimento de Kathleen, ela desistiu de tentar e endureceu o coração. Se até Billy pudera esquecer a verdadeira origem de Kathleen, por que não Irene?

Billy amou a garotinha de olhos azuis como se fosse sua. Quando vieram mais três filhos, em sucessão, o destino estava selado: conseguiram fazer uma família feliz.

Na segunda década de sua união conjugal, Claire, cansada das traições do marido, viajou para a Flórida, a pretexto de levar as crianças para ver os avós. A verdade era outra, entretanto: Claire resolvera abandonar Billy. Decisão impulsiva, mas quantas decisões não o são?

Dias antes, ao parar num sinal de trânsito, ela vira, pela janela aberta da casa de Patty Hansen, que Billy estava lá, aos beijos e abraços com a jovem e morena líder de torcida. Nenhuma mulher espera ver o marido com outra, em plena manhã de terça-feira, enquanto pensa no que preparar para o almoço.

Claire tomou a rodovia de madrugada, disposta a começar vida nova. Seus pais, Mike e Margaret, mostraram-se intrigados e curiosos com a chegada dela e dos filhos,

mas não fizeram muitas perguntas. Saudáveis, eles cumpriam uma ativa rotina social, fato ao qual Claire só tinha de ser grata. Além disso, o pai passara longos anos em Paradise Point, onde montara uma base para pesca comercial. Devia saber o que estava acontecendo, portanto.

As crianças sentiram saudade de Billy, porém Claire desdobrou-se em cuidados, mantendo-as ocupadas, e assim também elas não indagaram por que permaneciam na Flórida. Claire levava os filhos à praia e a passeios diversos. Um dia, ao observá-los brincando na piscina pública, ela se apaixonou.

Naquela ocasião, vinha tentando não pensar muito no próprio futuro. Fizera amizade com a vizinha dos pais, uma mulher exuberante chamada Marion Flynn. Marion aguardava a conclusão de seu processo de divórcio, o segundo em apenas três anos. A família Flynn procedia de Nova Jersey, tal como os Meehan, e as duas davam-se muito bem.

Marion tornou-se a principal atração do bairro Vista dei Mar e das areias próximas. Os homens se reuniam em torno dela, oferecendo-lhe petiscos, refrescos e suas atenções de modo geral. Claire nunca jamais inspirou essa lúbrica devoção masculina. Ficava à parte, admirando o espetáculo.

A sedutora vizinha viera à cidade para preparar uma grande festa pelas bodas de ouro dos pais. Tinha, porém, um irmão mais moço, Conrad, fotógrafo profissional que trabalhava fazia dois anos na Europa, mas prometera comparecer ao evento.

Isso não bastava para contentar o pai, motorista de caminhão aposentado. Ele era contrário à atividade de Conrad, que se tornara fotógrafo de celebridades, frequentador de Cannes e outros festivais de cinema, depois de ter sido aclamado mundialmente por reportagens sobre a guerra na Bósnia.

Claire imaginara vir a conhecer uma versão masculina de Marion, e não se desapontou. Conrad Flynn possuía os mesmos traços bonitos, a mesma energia vital, o mesmo magnetismo. Partilhava com a irmã os cabelos e olhos negros, e ainda seu senso de humor. No entanto, enquanto Marion considerava a vida uma festa interminável, Conrad era mais sério e centrado.

Morava em todo lugar e em parte alguma. Tinha de seu somente o que coubesse na maleta de mão e na mochila com seu equipamento. Existia nele um ar de mistério que Claire julgava irresistível. De certo modo, sempre sentira atração por homens perigosos.

Noite após noite, os três se sentavam na varanda e conversavam sobre família, amor, sexo, política e religião, enquanto a lua transitava no firmamento. Claire e Conrad mal notaram quando Marion começou a pedir licença para se deitar mais cedo, deixando o par sozinho. Mas todos naquela residência perceberam que eles buscavam a companhia um do outro cada vez mais.

Conrad fez confidências sobre a mulher que amara e perdera para um rival. Claire falou de Billy, mencionando detalhes que jamais revelara a ninguém.

No instante em que passaram a descrever seus sonhos mais secretos, descobriram-se apaixonados.

O amor se torna algo terrível quando atinge uma mulher casada e com filhos. O fluxo de emoções no íntimo de Claire se tomou tão aterrador quando excitante. Era bom, muito bom, sentir-se feliz e desejada. Tanto quanto acordar todas as manhãs sob o efeito da sensualidade apaziguada.

Aquilo destoava do que ela costumava pensar e querer, acreditando que só existisse nas páginas de romances ou cenas de filmes. Reconheceu, por fim, a inutilidade de lutar contra os sentimentos, contra as sensações que experimentava ao lado de Conrad.

Sua felicidade não podia ser disfarçada, por mais que tentasse. Os pais a viram estampada no rosto de Claire. Nos modos, na voz, nas risadas. Até os filhos pequenos notaram que havia algo diferente na mãe, embora não soubessem dizer o quê.

Jamais descobriu quem alertou Billy O'Malley sobre seu estranho comportamento na Flórida. Irene, talvez? O fato foi que, certo dia, as crianças a chamaram, gritando que o pai estava ali, à beira da piscina. Parecia saudoso e inseguro ao mesmo tempo.

Era um Billy que Claire desconhecia. Ela viu os filhos saírem da água e correrem na direção do pai, abraçando-o ao nível da cintura ou das pernas, conforme a altura que alcançavam. Afetuoso como nunca antes, Billy não se importou com os respingos que marcavam sua roupa.

Conrad e Marion também o receberam com carinho, e a imprevisível Kathleen, que o acompanhava, baixou o olhar até o chão ante o charme do fotógrafo. Kathleen fazia do pai a mesma imagem que Claire cultuara durante anos: a de um cavaleiro andante com armadura dourada, que chegava para resgatá-la do estado de inércia.

Havia ali uma família reunida. Nem o amor poderia competir com isso.

Claire procurou convencer Conrad de que tinha de voltar a Paradise Point com o marido e os filhos. Ele fechou os ouvidos, e o coração, ao fluxo de raiva e frustração que o engolfou, determinando o fim da relação.

Dez meses depois do retomo a Nova Jersey, nasceu Billy Júnior, fruto da aparente auto-afirmação de Billy como dono do destino de Claire. Não havia retorno. Conrad ficou relegado à condição de um segredo, oculto em seu íntimo, até Marion mudar-se para Paradise Point, tomando real a possibilidade de Claire rever seu príncipe encantado.

— Mamãe, posso pegar um pacote de biscoitos na cozinha? — Billy Júnior estava outra vez na sala, segurando o gato no colo.

— Não. Os biscoitos e o bolo são para minha reunião.

— Um só... E não precisa ser de chocolate.

— Eu disse não. As bandejas que arrumei na mesa da cozinha estão reservadas para minhas amigas.

— Não é justo! — protestou o pequeno Billy. — Elas não vão comer tudo, e a maioria faz regime.

— Deixarei para você alguns biscoitos quebrados. Poderá levá-los amanhã para a escola, na mochila.

— Não é a mesma coisa. Tenho vontade agora!

— Você e seu avô se fartaram de pizza.

— Pizza não é sobremesa. — Billy Júnior já sabia discutir com competência.

Sem dúvida, era filho de Claire. O pai dele costumava defini-la como a única mulher no mundo a trocar um filé mignon ou um coquetel de camarão por um pacote de biscoitos recheados.

— Temos waffers com recheio de sorvete, no freezer. Serve?

Billy exibiu um sorriso amplo e partiu para a cozinha.

Claire passou o aspirador de pó pela sala, preocupada com a limpeza. Em ocasião anterior, descobrira em tempo uma teia de aranha no canto da parede. Se Rose DiFalco tivesse visto aquilo, por certo desmaiaria.

Não demorou muito e a campainha soou. Em instantes, Claire dava passagem a Olivia e Rose, adiantadas no horário combinado.

— Terão de esperar pelas outras — disse a anfitriã. — A mesa de cartas nem está arrumada ainda.

— Sente-se. — Olivia apontou o sofá perto da janela.

— Acha que tenho tempo para me sentar?

— Queremos lhe perguntar algo importante — Rose reforçou o pedido.

Olivia abriu uma revista sobre a almofada. Claire empalideceu.

— Aconteceu algo de grave com um de meus filhos? Como boa mãe, sua preocupação era constante.

— Não lhe falei que ela pensaria exatamente isso, Olivia?

— Reação típica de uma mãe extremada. Eles estão bem, Claire, não há nada de errado. Viemos mais cedo porque queremos falar com você.

— Sobre o quê?

— Seu futuro. — Rose ocupou a poltrona diante ao sofá.

— E o nosso — acrescentou Olivia, reclinando-se.

— Temos algum futuro em comum? — Claire inquiriu, desconfiada.

— Poderemos ter.

— Não quero falar de flertes ou de sexo.

— Nossa proposta é algo até melhor do que isso. — Rose piscou-lhe.

— Um daqueles vibradores de alta tecnologia erótica? Olivia teve um acesso de riso que a fez se dobrar sobre si mesma.

— Estamos pensando em chá inglês, biscoitinhos, doces, chocolates... — conseguiu dizer, em seguida.

— Cilindros de chocolate em formato de... — Claire persistiu na brincadeira, que Rose levou a sério. — Você nunca... Pode me contar. Levarei o segredo para o túmulo.

— Prefiro os de verdade. — Olivia alimentou novas risadas. — Seja como for, não viemos falar disso. Você sabe que vamos abrir uma casa de chá, certo?

Quem diria? Atrás do busto generoso, convenientemente decotado, escondia-se o coração de uma mulher de negócios. Claire alternou o olhar de uma para outra

amiga.

— Ontem chegamos a um acordo para fazer sociedade — Rose informou, como se fosse necessário.

Poucas mulheres na cidade tinham tanto dinheiro e também tanta sorte. Separadas, ela e Olivia já eram formidáveis. Juntas seriam imbatíveis.

— Prossigam.

Rose a encarou, maliciosa.

— Nós queremos você.

— Eu, Rose? — Foi Claire quem riu muito, dessa vez. — Eu tiro chope na churrascaria de Adam O'Malley, controlo o serviço dos garçons, fecho o caixa, aparto brigas entre os fregueses. Se procura uma garçonete de luxo para sua loja, é melhor...

— Pensamos em você para a recepção dos clientes. Rose e eu temos outros negócios que requerem nossa atenção. Sabemos que você foi o esteio da churrascaria, antes de Adam trabalhar em tempo integral. Além disso, é seu o segredo dos melhores biscoitos caseiros de chocolate que conheço — Olivia elogiou.

— No começo, você mesma assaria os biscoitos, até acabar de treinar outros funcionários. Mas sua função, como disse Olivia, seria recepcionar os clientes, e também ver se tudo funciona a contento.

— E será bem remunerada para isso. — E Olivia mencionou um salário que fez brilhar os olhos de Claire.

— Mais adiante, se o estabelecimento for bem, é claro que poderemos considerar a hipótese de uma sociedade.

— Já sou sócia minoritária de Adam, Rose. E costumo trabalhar para ele vinte horas por semana; quarenta na alta temporada. Como ele é da família, não me pesa.

— Mas fica com as sobras do lucro — comentou Olivia, maldosa. — Mesmo tendo sido a maior responsável pelo crescimento da churrascaria.

— Olivia! — Rose a repreendeu, despertando em Claire a vontade de dar-lhe um beijo na testa. — Isso não é de nossa conta.

— Ela precisa e quer uma mudança de vida! Disse-me isso de própria voz.

— Dirija-se a mim, Olivia, não a Rose, já que estou presente.

Com encorajamento, a dona da Le Papier podia tornar-se mais irritante do que normalmente era. Por um segundo, Claire temeu ser consumida pelo arrependimento.

— Enquanto depender tanto de Adam, você nunca encontrará um caminho novo. Ficará parada no tempo e no espaço, até que seu cunhado se aposente, feche as portas e se mude para a Flórida com Marjorie e uma penca de filhos. Já refletiu nisso?

Claire respirou fundo. O ar expandiu seu peito, como que compondo um escudo contra o fogo cruzado de Olivia. Ela sempre agira assim. Uma amiga de verdade não nos arranca segredos, nem acende uma luz forte sobre eles, para que todos possam vê-los. Uma amiga de verdade não manipula nossos sonhos de modo a torná-los tangíveis, tão próximos de nós que se transformem em tentações. A batalha verbal com Olivia tendia a prosseguir e ser perdida por cansaço.

— Por que não pensa em tudo isso, esta noite, depois do pôquer? — Rose

interveio, como se separasse dois pugilistas no ringue. — Podemos nos reunir de novo amanhã e...

— Tenho ideia melhor — Olivia voltou à carga. — Decida agora. Leve em conta seus objetivos e as desculpas para não concretizá-los: Adam, Billy, os filhos que já não moram com você...

Embora sarcástica, Olivia dera a Claire a saída perfeita da situação. Procurara inflamá-la, mas só conseguira despertar seus brios e dar-lhe motivos para abominar a hipótese de trabalhar com ela. Rose, por sua vez, se sentiu aliviada com o fim da discussão.

— Você deve ter muitas dúvidas sobre o convite que fizemos — alfinetou Olivia. — Pode nos poupar problemas se disser não agora mesmo, e então contrataremos outra pessoa.

— Mesmo? Quem?

— Marjorie.

Claire disparou uma resposta mais dura do que ela própria esperava:

— Já lhe ocorreu que você pode se tornar um cadáver antes da hora certa?

Era o que podia acontecer, depois que ela relatasse tudo a Adam. No entanto, sabia que a absurda ameaça não abalaria sua amizade de tantos anos com Olivia.

Capítulo VI

Cristal adentrou a cozinha de Marjorie como se pisasse em ovos.

— Meu chefe, Pete, tem um problema... — Mais um, Cristal?

Comentário perigoso, pois Cristal não era uma visitante comum e entediante como as outras. A jovem fazia anotações de tudo em seu caderninho.

Marjorie forçou um sorriso, tentando demonstrar tolerância aos piercings da jornalista.

— O que posso fazer para ajudá-la, meu bem?

— Nada, se não tiver acesso rápido, de banda larga, à internet. Precisamos transmitir alguns arquivos para a matriz.

Será que se eu contar até dez, Cristal desaparecerá de minha frente?

— Bem, você está autorizada a usar o equipamento do escritório da pousada.

Mais cedo, a equipe de televisão checara as instalações, inclusive o computador e acessórios.

— Apenas diga a Pete para não se esquecer de mencionar o charme do Candlelight.

— Duvido que ele faça isso — Cristal afirmou, após considerar o pedido. — Pete costuma se ater ao tema da reportagem.

— De qualquer modo, seu chefe terá de esperar um pouco. O módulo de transmissão de arquivos deu defeito, e o técnico só virá consertá-lo na sexta-feira.

— Onde fica o escritório?

Marjorie enxugou as mãos no pano de prato e conduziu Cristal até a pousada, do outro lado da cerca.

— Está superado, mas parece eficiente — comentou a repórter, diante do aparelho, e fitou Marjorie com seus olhos de serpente. — Embora eu não tenha muita certeza...

— Sinto muito, é tudo o que temos aqui. Na biblioteca municipal você encontrará equipamentos mais modernos, mas terá de esperar até amanhã cedo. Aceita um café com biscoitos?

"Seria o caso de contar até vinte, aguardando que Cristal degustasse as guloseimas no próprio balcão de recepção". De propósito, Marjorie levou a bandeja e a garrafa térmica para o canto da bancada, de modo a evitar que migalhas caíssem no teclado do computador.

Cristal agradeceu e saiu apressada, com o intuito de consultar o restante da equipe. Marjorie retornou à cozinha de sua residência e deparou com Kelly sentada ali, a sua espera.

— Achei que você não viria hoje — disse, saltando sobre a cadelinha poodle esparramada no chão, e ocupou a cadeira ao lado da futura enteada. — Soube, por intermédio de Rose, que você não estava passando bem.

— Eu melhorei. Creio que tive um daqueles resfriados de vinte e quatro horas. E você, por que não foi ao jogo de pôquer, na casa de Claire?

— Irei mais tarde, assim que Rose chegar.

— Posso tomar conta de Ana para você, se quiser sair antes. Conheço as manhas dela.

— Você é gentil, meu bem. Aceitaria seu oferecimento se o pessoal da tevê aberta não viesse aqui, ainda esta noite. Além de filmar alguma coisa, estão querendo transmitir arquivos via internet.

— Em seu escritório? — Kelly se apiedou de Marjorie.

— Sou só eu que pensa assim, ou a equipe toda é muitíssimo enjoada?

— São enjoados mesmo.

Marjorie ligou a máquina para fazer um café fresco. O inconfundível aroma logo as envolveu.

— Já entrevistaram você?

— Duas sessões preliminares. — Marjorie suspirou. — O drama com a tevê é que você prepara a mente para suas declarações, mas quando a câmera e o microfone são ligados, esquece tudo e fala coisas que não queria dizer. É de dar medo.

Sem intenção, Marjorie se excedera no relato sobre seu relacionamento com a mãe. Talvez ainda tivesse de recorrer ao programa oficial de proteção a testemunhas...

— Entendo. — Kelly meneou a cabeça. — Todos os segredos da cidade se tornarão de conhecimento público até o último dia de trabalho.

— Antes disso — corrigiu Marjorie. — E desde as quatro gerações anteriores. Só Deus sabe quantas informações indiscretas minhas tias passaram...

— Por acaso, vi pilhas de relatórios e currículos no quarto onde Cristal está hospedada. O de minha bisavó Irene estava no topo.

— E você espiou? — Marjorie sorriu, sem acreditar que a filha de Adam fosse capaz de um ato desonesto.

— Cheguei a ficar tentada, mas me controlei em tempo. Ser uma pessoa maravilhosamente previsível nem sempre constituía defeito. Kelly era a prova disso. Os outros esperavam dela o melhor, e eram atendidos.

— Adam me contou que, somados, os escritos de Irene dariam horas de exibição ou trezentas páginas de texto impresso. Pelo visto, Pete Lassiter poderia levantar a história de Paradise Point usando apenas as declarações dela, e ainda sobraria material para novos programas.

— Minha bisavó iria adorar. Ela sabia tudo sobre todos, por aqui.

— Bem, foi ela quem colocou Paradise Point no mapa. Irene O'Malley tornou-se a primeira empresária a desenvolver uma cidade, a começar por sua rede de lanchonetes. Também atuou como incorporadora de novos bairros, mas nunca fez questão de obter grandes lucros, nem de guardar dinheiro; apenas o suficiente para uma velhice confortável. Nenhum dos netos vai herdar muita coisa.

— Talvez por isso a família se indispôs com minha bisavó. Mas ela era mexeriqueira demais, gostava de jogar uns contra os outros. Parece que era sua única diversão. Papai não dava atenção aos mexericos da avó, mas eu a escutava com paciência. Sinto que ela dividia comigo uma parte especial de sua vida.

Marjorie tinha o dobro da idade de Kelly e metade da percepção.

— Quanto a mim, prefiro ouvir histórias sobre minha avó Faye. Sabia que ela cozinhou para o presidente Roosevelt, quando ele se hospedou no Candlelight?

Kelly não disfarçou a admiração.

— Não é verdade que, naquela época, o hotel era uma modesta pousada?

Marjorie fez que sim, acrescentando que Rose guardava recortes e fotos sobre a campanha presidencial de 1932, e os separara para mostrá-los a Lassiter. Em uma delas, Franklin Delano Roosevelt visitava as bases eleitorais do interior, vindo de trem com sua comitiva.

— Nossa! — Kelly se admirou ainda mais. — Se estas paredes falassem...

Marjorie ocultou um leve tremor.

— Nesse caso, eu teria de fazer as malas e voltar para Seattle. Rose e eu brigamos muito, aqui. Acho que meu quarto ainda guarda os ecos de tremendas discussões.

— A equipe de tevê está mesmo interessada em seu casamento, Marjorie. — Kelly tomou um gole do café novo. — Até parece que nunca viram uma cerimônia nupcial.

— Jack, o barman que trabalha para Adam, contou-me que alguns frequentadores assíduos da churrascaria andam fazendo apostas sobre quanto tempo nossa união vai durar. A maioria fala em um ano, mas não deixo por menos de cinquenta. —

Deliciada com a ideia, Marjorie enfatizou a frase com um amplo sorriso.

— Mas Cristal tomou meu pré-depoimento na semana passada, e só perguntou a respeito de quantas tias e primas se divorciaram. Sua família tornou-se uma lenda.

— Como Zsa Zsa Gabor...

— Quem? — Kelly franziu a testa.

Nada como citar uma celebridade do passado para medir a imperturbável passagem dos anos.

— É uma antiga atriz de Hollywood — Marjorie esclareceu. — Passe-me o creme, por favor, para eu colocar em meu café.

Kelly abriu o refrigerador e pôs a garrafinha na mesa.

— Cristal e suas colegas de equipe são tão magras que nunca devem ter consumido doces, nem creme de leite.

Quanto tempo levaria até que Ana começasse a se preocupar com calorias e celulite? A imagem incômoda surgiu do nada na mente de Marjorie e causou-lhe certa tristeza. Ela lutara, durante anos, contra o excesso de peso, recorrendo a dietas e exercícios com o objetivo de adequar-se a um padrão mínimo de beleza física. Daria alguns anos de sua existência para salvar Ana da mesma sina.

— Você não as viu à hora do almoço. Comem como se estivessem em absoluto jejum há cinco dias.

— Sorte de quem pode comer bastante e permanecer magra.

— Você emagreceu ultimamente, não? — Marjorie lançou a pergunta com bastante cautela, e Kelly sorriu, satisfeita.

— Deu para notar?

— Sim, mas não deve perder mais peso, senão vai ficar pele e osso.

— Isso não existe.

— Reparou em Cristal, Kelly? É possível contar suas costelas através da camiseta.

— E daí?

— Você é bonita do jeito que está, meu bem. Perfeição não existe, e é impossível forçar a natureza.

— Meu pai diz a mesma coisa. E sempre me estimula a esquecer as dietas.

— Pois escute Adam. Ele sabe o que diz.

Cristal apareceu à soleira, e as duas saltaram das cadeiras, surpresas e um tanto sem graça.

— Posso levar um pacote de bolachas para a turma lá de fora? Ray, nosso cinegrafista, diz que está passando mal de tanta fome.

Marjorie entregou-lhe uma embalagem grande e viu Cristal desaparecer de novo pelo corredor.

— Eu poria um cadeado na geladeira, se fosse você — Kelly sugeriu.

— Gostaria de colocá-lo em minha porta, isso sim.

— E melhor que sua mãe não a escute falando assim.

— Eu sei. Foi um deslize de minha parte.

— Tenho a impressão de que você trabalhará na pousada por pouco tempo.

— O quê?

— Não irá trabalhar na nova casa de chá de Olivia Westmore?

— Onde ouviu isso? — Nervosa, Marjorie engoliu o restante do café com creme.

— Bem, eu não estava espionando... Mas passei pela calçada de Claire, a caminho daqui, e escutei Rose e Olivia discutindo a respeito. Elas ofereceram trabalho a Claire. Se ela não aceitar, oferecerão a você. Como Rose é sua mãe, imagino que esteja a par de tudo.

— Já as alertei de que falam alto demais. Qualquer dia desses, não restará nenhum segredo na família.

Kelly apanhou um pano de prato, que pendurou no ombro, e passou a arrumar a mesa.

— Acha que tia Claire deixaria de vez a churrascaria?

— Não sei, querida. Claire tem a preferência para trabalhar na casa de chá. Neste momento, estou preocupada com a demora de Rose. Espero sua volta, pois quero tomar meu lugar à mesa de jogo.

— Meu pai sabe de tudo isso?

— Conteí a ele, mas pedi sigilo. Para você, posso dizer que, como sócia de Olivia, Rose tem direito à escolha da gerente. Não sei por quê, acho que convidará Claire em primeiro lugar.

— Mas você gostaria do cargo na casa de chá — Kelly declarou, perspicaz como sempre.

— Não vou negar que sim. Nesse caso, eu trabalharia na retaguarda, sem contato direto com os clientes, o que seria maravilhoso.

— Teria de parar com o programa que apresenta na rádio local. Pensei que...

— É verdade. Adoro a rádio, mas acredito que, por ser uma apresentação semanal, será possível conciliá-lo com um novo emprego. Além disso, Rose e Olivia crêem que ele será uma grande publicidade grátis para a casa de chá.

— Não desista de seus sonhos — aconselhou Kelly com surpreendente firmeza. — Se acontece algo de inesperado em sua vida, não quer dizer que deve abandonar o que de fato deseja.

— Não estou fazendo isso, Kelly. Apenas não sou rica e independente o bastante, assim como Adam não é. Preciso levar em conta o futuro de Ana, e essa é uma boa oportunidade de assegurá-lo.

— O pai de Ana não é rico?

— Tom Lawler está bem de finanças e tem assumido parte das despesas que tenho com nossa filha, mas isso em nada diminui minhas responsabilidades para com ela.

— Você viveu com Tom por muito tempo, não?

Onde estava a repórter tatuada, agora que Marjorie necessitava da presença dela, a fim de cortar a conversa?

— Nós nos separamos poucos meses antes de Ana nascer. Kelly baixou os cílios, não em tempo de Marjorie deixar de notar algo estranho. A filha de Adam acreditava estar grávida. Qualquer mulher com atraso na menstruação conhecia aquela expressão de medo e expectativa.

— Você teria se casado com Tom?

A questão de Kelly foi seguida por um pesado silêncio.

— Quero dizer... caso ele quisesse filhos?

— Tom é pai de filhos crescidos, e agora tem netos. É bem mais velho que eu. Por isso recusou-se a enfrentar a paternidade outra vez.

— E você teve de decidir sozinha...

— Não houve necessidade de nenhuma decisão, querida. Eu amei e quis Ana desde o segundo em que descobri que estava a caminho deste mundo.

— Então, nunca pensou em... —

— Aborto? Jamais.

Na época em que engravidou, Marjorie era uma dessas felizardas mulheres maduras e com autonomia financeira, capazes de abraçar a maternidade como uma maravilhosa — embora imprevista — aventura. A opção de Tom por se afastar dela, ainda que a tivesse abalado, não causara uma mudança de posição. A única coisa que ela sabia com certeza era que desejava ter o bebê.

— Mas quis que tudo fosse diferente...

— Por algum tempo, sim. Torci para que Tom voltasse atrás e assumisse Ana, de modo a vê-la todos os dias. Só que isso não estava escrito nas estrelas. — Marjorie contemplou o anel de noivado em seu dedo. — Agora, não lamento nada; nenhum detalhe.

Kelly meneou a cabeça, pensativa, e Marjorie especulou sobre o que se passaria dentro dela. É difícil explicar o amor verdadeiro por um homem à filha de quem se vai desposar. Como convencer uma jovem romântica e inteligente de que a vida pode tomar um rumo imprevisto?

Com dezessete anos, qualquer adolescente acredita que o amor conquista tudo. Com trinta e três, como Marjorie, já se sabe que ele de fato conquista tudo, menos o próprio amor. Só o tempo é capaz disso.

Empunhando o pano branco, Kelly passou a demonstrar suas habilidades em matéria de limpeza de cozinhas. Sem a menor dúvida, ela escondia algo: algum segredo que enchia Marjorie de apreensão.

Quem sabe Kelly estava ali apenas com o intuito de verificar se Marjorie era a mulher certa para seu pai... Ou, como era fácil suspeitar, havia um fato mais complicado, a exemplo de uma gravidez inesperada. Teria de se esmerar nas palavras para não assustar Kelly.

Não estou preparada para isso, Marjorie concluiu, avaliando mais uma vez que as respostas dadas pela garota vinham sendo evasivas e cautelosas.

Ana mal completara cinco anos. A mãe julgava que esperaria mais três ou quatro até começar a ouvir questões sobre sexo e reprodução humana, o que lhe daria prazo

para se organizar. No entanto, ao levar Ana à piscina municipal, Marjorie ficava aterrorizada com o que ela poderia ver ou ouvir em tão tenra idade.

A repentina proximidade de Kelly também a abalara. Experimentava total insegurança quanto ao que dizer à futura enteada e quase amiga. Não podia falar demais, nem de menos, caso Kelly lhe confirmasse que esperava um filho.

Por sorte, Cristal retornou em tempo, dessa vez para descobrir se sobrara alguma sobremesa doce. Torta de queijo iria bem, mas não se incomodaria em abrir uma lata de pêssegos em calda. Ou em levar uma bandeja com sanduíches. A equipe da tevê era constituída de glutões, pensou Marjorie.

— Estão dando despesas imprevistas — Marjorie reclamou depois que a repórter saiu, levando algumas delícias para si e os colegas. — Kelly, o que você tem?

A pergunta nem acabou de ser formulada e a filha de Adam dobrou-se sobre a pia, atordoada, parecendo prestes a desmaiar. Teria caído no chão se Marjorie não a segurasse, apoiando-a pelos ombros de modo a que alcançasse uma cadeira em segurança.

— Estou bem, não se preocupe. Deixe-me aqui sentada por um minuto.

— E essa palidez, menina? Ponha a cabeça entre os joelhos e respire fundo. — Marjorie ajudou Kelly, empurrando-lhe as costas.

— Não é preciso nada disso. Sinto-me melhor.

— Vou trazer um copo de água gelada.

— Não quero, Marjorie.

— Quer, sim.

Marjorie não estava brincando. Conhecia aquele tipo de tontura desde o primeiro mês da gestação de Ana. Temeu que Kelly fosse vomitar, e só não apanhou uma vasilha ou bacia para uso dela porque seria um ato ofensivo.

De todo modo, gravidez não era a única razão para uma mulher ficar atordoada ou enjoada. Cansaço e baixo teor de açúcar no sangue também causavam incômodos. Kelly poderia estar sofrendo os efeitos de uma dieta ridícula, sem acompanhamento médico.

— Aqui está. Beba um pouco, em goles pequenos. — Passou-lhe o copo e fez um afago na cabeça de Kelly, tal como agia com Ana quando a filha adoecia. Naquele instante, a distância entre cinco e dezessete anos desapareceu.

O coração maternal de Marjorie doeu diante da jovem em situação tão vulnerável. Abraçou-a com força, de um modo que embarçou as duas. Afinal, não tinham, ainda, um relacionamento tão próximo. Marjorie era a noiva de Adam. Kelly, a filha dele. Impossível prever como essas realidades se desenvolveriam sob um mesmo teto.

— Obrigada. — Kelly pôs o copo de lado. — Você é muito amável.

— Pena que minha mãe não esteja aqui para ouvir isso. — Com o gracejo, Marjorie conseguiu desanuviar por inteiro o ambiente. Assim, sentiu-se autorizada a indagar: — O que acha que aconteceu?

— Talvez algum problema com minhas alergias.

— Ana contou que você passou mal, ontem. Constrangida, Kelly mais uma vez desviou a vista, com as faces rubras, mas não disse nada.

— Não é melhor que eu chame seu pai?

— Não!

— Então, sua tia Claire.

Kelly esboçou um sorriso e tomou mais água. Em seguida, garantiu mais uma vez que estava bem, porém não foi convincente.

— Ainda não nos conhecemos direito, Kelly, mas se quiser me confidenciar alguma coisa, estou pronta para ouvir.

Mas que não seja nada de muito grave ou importante. Não me obrigue a escolher entre ser sua confidente e ter a confiança de Adam.

Essas palavras ficaram suspensas no ar entre elas, equilibradas nos frágeis laços que ligavam as duas. De qualquer modo, representavam a promessa de uma relação mais estreita.

— Já falei que estou bem, Marjorie. Deve ter sido um problema alérgico.

Nem você acredita nisso, Kelly.

Marjorie se envergonhou do alívio que sentiu quando Kelly ficou de pé, alisou a camiseta e tomou a direção da saída.

— Quer que eu leve café para o pessoal da televisão, lá fora?

— Eu faço isso. Preciso me assegurar de que essa turma não irá destruir o computador.

No rosto da jovem, o sorriso limpo e franco reapareceu.

— Não deixe ninguém ler os e-mails de meu pai para você. Marjorie preparou a bandeja e acompanhou a filha de Adam até a saída. Em seu íntimo, uma voz rascante denunciava que estava sendo covarde por abandonar Kelly à própria sorte, pelo menos naquela noite. Deveria impor-se de modo a destravar a língua da futura enteada.

Era engraçado como alívio e vergonha podiam andar lado a lado. Engraçado e triste.

Claire vibrou em silêncio ao receber uma boa mão de cartas. Usava o blefe para de iludir as adversárias e ganhar o jogo. Agira do mesmo modo na adolescência, quando colocava um sutiã de bojos grandes, recheado com algodão.

— Pelo amor de Deus, Claire! — Olivia exasperava-se com a demora. — Se pretende baixar as cartas, faça isso logo. Afinal, estamos jogando por meros centavos. Ninguém vai ter prejuízo alto no fim da rodada.

Mas foi Gina quem baixou seu jogo na mesa.

— Desisto. Não tenho cacife para continuar.

Marjorie examinou a prima. Ela possuía um daqueles rostos amigáveis que aparecem nos comerciais de televisão. Pena que também tivesse um talento especial para jogar pôquer. Claire se alegrou com a retirada dela.

Como boa anfitriã, Claire havia conversado um pouco com Marjorie, na cozinha, e até trocado beijos nas faces. Entretanto, Claire sabia que isso não convenceu Marjorie de que gostava dela, que poderia até achar que ela planejava algum golpe destinado a prejudicá-la ou interferir em sua relação amorosa com Adam.

Ainda assim, marcou um encontro no salão de chá, com o objetivo de darem uma espiada no ambiente, em fase final de reformas. Tinha certeza de que Marjorie acabaria ficando com o cargo de gerente. Queria desbancá-la. Não pretendia ser uma mera recepcionista. Tinha muito mais potencial que isso.

É isso mesmo! E por que não? Algumas pessoas já nascem ricas, e Marjorie se incluía nesse grupo. Quando a mãe morresse, herdaria a Candlelight, outras propriedades menores e uma gorda soma em dinheiro. Marjorie teria condições de adquirir a casa de chá, se assim desejasse, sem tocar no quinhão principal dos investimentos de Rose. Talvez por isso vivesse sorrindo.

— Acho que você não tem nada nas mãos — Marjorie disse a Claire. — Está apenas blefando.

— Vai descartar ou não? — Claire a desafiou, exibindo um sorriso de jogadora experiente.

Marjorie ficou séria. Na continuidade, poderia formar um royalflush ou obter cartas piores que as da rival.

— Aumento a aposta para cinco dólares — propôs Claire, confiante.

Chegara o momento de entregar os pontos. Claire se assemelhava ao buldogue Bruno, quando agarrava com os dentes uma meia de Billy Júnior. Não a soltaria de suas presas com facilidade.

— Eu saio — Marjorie afirmou. — Mas mostre o que você tem.

— Nada. — Claire baixou seu jogo para que todas vissem.

— Por que desistiu? — Olivia interpelou Marjorie. — Com essa boa mão, poderia ter batido primeiro e vencido a rodada.

— Hoje não é minha noite. Acontece.

— Com você, que costuma nos derrubar até lambermos o chão? — protestou Lucy DiFalco.

— Ora, é perfeitamente possível que meus dons para o pôquer falhem de vez em quando.

— Por mim, pagaria para Rose ficar em casa e mandar você a todas as reuniões, desde o começo. — Gina dirigiu um sorriso maroto para a prima. — Em dupla com você, na certa eu ganharia vez ou outra.

— Quem vai jogar a próxima? — indagou Olivia, impaciente.

— Estou fora. — Gina fingiu bocejar. — Hora de dormir.

— Como se não soubéssemos que seu novo namorado a espera na rua... — Olivia a fitou de soslaio.

— E num belo Austin antigo — completou Marjorie. — O homem conhece automóveis.

— E mulheres também. — Gina ficou de pé. — Ele aprecia as mais maduras. Isso porque nos compara a vinho envelhecido. Que Deus o abençoe! Onde foi que o viram? Preciso encontrar esse paradigma de virtudes masculinas.

Rindo muito, Gina não saiu de imediato.

Olivia juntou suas moedas e guardou-as numa bolsinha de veludo. Recolheu da mesa, em seguida, os pratos e as taças usados, levando-os à cozinha. Até em gestos triviais como esses comportava-se como uma rainha.

— Não tem de lavar nada — preveniu Claire. — Mais tarde, porei tudo na máquina.

— Foram as deusas do Olimpo que inspiraram os inventores da lavadora de louças. — Olivia jamais compreendeu por que tanta gente abria mão de ter esse equipamento fantástico.

— Pena que gaste muita energia elétrica. — Marjorie meneou a cabeça. — Poderíamos fazer de Nova Jersey o campeão americano em proteção ambiental.

— Já pensou em quanto café você desperdiça? — rebateu Claire.

— Em homenagem a Olivia, juro que passarei a consumir apenas chá.

— Sem ofensa, Olivia, mas não abro mão de meu café matinal. — Claire abanou a mão. — Marjorie está apenas se comportando como uma leal gerente de salão de chá.

Seria parte do golpe supostamente planejado por Claire? Pelo menos, era o que sugeria a expressão aturdida de Gina.

— Não me diga que não sabia, Gina! Marjorie irá administrar o novo negócio de Olivia e Rose. Eu servirei de recepcionista e, quando preciso, de confeitadeira. Achei que todas aqui já tivessem conhecimento da novidade.

— Quando isso ficou decidido? — Gina questionou, inconformada por ter sido pega de surpresa.

Claire trocou um olhar cúmplice com Lucy, reconhecendo satisfação no rosto dela. Também eu estou contente, pensou. Embora por motivo diferente.

— Quer dizer que algo, enfim, escapou a seu detector de falatórios? — Marjorie riu de Gina. — Claire e eu vamos trabalhar para Olivia e Rose.

— Espere! O que Rose tem a ver com tudo isso?

— Você anda desligada, prima.

Gina não disfarçava o aborrecimento por encontrar-se na posição da última a saber, e crivou Olivia e Marjorie de perguntas, ignorando Claire. Esta apenas olhava tudo com uma mescla de tédio e diversão, e ficou feliz quando Billy Júnior apareceu, à cata de mais biscoitos. Seu alívio aumentou ao ver o feroz Bruno bem atrás do filho.

— O que faz acordado a esta hora? — Claire repreendeu Billy Júnior, mas desmanchou com a mão os cabelos do garoto.

— Seu avô não o colocou na cama, conforme o combinado?

— Ele adormeceu primeiro, mamãe. Vim pegar biscoitos, só mais dois. Prometo escovar os dentes depois e ir dormir.

Claire deu permissão, mas teve de conter o entusiasmo de Bruno, que pulou nas pernas de Lucy e quase a derrubou da cadeira.

Alheia à comoção geral, Olivia sorriu para Billy, ciente de que o menino era fascinado por ela. Ele escondia seu afeto, mas o rubor nas faces o denunciava.

— Terminou aquele relatório de leitura para a escola, Billy?

— Olivia quis saber, apesar de ser pouco condescendente com crianças. Falava com elas como se fossem adultos.

— Sim, e acho que ficou bom. — Billy olhava para o chão.

— Utilizou o papel especial que lhe dei?

Billy Júnior confirmou, em poucas palavras saídas do fundo da alma. O tormento de um potencial amor pela bela Olivia estava delineado no rosto sardento. O garoto se dividia entre duas vontades: a de correr para seu quarto e a de desfrutar as atenções dela por mais algum tempo.

Pobre criança sem pai... Olivia nunca conseguiria dizer a Billy que só o tempo cura as frustrações. Amor, para ela, era algo fatal.

— Venha à papelaria qualquer dia desses, e me mostre o que fez, está bem? Caso tenha ficado bonito mesmo, posso colocá-lo na vitrine, se você não se incomodar.

— Certo. — Billy estufou o peito, orgulhoso, antes de apanhar seus biscoitos e sair de cena, seguido pelo cão.

— Ele é tímido e fala pouco — Claire o justificou.

— Mas será um destruidor de corações dentro de alguns anos. Os homens quietos levam vantagem.

— Às vezes, na hora do jantar, Billy desata a falar tanto e tão alto que a colher de sopa balança em minha mão.

— Ah! — Marjorie lembrou-se de algo e abriu sua enorme bolsa. — Trouxe as fotos das crianças que tirei no mês passado, durante a Páscoa.

— Ora! — disse Gina. — Pensei que só iríamos vê-las no Natal.

Marjorie removeu de um envelope o pequeno álbum com fotografias envoltas em embalagens plásticas. Passou-o adiante, já que estava cansada de ver o material.

— Muito bem, Gina. Há uma foto com toda sua turma e lambem uma de Kathleen.

— Impressionante — Gina elogiou. — Você não perdeu um só retrato. Todos no foco e cheios de conteúdo.

Claire observou a cena de Kathleen, sua filha mais velha, que posava para a câmera de Marjorie da escadaria da igreja. No geral, admirou-se com a quantidade de crianças fotografadas e com o tempo que perdera longe delas. Não disfarçou a tristeza.

— Vamos lá, mamãe! — Olivia a animou, batendo com gentileza em seu ombro. — É inevitável. Crianças crescem e se distanciam de nós.

Se eu fosse proprietária de um hotel à beira-mar, teria condições de viajar mais para ver meus filhos. Claire não conteve um suspiro.

— Vejam como Billy se parece com Joey, o filho de Gina — interveio Olivia,

debruçada sobre uma das fotos. — Ambos têm sardas. Poderiam ser irmãos!

Capítulo VII

Depois que o penúltimo carro dobrou a esquina, Olivia ficou a sós com Claire e teve de enfrentar mais uma vez a hostilidade da amiga.

— O que foi que eu fiz?

— Não acredito que, morando aqui há tanto tempo, ignore o caso entre Billy e Gina! — Se o tom não era condenatório, não deixava de traduzir a humilhação de Claire. — Ele dormiu com metade das mulheres de Paradise Point, e eu não pude impedir.

— Então, Joey é filho de Billy com Gina?

A questão apertou o coração de Claire. Fizera a si mesma essa pergunta vezes sem conta, desde que o marido morrera como herói. Só chegara à conclusão de que a ligação entre Billy e Gina fora muito forte. Impossível negar: Gina devia ter sido o grande amor da vida dele.

Conrad Flynn ocupara a mesma posição para Claire, mas o breve romance dos dois, em Seattle, não acarretara maiores consequências. Billy O'Malley, no entanto, se apaixonara por outra, entre tantas com quem se envolvera.

Mas ele sempre voltava para Claire. Ela era a esposa, a mãe de seus filhos, a parceira, a cúmplice. E agora, sua viúva.

— Não — afirmou, embora a incerteza continuasse a roê-la por dentro. — Os dois terminaram o caso anos antes de Billy morrer.

— Você aborda o assunto com desprendimento. Ou se trata de resignação?

— É que tenho experiência.

Cuidado, Olivia. Você está mexendo com minha família.

— Esqueça. Mesmo que passemos a noite toda aqui conversando, sei que nunca entenderá.

— Você compreendeu Billy? Perdoou tudo o que ele fez?

— Nem tudo.

— Ele a magoou muito, não é?

— Nem diga. Houve ocasiões em que achei que ia enlouquecer.

— Julguei que, após seu retorno de Seattle, sua vida conjugal tinha melhorado.

— E melhorou, por certo período. Quando descobrimos que eu estava grávida de Billy Júnior, a família inteira ficou feliz. — Claire meneou a cabeça, ao recordar. — Parece banal, mas foram os meses mais alegres que já tive. Minhas filhas me acordavam com uma bandeja de desjejum bem fornida. Serviço de primeira. Adoravam encostar o ouvido em meu ventre e escutar o bebê. Nunca soube o que esperavam ouvir — Claire finalizou, sorrindo.

— Em compensação, você viveu um inferno na maior parte de sua existência. —

Olivia alcançou a bolsa de camurça e retirou dois saquinhos de chá inglês. — Nós merecemos uma boa xícara desta bebida maravilhosa. Claire, lembra-se do que eu lhe disse quando voltou a Nova Jersey, junto com Billy O'Malley?

— Faz nove anos. É uma história antiga, superada.

— Falei que precisava ter certeza de sua decisão, porque você e Conrad não contariam com uma segunda chance.

Claire retesou o maxilar. Sentiu os dentes rilhando.

— Agora me recordo. O detalhe é que, se estivesse vivo, Billy nunca iria participar do documentário, para não ter de admitir seus pecados.

— Conrad Flynn se manteve longe de Paradise Point em respeito a seus sentimentos. Foi Marion quem me falou.

— Não foi porque surgiu trabalho como fotógrafo no Afeganistão? Vi uma foto de autoria dele na internet. Poderíamos nos corresponder por e-mail, porém isso não levaria a nada.

— Como pode saber? — Olivia verteu água quente nas xícaras e sacudiu os saquinhos de chá. — Até quando permitirá que suas restrições ao amor sejam sua única companhia?

— Está tudo bem comigo.

— Que bom! — Olivia tornou a apanhar a bolsa. — Já que é assim, não haverá problema algum em você ler isto.

Horas depois, Claire permanecia à mesa da cozinha. Não conseguira dormir.

Conrad estava vindo para Paradise Point...

Mike desceu vestindo calção e camiseta, ávido por matar a fome.

— É muito cedo ou tarde da noite? — ele perguntou, tirando a caixa de suco de laranja do refrigerador.

— Estou tão cansada que não sei. Céus, um cigarro iria bem, se eu não tivesse parado de fumar.

— Nem pense nisso. O jornal já chegou? — Mike sentou-se defronte à filha.

— Exausta como estou, não saí para verificar. Espere Billy se levantar e ele irá ver lá fora.

— Bem, é uma ideia. O jogo de pôquer correu bem, não? Ouvi Olivia falando até altas horas.

— Desculpe-me se acordamos você, papai. Imaginei que nosso tom de voz era baixo.

— Ganhou? Sempre achei que você nasceu para quebrar a banca.

— Perdi. Senti-me tão mal que, na comparação, Marjorie é que ficou bem.

— Ninguém fica tão mal a ponto de aceitar uma derrota no pôquer — Mike observou, do alto de sua vivência. Ao descer, rumo à cozinha, vira um imbatível grupo de cartas na mão de Claire.

— Olivia pediu para lhe transmitir lembranças.

— Eu estava acordado. Ela poderia ter me dado um abraço pessoalmente — Mike se lamentou. Era mais um dos fãs de Olivia, por quem era deslumbrado desde

que se conheceram, na Flórida.

— O que ficou fazendo no quarto? Vendo televisão a noite toda?

— Sim, encontrei um filme interessante, com Brad Pitt.

— Pitt — Claire o corrigiu.

— Seja como for, não se compara a um bom faroeste com John Wayne.

— Papai, acho que precisamos de uma generosa dose de cafeína. — Claire foi ligar a cafeteira elétrica, após abastecê-la de pó. Ao virar-se, viu o pai segurando um cartão-postal que ficara na mesa.

— O que é isto? — Mike estranhou a paisagem.

— É de Olivia. Ela o esqueceu aqui. Traz um recado para mim, de Conrad Flynn, o fotógrafo internacional. Eles são muito amigos, de longa data. Conrad acaba de assinar contrato para produzir um livro ilustrado, que vai acompanhar o documentário da televisão.

— Um recado direto do Afeganistão? É incomum ver um cartão-postal de Cabul.

— De qualquer modo, pertence a Olivia. Teremos de devolver.

— Quer saber? Venho esperando há tempos que Conrad procure você. Desde a morte de Billy.

— Então, diga-me como devo me sentir. — Como se Claire não tivesse ouvido sermões do pai durante o interlúdio amoroso com Conrad.

— Já lhe falei que ele não tem nada a lhe oferecer.

— E vice-versa. Sou tão culpada quanto Conrad pelo que houve entre nós.

Talvez mais. Na época, ele era solteiro, e ela, casada. Separada do marido, mas casada. Os dois nunca dormiram juntos, porém apenas a formação católica de Claire os mantivera longe da cama.

— Conrad não serve para você — Mike reforçou suas restrições.

— Pensei que eu já tivesse idade para decidir sozinha quem serve ou não para mim.

— Ele me lembra Billy, que Deus o tenha, no que diz respeito à sucessão de namoradas.

Billy tinha raízes profundas em Paradise Point, além da facilidade com que abria o zíper da calça. Conrad era um homem do mundo, e ficara amargurado demais com a infidelidade da ex-esposa.

— Anote minhas palavras, filha. Não recomece com Conrad. Não quero vê-la ferida.

— Está supondo coisas demais, papai. O fotógrafo ligado à equipe da tevê ficou doente e foi internado, com diagnóstico de câncer. Olivia sugeriu o nome de Conrad, que foi aceito. Ou seja, nada disso tem a ver comigo.

— Não nasci ontem, Claire. — Mike deslizou os dedos pelos cabelos que lhe restavam. — Basta ler esse cartão-postal para concluir que os problemas estão a caminho.

— Imagine se, em vez do cartão, Olivia tivesse esquecido seu diário pessoal.

Você acabaria internado numa clínica de recuperação.

— Tem a língua solta demais, filha.

— É genético.

— Você não precisa de novos problemas.

— Não existem problemas, papai. O que aconteceu comigo e Conrad foi há anos. Acha o quê? Que vamos ficar nos agarrando diante de todos como adolescentes apaixonados?

Ele sorriu.

— Melhor assim.

O primeiro vislumbre do amanhecer manifestou-se na janela.

Talvez eu lamente essa situação durante alguns dias, mas não vou chorar pelo que passou. Algumas boas horas de sono poderão refazer minhas energias. Claire suspirou. Dentro de uns dez anos, meu rosto terá várias rugas, e eu parecerei idosa como minha mãe. Envelhecerei sem um companheiro que possa chamar de meu.

— Soube que David Fenelli a convidou para ir comer uma pizza. — Ficou óbvio que o comentário de Mike continha segundas intenções. Ele aprovava David, com o mesmo empenho que das restrições a Conrad.

— Gostaria muito que você parasse de ouvir conversas dos outros, papai.

O pendor de Mike para a espionagem era maior na adolescência de Claire. Na época, porém, ela contava com quatro irmãs para compartilhar a estreita vigilância paterna.

— Se não quer que ninguém ouça, converse mais baixo ou longe daqui.

— Ora, esta é minha casa! O fato de eu abrigá-lo aqui não o autoriza a me espionar.

— Escuto as coisas por mero acaso — Mike se defendeu.

— Agora entendo por que mamãe quis colocar um sininho em torno de seu pescoço.

— Gosto de Fenelli. O homem sofreu com a fuga daquela mulherzinha dele. Tem uma sensibilidade parecida com a sua. Deveria lhe dar uma chance, filha.

Claire sorriu, sem saber se de tristeza ou de alegria.

— Não é de sua conta, papai, mas eu vi David ontem e pedi que me telefonasse.

— Pois então! Deixe seu filho comigo e vá se divertir. Eu cuido de Billy Júnior.

— Veremos. Quem sabe? Mas não quero que convide amigas como Mary para lhe fazer companhia e ficar mexendo em minhas revistas, enquanto eu estiver fora. — Claire bocejou. — Você deve ter sabido de meu novo emprego também.

— Não. De que se trata? Vai vender cosméticos de porta em porta?

— Errou feio. — Ela ficou deliciada por existir algo a seu respeito que o pai ignorava. — Tome seu café e eu lhe conto durante o desjejum.

— A tevê aberta explora esse pessoal. — Marjorie, junto com Rose, tirava a mesa do café da manhã. — Só pode ser por isso que eles vivem morrendo de fome. Quando falei ao cinegrafista que não tínhamos geléia de morango para servir, ele

começou a chorar. Pode?!

— Essa turma tem muito apetite. — Rose sorriu. — Gosto de ver isso em meus hóspedes.

— E Cristal deve ser magra de ruindade.

Enfim, Marjorie resolvera aceitar o cargo na casa de chá. Por isso, mãe e filha contavam os dias até que Marjorie assumisse seu novo posto, com seu computador e seus livros contábeis. Seria um trabalho seguro, e ela se sentiria melhor.

— Prometi a Olivia que passaria por lá, depois do almoço, para planejarmos a contabilidade. Tudo bem?

— Sim, filha, desde que volte no final da tarde. Lucy virá com algumas amostras de tecido. De qualquer modo, não precisa se apressar. Poderemos deixar para cuidar do vestido de noiva outro dia. Há bastante tempo para isso.

— Não. Depois do encontro com Olivia, apanharei Ana na escolinha e virei para cá. Estou ansiosa para ver o que tia Lucy tem em mente.

As duas caíram na gargalhada, imaginando o que a tia modista de Marjorie teria concebido de extravagante.

— Ela troca a parte de cima pela de baixo, o preto pelo branco...

— E ainda quer que eu tenha o casamento do ano! Mundo bizarro!

— Filha, você estava me dizendo que Kelly veio aqui, ontem à noite. — Rose esvaziou a máquina lava-louça. — Ela revelou mais alguma coisa sobre o incidente que Ana mencionou?

—. Apenas rodeamos o assunto, sem chegar a lugar algum. Lembro-me de que, às vésperas da formatura no colégio, eu mesma senti tonturas e enjoos, por excesso de estudo. Mal tinha tempo para respirar e comer. E Kelly é uma estudante bem mais aplicada do que eu fui. É possível que esteja com problemas estomacais.

Na opinião de Rose, a filha não escolhera uma carreira das mais femininas, como a de psicóloga, preferindo ciências contábeis. Para seu alívio, Marjorie se deu bem na profissão.

— Claro que você contou isso a Adam — disse Rose.

As iniciativas da mãe sempre pareceram inadequadas para Marjorie. Por anos, ela censurara Rose por usar os termos errados, no momento errado e em tom desagradável. Ultimamente, menos crítica, Marjorie compreendia que o comportamento dela começava e terminava em seu próprio perfil psicológico.

Mulheres empreendedoras, de personalidade forte, em geral criavam filhos frouxos. Marjorie não se considerava assim, mas também não queria apenas enriquecer ou conquistar o mundo.

Por vezes, olhava para Ana e ponderava se ela não se tornaria uma capitalista de Wall Street ou uma executiva de sucesso. Talvez viesse a aparecer na capa de uma revista de negócios, na condição de uma das maiores fortunas do planeta. Bobagem, lógico. O mais importante era que Ana fosse feliz.

— Você não pode deixar de informar Adam — Rose insistiu. — Kelly será sua enteada dentro de poucos meses.

— E estará longe daqui, cursando uma faculdade. Além do mais, irá se casar com Seth, que virá a ser o novo senador da República por Nova Jersey. Portanto, Kelly não necessitará de mim.

— Suas expectativas são ótimas, Marjorie, mas a realidade é diferente. Você mesma ainda me solicita, mas gosto de ser exigida quando se trata de decidir sobre uma cerimônia e uma festa de casamento.

— Sem falar da vestimenta da noiva, dos sapatos ao buque.

— O que desejo dizer é que a filha pródiga sempre volta ao lar, cedo ou tarde.

— Isso é diferente — Marjorie mantinha seu ponto de vista. — Kelly e eu somos amigas, não temos nem teremos uma relação de mãe e filha. Se ela considera alguém como mãe é Claire.

— Acho que você está errada.

— Sei que estou certa, mamãe.

— Kelly mudou nos últimos anos. Percebo como olha para você. Parece tê-la em alta estima.

— Tomara que seja verdade.

Havia um incômodo obstáculo, porém. Como Kelly poderia ver Marjorie como um exemplo positivo para tudo, depois de ela ter desperdiçado boa parte da vida em ilusões e deslumbramentos?

— Kelly é que tende a se tornar meu modelo de mulher.

— Se não fazê-la abrir-se com você, ao menos informe Adam, Marjorie. Ele é quem vai construir uma nova vida, na qual Kelly estará presente como única filha. Para sua própria paz e segurança, não guarde segredos dele.

— Falando nisso, Kelly quase desmaiou, quando me ajudava a preparar um lanche para a equipe de Lassiter.

— Machucou-se? — Rose a encarou.

— Não. Fui rápida e consegui ampará-la antes que dobrasse os joelhos. Nossa, nunca vi ninguém tão pálida!

— Avisou Adam, não é?

Marjorie negou com um gesto de cabeça.

— Incrível! Como se sentiria se Ana passasse mal e não a alertassem, Marjorie? Fatos importantes sobre saúde e bem-estar devem ser divulgados aos familiares!

Marjorie guardou os talheres na gaveta e a fechou com desnecessária força. Apanhou a vassoura e varreu o piso, procurando aliviar um pouco a tensão.

— Obrigada pelo conselho, mamãe, mas eu já disse tudo o que tinha a dizer. Adam conhece Kelly melhor do que qualquer pessoa. Eles vivem na mesma casa. Se alguma coisa estiver errada com a filha, ele será o primeiro a notar.

Adam ergueu o olhar da vasilha em que gostava de misturar os temperos para as carnes, em tempo de ver Claire postada à entrada.

— Você está com olheiras — ele comentou, quando a cunhada se aproximou para pendurar a bolsa no cabideiro ao lado da despensa. — Noite ruim?

— Obrigada pela recepção. A insônia me atacou. Mas você não me parece melhor do que eu, fique sabendo.

— Também não dormi. — Ele adicionou queijo cremoso à vasilha. — Qual a sua desculpa?

— Não economize no queijo. Do contrário, podemos perder clientes.

— Temos um almoço comemorativo, às onze e meia. — Adam reforçou a porção de queijo no molho. — Gente do banco, umas doze pessoas.

— Hoje? — Claire se espantou. — Pensei que estava marcado para a semana que vem.

— Você anda embaralhando tudo. Será por causa da idade? — Adam debochou.

— Minha idade me permite fazer tudo com mais perfeição, mais sabedoria.

— Concorde em ajudar Jack a arrumar as mesas?

— Faço as mesas de olhos fechados, em meus sonhos — Claire gabou-se.

Em breve, Claire iria parar de vez com o trabalho na churrascaria. Adam pressentia isso no olhar, na respiração dela.

Teria de escolher uma substituta à altura, o que não seria nada fácil. Por muito tempo, a postura de Claire indicava que ela não apreciava o que fazia ali, mas nunca deixara a frustração transparecer.

Certo ressentimento invadiu o íntimo de Adam. Claire era a viúva de Billy, e ninguém deveria afastar-se da família, se não houvesse necessidade.

— Pegue para mim um frasco de molho de pimenta — Adam pediu, embora estivesse mais próximo da despensa.

— Você faz o melhor tempero da região, sem dúvida, mas não exagere. — Ela se sentou junto à bancada, observando-o, e cruzou os braços. — Já sabe de tudo, não?

— Agora, sim. — Adam reservou a vasilha pronta e começou a preparar outra.

Claire, nervosa, passou a desfiar fatos e números a respeito da casa de chá. Falou das responsabilidades que Olivia e Rose iriam lhe atribuir. Parecia depender emocionalmente da aprovação do cunhado.

— Recepcionista e confeitadeira? — Adam a encarou, cético. — Elas fizeram um bom negócio ao contratá-la. Usaram bem aquela proverbial lábia.

— O que quer dizer?

— Você trabalhará o dobro lá do que trabalha aqui. A troco de quê? De um contracheque um pouco mais polpudo?

— Decidi por mim, Adam, não porque... — Um rubor imprevisto coloriu as faces de Claire. — Perdão. Você merece um argumento melhor do que esse.

— Não pretendo tentar impedi-la de sair, Claire.

— Não vou deixá-lo na mão, de uma hora para outra. Sondei Peggy Randall, que você conhece, para me substituir toda vez que precisar.

— Também vai vender a Peggy metade do capital da churrascaria?

— Gostaria que eu fizesse isso?

— Não, de modo algum. No entanto, ignoro se minha opinião ainda conta para as mulheres empreendedoras de Paradise Point.

— Olhe, continuarei sendo sua sócia e não vou deixar a família. Apenas quero tentar algo novo.

— Novo? Não vejo diferença entre tirar chope e servir chá.

— Mas eu, sim. Para começar, não terei mais a impressão de ver Billy toda vez que piso aqui.

— Continuará vendo seu ex-marido quando entrar em sua casa.

O sorriso tímido de Claire se apagou.

— Por favor, Adam. Facilite para mim, sim?

— Certo. Pena que você tenha resolvido sair antes da melhor temporada da Churrascaria O'Malley.

Irritada com o egoísmo dele, ela pôs as mãos na cintura.

— Quer saber? Dane-se sua previsão!

— Isso mesmo! Abuse agora, porque você não poderá utilizar essa linguagem na casa de chá!

— Veremos, quando eu estiver lá. Ele respirou fundo.

— Existe algo que eu possa fazer para você desistir?

— Preciso sair, mudar, fazer algo diferente! Às vezes sinto que estou sufocando aqui dentro. — Claire meneou a cabeça, pesarosa, e conteve as lágrimas. — Talvez apareça no próximo mês, implorando para você me deixar voltar. Porém, tenho de saber que tentei.

— Você jogou sujo — Adam revidou, por pura decepção, ciente de que era mentira.

Claire não jogava sujo. Sempre exibia suas armas, demonstrando a paixão e a impetuosidade que ele admirava mais do que lhe dissera. Naquele momento, porém, essas qualidades de Claire tendiam a afetar e romper a rotina dele.

— Continuaremos sócios — ela repetiu. — Eu o ajudarei sempre que precisar de mim, se possível.

Tomara que não seja necessário... Claire não desejava apenas mudar de atividade. Desejava mudar de vida.

Como sócio, cunhado e cavalheiro, Adam jamais poderia impedi-la. Suas emoções venceram o nível do rancor e se transformaram em simpatia por Claire e seus planos.

Ele conhecia a imensa dor de cruzar as portas do restaurante todos os dias e sentir a presença de Billy ali. Quaisquer que fossem os defeitos do marido, Claire nunca saíra do lado dele, salvo por algumas semanas sozinha em Seattle, ensaiando uma separação libertadora.

Por dezessete anos, ela fora a única pessoa no mundo com a qual Adam pudera contar sem restrições. As crises de tristeza ou de rabugice, os comentários ferinos pouco pesavam nesse contexto. Ela também abrira sua casa e seu coração para Kelly, sem reservas e sem querer nada em troca.

— Dê-me o número de Peggy. Vou telefonar e falar com ela. — Pedido sem graça, mas o melhor que Adam podia fazer naquele instante.

Claire rabiscou um papel, deu a volta na bancada, e o beijou no rosto.

— Obrigada por tudo. Sabe muito bem que, se passar por apuros em uma noite muito movimentada, pode me chamar.

— Ora, Claire... Você tem um novo emprego. Cuide dele, que eu darei um jeito. Sempre fiz o serviço pesado, certo?

— Não me provoque... Fui casada com seu irmão e assimilei o brio dos O'Malley. Entendo que esteja aborrecido com minha saída, mas não critique meu desempenho.

Alertado, Adam se desculpou. Ambos caíram de volta na relação fraterna que mantinham fazia tanto tempo. O fato era que a decisão de Claire modificava tudo na churrascaria. Ela era o elo entre presente e passado, entre o restaurante e os velhos dias, quando Billy estava vivo. Conhecia pelo nome os clientes mais assíduos, visitava-os no hospital se estivessem doentes, sabia de antemão quem gostava da carne malpassada ou no ponto.

Adam teria de se conformar. Poderia reformar o bar, o balcão, o estabelecimento inteiro. Mas o lugar estaria perdendo sua alma.

Capítulo VIII

Naquela mesma manhã, Kelly entrou na sala de informática da biblioteca municipal, à procura de Seth. Ambos haviam ganhado uma folga no colégio, para poderem trabalhar nos projetos que valiam pontos para uma bolsa de estudos. Um tanto temeroso, Seth desviou os olhos do monitor.

— Alguma novidade?

— Nada.

— E como se sente.

— Bem. — Kelly puxou para si a cadeira vizinha à do namorado.

— Bem mesmo?

— Sim, pelo menos melhor do que nos últimos dias.

— Pode ser um bom sinal.

Kelly considerava que não era sinal de nada, mas não custava pensar positivo. Um dos dois tinha de manter a esperança.

— Pensei em comprar um daqueles testes de gravidez, numa farmácia onde ninguém me conheça. Papai e Marjorie vão até o Balneário Spring, no fim de semana. Então poderei adquirir um kit, na sexta-feira, depois das aulas.

— Direi que estou com febre e irei com você. — Seth estreitou com força a mão de Kelly, como que a lhe infundir coragem.

— Você prometeu a Rose DiFalco terminar o projeto do estacionamento da casa de chá.

— Entregarei na segunda-feira.

— Não faça isso, querido, não há necessidade. Posso fazer essa compra sozinha. Vou trabalhar na pousada, na sexta. Poderemos nos encontrar lá. — Ela entrelaçou os dedos nos de Seth, deixando o calor fluir através de seu corpo.

Calma e tranquilidade vinham fácil para o casal, que passava da conversação para o silêncio, da tensão sexual para uma respiração menos ofegante.

Kelly imaginou como seriam as coisas se o namorado não se importasse com ela. Mas Seth a amava, e saber disso, naquele momento, a enchia de tristeza. De algum modo, e sem querer, podia interferir no futuro dele, caso a gravidez se confirmasse.

— Sabia que com Marjorie aconteceu a mesma coisa?

— Achei que ela havia se casado com o pai de Ana e depois se separado.

— Eles nunca se casaram, Seth. Marjorie engravidou, e Tom Lawler, alegando ter bem mais idade, não quis assumir a união legal, nem a paternidade.

— Que canalha!

Não era tão simples assim. Marjorie ainda se referia a Tom com amizade e afeto.

— Lembra-se de quando Tom apareceu no hospital para ver Ana? Talvez não desejasse criá-la, mas ele a ama.

— Se assim fosse, Tom e Marjorie estariam juntos até hoje. Ninguém abandona a mulher e a filha que ama só por ter cabelos grisalhos.

— Quem pode julgar? — Kelly contrapôs, com maturidade. — As pessoas almejam diferentes coisas na vida, em diferentes momentos. É possível amar alguém, de corpo e alma, e ainda assim não conseguir permanecer próximo.

— Seu pai não a abandonou, Kelly.

— A situação era outra. Papai perdeu mamãe num terrível desastre de carro.

— Alguns homens são capazes de desprezar uma criança, do mesmo jeito.

Um arrepio subiu pela espinha de Kelly.

— Você é parte desse grupo?

— Não! — Seth exclamou. — E você também não descartaria um filho.

Ela concordou, meneando a cabeça. Existia um consenso entre os dois, embora tácito, de que um aborto estava fora de cogitação.

Em contrapartida, era Kelly quem preferia desaparecer. Tomaria o volante de seu carro e dirigiria até ficar sem combustível e sem dinheiro. Chegaria a algum lugar onde ninguém a conhecesse como a boa menina que não cometia erros, nem falava asneiras, nem decepcionava quem quer que fosse.

Tudo acontecera rápido demais com ela, a ponto de se tornar difícil coordenar as ideias. Seus objetivos de vida estavam traçados. Nascera com um cérebro programado para mantê-la no rumo certo.

Dentro de poucos meses, Kelly e Seth estariam em Nova York, matriculados na Universidade Colúmbia, descortinando um mundo de experiências novas, que nunca poderiam vivenciar em Paradise Point. Kelly sentia saudade antecipada de alguns moradores de lá: amigos, o pai, tia Claire, Marjorie...

Todos eram felizes na cidade natal. Trabalhavam nas poucas opções que

encontravam, mas ali criavam suas famílias, suas raízes. Apenas Marjorie quebrara a regra e partira para Seattle quando tinha a idade de Kelly. Construíra algo para si. E poderia ainda estar desfrutando daquele caminho caso não tivesse surgido Ana.

Esse pensamento lhe causou desconforto. Ana era uma menininha encantadora, engraçada, brilhante, perigosamente perspicaz. Após o casamento de Marjorie com Adam, ela se tornaria sua irmãzinha, alguém que procuraria seus conselhos e sua amizade. Era estranho concluir que Ana fora o elemento catalisador de grandes mudanças na existência de Marjorie, e por tabela, na de Adam e na dela própria.

No entanto, era assim que as coisas aconteciam, que a humanidade caminhava. Filhos transformam tudo. Introduzir um bebê no núcleo familiar significa que nada seria como antes.

Em comparação à época do acidente no depósito em chamas, que levara Billy embora, existia muito mais felicidade. O pai se mostrava muito feliz, pela primeira vez desde que Kelly tomara consciência do mundo. Sobrava uma vantagem para ela: poderia mudar-se para Nova York sem sentir-se culpada, nem se preocupar em demasia com o bem-estar de Adam.

Parecia que todas as estrelas do firmamento haviam se alinhado para o deleite de Kelly, apontando a trilha que ela perseguiria por muitos anos. Via-se tão perto delas que bastaria estender o braço para ter suas guias luminosas e cintilantes na palma da mão.

Desde que não estivesse grávida.

O cartão-postal não especificara dia e horário, e por isso Claire gastou o resto da manhã imaginando o momento em que iria deparar com Conrad Flynn. Ele apenas dissera que estava a caminho, mas tivera a gentileza de informá-la por intermédio de Olivia. Notícia casual? Nunca houvera nada de casual entre eles. Desde o início, Claire e Conrad reconheceram a importância do que ocorria entre eles e aonde isso poderia levar.

Tentou não pensar nele. Condiçãoara-se a remeter o nascente romance às sombras da memória, ao lugar no qual os sonhos de amor são sepultados.

Forçada a escolher, Claire optara pelo marido infiel, Billy. Daria continuidade a um casamento imperfeito pelo bem dos filhos. Não tinha arrependimentos, pois a decisão se revelara sábia depois da morte de Billy, quando coube a ela sustentar e unir a família.

Decidiu retornar à churrascaria e oferecer auxílio a Adam para efetuar a ronda das agências bancárias, visando ao pagamento de contas, depósitos em cheques e outras operações. Encontrou-o diante da caixa registradora.

Adam gostou da ideia dela, levando em conta sua dificuldade de locomoção, e passou a Claire uma pasta repleta de faturas e cheques. Sem explicações, porque a cunhada sabia muito bem o que fazer.

Naquele instante, Pete Lassiter entrou, com seu grupo de colaboradores, e cumprimentou Claire com suspeita desconfiança. Um minuto depois, surgiu Gina

Barone, toda sorrisos, e juntou-se ao grupo. O que estava ocorrendo?

Nervosa, Claire deixou cair a pasta, e os papéis se misturaram, para irritação de Adam.

— Deixe que eu arrumo. Preciso sair daqui — ela falou.

— Então vá. Ninguém a está segurando.

— Voltarei depois de apanhar Billy Júnior na escola.

— Quando quiser. — Adam organizava as comandas trazidas pelos garçons.

Claire escapou rápido pelos fundos, e assim passou pela cozinha e pela grande churrasqueira do lado externo do estabelecimento. Quase derrubou Jack do banquinho em que descansava.

— Ei, olhe por onde anda! Por que tanta pressa?

— Desculpe-me, Jack.

— Você é mesmo perigosa — ele emendou, entre sério e zombeteiro.

Em outra situação, Claire responderia à altura, mas preferiu alcançar logo seu carro e assumir o volante. Fora traída por seu lado prestativo, porém desejava impor a si mesma a maior distância possível da Churrascaria O'Malley. Seus nervos vibravam com a perspectiva de mudança de vida, de novos desafios, evitando olhar o passado que Lassiter e sua equipe promoviam.

E o que Gina fazia lá? Parecia à vontade com Lassiter, que não era seu tipo de homem. Em geral, Gina flertava com indivíduos mais vistosos, cheios de músculos.

Bem, não queria nem precisava pensar nisso. Tinha mais o que fazer, e toda uma nova etapa da existência a concretizar.

Gina e suas preferências se resumiam a um só nome: Billy O' Malley.

Dirigiu até o lago, estacionando perto do coreto. Ali se realizava um encontro de aficionados por barcos em miniatura, a motor, que entre aplausos e risadas exibiam seus modelos nas águas paradas.

Mike estava presente, acompanhando as manobras via con-trole remoto, e Claire avaliou se, na velhice, seu pai poderia ter melhor passatempo. Na verdade, a família a mobilizara durante todos aqueles anos, e o trabalho no restaurante se tornara sua única atividade social. Por escolha e por necessidade, deixara seu mundo encolher.

Por isso, aceitar o emprego com Olivia fora, sem dúvida, a solução correta. E ainda existia um convite ao amor na maturidade, que atendia pelo nome de David Fenelli.

A despeito da má sorte nos relacionamentos afetivos, as mulheres do clã DiFalco eram conhecidas por sua energia vital, que, em muitos casos, derivava para a tagarelice. Gina constituía um bom exemplo. Ela e Marjorie se antecipavam à chegada do ônibus escolar, para poder bater papo, no ponto. Por isso, não era estranho que a prima tivesse anunciado, naquela manhã, que se encontrara na véspera com o pessoal da tevê aberta, para almoçarem juntos.

— Pete Lassiter é um sujeito encantador — Gina se justificara. — E Cristal, então, um doce! Combinamos sair neste sábado, para apreciar os pontos mais

sugestivos da praia.

— Você e Cristal?

— Sim, por que não? — Gina deu de ombros. — Ela é jovem, mas nós nos damos bem.

— Espere até Cristal saber quais cantores e bandas você aprecia.

— Vou levá-la ao salão de karaokê perto do bosque. Tatuagens e piercings casam bem com o ambiente. Comigo não há problema. Fico à vontade em qualquer lugar.

Gina falava, Marjorie se aborrecia. Por que continuava ouvindo a prima? Apenas por hábito, na certa. Anos atrás tinham estabelecido aquele acordo de se encontrar no ponto do ônibus escolar, onde as crianças embarcavam e um grupo de mães permanecia, conversando.

— Veja quem está ali! — Gina girou a cabeça e indicou a calçada oposta, onde existia uma agência dos Correios.

David Fenelli, parecendo muito satisfeito, esperava Claire parar de rir.

— Não acredito! Desde quando os dois vêm se encontrando?

— Nunca escutei Claire gargalhar assim. E você, Gina?

— Há muito tempo que não.

— David não é o dentista que foi abandonado pela mulher?

— Ele mesmo. A esposa levou as três crianças.

— Talvez David e Claire estejam namorando.

— Você quase já pertence à família. Não pode sondar Claire e nos repassar a novidade?

— Sou a última pessoa a quem Claire faria uma confidência desse nível.

Ambas tentaram disfarçar os olhares que dirigiam ao casal, mas sem desviar a vista por completo. Marjorie marcara encontro com Claire com o intuito de visitarem o salão de chá, mas hesitou em interromper a dupla, depois que o ônibus passou.

Meses antes, recordou, ela e Adam é que estavam naquela esquina, rindo alto e se abraçando, chamando a atenção dos outros. Nenhuma das demais mães, juntas na parada do ônibus, conseguiu explicar o que acontecia.

— Creio que Claire vinha escondendo de todos seu flerte com David, e agora resolveu assumir — foi o palpite de uma delas.

— Pensei que Fenelli ainda era apaixonado pela esposa — disse outra.

— Outros tempos, outros costumes. No mês passado, ele convidou minha amiga Débora para jantar.

Gina mostrou-se admirada.

— David está saindo com Débora Bartok? — inquiriu, com a voz alterada.

— Não mais — Janet Smith esclareceu. — Ela alegou que tinha assuntos pessoais a resolver e propôs que se tornassem apenas amigos.

— Assuntos pessoais... — Gina meneou a cabeça, pasma. Claire disse algo a David, que fez que sim, e os dois retomaram o passo, vindo na direção do grupo no ponto.

— Quanta alegria! — foi o cumprimento de Janet.

— Estávamos relembrando um seriado cômico, Os Três Patetas — afirmou David sem pestanejar.

As cinco ali presentes ficaram perplexas com o que tomaram por ofensa. Marjorie pensou em amenizar a situação embaraçando David: — O que o trouxe a esta esquina, hoje?

— Bem... — David continuava agressivo. — Esquinas são importantes para a vida social de Paradise Point, não é? Eu estava a caminho da praia, quando vi Claire e parei para conversar. Perdi a noção do tempo, mas agora tenho de ir para o consultório.

E se afastou, sem a menor cerimônia, e as mulheres passaram a bombardear Claire com questões que fariam as pedras enrubescer.

— Vocês precisam se tratar com um psiquiatra, meninas. — Claire as fitava, desolada. — Falamos sobre velhas comédias e futebol, só isso!

— David não faz o gênero... — observou uma das mães.

— Só porque usa óculos e parece um intelectual? — Claire contestou.

— As mãos dele são grandes. O que pode ser sinal de...

— ...um homem feroso — Janet concluiu, maliciosa. Marjorie sentiu alívio ao ver o ônibus escolar passar, vazio, no sentido contrário, isso significava que era hora de o grupo se dispersar, indo cada uma cuidar de seus afazeres.

Assim, ficou sozinha com Claire por mais alguns minutos. Ao focalizá-la, deparou com uma expressão indecifrável, o que não era raro. Impossível que Claire soubesse do caso entre Gina e Billy e ainda assim trocasse conversa com a rival. Era impossível, do mesmo modo, que não tivesse nenhuma suspeita sobre quem era o pai de Joey. Esposa alguma pode ter tanta capacidade de perdoar.

Talvez Claire não soubesse o quanto fora sério o romance entre Billy e Gina. Na concepção dela, não teria passado de mais uma conquista na coleção do falecido marido, tendo significado tanto quanto a líder de torcida ou a balconista do supermercado. O casamento dos dois balançara sempre entre o amor e a resignação, mas ninguém na cidade conseguia definir o ponto de equilíbrio.

Antes de Gina ter lhe confirmado o caso de infidelidade, Marjorie adorava o passatempo — sem dúvida maldoso — na parada do ônibus escolar. A partir daí, entretanto, passou a sentir-se constrangida na presença de Gina e Claire, lado a lado. A primeira fazia questão de inteirar-se dos boatos locais, mas a situação deixara de ser divertida. Claire tinha seus problemas e merecia mais do que podia obter naquelas conversas levianas. Era a viúva de Billy. Gina, não. Isso contava bastante e, quanto antes sua prima se desse conta dessa realidade, melhor seria para todos.

Por outro lado, Ana desenvolvera um enorme fascínio por Billy Júnior. A menina corria atrás dele, imitando-lhe os gestos e repetindo histórias criadas por sua imaginação, como a do monstro que habitava a casa do avô, no Oregon.

— Billy Júnior tem paciência de santo com Ana — Marjorie comentou, assim que a recordação lhe ocorreu.

— Mas Ana também é exceção à regra das meninas maçantes de cinco anos.

— Eu havia me esquecido da idade dela.

— Esses são os anos mais fáceis, Marjorie. Espere até Ana crescer e começar a considerá-la idiota demais para dar-lhe um simples conselho.

— E você já passou por isso quatro vezes! Com uma quinta vez no horizonte! — Marjorie admirou a coragem de Claire ao referir-se aos filhos.

Claire podia ser irritante, às vezes, mas ninguém duvidava de que arriscaria a própria vida em troca do bem-estar de seus rebentos.

— Já é tão difícil cuidar de um só... — Marjorie completou.

— Todas as mães pensam assim. Depois do segundo e do terceiro, torna-se uma rotina, e tanto faz você criar um ou dez.

Não foi a primeira vez que Marjorie ouviu de Claire essa defesa da maternidade contínua. Desde que ficara noiva de Adam, a amiga tentava doutriná-la para dar a Ana uma penca de irmãos.

— Então, vamos à casa de chá?

— Sim, mas tenho pouco tempo. Adam precisa de ajuda no restaurante, porque Jack está de folga.

Saíram caminhando e conversando. Nada de importante ou memorável, mas ao menos dialogavam, e Claire mostrou-se mais despreocupada do que em todos os dias antecedentes.

— Pelo visto, Olivia mobilizou todos os operários de que pôde lançar mão — Claire comentou diante do grande movimento de trabalhadores da construção civil, dentro e fora do chalé onde seria instalado o salão de chá.

— Daqui e de longe. — Marjorie apontou dois caminhões de material que ostentavam o emblema de empreiteiras de Cape May.

— Deve ser muito bom poder realizar uma reforma desse porte sem pensar em economia.

— Lembre-se disso na hora de discutirmos salário e benefícios.

— Ainda não falou sobre dinheiro? — Claire espantou-se.

— Eis a questão. — Marjorie riu. — Fiquei tão empolgada com o emprego que nem sequer cogitei da parte prática.

— Eu também. Não é de admirar que Olivia e Rose tenham optado por nós. Somos os talentos mais baratos de Paradise Point.

Marjorie disse a si mesma que uma empresária apta a contratar os pintores e decoradores mais caros da região poderia muito bem oferecer bons salários para ela e Claire, que seriam as responsáveis pelo bom atendimento aos clientes.

Por sorte, sua lucidez voltou antes que abrisse a boca para manifestar-se. Claire era amiga íntima de Olivia. Ela, a filha de Rose. Qualquer comentário chegaria aos ouvidos de Olivia por meio de Claire. Por sua vez, Olivia o transmitiria a Rose com a velocidade da luz, e Marjorie seria tachada de desonesta por especular sobre a competência das futuras patroas.

A mão de uma criança tocou a de Marjorie na frente da casa em obras. Ana fora

trazida ali, junto com Billy Júnior, por Rose DiFalco, que permanecia no interior do chalé.

— Não gosto daqui, mamãe — disse a menina. — Quero ir para casa.

— Só mais um instante e iremos, Ana. Claire e eu vamos trabalhar neste lugar, a partir do verão. Temos de conhecê-lo.

— Não gosto daqui — Ana repetiu.

— Veja o chalé como a casa de chocolate de Joãozinho e Maria — sugeriu Claire, abrindo os braços para acolher Billy Júnior depois de sua corrida pelo terreno.

— Não se parece com uma casa de conto de fadas — Ana rebateu, esperta.

— Ana é uma menina boba — Billy a provocou.

— Não sou!

— É, sim. Uma menina boba e gorda!

— Peça desculpas! — A própria Ana defendeu-se, batendo a mochila nas costas de Billy.

Marjorie teve de segurá-la.

— Peça desculpas, filho, e acabe com isso — ordenou Claire, ruborizada e surpresa com o comportamento do garoto.

Billy Júnior baixou a cabeça, enquanto Ana se refugiava nas pernas da mãe.

— Ana, diga a Billy que você lamenta por ter batido nele — Marjorie instruiu.

A menina e o rapazinho não eram dados a pedidos desculpas. Olhavam para as respectivas mães como se elas fossem dois ídolos caídos.

De repente, um grupo de operários passou perto deles, transportando cabos de fiação elétrica.

— Cuidado! — um deles alertou.

— É melhor sairmos daqui, antes de sofrermos um acidente — propôs Marjorie.

— Podemos retornar amanhã cedo, logo depois de o ônibus passar. Com a vantagem de que estaremos sozinhas.

— Boa ideia! Avisarei Rose, pelo celular, que vamos levar Billy e Ana embora.

— Olhe, perdoe Ana por ter agredido Billy.

— Mas ele a ofendeu. Tudo bem, Marjorie. Melhor esquecermos. Os dois estão alterados pela loucura de Rose ao trazê-los aqui.

Quando procurou o filho, Claire viu-o tentando subir na cabine de um caminhão, balançando-se perigosamente entre o degrau de ferro e a roda imensa.

— William O'Malley! Se não estiver no chão em trinta segundos, ficará de castigo, apesar desse tamanho todo!

Ana, que fingia chorar, estampou um sorriso vingativo na face.

Pouco depois, no carro, a paz se estabeleceu em definitivo.

— Só para constar — disse Claire a Marjorie, que dirigia —, não existe nada entre mim e David Fenelli.

— Fique tranquila. Eu jamais lhe perguntaria. Mas tive tanta vontade...

— Nós dois vamos levar as crianças para comer uma pizza, em comemoração ao fim do ano letivo. Nada mais que isso.

— Certo, Claire.

Incrível como se podem descobrir coisas sem perguntar...

— Bem, agora você já sabe.

Sim, mas quem se atreveria a garantir que não havia um romance em andamento entre Claire e David?

— Desculpem-me se me atrasei. — Marjorie irrompeu na sala com os cabelos desalinhados, faces coradas, radiante de saúde e felicidade.

Quantas vezes, durante os longos anos de distanciamento, Rose sonhara em ver a filha tão bem-humorada, esbanjando alegria!

— Vocês não vão acreditar no que está acontecendo com Claire O'Malley, e... — Marjorie se calou e arregalou os olhos diante do corte de fino tecido brilhante sobre a mesa. — É à prova d'água? — perguntou, para disfarçar a emoção.

— Não se preocupe. A diferença entre lágrimas e os cristais bordados só nós conhecemos. — Lucy piscou-lhe um olho.

Do mesmo modo comovida, Rose não teve mais dúvida de que sua filha iria chorar bastante no caminho até o altar.

— Lucy trouxe mais uma vez os croquis, para você ver e confirmar sua escolha.

Havia muitas coisas que Rose gostaria de dizer a Marjorie, muitos sonhos e esperanças a partilhar com ela. Diversos erros também, e sobretudo o tempo perdido.

Por um segundo, sem entender o motivo, Marjorie teve uma visão de Ana, que seria a daminha de honra, como uma adolescente cheia de energia, curvas sensuais e projetos para um futuro que excluía Paradise Point e a presença da mãe. Era triste, mas inevitável. Acontecera com a própria Marjorie.

Ana chegou à sala correndo, seguida da cachorrinha Priscila. Lucy interveio, conseguindo evitar que as mãos meladas de sorvete e as patas sujas de areia maculassem o cetim branco e cintilante.

A menina soltou uma exclamação ao notá-lo.

— Mamãe vai usar um vestido da boneca Barbie!

— Grande ideia! — Lucy vibrou. — Farei um assim para Marjorie e outro para você. Que tal?

— Com sapatos brancos também? — Ana parecia encantada.

— E uma DiFalco, sem dúvida alguma. — Rose arqueou uma sobrancelha. — Sapatos são o primeiro sinal de elegância.

Ana se inclinou e moveu os braços, numa mesura ao estilo dos nobres e artistas de palco. As três adultas riram. Logo em seguida, porém, Marjorie ponderou consigo própria que não seria fácil — nem barato — encontrar uma escola de tradição aristocrática a contento da filha.

— Então, qual modelo? — Lucy incentivou Marjorie a decidir. — Com sua altura e seus ombros adoráveis, eu usaria uma peça aberta em cima.

Tudo o que Rose tinha sonhado, ao orquestrar a desastrosa visita à Saks, estava se materializando ali mesmo, em sua casa.

Lucy abriu o tecido diante da sobrinha, e Rose quase desmaiou. Graças a sua irmã modista, Marjorie se transformara em uma princesa.

Um único detalhe errado: Pete Lassiter e sua assistente tatuada surgiram à porta da sala, que Ana esquecera aberta. E os dois testemunharam a cena.

— Precisa de alguma coisa? — Rose questionou, com um traço de hostilidade. — Esta é uma casa particular. A pousada fica ali na frente.

Cristal entrou sem pedir licença, hipnotizada pelo cetim brilhante, do qual se aproximou.

— Isto lembra uma roupa de fada... Marjorie foi a única a sorrir.

— Se gostou, precisa ver a renda que Lucy trouxe para completar o traje.

De repente, Cristal pareceu tão inocente quanto Ana. Sua expressão fascinada destoou de seu tipo físico, que tendia para o rebelde ou radical. Pete sentiu-se autorizado a se acercar também, e esqueceu a postura profissional, contando uma história interessante sobre seu próprio casamento.

As mulheres suspiraram. Foram surpreendidas, em seguida, pelo cinegrafista, que seguira Lassiter e capturava aquele momento íntimo e familiar em vídeo e áudio.

Rose não sabia como agir. Ao mesmo tempo que fervia de raiva, aceitava a inevitável notoriedade. E assim, fez poses para a câmera.

— O que isso a faz lembrar, Rose? — Lucy apanhou alfinetes destinados às primeiras marcações no tecido.

— Você sabe. Na tarde de meu matrimônio, perdemos os botões de pérola do vestido, e você teve de cobrir outros, arrancados de três pijamas.

— Você cobriu botões?! — Cristal se admirou.

— Vinte, em meia hora. — Lucy empunhou a fita métrica paia tirar as medidas de Marjorie. — Tânia ajudou, mas...

— Acho incrível! — Cristal não parava de tomar notas em seu caderno. — Revestir botões de pijama, em meia hora, para fechar as costas de um vestido de noiva! A senhora é um gênio!

— Terminei! — Lucy recolheu a fita métrica. — Só falta você subir no banquinho e...

— Adam! — Marjorie, assim que o viu, dobrou o vestido de noiva, que segurava diante do corpo.

Lucy o tomou dela, escondendo-o.

— Há quanto tempo está aí?

— Bastante — ele admitiu. — Fiquei desfrutando das risadas.

— Por que não falou nada?

— Preferi apenas admirar a cena.

Marjorie ficou embaraçada. Perdida em sua excitação, esquecera-se de que estava seminua, como um manequim de costureira, à disposição dos olhares de todo o pessoal da tevê aberta, e agora de Adam.

— Não traz má sorte? — questionou Cristal. — Quer dizer... o noivo ver a roupa da noiva antes do dia do casamento?

— Esse não é meu vestido. — Marjorie colocou o robe que Lucy lhe passou.

— Mas vai ser.

— Não acreditamos em superstições. — Marjorie encarou Adam, que a apoiou.

— Em todo caso...

Gesticulou para que o noivo desaparecesse dali. Apreciou ver que Adam já andava com alguma firmeza, embora ainda recorresse à bengala. A dedicação à fisioterapia vinha dando bons resultados.

— Cristal e Lucy, não sejam ridículas! — Rose as censurou. — Todas as mulheres da família respeitaram a superstição, e veja o que aconteceu. Estamos num mundo novo. Precisamos criar novas tradições.

— Ei! Que profundo! — Cristal anotou a frase e fechou o caderno.

Marjorie foi se vestir em seu quarto. Em seguida, procurou Adam na varanda. Abraçou e beijou o noivo, que recendia à pomada para a lesão no tornozelo. Retornou com ele para a sala.

— O que o trouxe aqui, no meio da manhã?

— Queria lhe mostrar este folheto. — Tirou do bolso da jaqueta um impresso de promoção de viagens. Uma das fotos estava circulada em vermelho. — É nossa suíte no Balneário Spring, para o fim de semana. Nós merecemos um descanso.

— Suíte? Não é caro demais?

— Terceiro andar, lareira e sacada. Sem vizinhos.

— O balneário é um de meus lugares favoritos — Lucy se intrometeu.

— Ideal para uma escapada romântica. — Cristal suspirou. — E Adam cuidou de tudo sozinho.

Marjorie ficou pasma. Não existia mais privacidade, nos dias atuais?

— Vocês são mesmo de assustar. — Adam focalizou Cristal com um olhar apreensivo. — Como soube do que combinei para o fim de semana?

— Nós, jornalistas, sabemos de tudo. — Cristal arqueou uma sobrancelha, orgulhosa. — É nosso trabalho.

— E o nosso é tirar vocês do caminho — finalizou Marjorie, piscando para Adam.

Claire, Marjorie e Olivia se comunicavam por correio eletrônico:

Para: Marjorie

De: Claire

Prezada Marjorie,

Falei com Olivia. Os operários só iniciarão o trabalho, amanhã, ao meio-dia. Teremos de pegar a chave. Olivia vai deixá-la atrás da folha direita da janela da Le Papier. Quem chegar primeiro à parada do ônibus fica incumbida da tarefa, visto que a papelaria é quase em frente.

Abraços, Claire

Para: Olivia

De: Marjorie

Olivia, você poderia marcar nossa reunião às oito da manhã, na Churrascaria O'Malley? Tenho ideias para a publicidade da casa de chá, começando por uma entrevista na rádio, e prometo não demorar mais do que uma hora.

Se concordar, levarei rosquinhas sabor laranja, feitas por Claire, e tomaremos aquele bom café expresso do restaurante.

Obrigada, Marjorie

Para: Claire

De: Olivia

Menina, você não larga o telefone?! Estou tentando ligar há séculos! Veja a mensagem anexa, de Marjorie, e me diga se está bem para você. Acho ótimo que comecemos a pensar na promoção da casa de chá.

Responda-me logo que for possível. Preferia que me ligasse... Detesto digitar no computador.

Olivia

Para: Olivia

De: Claire

Quem Marjorie pensa que é, invadindo a churrascaria logo cedo, como se fosse a dona do lugar?! Ninguém — ninguém mesmo — passa adiante minhas rosquinhas sem autorização. E não largo o telefone porque estou em contato permanente com David Fenelli, que, além de ter oferecido uma pizza à classe de Billy Júnior, quer promover um almoço para o time de futebol da escola, vencedor do campeonato colegial.

Para mim, isso é mais importante do que uma reunião com Marjorie. Dê a ela a entrevista, será excelente começar com a divulgação da casa de chá. Na qualidade de proprietária, Olivia, você deve dar seu depoimento.

Claire

— Essa entrevista já está combinada, tolinha. Porém, quem vai é você, não eu.
— Olivia sorriu.

Para: Marjorie

De: Olivia

Espero que eu não acabe colocando todas as DiFalco contra mim, mas vou pedir a Claire que dê a entrevista para você em meu lugar, na sexta. Prefiro manter a papeleria e o salão de chá bem separados na cabeça dos clientes.

Claire irá regatear, mas o que poderia haver de melhor que o depoimento de nossa recepcionista e confeitadeira?

Olivia

Para: Claire

De: Olivia

Marquei a tal entrevista com Marjorie. Porém, combinamos que você irá em meu lugar. Posso cuidar de Billy Júnior por quatro fins de semana seguidos se você concordar.

Olivia

Para: Olivia

De: Claire

Pena que eu não esteja saindo nos fins de semana. Tente outra.

Claire

Para: Claire

De: Olivia

Deixo você ficar com meu Jaguar por uma semana.

Para: Olivia

De: Claire

Nada feito. Não sei dirigir um carro tão esquisito.

Para: Claire

De: Olivia

Um dia inteiro de tratamento estético num salão de beleza

.

Para: Olivia

De: Claire

Tenho o meu para quando precisar.

Para: Claire

De: Olivia

Seis meses de retiradas grátis na videolocadora.

Para: Olivia

De: Claire

Lamento, Olivia. Você terá de caprichar mais.

— Claire, a que pode ser comprada se o preço for justo.. - Olivia fez um esgar

.

Para: Claire

De: Olivia

Nenhuma pessoa com o cérebro no lugar poderia recusar isto: dois ingressos de primeira fila para o show da Madonna no Caesar's Palace de Atlantic City. É

MADONNA, você leu direito? Última oferta!

Olivia

Para: Olivia

De: Claire

Combinado. Eu dou a entrevista.

Claire

Para: Marjorie ,

De: Olivia

Com cópia para: Claire

Marjorie querida, Claire disse que a reunião está marcada, e ficará encantada em lhe dar um depoimento para a rádio, na sexta de manhã. Pode passar os detalhes mais tarde direto para ela. Será um excelente teste para vocês duas, no que diz respeito à inauguração da casa de chá, em julho.

Sucesso, meninas!

Olivia

Capítulo IX

Julie está falando sozinha — disse Marjorie, ouvindo os resmungos procedentes da cozinha. A cozinheira, Julie, era a única funcionária do O'Malley que já chegara, e começara a trabalhar antes das oito da manhã, servindo café para os madrugadores.

— Não é grave — Claire afirmou. — Eu também fazia isso, antes de meu pai vir morar comigo. Era a única maneira de escutar uma conversa adulta.

— Ainda não cheguei a esse ponto. — Marjorie riu.

— Espere até ficar muito tempo em casa sem ter com quem conversar. Falar consigo própria se torna uma terapia ocupacional.

A mesa estava abarrotada de folhas de papel, agendas telefônicas e uma pasta transparente, cheia de receitas culinárias. Enquanto Claire tomava café, rabiscava listas e anotações em guardanapos.

Tudo considerado, a reunião para combinar a entrevista caminhava melhor do que Marjorie antecipara. Graças ao decorador da casa de chá, a desconfortável discussão sobre o assunto ficou para segundo plano.

Marjorie e Claire estiveram lá, depois do desjejum, e puderam admirar finas peças de mobiliário, mesas antigas, uma lareira que funcionava e um conjunto de lindas luminárias. No geral, o salão se tornava, aos poucos, a réplica de uma casa de campo inglesa.

— Precisaremos de roupas novas para trabalhar lá — Claire gracejou.

— Talvez de uma completa mudança de personalidade — emendou Marjorie,

contente com o fato de, ao contrário da amiga, estar escalada para atuar nos bastidores.

Rose e Olivia não pouparam verbas para montar um ambiente acolhedor, exclusivo, tal como tinham feito na papelaria e na pousada.

Novas ideias pipocaram na conversa entre as duas visitantes, e Marjorie teve de admitir que as melhores nasciam da cabeça de Claire. Nunca a vira como uma pessoa criativa, oculta sob as funções de mãe de Billy Júnior e a faz-tudo da Churrascaria O'Malley. Esse lado aflorava agora, causando-lhe surpresa.

— Então, concordamos em sugerir um cardápio enxuto.

— Sem dúvida. — Claire fez anotações em seu caderno.

— Além de uma coleção de chás ingleses e de seus biscoitos, devemos servir sanduíches e sopas — Marjorie propôs.

— De modo algum. Não seremos uma lanchonete.

— Mas se Rose e Olivia querem abrir a casa na hora do almoço...

— Não. Aquilo será um sofisticado salão de chá, com identidade própria, inclusive na culinária.

Perdão, Claire. Também vejo programas femininos na televisão e conheço vários livros de receitas.

— Não se esqueça de que teremos de prever o fornecimento dos ingredientes. Nem sempre os mais refinados estarão disponíveis.

— Bem, podemos pensar em canapés de salmão, além dos biscoitos amanteigados.

— Se você precisar de ajuda na cozinha, saiba que tenho prática.

— Obrigada. — Claire não quis, mas soou incrédula. — Conte comigo para lidar com os números da contabilidade.

Era um blefe, que irritou Marjorie tanto quanto a intransigência de Claire em estudar o fornecimento de sopas. Nervosa, abriu o papel-alumínio no qual Julie embrulhara alguns dos bolinhos doces, recheados de geléia de morango, que assara para acompanhar o café na O'Malley.

— Concorrência para você — Marjorie não resistiu à provocação, mordendo a deliciosa iguaria.

— Obrigada de novo, pela intenção. — Dessa vez, Claire foi sarcástica.

— Prove mais um e decida se muffins como este podem ser incorporados ao cardápio do salão de chá. Certo?

— Ela só está brincando. — A voz de Kelly se fez ouvir à entrada, e desarmou as competidoras. A jovem carregava nos braços uma pilha de livros.

— Olá, querida. — Claire deu-lhe um beijo no rosto.

O sorriso de Kelly não foi luminoso como de hábito, mas ninguém poderia culpá-la. Por certo, não esperava encontrar ali, juntas, a tia e a futura madrastra. Continuava atraente e encantadora, porém aquela era uma idade bem difícil, na qual uma garota dificilmente reconhece os méritos dos pais e parentes.

A verdade era que Adam havia operado um milagre na educação da filha.

— Não deveria estar na escola? — Marjorie indagou, antecipando-se a Claire.

— Dia de folga — Kelly explicou, olhando vagamente para as duas. Parecia procurar um espírito bondoso. Ou a saída mais próxima.

Também eu, Kelly, também eu. Marjorie consultou seu relógio e afirmou, com certo espalhafato:

— Preciso voltar correndo à pousada. Minha mãe vai arrancar minha pele!

Naquele dia, a equipe de televisão deixaria o estabelecimento, dando espaço a um grupo de turistas idosos de Long Island. Isso significava trabalho em dobro na Candlelight, sobretudo nos banheiros das suítes.

— Animada com sua pequena viagem de sábado? — Kelly quis saber. — Papai me mostrou o folheto. O lugar é sensacional!

Claire lançou a Kelly seu melhor olhar especulativo.

— O que vai acontecer no sábado, e que folheto é esse?

— Adam e Marjorie passarão o fim de semana no complexo turístico do Balneário Spring. Há um hotel maravilhoso lá, com vista para o mar.

— Mas eles já têm isso no Candlelight. Parece-me pouco original.

— Tia! Lá Marjorie não terá de limpar banheiros, nem papai precisará se preocupar com as grelhas.

— Sei. Eu contava com a família toda para jantar comigo, no sábado. Pelo menos você virá, não é?

— Eu disse que iria tentar, tia Claire. Não prometi nada.

— Não gosto de como você vem se comportando ultimamente, menina.

Para desgosto de Marjorie, lágrimas brotaram nos olhos de Kelly.

— Faça o melhor que posso. O que mais quer de mim?! A porta estava a poucos metros de onde Marjorie se sentara, presa entre a raiva de Claire e a mágoa de Kelly. As duas se importariam se ela juntasse seus pertences e saísse dali?

Ambas a olhavam como se esperassem dela um papel pacificador. Marjorie, todavia, não era parte da família, ainda não, e hesitava em tomar o partido de Kelly, como em geral fazia.

Claire era a mais experiente das três. Demonstrara capacidade ao criar cinco filhos, incluindo uma moça problemática como Kathleen. Melhor entregar Kelly aos cuidados dela.

O ambiente estava tão pesado que Marjorie decidiu voltar logo ao Candlelight e providenciar a faxina necessária. Melhor do que permanecer como cega no meio de um tiroteio. Assim, recolheu seus papéis e tomou o rumo da saída; não sem antes alertar Claire:

— Por favor, tente chegar às oito ao estúdio da rádio, na sexta-feira. Entraremos no ar ao vivo às oito e meia. — Esboçou um sorriso triste para Kelly. — E você, experimente o bolinho recheado antes que esfrie. Dessa vez, Julie se superou. Mal a porta se fechou, Claire disparou mais um de seus comentários ferinos:

— Você e Adam que se acostumem com as atitudes de Marjorie. Ela vende a alma para fugir dos problemas do dia-a-dia.

— Maldade sua, tia. Marjorie avisou que tinha trabalho urgente na pousada.

— Mera desculpa. Marjorie varre qualquer controvérsia para debaixo do tapete. É um traço de família.

Kelly espantou-se com a proporção da raiva revelada por Claire. Considerava Marjorie uma pessoa gentil, calorosa, compreensiva. No entanto, teve de admitir que, sempre que estava prestes a confidenciar seus segredos à futura madrastra, ela erguia uma barreira invisível capaz de paralisá-la. Tudo bem, pensou. Não tinha mais a idade de Ana para precisar de uma mãe paciente.

Afinal, era a Kelly que os outros recorriam quando necessitavam de auxílio. Seu pai, sua tia, os amigos... Todos confiavam em sua precoce sensatez.

Claire saltou das críticas a Marjorie ao interrogatório da sobrinha. Por que não estava na escola? Por que não avisara sobre a viagem dos noivos ao Balneário Spring?

Kelly apegou-se a essa última pergunta na tentativa de escapar das outras.

— Pensei que soubesse, tia. E só um fim de semana.

— Mas Adam tem o restaurante para administrar. Eu não planejava trabalhar no fim de semana, no lugar dele.

— Pois tire folga. Papai dará um jeito. Além do quê, você não ficará na O'Malley por muito mais tempo.

— Incomoda-me seu tom de voz, Kelly.

E a mim incomoda ser tratada como criança.

— Se tem problemas com Marjorie, por que não tem uma conversa franca com ela? Está me colocando no meio da disputa, titia.

— Ninguém pretende fazer isso, querida. Simplesmente...

— Só porque você é infeliz, os outros não têm de ser. — No mesmo instante, Kelly se arrependeu de sua dureza, mas era tarde para recuar. — Por que não aceita as mudanças em sua vida sem fazer os outros se sentirem culpados?

Kelly já vira Claire zangada, furiosa ou magoada. Derrotada, nunca.

— Não vá embora — pediu Kelly, ao ver a tia marchar, cabisbaixa, para a saída.

Pelo visto, Marjorie não era a única que sabia empreender uma fuga estratégica.

Em segundos, porém, Kelly se viu sozinha. Após ter passado mal no banheiro da escola, durante a aula de ginástica, a única do dia, almejava se acalmar e esquecer as preocupações. Mas Claire, mais do que Marjorie, ligara seu radar e captara sinais de tempestade. Levaria pouco tempo até que a tia a confrontasse com suas suspeitas.

Também o pai notara diferenças em Kelly. No entanto, em vez de pressioná-la, Adam lhe dava espaço e aguardava que a filha desabasse em seu colo, confessando tudo o que a dilacerava por dentro. Ele a amava, queria ajudá-la. Como contar ao pai que ultrapassara os limites?

Estou grávida. Apenas duas palavras, porém as mais difíceis de pronunciar, para uma jovem bonita e bem-educada de dezessete anos. Não poderia escondê-las por muitos meses, contudo, porque o ventre crescido a denunciaria. Nem conseguiria convencer os outros de que os sorvetes que tomava eram a causa dos enjoos.

Sua menstruação continuava ausente, pelo terceiro mês, e os seios doíam um pouco quando prendia o sutiã. Passava horas trancada em seu quarto, procurando na internet todas as informações possíveis sobre gestação, parto, complicações e... opções. Descobriu que, após três meses de gravidez, era perigoso abortar, mas essa possibilidade estava descartada desde o princípio, de todo modo.

Restava-lhe comprar o teste caseiro e confirmar o que previa. Estou grávida.

Kelly ficou à espera do fluxo de emoção que, acreditava, devia se seguir a tal constatação. Culpou-se por não sentir nada. Na semana anterior, a ideia de carregar um bebê dentro de si provocara um doce encantamento. Agora, entretanto, só o vazio. Nem pavor, nem alegria.

Apenas o vácuo no lugar em que deveria estar seu futuro.

Abriu um caderno e empunhou a caneta. Fazer listas sempre ajudaram Kelly a clarear as ideias. Enumerar pela ordem seus projetos de vida parecia torná-los factíveis, assim como as dificuldades se reduziam.

Definir bem o problema auxiliava a solução a aflorar. Aprendera a lição com a avó Irene. Praticava-a mais por falta de opção do que por acreditar nesse estratagema.

Talvez Irene estivesse junto dela, naquele instante. Era bom imaginar isso, porque, de resto, Kelly se via sozinha no combate a seu maior inimigo: a insegurança.

Era jovem, não tinha dinheiro próprio, e Seth menos ainda. Ambos haviam se esforçado e conseguido bolsas de estudos para a Universidade Colúmbia, cientes de que não podiam sobrecarregar os respectivos pais com as elevadas despesas de um curso superior.

Entre sonhos e ambições, existia mais um projeto compartilhado: viverem juntos em Nova York, dividindo as contas e seu crescente amor. Era como se, unidos, ganhassem força para enfrentar o mundo e destacar-se dentro dele.

Grandes sonhos, altas ambições. Que não incluíam um bebê.

Não naquela altura da vida. Mais adiante, mas não muito tempo depois, Kelly e Seth pretendiam se casar e ter sua família. Sem dúvida amariam muito seus filhos. Ela não queria acabar como sua tia Claire, sempre amarga e ciumenta a ponto de não desfrutar prazer algum.

No entanto, a avó Irene acertara. Kelly repassou as listas de prós e contras, e seu caminho tornou-se mais claro. Onze motivos para não ter a criança. Nenhuma razão para trazê-la ao mundo naquele momento.

Uma solução se desenhou em sua mente, a única que fazia sentido. Não podia perder o prazo seguro. Sábado de manhã iria à farmácia comprar o kit, depois falaria com Seth. Ele tinha o direito de saber o que ela sentia, o que decidira. Contava com o apoio dele a qualquer iniciativa que tomasse. Seth jurara amá-la e protegê-la para sempre. Kelly acreditava nisso. O namorado a compreenderia e ampararia, cumprindo a promessa.

Kelly, enfim, comeu o bolinho recheado de Mie. Maravilhoso, mas seu estômago sensível protestou. Não deveria ter desafiado a sorte. Já abusara dela, naquela manhã.

— Ei, olhe para a frente, Claire! — Frankie, o gerente de produção da emissora, saltou de lado para não ser atropelado pelo carrinho de supermercado. — Não tenho pára-choque na retaguarda.

— Desculpe-me, Frankie. Juro que não notei você. — Claire apanhou um maço de aipo, tentando disfarçar o deslize.

— Não notou? E eu que achava que, com meu tamanho, podia ser visto de Marte!

— Você é um bom comediante. Veio comprar legumes e verduras? Não costumava recebê-los em domicílio?

— O caminhão de entregas se atrasou. De qualquer modo, tenho de botar comida em casa.

Quando retomou o volante de seu carro, Claire já conseguira infernizar a moça do caixa, o farmacêutico e outras pessoas da fila. Subsistia nela o mau humor resultante do confronto com Kelly.

Não bastasse isso, cada vez que via o anel de brilhantes no dedo de Marjorie, aborrecia-se imensamente. E agora, aquela breve lua-de-mel antecipada com Adam...

Por certo, Claire desejava a felicidade do cunhado, que a merecia. Mas julgava também que a sorte aparece quando e onde menos se espera, e talvez aquela não fosse a vez de Adam. A inconstância de Marjorie poderia determinar o rápido fim do casamento. Essa instabilidade irritava Claire, pois a fazia presumir que a noiva conhecia melhor o caminho para a porta de saída que o da entrada.

Bastava atentar à maneira como Marjorie agira na churrascaria, enquanto Claire e Kelly discutiam. Ao primeiro sinal de problemas, recolheu seus pertences e deixou o lugar. Esse não era o tipo de mulher que Adam necessitava para ser feliz. E muito menos o tipo de madrasta que pudesse entender e amparar Kelly durante seus anos de faculdade fora de Paradise Point.

Não era de sua conta, porém. Adam podia se casar com quem quisesse, e Claire nada poderia fazer a esse respeito. Mas dispunha-se a aconselhar o cunhado, caso ele demandasse conselhos. Também estava pronta a auxiliar Kelly, se ela lhe pedisse ajuda. O drama parecia residir no fato de que ninguém mais solicitava a opinião de Claire. Que, por isso, se sentia desprezada.

Mike, sentado na cozinha, devorava um sanduíche de atum e lia uma revista, no momento em que ela chegou, equilibrando mal e mal as sacolas do supermercado.

— Você lembra um daqueles carregadores de bagagem dos alpinistas do Himalaia — Mike comentou, rabugento como sempre.

— Obrigada, papai. Por que não apanha o resto das compras no carro?

— E por que você pensa que eu e sua mãe tivemos muitos filhos? — Mike ergueu o olhar da revista, deixando claro que não se mexeria do lugar. — Nunca mais tive de descarregar sacolas ou aparar a grama do jardim.

— Está bem, papai. Acabe seu sanduíche, depois darei um jeito.

— Adivinhe quem veio para passar o fim de semana.

— Não pode ser Kathleen. — Claire esboçou um sorriso. — Não vi o carro dela lá fora.

— Pegou carona com amigos, mas já se trancou em seu antigo quarto, para poder terminar um trabalho acadêmico.

— Ela está bem? Por que resolveu vir neste final de semana? Você percebeu se...

— Sem dúvida, Kathleen está bem. E já é adulta, Claire. Pare de se preocupar.

— Você não estava aqui, papai, quando ela se viciou em drogas, engravidou do namorado, entrou em depressão e tudo o mais.

Quem não tivesse visto a filha mais velha de Claire na clínica de recuperação, com crises de choro e gritos de terror, não conseguiria dimensionar aquele drama. Além de dar amor incondicional a Kathleen, Claire e Billy haviam feito de tudo para evitar o pior. O médico recomendara vigilância, para afastar a hipótese de tentativa de suicídio.

— Tem razão, papai. Eu me aflijo demais.

— Então, o que há de novo? — Mike forçou uma mudança de tema. — Comi só este sanduíche até agora e deixei lugar na barriga para seus biscoitos amanteigados. Quando irá prepará-los?

— Na semana que vem. Ando ocupada com a inauguração da casa de chá e a ajuda que tenho de dar a Adam na churrascaria.

— Agora você tem dois empregos pelo salário de um?

— Apenas por enquanto. Ainda falta combinar o valor com Olivia e Rose. Serei a confeitadeira delas até treinar outra pessoa, mas não podemos perder a alta temporada do turismo na região. Medo de trabalho eu nunca tive.

— Trabalhe certo para não trabalhar duro, filha. Aprenda a delegar tarefas.

— Trata-se de preparar chá e biscoitos, papai, não de um cargo de executiva numa empresa emergente.

— Escute este velho pescador, Claire. Você tem de dar pouco para receber muito. É o segredo do sucesso.

— Um desastre? — Rose perguntou quando ouviu a definição dada pela filha. — Como assim?

Marjorie parou por instantes de esfregar a banheira com bucha e sabão em pó.

— Fugi correndo da O'Malley quando Claire e Kelly começaram a discutir. O clima já estava pesado porque eu e Claire discordamos sobre o cardápio que deveríamos sugerir a vocês.

— Já me acostumei com suas fugas de qualquer discussão em família. Não é grave. — Rose ajudou na limpeza derramando desinfetante no vaso sanitário.

— Dessa vez, foi grave, sim. Falhei com Kelly. Ela parecia disposta a me pedir conselhos. Mas, sempre que ensaiava falar algo sério, eu disfarçava e falava de outra coisa.

Marjorie voltou-se para o armário espelhado e arrumou os pequenos frascos de xampu e condicionador.

— O que há comigo? Tenho trinta e três anos, sou mãe, e não quero mais correr assustada sempre que Kelly precisa de mim.

Pior: agiria da mesma maneira quando Ana completasse dezessete anos?

— É bastante parecida comigo, em matéria de problemas de adolescentes, Marjorie. Hoje, acho que me omiti muitas vezes, enquanto você crescia.

— Talvez em sua própria avaliação, mamãe. A Rose Di Falco de que me lembro tinha respostas para tudo.

— Eu me esforcei.

Marjorie limpou o espelho com movimentos rápidos do pano úmido.

— O fato é que não existe suavidade ou ternura em Claire. Ela quer que Kelly cumpra regras estabelecidas há muito tempo, quando tinha todos os filhos na barra de sua saia. Esquece-se de que Kelly cresceu e é quase uma mulher feita.

— Aí está algo difícil para uma mãe, ou mesmo uma tia prestimosa, aceitar.

— Mas por que me sinto culpada, se nada tenho a ver com isso? Quer dizer, vou ser a madrastra dela e pretendo conquistar seu amor. Que diferença faz se Claire e Kelly têm um desentendimento?

Rose aproveitou o espelho limpo e ajeitou os cabelos.

— Penso que você deveria se concentrar em seu futuro com Adam.

— E eu não me concentro?

— Não.vai se casar com um homem, querida, mas com uma família. Adam espera de você o mesmo envolvimento com Kelly que ele quer ter com sua filha, Ana.

— Eu adoro Kelly.

— Só que ela tem muitos amigos. Precisa de uma mãe.

— Já falamos disso — rebateu Marjorie, inquieta. — Kelly tem Claire.

— Que não é a mãe dela.

— Nem eu.

— Veja, você não poderá mandar Kelly embora quando assim o desejar. Se Deus quiser, terá uma longa vida em comum com Adam, e Kelly fará parte dela. Qualquer decisão que vier a tomar, até no âmbito familiar, irá influenciá-la mais do que imagina.

— Céus, mamãe! Está fazendo tudo parecer um filme de terror!

Uma estranhíssima cabeça surgiu de repente na fresta da porta.

— Com licença. — Era Cristal. — Foi alguma coisa que ou fiz ou disse?

Rose e Marjorie não entenderam.

— Não esperava ver as proprietárias da pousada lavando os banheiros. Mas fiquem tranquilas. Não vou anotar nada, nem divulgar.

Além da calça jeans desbotada, a repórter usava uma camiseta com estampa dos Rolling Stones.

— Marjorie e eu formamos uma excelente dupla de faxineiras. — Rose recolheu panos e baldes. Com essa honesta declaração, quebrou o silêncio que recaía sobre o ambiente.

— É verdade — Marjorie concordou, embora tomada de surpresa. Apontou o

peito de Cristal. — De quando é essa foto?

— De uns vinte anos atrás, no mínimo — confessou a jornalista. — Eu mal era nascida, mas há pouco encontrei a camiseta numa loja especializada.

— Acha que eu e Claire conseguiremos trabalhar juntas por vinte anos, na casa de chá, mãe?

— Só sei que os conflitos fazem parte de qualquer negócio e até ajudam no aperfeiçoamento do trabalho. Desde que não sejam diários, claro.

Rose sugeriu que fossem tomar um copo de chá gelado e, a caminho da cozinha, alertou a filha:

— Lucy telefonou duas vezes, dizendo que não conseguia falar com você pelo celular.

— Ah, convém verificar suas mensagens! — Cristal interveio. — Frankie, da rádio, pediu-me para avisar que não consegue encontrá-la através do celular.

Marjorie não precisou refletir muito para responder:

— Mais uma vez, devo ter me esquecido de recarregar a bateria.

— Seria bom checar sua caixa-postal e ligar logo para Lucy, minha filha.

— Farei isso daqui a pouco, mamãe. Fique sossegada.

— E você, não seja irresponsável.

— Por quê? Em minutos, farei contato com tia Lucy e com Frankie, pelo telefone fixo. Não faço do celular uma muleta eletrônica.

— Como seu pai. John se recusa a receber mensagens, e sobretudo chamadas, quando está na estrada, longe de casa. Os dois são iguais como duas ervilhas da mesma vagem.

Marjorie beijou Rose na face, sem contestar. Agradeceu pelo chá gelado, mas depois emendou:

— Isso que você disse foi um dos maiores elogios que já ouvi.

Rose tentou mostrar-se impassível, porém o brilho nos olhos a denunciou.

— Também penso assim, querida. Agora, por favor, verifique seus recados e então volte ao trabalho.

Conrad Flynn sobrevivera a tiroteios na Bósnia, às montanhas desertas do Afeganistão e ao terror dominante nas ruas de Bagdá. Conhecera intimamente o medo, mas o convertera em motivação para um bom trabalho de documentação fotográfica.

No entanto, experimentou outro tipo de temor — diferente, mas não menor — ao parar num centro de serviços, na estrada que conduzia do Aeroporto de Newark a Paradise Point.

O lugar oferecia, entre outros serviços, duas lanchonetes, banheiros com ducha, telefones e computadores públicos. Perto de seu destino, sentiu a adrenalina fluir pelas veias, tanto quanto no momento em que um menino apavorado, com cerca de catorze anos, lhe apontara um fuzil, em Cabul.

Ninguém pode cultivar a raiva para sempre, ele sabia. A velha decepção

provocada por Claire, quando o abandonou, fora substituída pelo vazio no coração, que nenhuma outra mulher preencheria. Isso já durava vários anos, e nos países conflagrados da Ásia Conrad ganhara, dos colegas, o apelido de o solitário com a câmera.

E agora?

Agora, após ingerir uma xícara grande de café, restava-lhe retomar o volante do Ford alugado e enfrentar sua nova realidade. O sol despontava acima das árvores que margeavam a rodovia. Com sorte, chegaria a Paradise Point na hora do desjejum, entre oito e nove da manhã.

Pedira a Olivia para avisar Claire de sua chegada. Não ignorava as adversidades que ela vivera naqueles anos de ausência, a começar pela morte acidental do marido, Billy. Ansiava por rever Claire e ouvir de novo o som de sua voz. Sem pretensões, queria constatar se o estilo de vida que ela levava a fazia feliz. Nada mais. Faria algumas fotos do local e de seus habitantes, e então tentaria esquecer que Claire O'Malley existia.

Assim, talvez um, dia deixasse de amá-la.

Marjorie ocupou sua mesa no modesto estúdio da emissora local e testou o microfone, depois de combinar alguns detalhes com o produtor, Frankie. Acordara muito cedo, graças ao despertador ligado, e se arrumara como se estivesse indo a uma festa.

— É só um programa de rádio — dissera-lhe Rose, tomando o desjejum. — Você está ótima.

Mas para quê, se pelo rádio ninguém me vê? Apesar disso, caprichou na maquiagem, guardou na bolsa pastilhas para a garganta e partiu para o trabalho, fazendo votos de que Claire não se atrasasse. Várias pessoas, incluindo Adam, seu amigo Mel Perry e Olivia, tinham vindo desejar-lhe boa sorte. É só um programa, pessoal. Nem mesmo se trata de uma estreia.

O grupo aguardou, fora do prédio, pela chegada de Claire. Por sorte, ela não tardou a surgir, aparentando nervosismo.

— Está mais bem-arrumada do que Marjorie! — Olivia espantou-se.

E sua admiração cresceu ao ver que David Fenelli acompanhava Claire. A entrevista se transformara em pretexto para uma reunião social. Olivia chamou a amiga de lado, após cumprimentar David.

— Alguma notícia de Conrad? — quis saber.

— Não, mas Pete disse que ele marcou para tirar fotos no cais, amanhã cedo.

— Mesmo? Isso explica sua ansiedade. Afinal, ter David por um braço e Conrad pelo outro...

Era estranho como alívio e desapontamento podiam coexistir e se tornar tão parecidos.

Claire tinha de subir ao encontro de Marjorie. Sem motivo evidente, Olivia resolveu provocar David, que se despedira de Claire dizendo que ela iria arrasar na

entrevista.

— Você nunca trabalha, David?

— São as vantagens de ser um profissional autônomo — ele rebateu. — Sempre se pode reservar uma manhã para encorajar uma amiga.

Amiga? Sim, mas só por imposição de Claire. Era mais que evidente o quanto David se sentia atraído por ela.

— Obrigada a todos — falou Claire, ao entrar, enfim, no prédio da emissora. — Eu precisava muito desse apoio, confesso.

David não desviava a vista da bela Olivia.

— Que tal irmos todos, após o programa, tomar o café da manhã em algum lugar bem agradável? — ele propôs, com um sorriso educado mas sedutor. — Conheço uma lanchonete que serve panquecas esplêndidas.

— Pode ser. Estamos quase formando o clube do desjejum...

A ironia de Olivia foi encoberta pela voz de Angie, assistente de Frankie, que veio convidar o grupo para entrar e acompanhar a entrevista da sala de espera, separada do estúdio por uma meia parede de vidro. Estava no ar a inexpressiva seleção musical que precedia o programa feminino ao vivo.

Lá dentro, Marjorie compulsava as fichas com perguntas, enquanto Angie ajustava a altura do microfone destinado a Claire. Apresentadora e entrevistada estavam frente a frente, uma de cada lado da mesa.

Era evidente o desconforto de Claire. Mas não era por causa das condições da transmissão, embora fossem novidade absoluta para ela. Sentia-se feia e gorda. Deveria ter vestido calça preta e blazer cinzento, não uma saia clara e malha de algodão de mangas curtas, que lhe ressaltavam os excessos, sobretudo no busto e nos braços.

Encolheu a barriga diante da resplandecente Marjorie, que notou o gesto.

— Você está na rádio, Claire, não na televisão. Não se preocupe com a aparência.

— Então, por que você se arrumou toda?

— Para me sentir bem e por causa de Adam.

— Pois é. Eu deveria, no mínimo, ter pensado nos outros. Em David, que me acompanhou e incentivou muito.

E em Conrad, para o caso de deparar com ele.

— Você me parece em forma, Claire. Pare de se menosprezar.

— Engordei depois de parar de fumar. Meu braço está mais grosso que sua coxa.

— Bobagem. — Marjorie passou à amiga a lista de questões. — Se voltar para perto de um cigarro, não fale mais comigo. Acalme-se, pois estamos quase no horário. Olhe, fique preparada para uma série de eventos promocionais, quando da abertura da casa de chá.

— Vou emagrecer. Farei exercícios, além de dieta, e, se for necessário, usarei aquela faixa modeladora no peito, debaixo da roupa.

— Sutiã elástico? Eu uso — confessou Marjorie.

— Deixe-me com minhas ilusões. — Claire fixou o olhar no sugestivo vão entre os seios da amiga. — Você não precisa de artifícios.

— Não custa prevenir.

— Trinta segundos! — avisou Angie. — Falem alô três vezes. Última checagem dos microfones.

— Boa sorte — desejou Marjorie, antes de fazer o teste. Claire oscilou entre o incentivo de todos e o temor de uma humilhação pública. Sua futura concunhada exibiu um derradeiro sorriso de encorajamento. Angie também sorriu, posicionada ao lado da mesa do estúdio.

Com tudo isso, Claire sentiu-se suando frio e teve vontade de ir ao banheiro.

Não houve tempo, entretanto. Ao fim de uma contagem regressiva, Angie apontou o dedo para Marjorie, indicando o início da apresentação.

Na sala de espera, acendeu-se o retângulo luminoso e vermelho com os dizeres No ar. Olivia, antes cheia de confiança em sua amiga e funcionária, agora não sabia o que esperar dela. Suas pernas tremeram de leve.

— Claire vai se sair bem — Adam tentou tranquilizá-la. — É uma mulher vivida, experiente e... tagarela.

De fato, o nervosismo dela foi passando aos poucos, após respirar fundo várias vezes. Logo os ouvintes puderam conhecer histórias de biscoitos amanteigados, bolinhos de chocolate recheados com geléia e outras maravilhas. Claire não se esqueceu de dizer que tais guloseimas estariam disponíveis no novo ponto de encontros da cidade, com inauguração prevista para dali a um mês. O nome? Claire surpreendeu Marjorie informando que as proprietárias pensavam em batizar a casa de A Irmandade do Chá.

O espanto se estendeu para o desempenho geral da entrevistada. Claire tinha mais idade, vivera experiências dramáticas, era uma mulher calejada. Consequira ser convincente e, ao mesmo tempo, engraçada nas respostas. Marjorie reservou para si, como apresentadora, um pouco do mérito pelo êxito da entrevista.

Quando o luminoso vermelho se apagou, na sala de espera, o grupo de acompanhantes vibrou de satisfação. Ao sair do estúdio, Claire foi cercada, recebeu muitos elogios e só faltou ser carregada nos ombros como uma atleta campeã. Adam sorria sem parar, e David levantava os dois polegares em sinal de aprovação.

— Você esteve ótima! — Marjorie juntou-se aos demais.

— Frankie me adiantou que a audiência chegou a níveis bem altos.

— Espero que tenham gravado tudo — Claire comentou.

— Não me lembro de nada do que falei.

— É normal esse tipo de amnésia depois de uma entrevista.

— Marjorie procurou por Olivia e a avistou no centro de uma roda masculina, todos funcionários da emissora, que, a pretexto do programa, tinham vindo conhecê-la e admirá-la. — Incrível como Olivia consegue isso...

Um minuto antes, ela cumprimentava Claire, junto de Rose. Naquele instante, era assediada por fãs da beleza e da sedução.

— Ela atinge os homens no baixo-ventre — foi a explicação de Claire.

A frase despertou um sorriso na pessoa que se aproximou do grupo. Ou era a lembrança de um sorriso? Claire sentiu-se alvo de mais uma brincadeira do destino, equivalente às estrias e gorduras localizadas que tanto a incomodavam.

O segundo pensamento foi de que o tempo não fora camarada com ela, nem com Conrad Flynn. Ele tinha as costas um pouco curvadas, embora ainda parecesse rijo, mas os cabelos se tornaram completamente grisalhos. Os profundos olhos castanhos escondiam-se entre pequenas rugas e bolsas adiposas sob os cílios. No conjunto, o rosto estampava suas corajosas peripécias profissionais, mas também a raiva contida, os equívocos, os dias de amor perdidos.

Olivia escapou do grupo de admiradores e acercou-se de Conrad, apresentando-o a seus amigos. A primeira foi Marjorie, que apertou a mão estendida.

— Conrad Flynn, o fotógrafo internacional que clicou celebridades e cenas de guerra? — Ela agradeceu aos céus por ser, ao menos, bem-informada.

— O próprio.

— Parece que Conrad foi proibido por Deus de ligar antes de aparecer, e até mesmo de retornar as chamadas que recebe. — Olivia fitou Claire de soslaio, e constatou que estava lívida.

— Prefiro conversar pessoalmente a falar ao telefone. Talvez seja um hábito adquirido na Ásia ou no Oriente Médio.

Mas ele me ligava todas as noites, e isso durou semanas, Olivia. Eu não dormia sem ouvir antes a voz de Conrad...

— Creio que é mais um problema de organização. Você, Claire, poderia dar-lhe algumas aulas.

Lembra que me pediu para fugirmos juntos, Conrad, naquela última noite, dizendo que Billy e meus filhos não precisavam de mim tanto quanto você? Engano seu. Aqui é meu lar, meu ninho. Você não pertence a eles.

— Prazer em revê-la, Claire — murmurou Conrad.

— Vocês se conhecem? — Marjorie inquiriu, mas não satisfez a curiosidade, porque Angie veio convocá-la para a segunda parte do programa.

— Os Meehan e os Flynn foram vizinhos de porta em Boca Raton, na Flórida — Olivia esclareceu mesmo assim.

— Quinze segundos! — Angie esbravejou, à beira da histeria.

Marjorie se desculpou com todos, assegurando que os encontraria na lanchonete recomendada por David Fenelli. Adam ficaria no prédio, a fim de aguardá-la, com o endereço e instruções de como chegar lá. Antes de ir, ela se dirigiu ainda a Conrad:

— Gostaria de entrevistá-lo sobre suas aventuras no Afeganistão.

— Marjorie! — Angie se desesperou.

Em dois segundos, Marjorie ocupava seu posto atrás do microfone, passando a entrevistar Pete Lassiter e Cristal sobre o documentário a respeito de Paradise Point, em andamento. Claire ouviu apenas a primeira frase, da sala de espera, e foi levada para tomar café. Olivia apresentou Conrad a David, e os dois trocaram um forte

aperto de mão.

— Marjorie é boa profissional — Conrad afirmou. — Espontânea e amável.

— Não é mesmo? — Olivia meneou a cabeça. — Um dia, qualquer emissora grande, de alcance nacional, virá e decidirá levá-la embora.

— Seja menos pessimista — atalhou Claire. — E o trabalho de Marjorie na Irmandade do Chá?

— Tem razão. Precisamos dela aqui.

— E de Claire — David acrescentou, alheio ao antigo flerte entre ela e Conrad.

— Só sei que, com entrevistas como esta, vamos vender muito chá.

Calado, Conrad apenas observava as reações de Claire. Ela perdera a descontração conquistada a duras penas durante o programa de rádio.

— Acho que chá e boas risadas combinam bem. — David pôs as mãos na cintura. — Claire se mostrou dona de um senso de humor incrível.

— Relaxe, amiga. O pior já passou. — Olivia tocou o ombro de Claire. — O mundo continua girando, e nós com ele...

Juntos, ali estavam duas mulheres e dois homens de meia-idade, calejados pela vida, mas ainda prontos para o desfrute de experiências inimagináveis.

Olivia, aguardando o café completo incrementado por panquecas doces, fez um afago amistoso em Conrad quando ele fez menção de seguir Claire, quando ela se levantou e saiu, acompanhada por David.

— Deixe-a ir, querido. A menos que queira acabar de novo com o coração partido.

— Eu não ia atrás dela — Conrad mentiu.

Focalizou a porta do toalete feminino, para ver se Claire entrava ali, mas não. Ela se retirou da lanchonete, sem dar nenhuma desculpa.

— Vi alguns amigos aqui — disse Olivia. — Gostaria que os conhecesse, porque sei que eles lhe darão boas ideias para fotografias.

Não era a maneira de Conrad trabalhar. Ele registrava imagens ao sabor do momento, de maneira espontânea, ainda que muitas vezes soubesse estar ajudando a contar a história da humanidade. Por isso, censurou-se por ter viajado até uma cidadezinha praiana, onde só poderia captar cenas de cartão-postal ou a fachada da igreja matriz. Por que resolvera vir a Paradise Point?

Apenas para ver Claire outra vez.

Sua mágoa por perdê-la, anos antes, continuava estampada em seu semblante, na maneira como caminhava. O olhar de Claire, ao revê-lo na sala da rádio, denotara mais animosidade do que alegria. Sempre houve algo de frágil debaixo da presença forte dela, porém agora Claire parecia ter aprendido muito bem esconder sua vulnerabilidade.

— Pode vir! — Olivia acenou para Barney Kurkov, o chefe dos bombeiros, que estava sentado a uma mesa próxima. No entretanto, voltou-se para Conrad. — Se você não fotografar a tatuagem dele, prometo declarar guerra a todos os Flynn!

Barney estava de serviço junto com sua equipe no dia em que Billy O'Malley

morreu. A tatuagem no braço consistia na representação de um pedaço de madeira em chamas. Incluía a data: 2001, o ano em que ocorrera o trágico incêndio do depósito perto da praia. Todos os bombeiros presentes na ocasião, incluindo as vítimas fatais, receberam uma medalha de honra.

— Olivia tinha razão — afirmou Conrad, depois de uma breve conversa com Barney. — Posso tirar algumas fotos suas, mais tarde?

— Passe por nosso quartel. Vou lhe mostrar todos os equipamentos que temos.

Se Olivia era amiga de Barney, nada lhe custava atendê-la. Aliás, Conrad concluiu, não havia um sistema de castas sociais em Paradise Point. Embora rica e sofisticada, Olivia podia adorar carros de luxo, vinhos raros e diamantes de bom tamanho, mas não era esnobe.

Tratava as outras pessoas — fossem bombeiros, pescadores, advogados, escriturários ou empresários de sucesso — como iguais. Melhor ainda, sua disposição amistosa era retribuída com sinceridade. Conrad ficou contente de ver que ela encontrara um lugar no mundo, onde se sentia acolhida.

Pouco mais tarde, Adam e Marjorie se reuniram ao grupo na lanchonete. Com eles veio Kathleen, linda e magra, a imagem viva de Claire quando jovem. Dentre os filhos de Claire, Kathleen fora a única a manter distância de Conrad, durante o período mágico que o casal vivera na Flórida, limitando-se a observar o progresso daquele romance proibido.

Foi peso demais na memória de Conrad. Por isso, ele pediu as chaves da casa de Olivia, que se oferecera para hospedá-lo, e partiu após uma rápida despedida, alegando que tinha de descansar.

— Preparei o quarto de hóspedes para você. E na geladeira há bastante comida e bebida. — Olivia beijou o amigo na face e murmurou: — Calma, as coisas logo ficarão mais fáceis.

Sem dúvida. Quando Conrad já estivesse bem longe dali.

Claire levava David para sua casa, trocando o desjejum especial por café simples com torradas.

— Tome antes que esfrie — ela recomendou.

— Não sou bom em matéria de jogos e intrigas, Claire. — David ergueu sua xícara.

— É pena. Sou considerada uma excelente parceira no pôquer.

— Não é disso que estou falando. — Deixou de retribuir o sorriso dela.

— Então, do que se trata? — Não chegara aos ouvidos de Claire nenhum comentário sobre alguma briga de socos entre Billy Júnior e Ryan; portanto, o assunto devia ser outro. — Ah, sei que ainda não cumpri minha promessa de sugerir um cardápio para o almoço de confraternização do time de futebol da escola...

— Foi sério?

Ela sentiu-se sem rumo, sem pistas.

— Não sei. É melhor você me dizer a que se refere a pergunta.

— Ao fotógrafo amigo de Olivia.

Claire estremeceu. Não pretendia mentir, mas também não podia revelar a verdade. Desse modo, manteve-se calada.

— Está bem, não é de minha conta.

— Nesse caso, por que perguntou?

— Gosto de você, Claire. Muito. Se não me encaixo em seus projetos, prefiro saber logo.

— David, eu...

— Conformei-me até agora, mas... Não quero continuar em segundo plano.

Claire sentiu a garganta se fechar. Era perita em ficar no segundo plano.

— Você é um ótimo sujeito, David. Porém, mal nos conhecemos.

— Como assim? Somos amigos há muitos anos.

— Por causa de nossos filhos.

— É fácil resolver isso. Vamos sair juntos mais vezes, mas para jantar. Sem conversas sobre filhos ou parentes. Apenas sobre nós dois.

— Sou péssima companhia no momento. Filhos, meu pai, o salão de beleza, a churrasqueira, e agora o novo trabalho com Rose e Olivia...

— Somos ambos bastante ocupados. Mas eu encontro tempo para praticar tênis, e você para jogar pôquer.

— Isso é diferente.

— Se existe algum flerte entre você e Conrad, basta me contar, e nós passaremos a nos ver só nas reuniões da Associação de Pais e Mestres. Gosto tanto de você, Claire, que adoro ficar sentado aqui na cozinha, a seu lado. Mas é lógico que espero mais, e preciso conhecer suas intenções para poder caminhar firme.

— Não há nada entre mim e Conrad.

Não mais. Não depois de ter visto o olhar rancoroso dele. David suspirou, aliviado.

— Sendo assim, faça uma experiência, Claire. Com o camarada que você considera uma boa pessoa, para variar. Esqueça os filhos, os compromissos, a pizza que ofereci, e vamos comer lagosta num restaurante fino, o Chadwick. Bebendo champanhe, claro. O que me diz?

Fazia três anos que Billy O'Malley falecera. Conrad nunca passara de um belo sonho. Para sua tranquilidade, Claire poderia ter permanecido na lanchonete e assumido o papel de sedutora até que Conrad a tomasse nos braços e lhe desse um beijo, tão caloroso como nos velhos tempos. Teriam se tornado alvo de todos as falatórios da cidade, mas e daí? Não era o que ela queria?

Claire passara os últimos dias com um nó na garganta, imaginando a cena do reencontro com Conrad. Acontecera que ele não fora além da polidez. Fora tão apaixonada por ele, que se mantivera cega à dor que causara a Conrad ao rejeitá-lo no momento decisivo. A sua maneira, agira mal com ele, e agora compreendia a raiva que lhe despertara.

Por sua vez, Conrad conhecia os segredos de Claire, dentro e fora da família. Sua fúria, no momento em que ela escolhera voltar com Billy e os filhos para

Paradise Point, chegara a assustá-la. Conrad poderia utilizar as informações que possuía para chantageá-la emocionalmente. Mas nunca ultrapassara os limites do cavalheirismo. Talvez nem se lembrasse mais dos problemas e das frustrações de Claire. Melhor assim.

Ainda bem que tinham terminado seu romance platônico. Conrad merecia ser feliz. E na certa seria, quando se apaixonasse por uma mulher dotada do mesmo temperamento inquieto, disposta a aventurar-se pelo mundo.

Claire sentia absoluta certeza disso; quanto às coisas que não podia ter.

A seu lado, à mesa, David Fenelli esperava que lhe dissesse algo. Não se tratava de uma proposta de casamento, apenas de um convite para jantar. Por que não? Ele era simpático, afetuoso. Ela já não suportava o lento processo que começa com o conformismo e termina com um colapso mental.

Por que não ter o que todos tinham: um pouco de amor? Em Paradise Point, não existia quem não gostasse de Dávid, sempre divertido e amável. Chegara a vez de Claire gostar dele como mulher.

E Conrad já os vira juntos. Seria essa a prova de que necessitava, se desejasse uma, para concluir que a vida de Claire era rica e feliz. Em vez de aceitar algum convite dele para saírem, ela faria com que Conrad os flagrasse, de mãos dadas ou abraçados, por todo lado: no ponto do ônibus escolar, na churrascaria, na rua principal. Faria com que soubesse que estava ocupada todas as noites, namorando David.

— Gosto de passear com você — disse, enfim. — E adoro lagosta!

Marcaram de sair às sete da noite para o restaurante, concordando em esticar a noitada até quando lhes aprouvesse. Não lhes ocorrera fazer amor, apenas alugar um filme e assistir ao DVD comendo bolo e tomando vinho.

David era um homem sério, de bom coração. Jamais forçaria Claire a ir com ele para a cama. De fato, uma pessoa daquele estofado nunca deveria ficar em segundo plano.

Claire se deu conta, porém, mais uma vez, de que esse não era o pensamento mais romântico ou mais sensual que poderia ter a respeito de um homem. Mas, provavelmente, era o mais honesto. Isso devia servir para alguma coisa.

Capítulo X

A entrevista do diretor do colégio para a televisão fora marcada para as oito da manhã da sexta-feira, com duração prevista de duas horas, e seria seguida pelo depoimento dos formandos mais destacados daquele ano. Kelly e Seth se encontravam entre eles.

Às dez e meia, na biblioteca da escola, Kelly começava a se sentir presa, cercada de sua liberdade. Pete Lassiter dera início à gravação sem a presença de

Cristal. Um sonolento cinegrafista e o técnico de som trabalhavam sem vontade. Por duas vezes, Kelly teve de pedir licença para ir ao banheiro.

Seth acompanhara as saídas da namorada com um olhar apreensivo. Depois do compromisso com a televisão, ele iria a Pousada Candlelight para apresentar a Rose e Olivia o esboço do estacionamento do salão de chá. Kelly pretendia ir à farmácia do shopping na entrada da cidade, para adquirir o kit para teste de gravidez. Em questão de horas, já saberia o que o futuro lhe reservara.

Seria a pura realidade; não a fantasia que ela e Seth vinham construindo desde os sete anos de idade; não a rotina metódica e ordeira que todos esperavam deles. Se de fato houvesse uma criança em formação no ventre de Kelly, teriam de lidar com tal contratempo pelo resto de seus dias.

— Kelly, acorde! Eu lhe fiz uma pergunta! — o diretor André Portnow elevou a voz, enquanto o cinegrafista desligava a câmera.

— Sinto muito. Estava pensando em...

— Precisamos das fotos das formaturas anteriores, que lhe pedi para escanear, lembra?

Não, Kelly não lembrava.

— Ficaram em casa — ela falou mesmo assim. André levou as mãos à cabeça.

— Está me dizendo que a prestativa Kelly O'Malley se esqueceu de algo tão importante? Pete Lassiter iria gravar essas imagens para o documentário!

Pete exibiu um de seus sorrisos confortadores.

— Não faz mal. Pode trazê-las para mim amanhã.

— De qualquer modo — André contra-atacou — é muito estranho Kelly cometer um erro. Esse é o primeiro, desde o início do segundo grau.

— Existe uma primeira vez para tudo — comentou Brian Gomez, estudante com apurado talento musical.

Qualquer outra intervenção dos colegas presentes teria pouco efeito sobre Kelly, abatida por ter falhado e, assim, se exposto a comentários. Só ela sabia o motivo do esquecimento: sua fixação no problema da gravidez.

— Lamento. — Ela se ergueu. — Irei buscar os retratos e volto num minuto.

— Não se apresse por nós, Kelly — falou Pete. — Ainda estaremos aqui quando você regressar.

Kelly quase chorou de alívio quando cruzou com Cristal, que abanava os dedos com as unhas pintadas de azul e prata.

— Alguém quer ver o firmamento? — ela gracejou, da entrada da biblioteca.

As risadas resultantes forneceram a Kelly um bom momento para sair e correr ao banheiro, onde mais uma vez constatou a revolta de seu estômago contra o resto do organismo.

Após lavar o rosto e a boca, decidiu deixar o prédio. Teria feito isso mesmo que não lhe tivesse sido cobrada a entrega das fotos. Não conseguiria manter o foco numa entrevista, por mais que tentasse. Na primeira parte, com a ajuda de André Portnow, Lassiter dera um resumo das instalações do colégio, de sua importância na história da

cidade. No fim da reportagem, abordaria o sucesso de alunos como Kelly, Seth e Brian Gomez, agraciados com bolsas de estudos para importantes universidades.

Não obstante ser excelente estudante, Kelly via-se esmagada pelo peso das emoções. Mais ainda; alguém acabaria chamando o médico se ela abusasse das desculpas para usar o banheiro. O próprio diretor já tinha lhe lançado olhares inquisitivos.

Eram quase onze horas. Tinha de ir à distante drogaria, onde ninguém a conhecia, e voltar com o teste na bolsa antes que outras pessoas se preocupassem com seu atraso. Marcara com Rose DiFalco por volta das três da tarde, na pousada, e o tempo corria.

Empunhou o celular e digitou o número de Kathleen. Percebeu que a prima mal havia despertado.

— Acorde e me chame de volta em cinco minutos — Kelly pediu-lhe.

— Por quê?

— Se não sair daqui da escola por um bom pretexto, ficarei maluca. Lembra-se de André Portnow?

— Sim, uma pedra no sapato de todas as alunas.

— Pois é, ele me escalou para uma entrevista à televisão, mas estou indisposta. Ligue e finja pedir carona, porque seu carro quebrou.

— Tudo bem com você, prima? Isso não se parece com uma atitude de Kelly O'Malley.

Santa Kelly, a mais perfeita adolescente do planeta. A que nunca mente, nunca falha, nunca fica de mau humor... e nunca engravida.

— Vai me ajudar ou não?

— Desligue e conte cinco minutos.

Dez minutos depois, Kelly percorria a estrada a caminho da farmácia. Descobrira que mentir era fácil, depois que se adquire o hábito.

Parecia que metade da população do sul de Nova Jersey resolvera ir para o shopping, à beira da estrada, ao mesmo tempo. Marjorie já enfrentara um congestionamento na rodovia, tivera dificuldades para estacionar, e agora faltava encarar corredores lotados para chegar à Lorelei, a loja de lingerie que Gina lhe recomendara.

Bastou-lhe um minuto para dar razão a Gina. As peças íntimas à venda eram bonitas, confortáveis e sensuais. Sem dúvida, a prima era um gênio do erotismo. Mas Marjorie não se apressou na escolha de sutiãs, calcinhas e camisolas, certa de que, quando visse a roupa certa, ela saberia. Para seu gosto, lingerie podiam ser provocantes, nunca óbvias demais. Deviam acender os instintos de um homem, sem revelar estrias ou marcas de celulite.

Era bem o caso dos artigos da Lorelei. O que mais se poderia desejar?

Quando dirigiu-se ao caixa, com o cesto de compras transbordando, a atendente não deixou de comentar:

— Você tem sorte. Vai passar um fim de semana sensacional com seu namorado.

— Como adivinhou? — Feliz, Marjorie entregou o cartão de crédito.

Enfim, após meses de desencontros e oportunidades perdidas, ia conhecer as delícias de dois dias e duas noites com Adam, no balneário.

Ao sair da loja, deu-se conta de que faltava um item importante: uma nova carteira de pílulas anticoncepcionais. Anos atrás, parara de tomá-las, por pouco tempo, e fora punida — ou premiada? — com o nascimento de Ana. Depois, durante certo prazo, por absoluta abstinência sexual, não tivera motivo Para se preocupar com algum método de contracepção. Agora, com Adam, também não, visto que ele fazia questão de usar preservativos. Mas Marjorie era uma mulher moderna, bem-conformada, e sabia que os dois membros do casal deviam se proteger.

Na farmácia do shopping, comprou sua caixa de anticoncepcionais e, nos fundos do estabelecimento, viu o estande com diversos tipos de preservativos masculinos: naturais, lubrificados, com sabores... Espantou-se com a variedade, e em seguida pensou em levar alguns envelopes para dar a Adam. Seria um gesto simpático e, ao mesmo tempo, sexy. Nesse momento, uma voz familiar chamou sua atenção:

— Este é o mais confiável?

— Consta que sim. — O balconista da farmácia devia ter ouvido a mesma pergunta centenas de vezes.

— Vou levar.

Ora... é Kelly. Marjorie tinha poucos segundos para decidir: respeitar a privacidade da futura enteada, refugiando-se atrás da prateleira, ou...

— Posso ajudá-la, senhora?

Marjorie se assustou com a intervenção de um vendedor intrometido.

— Não, está tudo bem. Já vou passar pelo caixa. — Por instinto, olhou para Kelly, que a abordou no mesmo instante.

— Marjorie! — Encarou o balconista de tal modo que ele se afastou. — O que faz aqui? Não sabia que frequentava esta farmácia.

O constrangimento foi de Marjorie, pois segurava uma fieira de preservativos.

— De fato não frequento.

Marjorie quis muito ver o que Kelly havia comprado, de modo a confirmar um pressentimento que ninguém mais na família tinha manifestado.

Não é de sua conta. Ela tem quase dezoito anos. Se quiser, Kelly falará com você, sem necessidade de que a pressione.

— Tenho de ir. Preciso passar pela escola antes de aparecer na Candlelight.

Bem, eis uma chance única. Você está comprando camisinhas, e Kelly pode ter um teste de gravidez na sacola. No entanto, Marjorie não era a mãe dela. E nem se torna sua madrastra ainda. Que direito tinha de interrogar sobre a vida sexual da jovem, quando ela própria ansiava por fazer amor com Adam em todas as horas do fim de semana?

— Também tenho de correr. Adam vai me apanhar no final da tarde. Viajaremos ainda esta noite. — Marjorie se despediu e se virou para sair.

Porém, a moça da drogaria a chamou:

— Senhora! Não se esqueceu de nada?

Só faltava a Marjorie ser detida por sair sem pagar por uma dúzia de preservativos. Adeus ao interlúdio romântico e erótico Balneário Spring.

— Desculpe-me, mas resolvi avisá-la antes que o alarme da porta tocasse — disse a atendente.

— Fez muito bem. Não imagina quanto me ajudou.

Seth aguardava Kelly na ponta da praia, lugar preferido dos dois quando desejavam ficar a sós. Ele estava sentado na motocicleta do irmão, e saltou logo que o automóvel da namorada estacionou. — Conseguiu?

Melhor do que isso. — Ela o abraçou, sorrindo com infinita serenidade. — Já fiz o teste. Deu negativo. Hirto com o que ouviu, Seth ficou com o corpo inteiro paralisado, até que um suspiro profundo o libertou. Em vez de alegria, mostrou tristeza.

— Não me ouviu, Seth? Não estou grávida. — O que Kelly sentia no coração expressava-se num misto de alegria e desapontamento. — É um pouco melancólico, concordo.

— Pensei que eu iria ficar contente, mas...

— Somos jovens e saudáveis. Teremos outras chances.

— Tudo teria dado certo, Kelly. Eu jamais abandonaria você. Iríamos criar nosso filho juntos.

— Sei disso. Mas foi melhor assim. — Kelly era sincera e, naquele momento, a paz interior prevaleceu sobre a inesperada decepção do namorado.

Como ele teria de trabalhar à tarde, ela se despediu e esperou a motocicleta desaparecer na rua.

Jamais mentira a Seth, antes. Orgulhava-se da relação franca e descontraída que tinham. A diferença entre a suspeita e a certeza da gravidez revelara-se maior do que supusera. Não tivera tempo hábil de realizar o teste, porém tinha certeza do resultado positivo. Mentir para Seth se tornara uma maneira, talvez a única, de salvar o relacionamento.

Você fez o que planejou. Agora, enfrente as consequências. E elas poderiam marcar Kelly pelo resto de seus dias. Mas qual era a alternativa?

Kelly imaginou seus familiares tombando desmaiados, um após outro, como peças de dominó, na hora em que soubessem que esperava um bebê.

Em pouco tempo, sua vida mudaria de qualquer forma, pois Adam e Marjorie iriam se casar, e provavelmente teriam seus filhos, tirando-lhe a condição de predileta do pai. Tudo bem com os primos, incluindo Kathleen, cujos problemas tinham parecido insuperáveis, anos antes. Mas Claire não só estava trocando a churrascaria pelo salão de chá como começara a flertar com David Fenelli, num caso promissor.

Seria complicado lidar com tudo isso, com as expectativas positivas que todos mantinham em relação a ela, com a aposta irrestrita em sua felicidade, depois de atingidos seus objetivos profissionais. Orgulhavam-se dela. Como dizer-lhes que ia

ter um filho e criá-lo ao lado de Seth? Eram apenas dois jovens estudantes, fadados a morar sozinhos em Nova York. Nenhum projeto racional de vida incluiria um bebê, naquela fase.

Mas Kelly amava Seth e era correspondida. Dividiam as mesmas lembranças da infância em Paradise Point. Queriam as mesmas coisas. Até sonhavam os mesmos sonhos.

Ele era amável, inteligente, generoso. Sabia aonde desejava chegar nos estudos, mas a educação superior apenas completaria um espírito por si só admirável. Claro que Kelly não admitia a possibilidade de perder Seth. Mentir para seu amor fora sua forma de poupá-lo e de garantir um belo futuro em comum.

Para que contar, afinal, se em uma semana o feto que tinha dentro de si se tornaria apenas uma recordação? Daria sozinha uma solução ao problema. Dispensava a raiva, as lágrimas ou a decepção dos outros, exceto as suas próprias. Poderia chorar por toda a população de Paradise Point, porém fugiria daquele caos de sentimentos.

Mais alguns dias, e tudo voltaria a ser como antes.

O silêncio de Marjorie, à medida que o carro vencía a estrada rumo ao complexo turístico do balneário, incomodou Adam. Ela parecia distante, mergulhada em pensamentos que não o incluíam.

— Por que está tão quieta?

— Apreciando a paisagem.

— Isso é algo raro de se ouvir por aqui.

Ela riu, daquele jeito caloroso que Adam adorava.

— Vamos manter esse comentário em segredo dos demais cidadãos — Marjorie propôs.

Adam conhecia cada linha do rosto da noiva, o que era extraordinário, levando-se em conta que passara trinta e seis anos sem decifrar direito o próprio semblante, e apenas seis meses admirando a fisionomia agradável de Marjorie, cujas curvas e planos haviam se arraigado em sua consciência. O vinco vertical na fronte dela significava preocupação. O meio sorriso, resistência interior ao estresse. O brilho de fogo no olhar, uma batalha contra a tendência a julgar os outros.

Tudo já fazia parte do vocabulário de Adam, e naquele momento foi a testa franzida que mais lhe chamou a atenção.

— Você está bem, Marjorie?

— Por que não estaria?

— Isso não é uma resposta.

— Adam, você me parece sério demais, hoje.

Com isso ele se sentiu paranóico, além de desconfortável.

— Falei sem querer. Desculpe-me.

— Eu te amo, querido. Adoro que se preocupe comigo, que tenha tomado todas as providências para nosso fim de semana. Só tive o trabalho de comprar lingerie nova. Bem sensual, aliás.

O que mais você deseja dela, O'Malley? Que escreva seu nome na testa, com sangue?

Não havia motivo para Adam duvidar do amor de Marjorie. Estavam de acordo quanto a uma vida em comum, com filhos. Ela não hesitara nem um segundo em aceitar o pedido de casamento. Ainda assim, Adam passava os dias em desassossego, porque Marjorie era imprevisível. Tanto podia estar planejando a festa nupcial como a queda do governo.

De todo modo, as coisas mudaram entre eles após a oficialização do compromisso. Marjorie se mostrava distante, aflita. Não seria melhor desfazer o noivado antes que fosse tarde demais?

Ela continuava olhando para ele, à espera de uma palavra agradável. Calado, Adam achava que também não era mais o mesmo, depois do incêndio no depósito e, mais tarde, da lesão no tornozelo. Seu corpo não possuía mais aquela antiga energia que o tornava um instrumento poderoso para realizar suas tarefas e fazer sexo.

Sua autoconfiança se ferira junto com os ossos. Por algum tempo, precisara recorrer a insondáveis reservas de energia física e psicológica para satisfazer uma parceira. Marjorie não sabia disso; mas ele, sim. E isso fazia muita diferença.

Marjorie prometera a si própria esquecer trabalho e família durante a estada no Balneário Spring. Constatou, porém, que esse objetivo era mais penoso do que imaginava. Para sua surpresa, não era Ana, Rose ou Claire que a atormentavam. Era Kelly.

Não conseguia esquecer o encontro com ela, na farmácia.

Por intuição ou perspicácia, deduziu que a filha de Adam tinha ido a um shopping afastado para não ser flagrada comprando um teste de gravidez. Marjorie almejava estabelecer com Kelly um relacionamento franco e estável. No entanto, lera nos olhos dela tanta fragilidade que se tornava inviável dizer que sabia de seu estado, para então oferecer-lhe ajuda.

Com pesar, lembrou-se de como havia ansiado pela presença da mãe, durante a gestação de Ana. Os meses se escoaram, e Rose nunca se dispusera a viajar até Seattle, para atender à própria filha. Kelly era jovem e perdera a mãe fazia muitos anos, quando ainda era pequena. Escapara da dor e do sofrimento pela ausência de Sandy, cujas recordações se resumiam a algumas fotos e objetos. Nada disso significava que pudesse dispensar, agora, o apoio de uma pessoa adulta e experiente.

Marjorie concluía, na época, que Rose não se importava com ela. Kelly nem mesmo teria o luxo de sentir raiva da mãe. Havia Adam, claro, mas Marjorie começava a entendê-lo quando dizia que Kelly tinha se criado sozinha. Para alívio de Adam e de todos, a garota não crescera como uma adolescente rebelde, e sim como uma moça séria e sensata, digna de confiança. Fugia por completo ao padrão das meninas que engravidam do namorado.

Era natural, porém, que Kelly iniciasse sua vida sexual com Seth, amigo de infância e bom menino. Ficar grávida, ainda que por acidente, era um estorvo, porque um bebê mudaria a rotina e os planos de ambos. Kelly teria de fazer uma opção, e

Marjorie estava pronta para orientá-la. Se existia uma criança a caminho, como suspeitava, sua quase enteada necessitaria de muito apoio, pois com certeza vivia o mesmo dilema interior de Marjorie ao engravidar de Ana: ter o bebê ou não.

A cabeça doeu por causa da lembrança daqueles dias calamitosos de seu passado recente. Sabia qual conselho Rose lhe daria, se viesse a descobrir o problema: *Conte a Adam. Ele é o pai de Kelly. Os dois que resolvam o assunto. Você não pode guardar de seu noivo um segredo desse porte.* Claire falaria o mesmo.

Kelly ainda era menor de idade, portanto Adam era obrigado a entrar na equação, junto com Seth. Marjorie, não. Podia limitar-se a ser amiga e madrastra de Kelly sem se envolver numa questão de foro íntimo.

Deus do céu! Seria justo agir assim? O que fazer?!

Os doze cidadãos idosos de Long Island formavam um grupo animado, desses que não se senta ao pé da lareira depois do jantar, mas tomam um microônibus para passear de noite pela cidade e pela praia. Mal chegaram à Pousada Candlelight, e já programaram uma excursão de um dia a Atlantic City, que ficava perto de Paradise Point.

— Onde está o pessoal da televisão, quando precisamos deles? — Rose murmurou, enquanto Kelly acenava para os turistas prestes a embarcar. — Recebi tantos elogios a nossa comida que estou inclinada a oferecer uma diária grátis.

Kelly bocejou e pediu desculpa.

— A senhora poderia pedir depoimentos por escrito ao grupo, e depois faríamos cópias para distribuir aos jornais e à tevê, como material promocional. Rose adorou a sugestão e brindou Kelly com um olhar de agradecimento.

— Logo seremos uma só família. — Pousou no ombro da garota os dedos longos e delicados. Seu sorriso era quente e genuíno. — Podemos dispensar as formalidades, portanto. Não me chame mais de senhora, apenas de você ou de Rose.

— Tudo bem.

A mão de Rose continuou no ombro de Kelly e a guiou até a casa, nos fundos da pousada.

— Preciso lhe agradecer pelo que fez com o remédio extraviado do sr. Benedetto.

— Sem problema. Bastou dar alguns telefonemas para descobrir qual farmácia tinha o medicamento.

— E dirigir até lá.

— Ana adorou dar uma volta de automóvel. Disse que de noite é muito melhor.

— Palavras terríveis para os ouvidos de uma avó, Kelly.

— Ana deve ser mantida ocupada, assim não pensará em traquinagens.

— Obrigada, de novo. Você é um tesouro.

As duas vasculharam a cozinha, verificando se havia algo fora do lugar, mas tudo estava perfeitamente limpo e arrumado.

— Vovó! — Ana surgiu à porta com sua cachorrinha. — Posso usar a mesa para

desenhar no caderno?

— Claro, claro. — Rose era indulgente quando se tratava da neta. — Mas não suje nada, está bem? — Voltou-se para Kelly. — Venha comigo. Quero lhe mostrar fotos antigas das famílias DiFalco e Decker, que encontrei quando procurava material para Pete Lassiter. Há instantâneos de Irene, de Mike, de seus avós, os pais de Adam, e até de sua mãe, Sandy.

A sala senhorial que servia de escritório e biblioteca era a preferida de Kelly, com suas paredes forradas de livros do chão ao teto. Havia ali romances clássicos e obras de referência destinadas a pesquisas, incluindo zoologia. Uma escrivaninha em madeira nobre, entalhada. Um clima de estudo e meditação.

Na prateleira baixa, ficavam as bonecas e os livros de Ana, alguns em relevo ou terceira dimensão, que Kelly também adorava manusear, pois não existiam em seu tempo de criança.

Naquela noite, os papéis e as pastas, em geral espalhados na mesa, tinham cedido lugar a álbuns, porta-retratos e fotografias avulsas, a maioria das quais em preto-e-branco.

— Nossa! — Kelly vibrou com a cena. — Pretende emoldurar todas elas?

— Não sou tão ambiciosa, nem temos tanto espaço. Devem voltar para a caixa de papelão, depois de filmadas pela equipe da televisão aberta, caso Pete Lassiter confirme interesse. O que posso fazer é separar as fotografias desbotadas, malconservadas ou tiradas com pouca luz, e levá-las para escaneamento e cópia, com as devidas correções por recursos digitais.

Kelly viu sua própria imagem de quando bebê e a de sua formosa mãe, Sandy O'Malley. Comoveu-se, porque não se lembrava dela. Não fossem os retratos guardados por Adam, não saberia mais como Sandy era. Junto com Sandy, morrera a memória dela na filha pequena.

Pouco escapara de Rose em matéria de arquivo familiar, mas ela não percebeu as lágrimas descendo pelo rosto de Kelly.

Apanhava mais uma caixa na estante, utilizando a escada, e teve de passá-la à jovem sem olhar.

— Esta contém tantas fotografias que não consegui examinar sequer a metade, Kelly. Minha mãe adorava bater instantâneos. Creio que documentou a história de cada família local, sem se dar conta da importância disso.

Kelly segurou o volume e atentou para o tampo, onde alguém havia rabiscado *Família O'Malley*.

— Por que está chorando? — Ana quis saber assim que entrou e viu Kelly. — Ficou triste?

— Ela descobriu uma foto da mãe e outra da avó Irene — explicou Rose, com tato, acabando de descer da escada. — Ver imagens antigas sempre desperta saudade.

— Mas Kelly não pode levar essas fotos emprestadas?

— Quando quiser. — Rose piscou para a mocinha. — Ela já é parte de nossa família, certo?

Num gesto instintivo, mas novo para Kelly, ela deslizou a mão pelo ventre. Queria certificar-se de que a visão privilegiada de Rose não detectara a barriga um pouco crescida. Em todo caso, puxou a malha que usava para cima da cintura e planejou alargar as roupas em geral.

Na verdade, Kelly apenas chamou a atenção de Rose para seu corpo. As pupilas dela brilhavam de curiosidade. Rose avançou perigosamente, com um dedo apontado para o suéter, que em seguida tocou.

— Há um fiapo aqui.

— O fio deve ter corrido quando saí do carro — Kelly esclareceu. — Pena, pois é minha malha favorita.

— Marjorie é ótima em cerzir e salvar roupas. Tenho certeza de que vai ajudá-la, se você puder esperar até que volte.

— Claro que posso. Vez ou outra, todo ser humano precisa de ajuda.

Desviando a vista, Rose retomou o exame das fotos.

— Peça mesmo. Marjorie ficará contente se você fizer isso. Ouça o que digo, Kelly.

— Você não, vovó — disse Ana quando Rose anunciou que era hora do banho e, depois, da cama. — Quero Kelly.

— É uma tarefa complicada — Rose voltou-se para a filha de Adam. — Acha que pode dar conta?

— Só se eu fizer bastante espuma — Kelly brincou.

— Minha boneca também pode vir?

— Sim, mas será preciso tirar o uniforme de astronauta dela, antes que entre na banheira. Da última vez, perdemos a roupinha, que encolheu. Lembra?

— Tomaremos cuidado — garantiu Kelly, levando Ana pela mão, escada acima.

Rose saiu à procura da cadelinha Priscila, com a finalidade de prendê-la e evitar que subisse ao banheiro em busca de Ana. Certa vez, entrara na água e quase se afogara. Dera bastante trabalho enxugá-la com secador e escovar seu pêlo.

Falante como era, Ana ficou feliz por poder conversar à vontade com Kelly, enquanto ela temperava a água quente e fria que vinha das torneiras. Em seguida, Kelly supervisionou o desempenho de Ana ao despir, sozinha, sua boneca preferida, uma Barbie.

O ambiente logo se tornou enfumaçado pelo vapor e perfumado pelo aroma dos sais de banho, que produziram a esperada espuma, com bolhas de tamanho variado.

Essa combinação de limpeza com prazer, de calor com conforto, era típica da casa de Rose, assim como da Pousada Candlelight.

Assim que cruzou a hospedaria para chegar à residência, Kelly sentiu-se mais serena, menos sozinha ou assustada com seu futuro próximo. Aquele lugar lhe pareceu mais real que os centímetros extras a lhe rondar o ventre, mais sólido que a deprimente corrida até a farmácia, mais inabalável que a mentira contada a Seth.

Era fácil levar as coisas e ser levada por elas, fingir que ainda era a jovem que menstruava com regularidade e tinha a sua frente um porvir de ouro. Pelo menos,

voltaria a ser dourado se Kelly fizesse o que tinha de fazer. Depois disso, retomaria o caminho do qual se desviara.

Amava o pai e tia Claire, mas havia um traço especial em tornar-se parte daquela família que a acolhera em seu meio. Rose DiFalco já não a assustava a ponto de calar-se na frente dela. Ao verificar as velhas fotos e os álbuns empoeirados, Kelly sentira em Rose uma amizade sincera, lastreada em lembranças compartilhadas. Lucy, a irmã de Rose, tratava-a como se ela fosse uma sobrinha de sangue. Ana se transformara numa paixão. E até as barulhentas primas tornaram-se queridas para ela. Apenas a misteriosa Marjorie, a futura madrasta, continuava fora de alcance. Por certo era amigável, calorosa e divertida, mas isso durava pouco. Às vezes, Kelly sentia que estavam em margens opostas do mesmo rio, aguardando a construção de uma ponte que as ligasse.

. Naquela manhã, prendera o fôlego quando vira Marjorie na farmácia distante, quando comprava o kit para o teste de gravidez. Entretida com os preservativos, Marjorie não vira nada de comprometedor. No entanto, sua intuição e perspicácia não eram de desprezar.

Mesmo sem um juramento de lealdade, Marjorie não sairia relatando suas desconfianças para todas as mulheres da família. Não seria tão cruel com a futura enteada, nem tão leviana para colocar em risco seu relacionamento com o noivo, o próprio pai de Kelly.

Marjorie se dispusera a comentar brevemente o que ouvira de Ana sobre o mal-estar de Kelly no banheiro da sorveteria. Tudo bem. Ela não podia culpar ninguém, de verdade. Além do mais, Marjorie ainda não era sua madrasta, mas comportara-se como uma mulher aberta às confissões íntimas de uma jovem que mal conhecia. Com o excesso de trabalho que vinha enfrentando, não precisaria envolver-se com os problemas de Kelly, se não quisesse.

No entanto, como mãe ou madrasta Marjorie teria de ouvir as dificuldades da enteada e aconselhá-la. Crianças e jovens sempre necessitam da presença materna.

Estaria sendo sentimental? Kelly fora muito tocada pela visão de fotografias de gente que morrera havia anos. Em particular, comovera-se com a foto da mãe e com a sentença de Rose, declarando-as muito parecidas.

— Está chorando? — Ana perguntou, meio imersa na banheira espumante.

— Não. — Kelly esfregou as pálpebras. — Entrou sabão.

— Como tomará conta de mim, de olhos fechados?

— Posso vê-la. Não se preocupe, apenas tome cuidado aí dentro.

— Mamãe nunca fecha os olhos durante meu banho... Ana tinha toda a razão. Devia existir uma lista, em algum lugar do universo, contendo tudo o que uma mãe pode ou não pode fazer com os filhos, e as crianças devem conseguir memorizar tudo.

— Prometo que ficarei olhando para você, Ana — Kelly assegurou, fazendo uma careta engraçada, querendo divertir a menina e fazê-la esquecer o que vira.

— Isso! Gostei! — Ana riu e ajeitou-se na banheira, endireitando as costas.

O que Kelly não conseguiu evitar foi o incômodo de um nó na garganta. Com cinco anos de idade, Ana sabia mais sobre o mundo secreto de mães e filhos do que ela jamais viria a aprender,

O casal chegou ao luxuoso balneário tarde da noite. O que a Candlelight tinha de romântica e elegante, aquele hotel tinha de intimista e voluptuoso. A praia, mais extensa e arenosa que a de Paradise Point, evocava banhos de mar, à luz da lua, de amantes despidos e excitados.

No saguão do estabelecimento caberia quase a pousada inteira de Rose DiFalco. O quarto reservado por Adam possuía lareira, esvoaçantes cortinas de renda, e a grande cama parecia suspensa sobre o estrado de madeira, que se projetava para fora do colchão, na frente e nas laterais, abrigando um aparelho de tevê e um castiçal com velas perfumadas. No banheiro, Marjorie descobriu, encantada, um equipamento de hidromassagem. Tal como no quarto, a janela dava vista para o oceano.

No conjunto, o ambiente produzia uma inebriante exaltação dos sentidos. Era um perfeito ninho de amor.

Na fantasia de Marjorie, ela se lançaria nua nos braços de Adam assim que o carregador das malas fechasse a porta. Na realidade, achavam-se embaraçados um com o outro, conversando sobre o clima, a temperatura, a paisagem, tudo o quê, em outras circunstâncias, não duraria mais que um minuto, mas que agora só concorria para adiar o sonhado encontro íntimo.

Para duas pessoas que iriam se casar em poucos meses, comportavam-se como estranhos. Em Paradise Point, faltara-lhes tempo e privacidade para manifestarem paixão.

Um calor incômodo tomou conta de Marjorie quando ela rememorou o pouco que tinham feito juntos e o muito que ainda poderiam fazer em matéria de luxúria.

Aquele deveria ser o momento certo, e contudo Marjorie e Adam se postavam um de cada lado da cama criada para o prazer dos casais. Ela nada conseguiu dizer, sentindo a garganta travada. Foi à varanda e contemplou o mar.

Ao reentrar no aposento, notou a bengala de Adam apoiada no armário embutido. Reconheceu que nunca vira um homem tão bonito, nem tão solitário. Ele era forte diante das adversidades, sempre confiante em seu poder de superação. No entanto, ali e naquele momento, parecia uma criança vulnerável.

Sim, poderia ser um efeito do amor, sentimento capaz de fragilizar as pessoas e que nada tinha a ver com paixão carnal.

Era como ser colhido no meio de uma tempestade, de um furacão, e pedir mais.

Adam percebeu o olhar de Marjorie. Acercou-se dela e tomou-lhe as mãos.

— Quer dar um passeio lá fora, antes do jantar? — Marjorie indagou, sabendo que o gerente mandara preparar uma refeição tardia para os dois novos hóspedes.

— Venha aqui — foi a resposta de Adam, e o coração de Marjorie bateu mais forte.

— Espere eu trocar minha roupa de baixo. Aquelas peças custaram caro demais para ficarem na mala, sem uso.

— Venha aqui — repetiu, com mais suavidade. Marjorie suspirou ao recostar-se no peito largo e se envolverem seu abraço. O tórax masculino, além de forte e musculoso, era quente no contato com a face dela. As mãos lembravam garras de aço segurando-a de encontro a Adam. Marjorie conhecia o toque daqueles dedos hábeis, treinados para excitá-la da forma como desejava. Precisava apenas tocá-lo também, sentir os volumes do corpo, o aroma da pele. Então, os fragmentos dispersos da vida dela se encaixariam dentro da grande moldura do prazer.

Tudo o que Marjorie pensava saber sobre o amor, sobre o prazer físico, ficou superado quando Adam começou a desabotoar sua blusa. Gesto simples, já praticado no banco de trás do carro e outros locais discretos, mas no cenário estimulante do quarto de hotel ela estremeceu como uma virgem ansiosa.

Não pare!

Ele não parou.

À medida que tirava os botões das casacas, Adam examinava a carne firme como se fosse um mapa erótico, um guia mágico para o prazer. As mãos de Adam colheram os seios, a cintura, o ventre. Desceram até despir Marjorie por completo, entre exclamações elogiosas, embora o corpo dela não estivesse em plena forma. Mas as imperfeições não diminuía em nada o entusiasmo de Adam.

Marjorie, então, passou a lutar contra as peças de vestuário do noivo. Conseguiu remover, pela cabeça, a camiseta de manga longa que ele usava, e foi ajudada a tirá-lhe a calça jeans.

Houve um firme contato frontal dos dois, e Adam agarrou as nádegas de Marjorie, alisando sua pele macia.

— Na cama... — ela sussurrou, e segundos depois estava deitada com Adam, vivendo longos e mágicos momentos de loucura.

Capítulo XI

Era um sonho tornado realidade: Marjorie, quente e saciada, adormecida nos braços de Adam.

O quarto estava banhado de luz, e apenas dois sons se ouviam: o barulho distante das ondas, a pulsação próxima de seus corações.

Nada no mundo seria comparável ao que Adam sentira nos atos de intimidade com a noiva. Ela se entregara por completo, superando mágoas, frustrações, feridas antigas. A aliança dourada lhe enfeitava a mão direita. Adam nunca se vira tão potente, tão descontraído, tão empenhado em satisfazer Marjorie ao mesmo tempo que a desfrutava.

A despeito de tudo isso, ele não pôde evitar a sensação de que a estava perdendo.

Não era nada que ele pudesse apontar com segurança, nenhum desentendimento

grave, nenhum incidente que o levasse a pensar em rompimento iminente com Marjorie. No entanto, o estranho pressentimento parecia ter se agarrado a suas entranhas, e desconhecia o motivo.

Marjorie suspirou ao acordar, e olhou para Adam, sorrindo.

— Adormeci. Perdoe-me.

— Não há por que se desculpar. — Ele a estreitou com vigor. — Você merecia descansar, depois de tudo o que fizemos juntos...

— É verdade. Foi incrível. Nunca o vi tão disposto. — Pressionou os lábios contra o ombro dele, que fez Marjorie rolar para cima de suas pernas.

Linda visão. Ela possuía um corpo bonito, excitante. O corpo de uma mulher feita. Seios fartos, cintura estreita, quadris largos e redondos. A tensão sexual voltou a reinar entre o casal.

— Você vai se cansar demais se repetirmos a dose? — Adam a provocou.

— Experimente. — Marjorie ajeitou-se sobre a barriga dele e de imediato sentiu-lhe a excitação. — Está me impressionando, querido!

— Tudo para agradar você. — E Adam alcançou o pacote de preservativos.

— Estou vendo.

Ela o beijou com volúpia, e depois fez questão de desenrolar a proteção sobre o noivo. A iniciativa a esquentava mais do que um toque de mão ou de lábios. Pronta, posicionou-se de modo a controlar seu ritmo, mas perdeu-se no calor do momento.

Marjorie fazia Adam sentir-se mais jovem, mais viril, mais otimista quanto à felicidade que poderia ter pelo resto da vida. Sobretudo, ela o fazia sentir-se amado. Por um instante, aquela desagradável sensação de que estava prestes a perder seu pedaço de paraíso ficou esquecida, como um pesadelo anulado pela luz do dia.

Um gemido gutural, quase um grito rouco, marcou o clímax da relação, e Marjorie desabou sobre o parceiro, atritando os seios no tórax suado de Adam.

Dessa vez, não tinha sono. Na verdade, Marjorie estava energizada. Suas terminações nervosas pareciam latejar. Perguntou as horas e, quando soube que eram mais de dez, compreendeu por que estava com tanta fome.

— Vamos pedir o desjejum aqui? Assim não teremos de nos vestir.

— De acordo, mas ponha um robe para atender à porta.

— Não quero, ainda está na mala. Atenda você.

— Nu?

— Para um homem, é mais fácil enrolar-se na toalha. — Marjorie ergueu-se rápido da cama e correu para o banheiro, deixando Adam às voltas com o problema.

Até mesmo a toalha se tornara inacessível, caso não quisesse incomodar a noiva.

Ele telefonou para o serviço de quarto e, pouco depois, um garçom veio entregar duas bandejas completas, que arrumou na mesinha perto da enorme janela. O rapaz sem dúvida era habituado a testemunhar vários graus de nudez dos hóspedes. Assim, não estranhou que Adam surgisse enrolado no lençol, que sobrava por todos os lados.

— O que é aquilo? — Adam indicou um balde de gelo que sobressaía entre os pães, frutas e sucos.

— Meia garrafa de champanhe. Cortesia da casa — informou o garçom, fazendo por merecer uma boa gorjeta antes de sair.

— Terreno livre! — Adam gritou em seguida, para Marjorie. Ela apareceu de calcinha e roupão semi-aberto, fornecido pelo próprio hotel. Como era de tamanho único, ficara apertado contra suas curvas. A visão era hipnótica, convidativa. Para Adam, Marjorie encarnava a imagem terrena da própria Vénus.

— Você parece uma deusa grega.

— E você, um imperador romano com essa túnica larga...

— Ela riu dele, depois fitou a mesinha servida.

— Que menina engraçadinha! Venha. É hora de repor as energias.

— Não se preocupem tanto — Claire pedia aos familiares, calçando sapatos sociais. — Eu e David apenas vamos sair para jantar, não para ir até Las Vegas e entrar na primeira capela aberta de casamentos rápidos.

O pai, a filha e o filho trocaram olhares.

— Bem, divirta-se — disse Mike. — E não se prenda por nós.

— Pensei em sairmos todos e comermos um prato chinês — sugeriu Kathleen. — Poderia convidar Kelly.

— Quero comer carne — exigiu Mike.

— E eu prefiro pizza — atalhou Billy Júnior.

— Hoje, Kelly está trabalhando na pousada. — Claire estava alheia à confusão de vontades.

Ela decidiu não se envolver no pandemônio, sobretudo porque o sapato de salto quase não lhe cabia no pé. Claro, engordara desde que o calçado fora esquecido no armário.

Kathleen a ajudou, sem se furtar a um comentário espirituoso:

— Ou não são seus sapatos ou não são seus pés.

Em vez de se ofender, Claire riu junto com Kathleen, gratificada pelo momento especial. Sempre invejara o relacionamento de Adam com Kelly, tão espontâneo que, por vezes, nem pareciam pai e filha.

Nos últimos anos, Kathleen enfrentara tantos problemas que o riso dela se tornara raro. Por outro lado, Claire se gabava de ter amado e protegido todos os filhos, tentando guiá-los na vida, mas gracejar e se divertir com eles era algo que lhe trazia inexplicável vergonha.

Por certo, criar Kelly fora menos penoso para Adam. A filha dele possuía um temperamento afável, comportava-se de maneira correta, era séria sem deixar de ser amorosa. Fazia uma ou duas semanas, porém, que andava retraída, estranha, como se vivesse um grande conflito que ainda não resolvera partilhar com ninguém. Tudo a seu tempo.

— Caminhe pouco, mamãe — Kathleen recomendou quando Claire ensaiou os primeiros passos, sentindo um pouco de dor. — Não quero vê-la machucada.

— Se está se referindo a meus pés, acredito que o restaurante a que irei com

David não tem pista de dança. Se for outra coisa, saiba que meu coração não corre perigo. Amanhã eu lhe conto.

— Conrad está na cidade. — Kathleen era a única, na família de Claire, a saber que o fotógrafo tinha sido mais do que um amigo.

A soleira, longe do alcance dos outros, Claire tomou as mãos da filha com fervor.

— Pode ficar despreocupada. Ele irá embora dentro de poucos dias.

— Não admito que Conrad magoe você de novo.

— Ele nunca me magoou, querida.

— Vi o que aconteceu na Flórida.

— Mas fui eu que o dispensei. Causei-lhe muita tristeza.

— Não acredito no que diz, mamãe. Quantas vezes a vi chorando escondida?

— Sinto muito. Nunca pretendi ferir você no processo.

— Não me trate como criança. Já sou adulta.

Mas ainda muito jovem. E dois dos melhores anos de Kathleen se perderam num tratamento contra drogas e com as sequelas de um aborto. Para que uma mãe cria filhos? Sempre espera que, a partir da adolescência, sejam corretos, felizes, bem-sucedidos na vida. Era impossível descobrir onde Claire e Billy tinham errado com relação a Kathleen. Mas, se um entre cinco filhos não correspondesse às expectativas dos pais, isso estava dentro da lei das probabilidades.

— Sei a respeito de meu pai, todos sabem — Kathleen acrescentou, de súbito. — Você sofreu o bastante para mais de uma existência.

Dessa vez, Claire se espantou. Não desejava discutir com a filha. Torceu para que David chegasse logo para apanhá-la.

— Falaremos melhor amanhã, querida — tentou escapar.

— Em resumo, não quis deixar seu pai para sempre, apenas por algum tempo, e ver se Billy sentia minha falta.

— Você o amava mais do que a Conrad?

— Isso não vem ao caso. Eu amava minha família, por esse motivo voltei para ela.

— Não foi o que perguntei — Kathleen reagiu com firmeza.

— A vida conjugal, assim como outros acontecimentos, nunca é preto-e-branco. Tem muitos matizes de cinza.

— Você amava Billy, sim. Do contrário, não teria reatado com ele.

As pessoas ficam juntas por inúmeras razões, Kathleen. Você ainda é muito nova para compreender.

— Seu pai também adorava nossa família. Depois do nascimento de Billy Júnior, ficamos com cinco filhos para alimentar e educar.

— Isso não os aproximou? Não aumentou o amor entre vocês?

— Que pergunta! De onde tirou essa ideia?

— Tenho de saber, mamãe. É um direito meu.

— Oh, Deus! Não me diga que esteve conversando com Pete Lassiter. De

repente, todo o mundo por aqui parece ter sido mordido pela vontade de revelar tudo, sem se importar com as consequências.

— E se eu falasse para a televisão? O que deveria contar? Tem medo de que eu relate o que sei sobre papai e suas... — Felizmente, ela não completou a frase.

— Não era problema de ninguém, além de mim e Billy.

— E nosso, seus filhos. Não me olhe assim, mãe. As traições dele não eram segredo para ninguém.

— Reconheço, mas...

— Mas quer que ignoremos que papai dormia com outras mulheres? Cedo ou tarde, meus irmãos descobrirão. Isso se ainda não sabem.

— É assunto de família, e nela que deve permanecer.

— No entanto, existem os outros; quer dizer, a cidade inteira. — Kathleen deu risada.

— Agora que alguns anos já passaram, acho que o povo não há de se interessar em divulgar esse tipo de informação.

Kathleen tornou a rir, dessa vez mais alto.

— Está vinte anos atrasada, mamãe. Quem abrirá mão de passar adiante histórias tão picantes?

— Continuo afirmando: ninguém mais se interessa.

— Nem a tevê aberta? É claro que o assunto ainda a aborrece e magoa.

— Às vezes — Claire teve de admitir, sem fingir que não entendia a questão. — Cada dia menos, porém.

— Eu teria abandonado meu marido logo na primeira traição — disse Kathleen, com a convicção dos moços. — Bastaria ele sair da linha, e adeus!

— Espero que jamais precise tomar uma decisão igual, filha. — Claire se admirou da coragem de sua jovem guerreira.

Não obstante, Kathleen conhecia pouco da realidade. Faltava crescer mais, apaixonar-se, perder um ente querido...

— Para mim, não faz sentido um homem dizer que ama sua mulher, fazer filhos com ela e esquecer-se disso na hora de cometer adultério. Que eu me lembre, você e papai não eram felizes.

— Tem razão. — Claire abreviou a fala para não cair em contradição.

— Pensou em ficar na Flórida, com Conrad?

— Fiz uma escolha e não olhei para trás.

E era quase verdade. Caso recordasse os momentos ao lado de Conrad e a opção que adotara, sofreria muito.

— Como poderia lamentar uma decisão que trouxe Billy Júnior ao mundo?

Por algum tempo, Claire e Billy tinham sido felizes. No começo e no fim.

Kathleen não se convenceu por completo, pois a mãe, sem dúvida, mostrava dificuldade para se expressar. Talvez ela não houvesse desfrutado a felicidade dentro dos padrões que a garota exigia para si, mas nenhum casal moderno planta cinco frutos sem que exista uma razoável dose de amor mútuo.

Casa, comida e afeto nunca faltaram aos filhos. Kathleen também só podia ser grata às atenções que os pais lhe dedicaram quando acometida por problemas graves.

— Billy e eu nos amávamos, minha filha.

— Eu sabia! — Kathleen exclamou, demonstrando um alívio que também pacificou a alma de Claire.

Claire devorou o último bocado de lagosta, bebeu vinho branco e recostou-se no espaldar, feliz.

— Diga-me, David, é aqui que vêm os ricos da região? — Ela olhou em torno e imaginou que ninguém ali teria de se levantar cedo na manhã seguinte.

— Parece que sim, mas àquela mesa à direita está a professora de matemática do colégio. Trato dos dentes dela.

— Bem, professores não costumam enriquecer, mas ela pode ter se casado com um milionário...

— Ouvi rumores, mas nada posso afirmar.

— Será que irá pagar a conta com vales-refeição?

Pare com essas grosserias, Claire Meehan O'Malley. Você não é a única neste restaurante a ser convidada pelo namorado. Relaxe e aproveite.

Era fácil se divertir com David Fenelli, sempre uma excelente companhia. Ele ouvia com atenção, falava pouco, mostrava-se simpático e sedutor. Dentes perfeitos, como seria de esperar. Portanto, Claire nunca iria ter de cortar, para ele, um bife em pedacinhos. Quem mais ela poderia desejar como companheiro? Conrad Flynn.

Ideia estúpida, que combateu consultando o cardápio de sobremesas. Não tinha cabimento, àquela altura, alimentar fantasias com um homem que não a queria mais fazia anos. Entrar conscientemente num beco sem saída não era para Claire. Para ninguém, aliás. Então, por que mantinha um olhar ansioso na direção da entrada, esperando que Conrad surgisse a qualquer momento?

Na verdade, era a última coisa que desejava. Claire reagia a um estímulo poderoso, a uma química idealizada que nunca deixara de existir entre ela e Conrad. Ao mesmo tempo, com igual intensidade, não o queria por perto, imiscuindo-se em sua crescente atração por David. As grandes paixões são contraditórias.

David vinha observando o comportamento dela, porém pensou que Claire se mostrava aflita por causa de seus familiares.

— Se está tão preocupada, por que não telefona para eles? — Sorriu, passando a impressão de ser uma criatura boa demais para pertencer a este mundo.

— Se não conseguem viver sem mim por uma única noite de sábado apenas, em quase vinte anos, nada posso fazer.

— Nesse caso, que tal irmos ao cinema?

— Cinema? — Claire fingiu espanto. — Quer dizer, uma sala enorme onde há um monte de gente desconhecida, olhando para uma tela e vendo imagens em movimento?

— Sim. — David achou graça. — Também existe som, com música e diálogos.

— Prefiro ter um controle remoto à mão, para saltar as cenas maçantes.

— Deixei de mencionar a pipoca.

Ela voltou a examinar o cardápio e, de comum acordo com David, pediu musse de chocolate e dois capuccinos.

— Conhaque para arrematar? — sugeriu o garçom.

— Gostaria que aceitasse, Claire. Homenagem minha. Claire concordou. A sessão de cinema só começaria dali a uma hora, de modo que puderam saborear sem pressa a sobremesa e os complementos.

No fim, enquanto David sinalizava ao garçom para trazer a conta, Claire tornou a pensar em seu lar, sua família e... Conrad Flynn.

Procurou relaxar, querendo evitar um novo constrangimento, mas isso não era algo que soubesse fazer bem. Convencia mais quando preocupada, obsessiva, imaginando qual catástrofe a rondava na próxima esquina. Por isso mesmo, não percebeu quando o real desastre chegou, na forma de uma chamada em seu celular.

— Está tocando. Não vai atender? — David a alertou, a meio caminho do estacionamento.

Claire abriu a bolsa e apanhou o aparelho.

— Não se assuste, mamãe. — Era Kathleen. — Mas vovô foi internado na emergência do hospital.

— Deus do céu! — Ela estacou e não entrou no carro de David. — Repita, senão não vou acreditar.

Sempre havia a possibilidade de ser uma piada de mau gosto.

— Vovô tropeçou no gato, no corredor, e caiu de mau jeito. Parece que quebrou o pé.

Bem, ao menos não se tratava de um infarto ou derrame cerebral.

— Onde você está agora?

— Na sala de espera. Não me deixaram acompanhá-lo durante os exames.

— Perguntei em qual hospital. — Claire ficou desproporcional mente nervosa.

— Hospital Central.

— Billy está com você?

— Sim, eu o deixei na lanchonete interna, comendo um sanduíche.

— Já vou para aí. — E Claire desligou.

David abriu a porta do veículo para Claire, dando-lhe um momento de paz antes de indagar:

— Aconteceu algo com seu pai? Coração?

— Não, o gato, Fluffy.

Perplexo, David não conseguiu entender. Claire continuou:

— Eu preveni papai centenas de vezes para prestar atenção quando circulava pelo corredor de noite, com pouca luz. Já ia instalar uma lâmpada mais forte, mas não houve tempo...

Com sua pitada de culpa, Claire resolveu não se apressar. Também não gostava de ir ao Hospital Central, onde vira o marido vivo pela última vez. Menos mal que não entrara em pânico. Um pé fraturado representa incômodo, mas não um risco de

morte.

David manteve um monólogo suave durante o trajeto, na tentativa de animar Claire. E a deixou na entrada do hospital, antes de procurar vaga para estacionar. Kathleen a aguardava, aflita.

— Vovô está lá nos fundos. Ala três.

— Você se alimentou? — Claire quis saber da filha, ao notar as mãos trêmulas da garota.

— Dois sanduíches de atum. Desculpe-me, mas Billy Júnior também não gostou da comida japonesa que você deixou.

— E onde ele se meteu?

— Foi mostrar a lanchonete à filha de Donna Leitz, que veio visitar o avô internado.

— David deve estar estacionando. Faça companhia a ele enquanto tento obter notícias de papai. — Ela ganhou de Kathleen um raro abraço.

Anos antes, Claire procurara um membro do Conselho Tutelar do município, no esforço de salvar Kathleen das drogas e, com ela, todo a família. Ouvira que mãe e filha deveriam trabalhar juntas contra o inimigo silencioso, sem desanimar. Se mantivessem o foco no problema, jamais desistindo da meta, seriam recompensadas com a vitória. A conselheira tinha razão e, com sua maravilhosa lucidez, devolvera a paz ao lar dos O'Malley.

A lembrança do tratamento de Kathleen, junto com imagens de Billy, abateram Claire. Mas ela se recompôs, como sempre acontecia quando era exigida, e marchou com decisão até a ala três. Passou, pressurosa, pela porta do quarto em que se despedira do marido.

— Pegue minhas roupas! — Mike trovejou assim que a viu afastar as cortinas do cubículo. — Não vou ficar aqui, mofando, até que os médicos terminem de correr atrás das enfermeiras.

— Fique quieto, papai, e continue deitado com o pé para cima! — Aproximou-se do leito hospitalar, e para isso deslocou do lugar a escadinha de dois degraus que os pacientes utilizavam para subir à cama.

— Ajude-me a sair desta maldita tábua! Estão querendo me aprisionar aqui, enquanto tomam café, tranquilos, como se nada tivesse acontecido.

— Não posso fazer nada para ajudar, antes que examinem seu pé e tirem radiografias.

— Acho que não tenho nada no pé. Na hora, doeu muito, mas a dor já cedeu. Torci o tornozelo, só isso. Dê-me duas aspirinas e leve-me embora.

Claire conhecia bem a energia oscilante do antigo pescador que era seu pai. Mike ainda era capaz de caminhar cinco quilômetros sem se cansar, enquanto um resfriado comum o confinava no quarto por uma semana.

— Chamei uma amiga do clube recreativo. Ela vai me tirar do hospital.

— Você chamou? Como, papai?

— Deixei uma mensagem no celular dela. Se você não me levar daqui, ela o

fará.

— Só sobre meu cadáver. Entenda, nenhuma amiga tem compromissos com sua saúde como eu tenho.

O rosto juvenil e viçoso de uma enfermeira surgiu no vão das cortinas.

— Qual o estado dele? — perguntou a Claire.

— De extrema rebeldia. — Ela revirou os olhos numa expressão de inconformismo.

— Eu sei. Todos sabem, aqui no hospital e em todo lugar.

— Uma radiografia! — ele resmungou. — Quanto tempo leva para vocês fazerem um raio-X?

— O senhor não é o único paciente que precisa de radiografia, sr. Meehan. Mas não esquecemos ninguém — explicou a jovem enfermeira. — Será atendido assim que for possível.

— Já tenho idade. Na certa estarei morto quando os médicos chegarem.

— Papai! — Envergonhada, Claire teve vontade de se atirar na frente de um trem.

— Verei o que posso fazer. — E a enfermeira se retirou. — Volto logo.

— Muito barulho por nada. — Mike fez uma careta. — Bata uma foto do pé, Claire, entregue à enfermeira e me leve embora. Estão agindo como se meu caso fosse de cirurgia cerebral. Por que não vão aborrecer Barney Kurkov?

— Barney? O que ele faz aqui?

— Intoxicação por fumaça. Acenou para mim quando passou no corredor, de maca.

— Não mexa um só músculo, papai. Estarei aqui em um minuto.

— Traga minhas roupas junto, ou fugirei daqui apenas de cueca!

O lado positivo de uma lesão no pé ou no tornozelo era que Mike não poderia fugir para nenhum lugar. Claire calculou em dois meses, no mínimo, o período de reclusão em casa. Certo, poderia alugar uma cadeira de rodas e levar o pai para passear, inclusive no centro recreativo para idosos, onde ele tinha diversas fãs.

Kathleen e David conversavam, sentados na sala de espera. Por vezes, erguiam o olhar para o televisor suspenso da parede, que exibia mais anúncios do que programas, e mesmo assim reprises. Os dois se levantaram assim que viram Claire se aproximar.

— Como ele está? — David questionou de imediato.

— Dando trabalho. Fazendo escândalo. É teimoso como uma mula.

— Isso é bom. — Kathleen deu risada. — Prova que vovô está lúcido e normal.

— A enfermeira veio vê-lo e ficou de apressar a radiografia. Você pode ficar com seu avô um pouco, filha?

Kathleen cerrou os punhos, simulando preparar-se para uma briga, e tomou a direção do corredor, decidida.

— Sua menina é um anjo — comentou David. Claire benzeu-se.

— Direto de sua boca para os ouvidos de Deus! — Ela olhou em torno de si. —

Viu Billy Júnior em algum lugar?

— Acabou de sair para o terreno do estacionamento. Ele e a filha de Donna Leitz queriam brincar ao ar livre.

— Vai ser uma longa noite, David. É melhor você ir para sua casa e dormir. Será poupado de ver meu pai tentando pular a janela, só com roupa de baixo.

— Isso não me preocupa, e sim o estado de saúde dele. Talvez fosse verdade, talvez apenas uma gentileza. Claire precisava de um maior território neutro entre a família e os amigos. Aprendera essa lição durante a época de casada.

— Gostaria de ter ido ao cinema com você, David. Mas o jantar estava fabuloso. Não esperava tanto do Chadwick, restaurante que não conhecia.

— Sua companhia também foi fantástica. E ainda me deu carona em seu carro.

— Obrigada por ter me convidado.

No indecifrável olhar que David lhe dirigiu, havia um misto de afeto, curiosidade e, quem sabe, irritação. Claire não o conhecia o suficiente para tirar conclusões confiáveis.

— Como fará para voltar?

— Kathleen teve a feliz ideia de trazer meu carro.

— Dirija com cuidado.

— Pode deixar. Eu telefono amanhã — ele declarou, confirmando tratar-se de um homem que se pautava pelas melhores regras do convívio social. Por isso não a beijara, nem mesmo nas faces, nem colhera suas mãos por cima da mesa.

Era uma das vantagens de flertar com um sujeito sério, diante do qual não tinha de se colocar em guarda contra avanços indevidos ou tentativas de tocá-la. Cada qual em seu papel, até um dia indefinido.

Claire acenou um adeus assim que David se afastou, e então correu de volta ao compartimento em que o pai continuava em observação.

Kathleen conversava, animada, com um jovem e bonito médico, provável estagiário, perto do guichê das enfermeiras, e Claire resolveu não perturbá-la. O cubículo, no entanto, estava vazio, exceto por algumas revistas de esportes deixadas por Mike sobre o leito. Por certo, já o haviam conduzido à sala de raio-X, o que representava um bem-vindo progresso na situação.

— Não podemos permitir que entre agora no quarto — disse o médico responsável a Conrad Flynn, que tinha ido visitar Barney Kurkov.

— Tenho certeza de que ele não se importará.

— Evidente que não, pois está sedado e respirando por aparelhos. A intoxicação é grave, e o senhor deve esperar mais um ou dois dias para vê-lo, assim como os parentes do sr. Kurkov.

— Certo. É justo. — Conrad sabia respeitar limites. — Pode me informar onde se encontra a equipe da televisão? Disseram-me que vinha para o Hospital Central.

— Na sala de espera do centro cirúrgico. Vão acompanhar o transplante de rim entre as irmãs Morantz.

— Uma doou para a outra?

— Bela história, não é? — O médico meneou a cabeça. — ainda bem que o mundo não é feito apenas de canalhas e bandidos.

— Cuidado, doutor! — Conrad alertou o médico para a passagem veloz de um garoto que corria, brincando, pelas instalações do hospital.

— Sabe quem é? — perguntou o homem de branco depois que o menino, aparentando uns oito anos, enveredou pela escada de serviço.

— Não. No primeiro momento, pensei que fosse seu filho.

— Por favor, encontre e leve o rapazinho para baixo, até o balcão de recepção. Os funcionários chamarão os pais pelo alto-falante.

O pager do médico tocou, e ele se afastou após consultar o visor.

— Emergência! — gritou o garoto, que reapareceu no corredor. Ficara espiando pela fresta da porta.

— Prometi levar você lá para baixo — disse Conrad. — Aliás, já é bem grande e pode descer sozinho. Compareça ao balcão da entrada e avise que se perdeu.

— Acho que houve um grande desastre na rodovia e estão trazendo os corpos das vítimas para cá.

— Pensamento positivo... Você sempre tem essas ideias sinistras ou é apenas uma brincadeira”?

— Ouvi o pager do médico chamar. Só pode ser uma emergência!

Aquele comportamento estranho fez Conrad apressar-se para sair.

— Aonde vai?

— Ao centro cirúrgico.

— Quero ir com você.

— É proibida a entrada de crianças naquele andar.

— Então, também vou sair daqui. — Estendeu a mão, como um adulto precoce, cumprimentando Conrad. — Só que não sei onde minha mãe está.

Não faltava mais nada. O pequeno acabara de acionar artilharia pesada. Se o paradeiro da mãe era desconhecido, talvez pouco resolvesse divulgar avisos pelos alto-falantes.

— Onde a viu pela última vez?

— Em casa — o menino afirmou, com certo rancor. — Saiu com um homem qualquer e me deixou lá.

— Mas como veio parar aqui?

Nada havia de errado com o rapazinho, em termos físicos, isso estava claro. Nenhum osso fraturado. Nem sangue a verter de algum ferimento.

— Meu avô quebrou o pé.

— E por que não está com ele?

— Não sei para onde o levaram.

— Pois no balcão você poderá obter informações sobre o paciente.

O garoto estudou Conrad, que parecia ser um bom sujeito, disposto a ajudar.

— É o seguinte: tenho fome e, antes de descer, gostaria que me acompanhasse até a lanchonete interna, porque também não trouxe dinheiro.

Conrad teve a sensação de ser manipulado por um mestre em miniatura.

— Não há mesmo ninguém a sua espera? — Ninguém.

— Começo a pensar que você, na realidade, é um médico anão, disfarçado.

O menino deu uma gargalhada.

— Não tenho idade suficiente.

— Eu vi alguns estagiários e internos. Não são muito mais velhos que você.

— Fiz oito anos um dia desses. Ninguém consegue ser médico com menos de vinte e cinco, suponho.

— Eu estava brincando, para compensar aquela sua anedota macabra sobre uma tragédia na estrada. — Conrad apertou o botão do elevador, com o menino perdido colado em suas pernas, onde buscava a salvação. — Mas você parece ter mais idade. Treze anos, no mínimo.

Uma enfermeira de aparência cansada, dentro do elevador, olhou, admirada, para as câmeras fotográficas que Conrad carregava penduradas ao pescoço.

— Se tirar uma foto minha, vou processá-lo — ela o alertou.

— Tudo bem. — Conrad compreendia que a enfermeira não desejava ser flagrada por ninguém com aquele rosto a revelar fadiga. — Fique descansada.

— Descanso é tudo de que preciso. — E saltou no primeiro piso.

No saguão do térreo, Conrad puxou uma cadeira para si e indicou outra para seu amiguinho. Conferiu as câmeras, ponderando se necessitaria de autorização especial para registrar imagens das irmãs Morantz e do transplante interpessoal de rim, no estilo antes e depois. Agia por impulso, como gostava de fazer, e o material renderia um bom dinheiro se fosse aceito por uma agência de notícias de Nova York, apesar da concorrência quase invencível com a reportagem da televisão aberta.

— E a lanchonete? — queixou-se o garoto, vendo Conrad tão entretido com outras questões.

— Pegue isto... — deu-lhe algumas moedas. — ...e escolha alguma coisa para nós na máquina de venda automática, que fica ali no canto.

— O quê, por exemplo?

— Decida você e me surpreenda — Conrad o incentivou. O menino deu um salto e partiu como um raio.

O garoto fazia Conrad recordar sua própria infância. Fora muito agarrado aos pais, e depois à irmã mais velha, Marion. Mas explodia de curiosidade o tempo todo. Assemelhava-se a uma esponja seca, pronta a absorver todas as experiências que o mundo podia lhe oferecer. Nesse processo, não se envergonhara de arrastar alguns adultos consigo.

Ao alcance da vista de Conrad, o pequeno passou da máquina de sanduíches para a de refrigerantes gelados. Seguia o padrão americano de fisionomia: um pouco de sardas, grandes olhos azul-escuros, nariz reto, sorriso um pouco cruel. Conrad adoraria tirar fotos dele, mas não podia fazer isso sem a permissão expressa — de preferência por escrito — dos pais ou tutores, para evitar problemas jurídicos.

Com um rosto como aquele na capa, o livro que acompanharia o documentário

sobre Paradise Point encabeçaria, em questão de semanas, as listas de mais vendidos.

Conrad passou a observar as atendentes do balcão, ocupadas com seus computadores, mas capazes de ver tudo a sua volta, com uma expressão benfazeja que acalmava os parentes de internos em estado grave.

Seus dias na cidade passaram rápido. Tinham lhe pedido para concentrar-se em duas comunidades: a dos bombeiros e a dos pescadores. Conrad já havia fotografado as docas, os homens do mar, seu modo de vida e as diferentes famílias que dependiam de seu trabalho. Depois, frequentara o quartel dos bombeiros, escoltado pelo chefe Kurkov, e não só registrará o treinamento do pessoal como fora interrompido três vezes por chamadas de emergência.

A quarta interrupção, no entanto, fora a mais grave: um incêndio provocado por óleo fervente numa lanchonete de beira de estrada. Pelo visor da câmera, Conrad testemunhara como a corajosa equipe conseguira domar as labaredas.

Era o mesmo que Billy O'Malley fazia quando morreu. Conrad ouvira muitas histórias negativas sobre o finado marido de Claire. No plano pessoal, talvez houvesse pouco a admirar na figura dele. Como profissional, porém, como combatente do fogo, O'Malley merecia a glória e o respeito com que era lembrado.

Conrad vira atos heróicos durante suas coberturas de guerras e rebeliões, mas a atitude de Billy, salvando pessoas ao custo da própria vida, ocupava sem dúvida o primeiro lugar.

O menino retornou com um pacote de batatinhas, outro de bolachas doces recheadas e duas latas de refrigerante.

— Eu gostaria de ter comprado leite achocolatado, mas custa um dólar a mais do que você me deu.

— Você é um anão vigarista — Conrad brincou.

— Não se deve dizer anão. Minha mãe me ensinou a falar pessoa pequena — disse o menino, franzindo o cenho.

Sensibilidades liberais estavam em voga pelos lados de Nova Jersey, pensou Conrad. Mas será que o comportamento politicamente correto chegaria a coexistir com as mãos conservadoras, seus bolos caseiros e os valores que ele conhecera nas docas e no quartel dos bombeiros?

— O leite — disse o menino, abrindo uma das embalagens que trouxera. — Sem leite, como vou comer estes biscoitos recheados?

— Está bem — disse impaciente, Conrad colocando mais um dólar na mão dele. — Agora, o banco fechou, entendeu?

Não lhe faltava dinheiro no bolso, mas pretendia, na medida do possível, dar uma lição no garoto, conscientizando-o de seus abusos.

Em instantes, o rapazinho devorara os biscoitos superaçucarados e supercalóricos, molhados no leite também cheio de açúcar. Seriam assim todas as crianças, ou só aquele espertinho de olhos azuis? Se continuasse sendo tão persuasivo, iria longe na vida.

— Pode comer as batatinhas — ele ofereceu.

Conrad apanhou seu pacote, uma lata de refrigerante, e arrumou tudo sobre uma mesa vazia, na certa não destinada a refeições. Levava a primeira batata à boca quando o garoto olhou por cima do ombro dele, na direção de alguém que se aproximava, e elevou o tom:

— É a minha mãe!

De costas, Conrad não viu de quem se tratava, mas disse ao pequeno companheiro que, se a mãe dele gostasse de batatinhas fritas, de bom grado as dividiria. Ouviu passos atrás de si e enfim escutou uma voz familiar:

— Obrigada por tomar conta de meu filho, Conrad. Claire lhe pareceu cansada, um tanto constrangida e bastante cautelosa. Ainda assim, a presença dela recolocava tudo no devido lugar.

Conrad se perguntou como pudera suportar a saudade, como não reconhecera o menino, se era a cópia do pai, o finado marido de Claire, cujo retrato acabara de rever na parede de entrada da sede dos bombeiros. Os mesmos cabelos negros, o nariz reto, os profundos olhos azuis. Tudo isso, e mais o sorriso maroto, estava à frente dele, em miniatura.

Conrad fora cego, além de cruel com os próprios sentimentos.

— Você não dá comida a esse menino? — indagou ao encarar Claire, optando por gracejar até que vencesse a surpresa e a emoção. Então, convidou-a a sentar-se.

Pena que Claire não captou o humor contido na frase dele.

— Vou reembolsar suas despesas com Billy Júnior. Billy Júnior! Lógico! O quinto e último filho de Claire, nascido depois do rompimento de ambos na Flórida. Ela apanhou sua carteira na bolsa e colocou algumas notas sobre o tampo.

— Que absurdo! Não quero seu dinheiro!

— Por favor. Você não precisa pagar pelos maus hábitos alimentares de Billy.

— Claire...

A incômoda situação foi interrompida quando Billy interveio:

— Quero ver vovô.

— Ele está tirando radiografias e fazendo outros exames, no momento.

— Então, vou esperar.

— Você não sabe quanto tempo pode demorar, nem onde fica a ala de Mike, no setor de emergências.

— Sei, sim. A enfermeira me mostrou.

— Tudo bem, mas leve Kathleen com você. Ela ficou na sala de espera do andar.

Billy deu início a sua escapada, mas Claire o barrou com uma espécie de invisível força materna.

— Agradeça a Conrad.

— Obrigado — ele murmurou, após beber o último gole de leite achocolatado. Como era previsível, saiu correndo.

— Tem oito anos... — Claire justificou. — Nessa idade, não se pode exigir demais dos modos de uma criança.

— Para mim, a companhia dele foi melhor que a da equipe da tevê que está

gravando um transplante no centro cirúrgico.

Claire tentou esboçar um sorriso, mas o resultado não foi muito convincente.

— Espero que Billy não o tenha incomodado.

— Ele faz muitas perguntas.

— Com oito anos, os garotos devoram biscoitos e fazem perguntas.

— Seu pai está internado?

Claire correu a mão pelas faces, num gesto discreto que Conrad conhecia bem.

— Sim. Tropeçou em nosso gato, no corredor, e caiu de mau jeito. Fraturou o pé ou, como ele prefere imaginar, luxou o tornozelo.

E como está passando?

— Reclamando demais, arranjando encrenca. Por isso acho que não tem nada grave.

— Quer provar estas batatinhas? — Conrad indicou o pacote ainda cheio.

— Não, obrigada. É melhor eu subir e ver como andam as coisas.

— Claire...

— Não diga nada, Conrad. — Ergueu a mão direita silenciando-o. — Compreendo seus sentimentos, sempre compreendi. Vamos deixar tudo como está. Podemos cultivar uma boa e sincera amizade.

Amizade?! Conrad só não se abatera com sua solidão porque estivera anos mergulhado no trabalho, documentando guerras e conflitos em países nos quais o povo mal tinha o que comer. As injustiças presenciadas endureceram seu coração, mas, agora que retornara, Claire o aquecia de novo.

— Billy é um ótimo menino.

Você fez a escolha certa, Claire, ao voltar para cá com seu marido e seus filhos. Eu nada tinha a lhe oferecer, que se igualasse a uma criança como essa.

— Sou obrigada a concordar. Foi dele que engravidei, logo depois de nos separarmos.

Conrad jamais vira uma mulher tão conciliadora, nem tão adorável, quanto Claire. Esgotara anos de sua vida pensando nela, na felicidade que poderiam ter partilhado, no filho bonito que poderiam ter tido. Naquele momento, sentiu raiva de si mesmo, odiou a existência de Billy Júnior.

— Ele se parece com o pai.

— Como sabe? Você não o conheceu quando Billy foi me buscar, na Flórida.

Claire recordou o dilema que enfrentara. Por questão de dias não assumira sua intensa paixão por Conrad, fazendo amor com ele sem sentir-se infiel a Billy O'Malley. Mas o marido fora atrás dela para pedir perdão por suas traições, jurar eterno afeto e invocar o nome dos filhos em seu socorro.

Um pouco de insegurança, outro pouco de sentimento de culpa haviam determinado seu reatamento com Billy, antes de dar uma guinada decisiva no casto relacionamento com Conrad.

Ele esclareceu que vira o retrato de Billy O'Malley na galeria de honra do Corpo de Bombeiros. Não o odiava, mesmo porque havia morrido e se tratava do herói da

cidade. Só não entendia como, casado com uma mulher da qualidade de Claire, o marido a traía com tantas outras. Necessidade de afirmação machista, por certo.

— Pelo jeito andou ouvindo muitos boatos sobre Billy, desde que chegou...

— Nada que você já não tivesse me contado.

— Duvido — Claire murmurou, exibindo uma expressão indecifrável. — Faz muito tempo. Aconteceram vários problemas, desde então.

Conrad gostaria de dizer algo profundo, sábio e reconfortante, capaz de apagar os erros, a saudade, os anos de separação entre ele e Claire. Contudo, limitou-se a afagar a mão dela sobre a mesa. Claire possuía dedos compridos e fortes. As unhas eram curtas e bem tratadas, embora naturais, sem esmalte. Então, ele experimentou na pele o frio metal da aliança de casamento.

Ela não reagiu, não lhe deu nada em troca, nem encorajamento nem censura. Se mostrasse zanga por causa do toque, Conrad poderia combatê-la. Se chorasse, compreenderia.

Mas contra a indiferença nada conseguiria fazer. Ainda amava Claire, e ela parecia não se importar com isso.

Estavam próximos a ponto de Conrad sentir a suave fragrância do perfume dela. Notou também o rancor reprimido de Claire. Rancor de Billy O'Malley, de si própria; dele. Era desconcertante. Como lidar com uma situação tão complexa? Conrad carecia de experiência com mulheres, com as contradições do amor.

— Você merece desculpas — ela o surpreendeu. — Agi mal quando me afastei e, pouco depois, quando não o avisei que tinha ficado grávida.

— Por que faria isso? Ambos sabemos que o filho não poderia ser meu. Nada me separaria de você.

— Uma gravidez tardia, sim.

O conflito dentro de Conrad se apaziguou. Claire tinha razão. A imprevista gestação de seu filho caçula colocara um fim nos sonhos de um futuro em comum com ela. Claire carregara esse futuro no ventre, e ele não lhe pertencia.

Conrad meneou a cabeça. Claire fechou os olhos, sem recolher a mão.

— Entende? — Abrindo as pálpebras, ela focalizou as atendedoras do balcão. — Nas últimas horas, esperei por sua vinda com tanta ansiedade que não levei em conta como você estaria se sentindo com nosso reencontro.

A velha Claire de nove anos atrás teria chorado de remorso ou cuspidor fogo. No entanto, a nova Claire diante dele mantinha suas emoções controladas e o coração fechado a chave.

— Só quero que saiba que eu sinto muito.

Apenas um pensamento ou uma chama de amor atrás da fria fachada?

— Não seguimos o caminho que deveríamos trilhar, permanecendo juntos contra todos os obstáculos.

— O que esperava de mim? — Claire não se comoveu. — Sabia muito bem que eu nunca iria tão longe. Você também não, talvez.

Nem longe, nem perto. Nove anos antes, Conrad reagira à decisão dela com uma

explosão de ferocidade que ainda o assombrava. Faltava-lhe o direito a emoções radicais no que se referisse a Claire, mas isso não o impedira de expelir uma ira que ignorava como controlar.

Uma dupla de médicos cruzou o saguão, e Claire voltou ao presente.

— Tenho de ir. Além de meu pai, quero ver Barney.

— Vou acompanhá-la nas visitas.

— Não é uma boa ideia. Você não consta da lista de pessoas autorizadas; mas não se aborreça. Minha filha Kathleen também não.

— Eu a vi ontem, na churrascaria. Lembra muito você, mais jovem.

A expressão dela se suavizou, e de novo Conrad enxergou através da muralha de defesa que Claire construía e captou um vislumbre da mulher que ele conhecera e amara.

— Kathleen me preveniu a seu respeito.

— Ela se lembra de mim? Era tão pequena, na época!

— Em geral, as crianças se recordam de mais coisas do que costumamos imaginar.

— E o que sua filha disse?

— Tem medo de que você me magoe outra vez. — Claire fixou o olhar em Conrad, preocupada com sua possível reação. — Expliquei-lhe que fui eu quem feriu seus sentimentos ao abandoná-lo.

— E ela não acreditou em você, lógico.

— Não. Falta de experiência em lidar com os dois lados da moeda.

Mais um médico passou perto deles. Por acaso, era conhecido de Claire.

— Esse é o geriatra de meu pai — ela informou, pondo-se de pé. — Vou alcançá-lo e saber se pode ajudar em algo. Talvez não saiba que Mike Meehan está internado aqui. Também preciso telefonar e avisar o restante da família. Como vê, estou bastante ocupada.

— Vá, e boa sorte. Poderá me encontrar no farol da barra, segunda-feira, em torno das três da tarde. A Guarda Costeira me autorizou a fotografar lá de cima. Gostaria de ter você junto comigo.

Claire abriu a boca para desfiar todas as razões pelas quais não iria àquele encontro, mas Conrad a fez calar-se, ao se antecipar:

— Não diga nada. Você é quem resolve. Três da tarde. Ela o fitou Conrad por segundos, como que delineando uma despedida definitiva, e outra vez ele tentou ler o íntimo de Claire, através das camadas de autodefesa, de dor, de frustração. Por um instante, viu com nitidez a pessoa por quem se apaixonara.

Apesar de tudo, aquela mulher ainda existia.

Capítulo XII

O namoro entre Adam e Marjorie atingira seu ponto mais alto. Ambos sabiam que o mágico encantamento que os cercara, naquele fim de semana especial, se dissiparia quando voltassem à rotina normal de Paradise Point.

Para Adam, fora uma bênção passar duas noites seguidas com a noiva. Praticamente trancado no quarto com ela, purgara suas carências, que datavam de longos anos. Comparada a Marjorie, Sandy tinha sido uma mulher recatada, menos segura ou expansiva, inclusive na vida sexual. De qualquer modo, Adam amara muito a esposa e sentira demais sua perda.

Ainda bem que Kelly, então com um ano de idade, não estava com a mãe no carro, no momento do acidente. Permanecera em casa, sob os cuidados da avó e outros parentes. Com o passar do tempo, crescera bonita, inteligente e sensível, enquanto Adam se desdobrava entre o trabalho e as funções de pai solitário.

Mais tarde, veio a morte de Billy, e Claire também ficara sozinha com cinco filhos. Ela talvez tivesse sofrido mais do que Adam, pois dentre cinco crianças sempre há algum que apresenta problemas graves de saúde ou comportamento. No caso, Kathleen esgotara as forças da mãe ao envolver-se com drogas, engravidar do namorado e fazer um aborto.

Agora, Kathleen não só se curara como se tornara uma jovem sensata e confiável, apta a trazer alegria para todos a seu redor. Claire, porém, continuara sendo uma viúva só e arredia, que recebia constantes estímulos dos familiares para abrir o coração a um homem tão educado quanto David Fenelli.

Durante sua breve separação de Billy, quando ainda vivo, Claire se encantara por Conrad Flynn, mas isso tendia a ser o mesmo que nada. Pelo bem dos filhos, ou até de si própria, ela reatara com o marido infiel e vivera mais ou menos feliz nos últimos anos da vida dele.

Adam, todavia, não precisara de incentivo algum para se apaixonar por Marjorie à primeira vista. Mulher forte e independente, ela retornara a Paradise Point depois de um bom período fora, fazendo seu curso superior em Seattle. Lá, decidira morar com um homem mais velho, Tom Lawler, por quem caíra de paixão.

Fora rejeitada pelo companheiro ao engravidar. Na certa sofrera bastante, mas fizera questão de ter Ana e criá-la perto de sua família, em Paradise Point. Ali fora brindada pela sorte de conhecer Adam, que se achava em condições semelhantes às dela. Os dois se entenderam bem, na cama e fora dela, e apesar do trauma de quase ter morrido junto com Billy, no incêndio do depósito que vitimara o irmão, e da posterior lesão no tornozelo, Adam julgava-se na melhor fase de sua existência.

Talvez por isso temesse perder Marjorie, voltando à solidão. Pior: não imaginava nenhuma outra capaz de substituí-la em seu coração machucado. Os dramas pertenciam ao passado, mas ele havia deixado marcas em todos os protagonistas. Era normal, porém precisava ser combatido com garra e otimismo, qualidades que Marjorie parecia possuir em maior grau do que Adam.

A diária do hotel vencia ao meio-dia daquele domingo. Marjorie contava os minutos, enquanto Adam, molhado, se enrolava na toalha. Tinham vivido mais um interlúdio romântico e sensual na banheira de hidromassagem.

— Devíamos comprar uma igual — ela sugeriu, observando o noivo fechar o zíper da calça jeans.

— Você conhece minha casa. O banheiro é do tamanho de um armário embutido.

— Nesse caso, vamos morar em outra.

— Pensei que tínhamos um acordo para vivermos em minha residência.

— Também concordamos em ter dez filhos e enviar todos para a melhor universidade do país. — Saindo da banheira, Marjorie abraçou Adam por trás e aplicou um beijo, junto com uma leve mordida, nas costas dele. — Isso se chama fantasia, O'Malley. Ame-a ou deixe-a.

— Não necessito mais de fantasias, desde que encontrei você.

Palavras bonitas não saíam com facilidade da boca do homem que ela iria desposar. Em geral, todos os maravilhosos sonetos de amor de Shakespeare eram resumidos por Adam em uma ou duas frases.

— Já me sinto casada com você — Marjorie murmurou, mantendo a boca contra a pele dele. — Ontem foi como se eu tivesse vivido minha noite de núpcias.

O compromisso com Adam, com um futuro em comum, lhe parecia inabalável.

Ele se virou e tomou Marjorie nos braços. Estava nua e molhada, mas Adam a acariciou, porque ela tomara seu lugar de direito. Tinha o senso exato de ocupar o espaço que lhe era destinado, um porto seguro neste mundo conturbado.

Agora Marjorie conhecia os segredos de Adam. Admirava o esforço que fizera para ter o que tinha. Mas tudo o que Marjorie imaginava saber sobre a dor cotidiana que ele sofria passava longe da verdade.

Adam tivera receio de que ela descobrisse nele um homem menos corajoso, menos viril, mas na realidade Marjorie o considerava um companheiro melhor do que um dia sonhara ter.

Podia imaginá-lo cuidando de Ana, guiando-a através da adolescência, ajudando-a a vencer o terreno pantanoso da juventude, transformando-a numa mulher tão meiga e responsável quanto Kelly. Graças a Deus, encontrara uma pessoa amorosa e flexível a ponto de incluir todos os que ela amava.

O tipo de amor que Marjorie sentia por Adam era diferente do que o vivido aos vinte anos, quando se apaixonara pelo pai de Ana. Naquela época, tudo se parecia com uma aventura. Contemplar o crepúsculo da sacada do apartamento de Tom Lawler. Viagens de fim de semana a Vancouver, no Canadá. Um futuro incerto que se assemelhava mais a brincar de casinha do que à construção conjunta de um relacionamento a dois. A perspectiva de uma vida a três, com a gestação de Ana, afastara Tom de Marjorie.

O que ela conhecera com Adam ia muito além da aventura. Era como se duas realidades distintas fossem vivenciadas por duas mulheres diferentes.

Podia, ser que fosse isso mesmo. Marjorie mudara desde que retornara ao lar em Nova Jersey e a sua família. O impulso de fugir e demarcar seu território dera lugar à necessidade de permanecer onde estava, de cavar mais fundo em busca de suas raízes, de admitir que era bom contar com o convívio familiar, embora este, às vezes, pudesse estressá-la.

Por fim, Marjorie decidira o que fazer a respeito de Kelly. Devia gratidão a Rose por isso. Sua mãe estava certa. Não fazia favor a ninguém guardando as suspeitas e preocupações só para si. Como desfrutava férias de amor com Adam, não queria conspurcá-las com suas revelações. Mas no dia seguinte, de volta ao lar, iria sentar-se com o noivo, no final da tarde, e lhe transmitir os fatos sem rodeios, rezando para que estivesse enganada em seus pressentimentos.

Deixaram a suíte dois minutos antes do meio-dia, tristonhos pelo fim de um maravilhoso rompimento com a rotina, mas também alegres por poderem rever as respectivas filhas.

— Vá em frente — disse Adam, no momento em que alcançaram a rodovia, rumando para o sul. — Você deve saber o que quer fazer.

— E você tanto quanto eu.

— Sim, mas não posso. Estou dirigindo.

— É ridículo. Rose teria ligado se houvesse algum problema com Ana ou com Kelly.

— Bem, se você não telefonar, eu paro no acostamento e ligo.

Ambos caíram na risada.

Marjorie abriu a bolsa, tirou o celular e digitou o número de sua mãe. Bastaria dizer alô, e ouviria um relatório completo da parte de Rose.

— Nossas filhas estão bem — ela disse a Adam assim que desligou —, mas Mike Meehan foi parar no Hospital Central.

Explicou o que tinha acontecido: o gato no corredor, o pé fraturado, a pequena cirurgia a que o pai de Claire seria submetido, contra sua vontade.

— Mike não é bem um modelo de paciente. Continua afirmando que sofreu uma leve torção no tornozelo, enquanto as radiografias indicam fratura no pé e a necessidade de operação. Claire convocou duas irmãs dela para ajudarem a acalmar o pai.

— Essas irmãs só aparecem em caso de doença, morte ou leitura de testamentos... — Adam ironizou. — Mas isso quer dizer que Claire não irá trabalhar esta noite.

— Ah, Barney Kurkov também está internado! Inalou muita fumaça.

Adam ficou intrigado com essa notícia. Quando um bombeiro chega perto da aposentadoria, ninguém descansa tranquilo até que ele pendure o capacete.

Isso levou a uma ligação para a Churrascaria O'Malley e ao aviso de que o próprio Adam assumiria o comando do estabelecimento, assim que chegasse a Paradise Point.

— Há mais — disse Marjorie tão logo ele acabou de falar. — Rose ouviu,

durante a missa desta manhã, que Gina cumpriu a palavra e levou Cristal ao salão de karaokê próximo ao bosque. Imagine como terminou o passeio: Gina saiu de lá tatuada!

—■ Só acredito vendo. O que ela tatuou e onde?

— Segundo os boatos, a figura de um fauno. Num lugar que você nunca verá, se quiser continuar vivo...

— Pelo que você conta, as duas devem ter se embriagado. Como conseguiram voltar dirigindo?

— Cristal entrou em pânico quando viu Gina fora de órbita, no bar do salão. Assim, chamou Pete Lassiter para resgatá-las.

— Aí está uma cena que ficaria boa no documentário. — Adam se mostrava falante e espirituoso, contrariando seu temperamento habitual.

— Era nisso mesmo que eu estava pensando. Gina teve problemas com Joey, doente crônico do coração. Procurou o ex-marido, cardiologista em Princeton, e voltou soltando fogo pelas ventas. Cristal jurou que não iria utilizar esse episódio no documentário, mesmo porque as pessoas entrevistadas já forneceram material para uma telenovela inteira.

— Ela não é criança, Marjorie. Sabia o que estava fazendo quando saiu com Cristal, que é repórter em tempo integral.

— Tem razão, Adam, mas... — interrompeu a sentença no meio. As atribuições da prima poderiam ficar para outra ocasião. — Vamos decretar uma moratória nos problemas do mundo, até cruzarmos o portal de entrada de Paradise Point. O que acha disso?

— Gosto da ideia. E da maneira como você raciocina. — Ele devorou o corpo de Marjorie com o olhar. — Quase tanto como gosto de... você sabe.

Agora sim, a conversa passou a ser do tipo que faz uma viagem tornar-se rápida.

Para Marjorie, o namoro com Adam ficara mais real e prazeroso do que antes. Até então, as providências para o casamento tinham-na absorvido: o que vestir, quem convidar, como deveria ser a festa e o cardápio da recepção...

Tudo mudara naquele fim de semana especial. De súbito, ela não se enxergava mais como a noiva representada por um bonequinho no topo do bolo de casamento, e sim como parte de um casal com uma vida a ser construída, com filhos a proteger. Era estimulante, mas também aterrador.

— Como Rose reagirá quando lhe contar que resolvemos antecipar o casamento?

— Não quero pensar nisso agora. — Marjorie cobriu com um dedo os lábios de Adam.

— Não ficará nada contente.

— Claro que não. Tinha até setembro para organizar a festa. Agora, se for no fim de julho, ela precisará se apressar e, sem dúvida, enfrentar um belo estresse.

— Pelo menos não fugimos para Las Vegas, esta manhã. Contudo, chegaram muito perto dessa decisão, descartada apenas devido ao fato de que as filhas de

ambos mereciam uma cerimônia tradicional e um começo positivo de sua nova vida familiar.

Além de se amarem, Marjorie e Adam tinham ultrapassado a idade da inocência. Compreendiam muitíssimo bem onde estavam pisando, o que ganhariam ou perderiam com sua união, e desejavam as mesmas coisas. Também sabiam que a vida não dá garantias e, muitas vezes, o melhor a fazer é seguir os ditames do coração.

Tinham conversado bastante, até tarde da noite anterior, sobre tudo e sobre nada. Agora, acelerando o carro na rodovia, apanhavam os fios diáfanos que subsistiam entre eles, para tecê-los num bastidor verdadeiro. Os pontos principais foram onde iriam morar, quantos filhos gostariam de ter e se os criariam dentro da religião católica.

Falaram sobre a churrascaria, a pousada, o salão de chá, o programa de rádio que Marjorie apresentava. Adam relatou seus planos de voltar à escola e obter o diploma que, muitos anos antes, desprezara. Ela confessou suas dúvidas sobre o êxito de seu trabalho na Irmandade do Chá, porque estava claro que Marjorie e Claire não viam o mundo pelas mesmas lentes.

— Vocês não têm de gostar uma da outra para trabalhar juntas, Marjorie. Basta colocar as desavenças de lado e empenharem-se em suas respectivas funções. Rose e Olivia contam com isso.

— Soa como se eu costumasse fugir das responsabilidades. — Ela emitiu um dramático suspiro. — Uma jovem sai de casa antes dos vinte anos, e pronto: ganha má reputação.

O silêncio dele prolongou-se além do razoável.

— Não vai rir? — Marjorie o provocou. — É para dar risada.

— Você pode fugir de onde e de quem quiser, contanto que não me abandone.

Um estranho arrepio percorreu a espinha dela.

— Como se isso fosse possível! — exclamou, pensando não em Adam, mas em Kelly.

Adam perguntou se Marjorie gostaria de parar no Hospital Central, a caminho de casa, para fazerem uma visita a Mike Meehan e Barney Kurkov. Ela estava ansiosa por rever Ana.

— Irei amanhã, querido, prometo. Tenho certeza de que nenhum dos dois não sentirá minha falta.

Barney Kurkov era um desses homens que reúnem amigos como os esquilos juntam castanhas no outono. O quarto dele, supondo que já tivesse deixado a enfermaria, devia estar apinhado de visitantes, a começar por seus subordinados no Corpo de Bombeiros. Seria um golpe de sorte se não irrompesse algum incêndio na cidade, naquele horário.

Adam estacionou na trilha de entrada, atrás da Pousada Candlelight, e descarregou as malas. Riu ao ouvir os latidos da cachorrinha Priscila, que arranhava a porta dos fundos com suas patas peludas.

— O carro de Rose não está — observou Marjorie, carregando para dentro uma

maleta.

Priscila a saudou com saltos sobre as pernas e um movimento frenético da cauda.

— Mamãe deve ter ido com Ana ao hospital.

— Há um recado na mesa. — Adam se adiantou para lê-lo. — Primeiro o hospital, depois Gina. Estarão de volta às seis.

Marjorie o enlaçou pelo pescoço e deu-lhe um beijo apaixonado.

— Quer dizer que estamos sozinhos aqui? Adam entendeu aonde ela pretendia chegar.

— A não ser que Lassiter e sua equipe tenham instalado microfones secretos.

— Não diga isso. Lassiter já reuniu muitos dados da família, sem recorrer à espionagem.

Com os dedos, Adam ergueu o queixo dela para retribuir o beijo.

— Vai contar a novidade a Rose ainda esta noite?

— Sim. Ao menos tentarei. Não é o caso de adiar o inevitável.

— Vinte e um de julho! Oito semanas antes da data prevista.

— De sua casa ou da churrascaria, você ouvirá o grito de terror de minha mãe.

— Está segura de nossa decisão?

— Sem dúvida alguma.

Adam sussurrou algo ao ouvido de Marjorie, que se derreteu por dentro e sentiu uma excitação imediata. Sugeriu um ato ilícito e muitíssimo erótico dentro de seu quarto, algo que nunca acontecera. Lembrou-se, porém, de que Adam tinha de trabalhar.

Ele se afastou até a porta e olhou para trás com uma expressão inocente.

— Covarde! — ela o acusou, meio séria, meio divertida. A gargalhada de Adam se fazia ouvir ainda quando ele retomava o volante do carro.

Era o sinal de que estava de volta à rotina diária. Priscila a cercou, fixando nela os grandes olhos castanhos.

— Eu sei, eu sei — disse Marjorie. — Meus cabelos também estão compridos e emaranhados. É um aborrecimento, não?

Apanhou a tesoura e o pente reservados à cachorrinha. Na varanda dos fundos, passou a tosar, pelo menos em parte, a floresta de pêlos da mascote. Encontrou até espinhos grudados na pelagem, sem entender como tinham ido parar ali. Apesar do sensível benefício que ganhava, Priscila não ficou quieta durante a limpeza. Marjorie teve de prendê-la num abraço de urso e trabalhar com a outra mão.

— Quer alguma ajuda?

Marjorie se assustou com a voz de Kelly e quase derrubou a cadelinha no chão.

— De onde você surgiu?!

— Desculpe-me se lhe dei um susto. Toquei a campainha da frente e, como ninguém atendeu, entrei pelos fundos. — Kelly riu quando Priscila, solta, desceu os degraus da varanda para pular sobre ela. — Quando chegaram?

A pergunta não continha maldade, mas Marjorie julgou melhor acender o sinal

de alerta.

— Faz uns quinze minutos. Adam foi trabalhar na churrascaria, cobrindo a ausência de Claire, que está no hospital com o pai. — Tornou a ajeitar Priscila no colo e passou a escová-la, resolvida a insistir: — O que a trouxe aqui, Kelly?

— Esqueci um envelope com fotos no escritório, esta manhã.

— Parece que você, Rose e Ana andaram explorando antigos guardados e remexendo na história da família.

— Foi divertido. — Kelly deu de ombros, a sua maneira descontraída. — Sua avó Faye e minha avó Irene guardavam tudo o que pudesse servir de recordação.

— Rose lhe mostrou uma caixa com a etiqueta dos O'Malley?

— Sim, e tive uma surpresa. Não imaginava que nossas famílias haviam sido tão próximas, no passado.

No passado significava, certamente, a época em que Marjorie nascera.

— A porta está destrancada, caso você queira entrar lá e pegar seu envelope.

Kelly hesitou por um segundo, depois enveredou casa adentro, venceu o corredor e entrou na sala de recordações. Retornou com um gordo envelope pardo debaixo do braço.

— Encontrou o que procurava? — Marjorie inquiriu.

— Sem problema. Sua mãe deixou este material separado para mim.

A despeito do ritmo normal da conversação, Marjorie ansiava por uma despedida rápida de Kelly, a fim de poder descansar e fazer suas reflexões. Mas Kelly não saiu e, pior, adotou um silêncio preocupante, mantendo a cabeça baixa.

Marjorie soltou a cachorrinha e se ergueu.

— Kelly? Eu ia cortar um bolo e tomar chá. Você me acompanha?

— Não posso. Tenho muitos afazeres. É melhor eu ir andando.

— Só uma fatia — Marjorie insistiu, como uma daquelas mães que não deixam as pessoas em paz antes de enchê-las de comida.

— Na próxima vez, está bem? Tenho de dar uma carona a minha prima Kathleen até a estação de trem.

Ensimesmada, Marjorie não conseguiu reter a pergunta que expressava uma grande dúvida, guardada em seu íntimo por quase uma semana:

— Você fez o teste, Kelly?

Deus do céu! Soava cruel e, além do mais, não era ou não devia ser de sua conta.

— Teste? — Kelly tentou fingir que não entendeu, mas seus olhos tristes a denunciavam.

— O teste caseiro de gravidez, aquele que comprou na farmácia quando eu, sem querer, a flagrei.

A repentina palidez dela afligiu Marjorie, que suspirou e, com os músculos retesados, experimentou uma quase irresistível vontade de correr para fora dali, entrar no automóvel e dirigir até bem longe de toda aquela história.

Adam estava certo quanto ao receio de, sem maiores explicações, ser deixado para trás. De vez em quando, Marjorie sentia a urgência de fugir, abandonar todos e

tudo. Afinal, era financeiramente independente, não dependia de ninguém para sobreviver fora de Paradise Point e criar Ana como a fiel escudeira que a amaria pelo resto de seus dias. Tomara a decisão correta ao descartar a ideia de um aborto. Com isso, perdera Tom Lawler, que não desejava uma filha, mas ganhara a felicidade de ser mãe.

De volta à terra natal, Marjorie estava vacinada contra novos envolvimento amorosos. Pretendia dedicar-se a Ana e a si mesma, cuidando de implantar uma rotina que lhe desse mais qualidade de vida.

Nesse contexto, o surgimento de Adam O'Malley e a paixão por ele à primeira vista, poderiam ser considerados um acidente de percurso. Claro que gostava de Adam a ponto de casar-se e tentar conviver de novo com um homem sob o mesmo teto. Contudo, tal união representava mais do que a decorrência natural de um amor intenso. Implicava a soma de duas extensas famílias, cada qual com tanta gente que, muitas vezes, se tornava difícil e cansativo dar atenção a todos, sem contar a tendência da mãe, das tias e primas de se intrometer em sua privacidade.

Não precisava se aborrecer com os outros, não queria tornar-se parte de nada. Seria fácil escapar dos problemas de Kelly, permitindo que escorressem entre seus dedos como grãos de areia.

No entanto, Marjorie também possuía um forte senso de compaixão e justiça. Sabia demais sobre o dilema que Kelly enfrentava, dilema pelo qual ela própria havia passado. Não poderia largá-la sozinha contra o mundo, às vésperas de se tornar sua madrastra. Não naquele momento.

Desse modo, enlaçou Kelly pelo ombro, com gentileza, e a conduziu até a cozinha. A ebulição, a espontaneidade, a autoconfiança da filha de Adam tinham sido drenadas pelos fatos. Kelly desabou numa cadeira, triste, o rosto bonito transformado numa máscara de desgosto.

— Quanto tempo de gravidez? — O tom de Marjorie, ajoelhada diante da jovem, foi o mais suave possível.

— Cinco ou seis semanas, creio. — As palavras vieram num murmúrio tão baixo que Marjorie teve de se aproximar mais para ouvi-las.

— Tem certeza? Quero dizer, você fez o teste e deu positivo?

— Sim, e o apliquei duas vezes.

— Fiz a mesma coisa quando desconfiei que Ana estava a caminho.

— Pensei que os enjoos e a falta de menstruação se deviam a algum problema nervoso.

— Eu também, em meu caso.

Um detalhe que Marjorie sempre julgara desconcertante a respeito de sua futura enteada era o modo adulto como Kelly lidava com as pequenas ou grandes questões do cotidiano. Certa vez, ouviu Adam dizer à filha que ela possuía uma alma velha, e quanto mais Marjorie convivia com Kelly, mais considerava verdadeiro esse juízo. O autocontrole e a maturidade interior da adolescente estavam muitos pontos à frente dos que Marjorie tivera, na mesma idade. Isso vinha se tornando desconfortável para

ela.

De súbito, Kelly se convertera numa autêntica mocinha de dezessete anos às voltas com um problema seríssimo. O instinto maternal de Marjorie foi posto em movimento.

Ela se espelhou em Kelly e viu Ana, dali a alguns anos. Imaginar que sua filha poderia vir a passar pela mesma situação a fez desejar que o mundo parasse. Então, abriu os braços e acolheu Kelly junto ao peito, na condição de criança assustada. Sussurrou-lhe que tudo acabaria bem, que não estava sozinha, que era amada e não tinha por que temer o futuro.

— Você está gelada, meu anjo. Vamos tomar um chá bem quente.

Kelly fez que não.

— Obrigada, mas não quero comer ou beber nada, hoje.

— Logo depois do primeiro trimestre você ficará livre desses sintomas. Sentirá que acordou de um sonho ruim.

Continuou falando das milagrosas mudanças que ocorriam em uma grávida após doze semanas de gestação. Lágrimas brotaram nos olhos de Kelly e se converteram em pranto aberto, entrecortado de soluços.

— Sei que no momento parece terrível, Kelly, mas você não está só. Tem sua família para apoiá-la. E Seth, claro.

Céus! Como Seth reagiria àquilo? Ele e Kelly eram muito apegados um ao outro, amavam-se de verdade, com a despreocupação típica da juventude. Rose costumava brincar com eles dizendo que pareciam um casal à antiga.

Mas, por acidente, Seth engravidara a namorada. E Marjorie sabia o que uma gravidez indesejada podia fazer com um relacionamento. Se dois adultos maduros não tinham conseguido superar a questão e permanecer juntos, que esperança existia para um casal de adolescentes?

— Já contou a Seth?

— Ele sabia que minha menstruação estava atrasada. — Aos poucos, Kelly foi contendo o choro e os soluços. Logo escondeu o rosto entre as mãos. — Eu lhe disse que havia sido um falso alarme.

Marjorie afagou os cabelos de Kelly, procurando serená-la e, ao mesmo tempo, entender a afirmação.

— Bem, querida, a verdade vai aparecer em breve. Dentro de dois ou três meses, Seth poderá vê-la com os próprios olhos.

— Não, não verá. — A angústia de Kelly cedeu lugar a uma expressão de firmeza, obstinada de desespero. — Depois de amanhã, não haverá mais nenhum bebê dentro de mim.

Marjorie teve a sensação de ser atropelada por um tanque de guerra. Era daquele modo que as convicções humanas se esfacelavam diante do mundo real. Uma coisa era afirmar que toda mulher tem o direito de optar por uma interrupção da gestação. Outra era perceber a dor da filha de Adam quando falara em praticar um aborto. Se não errada, era a escolha mais triste possível.

— Pare de me olhar assim, Marjorie. Refleti muito, todos os dias, e não há outra saída.

— Não estou censurando você, querida. Apenas me espantei com o que decidiu. Deveria conversar com Seth antes de...

— É melhor ele não saber. Você conhece Seth. Ele abriria mão de sua bolsa de estudos para se casar comigo e ajudar a criar o bebê. Com isso, jogaria fora todo seu futuro profissional. — Meneou a cabeça, inconformada. — Entende agora por que não posso contar? Minha solução é a mais correta, e depois de amanhã tudo voltará ao normal.

— Não para você.

Marjorie viu-se aterrorizada ao imaginar a delicada Kelly sendo submetida a ferros e curetagens, vertendo sangue que não pertencia só a ela, mas também ao feto em formação.

— Sem traumas, com certeza — ela corrigiu, ensaiando um sorriso. — Nem houve tempo de me apegar à ideia de ser mãe. Para mim, a gravidez é como se fosse irreal. Posso interrompê-la sem incomodar ninguém.

Kelly fez uma pausa e respirou fundo. Em seguida, voltou a chorar e soluçar daquele modo horrível que partia o coração de Marjorie.

— Como disse, tudo voltará ao normal — prosseguiu, contendo-se. — Seth e eu temos bolsas de estudos em Nova York, meu pai tem você, tia Claire tem o novo emprego, e David Fenelli parece interessado nela. Se eu decidisse ter o bebê, tudo mudaria, os sonhos de todos seriam adiados ou esquecidos, porque ninguém espera isso de mim. Sou considerada uma garota impecável que não comete erros nem cria problemas, sabia? A família deseja ter orgulho de mim, não me ver nocauteada dois meses antes da formatura. Kelly deslizou a mão pela barriga ainda plana.

— Você precisa contar a Seth, querida. Ele também é responsável por sua gravidez. Tem o direito de saber. — Marjorie apanhou um guardanapo de linho e enxugou os olhos lacrimejantes. — Deve contar a seu pai. Adam é um homem bom e a apoiará.

Marjorie não duvidava de que Adam fosse apoiar a filha de todas as maneiras possíveis, mas também sabia que a novidade o faria sofrer demais. Não era aquele o futuro que almejava para Kelly. Apontara a ela o caminho reto, e a filha fizera o resto sozinha. Era mais um argumento para despertar elogios a Kelly e para Adam receber cumprimentos como pai.

— É tarde demais, Marjorie. Marquei a intervenção para amanhã no final da tarde. Tive sorte, pois a agenda da clínica estava cheia e houve uma desistência.

— Vê? E se você desistir também? Há outras opções.

— Como assim? — Kelly transmitia segurança ao falar, mas Marjorie desconfiava de que era falsa, como parte de uma encenação. — Depois de ter dado à luz Ana, você a entregaria para adoção?

— Não — respondeu Marjorie, incapaz de mentir. — Não ficaria sem minha Ana.

— Por favor, não conte a ninguém o que lhe falei. Nem mesmo sei por que me abri com você.

— Não me contou nada, querida. Foi fácil deduzir o que se passava.

— Oh, Deus! — Kelly empalideceu ainda mais. — Acha que outras pessoas também suspeitaram de que estou grávida?

— Nem imagino. Muitas vezes, os outros só vêem o que querem ver, e bloqueiam conclusões que possam se revelar penosas. — Marjorie já havia experimentado essa realidade, e pelo jeito a enfrentaria de novo. — Seu pai estava preocupado com você, é só o que sei dizer.

— Entenda! — Kelly adotou um tom duro, triunfante. — Isso é tudo o que não quero. Se papai souber de alguma coisa sobre isto, vai morrer de desgosto.

— Adam é forte, além de compreensivo. Sim, ficará aborrecido ao descobrir que você engravidou, mas vai superar a mágoa e apoiá-la como sempre apoiou. Dependendo de você, ajudará a criar seu filho com muito amor.

— Já pensei em tudo. Minha decisão é irrevogável. Sei que o aborto é a melhor saída para mim; para todos.

— Você é menor de idade. Não pode sofrer um procedimento cirúrgico sem a permissão paterna.

— Sim, posso. Procurei informações na internet. Em Nova Jersey, não se exige autorização nem notificação às autoridades.

— Tem certeza? As leis costumam mudar de um dia para o outro.

— Tenho certeza.

— Parece que pesquisou o assunto muito bem.

— Sim. — O sorriso de Kelly foi triste, conformado. — Fiz uma montanha de listas e anotações.

— Algumas decisões desafiam a lógica — Marjorie sentenciou.

— Não penso assim. Abortar é a melhor saída, para todos os envolvidos.

— Por favor, conte ao menos a seu pai — Marjorie insistiu. — Sei que essa é uma operação tida como de baixo risco, mas eu me sentiria melhor se Adam tivesse conhecimento de sua intenção e a acompanhasse.

Cirurgias são de baixo risco apenas quando acontecem com gente que não conhecemos ou não aprendemos a amar.

— Você já sabe onde estarei amanhã. Isso basta.

— Errado. Desconheço qual a clínica e em qual cidade.

— Veja, nada me fará voltar atrás, portanto, deixe-me fazer o que tem de ser feito.

— Por que não espera uma semana para refletir melhor? Há tempo de sobra.

— Já pensei demais. Agora só falta agir. Se eu mantiver esse assunto em minha cabeça, acabarei por enlouquecer.

Kelly se levantou de repente, e com isso assustou a cadelinha, que dormitava debaixo da mesa. A garota parecia exausta, aterrorizada e... dolorosamente jovem.

— Está exigindo muito de si mesma, querida. Imagina que poderá manter uma

vida secreta, porém isso é uma ilusão. Sua iniciativa transformará você e a maneira como vê o mundo.

— Creio ter condições de lidar com isso.

— Acha que tem, mas...

— Agora compreendo. Você dirá a meu pai, não é? Estava determinada a fazer isso desde o começo de nossa conversa. É só eu sair, e correrá até a churrascaria.

Marjorie não negou a acusação. Claro que haveria de contar tudo a Adam. Ela o amava e ele era o pai de Kelly. Assim como Seth, tinha o direito de saber.

— Estou numa posição delicada, Kelly. Seu pai e eu vamos nos casar. Ele merece minha lealdade absoluta. — Isso significava revelar o segredo.

— Mas eu serei sua filha também. Não mereço sua lealdade?

— Lógico, e por isso mesmo terei de contar. O que está em jogo é seu bem-estar. Não posso deixá-la entrar numa clínica desconhecida sem dizer nada a Adam. Vocês dois merecem o melhor de mim.

— Ele vai tentar me dissuadir, alegando que aceitará a criança.

— Você não sabe como Adam reagirá; nem eu. Parece-me óbvio que, afinal de contas, a escolha continuará sendo sua. Disso estou certa.

Kelly ficou calada, apreensiva, entendendo que tinha as cartas na mão. Qual delas mostraria ainda constituía um mistério. Foi Kelly quem rompeu o silêncio:

— Se eu lhe contar aonde vou, o nome da clínica, o endereço, o horário, você guardará sigilo?

Marjorie sentiu-se caindo num abismo, em queda livre por um terreno escarpado. Qualquer que fosse a resposta, sairia machucada.

— E se eu disser não!

— Nesse caso, ponho o carro na estrada e vou a Nova York ainda hoje. Conheço duas clínicas em que posso obter ajuda para meu problema. — Tremendo muito, Kelly se curvou e agarrou o espaldar da cadeira.

Por misericórdia, meu Deus. Se a mesma coisa acontecer com Ana, inspire-me com as palavras certas. Marjorie tinha certeza quanto a não ter encontrado bons argumentos para convencer Kelly. A resolução dela já estava tomada, e nada do ela dissesse faria a menor diferença. Não era a mãe de Kelly, nem sua madrastra ainda. Não haviam partilhado uma história de vida, a rica experiência mútua que uma mãe pode invocar em seu benefício na hora de trazer uma filha para seu lado.

Na verdade, ambas se conheciam pouco. Apesar do fato de Kelly repetir a sina de Marjorie com uma gravidez indesejada, os laços entre elas continuavam tênues.

A jovem estava prestes a realizar algo que a marcaria pelo resto da vida. Pagaria um preço por qualquer decisão que tomasse. Ao menos, não deveria pagá-lo sozinha.

— Mantereí tudo em segredo — Marjorie garantiu, por fim. - Ainda acho que Seth e Adam teriam de saber, mas estou disposta a nada dizer, se você permitir que eu a acompanhe, amanhã.

— Quer ir comigo até a clínica? — Kelly encarou Marjorie, olhos arregalados. — Por quê?

— Porque pode precisar de mim por perto.

— Já lhe disse que...

— Mesmo que não venha a necessitar de mim, eu é que faço questão de estar lá, para minha tranquilidade.

O alívio e a suspeita se somaram na expressão facial da adolescente.

— Virá comigo e não contará a ninguém?

— Se essa for a única maneira de não largar você sozinha, você tem minha palavra de honra.

Kelly escreveu num papel o nome e o endereço, e passou-o a Marjorie com uma observação:

— Devo estar lá amanhã, às cinco da tarde.

— Eu a levarei em meu carro.

Foi inútil Kelly protestar. Pelo menos nesse detalhe prático, Marjorie conseguira convencê-la.

O encontro foi combinado para as duas horas, defronte ao campo de futebol do colégio, onde havia um estacionamento. A clínica situava-se duas cidades adiante, do lado oposto ao de Nova York, perto do farol da barra.

Marjorie seguiu Kelly até a saída, onde trocaram um abraço.

— Pense, menina. Você tem uma noite e um dia para mudar de opinião.

Também Marjorie tinha quase vinte e quatro horas para fazer com que aquilo acontecesse.

Capítulo XIII

Eram cerca de seis da tarde quando o barco pesqueiro ancorou em Paradise Point. O comandante, que com seu rosto bem barbeado lembrava mais um contador do que um lobo-do-mar, baixou âncora no atracadouro e, minutos depois, Conrad Flynn e a equipe da televisão aberta pisaram em terra firme.

— Não foi uma grande ideia — comentou Cristal, tomando o caminho do Restaurante e Churrascaria O'Malley. — Passei mal o tempo todo.

— Pudera! — exclamou Harry, o encarregado do som. — Nunca se devem beber várias margueritas na véspera de um passeio no mar.

Cristal, de fato, não fora uma turista feliz a bordo. Passara muitos minutos dobrada sobre a amurada, com enjoo, pedindo a Deus que a viagem terminasse logo. Os colegas de trabalho debocharam dela, e ainda insistiram para que Conrad tirasse fotos indiscretas da mulher devastada por perturbações digestivas.

r

O dia fora um desperdício. Conrad fizera fama como fotógrafo registrando violentas cenas de guerra ou encontrando beleza onde só parecia haver imagens comuns. Voltava sem nada de significativo dentro de suas câmeras. As fotos

consistiam em cartões-postais que não intrigavam nem encantavam ninguém. Mais ainda, as poses do comandante gritando ordens para a pequena tripulação possuíam um ar de falsidade.

Conrad reconheceu-se ansioso por reencontrar a beleza intemporal do rosto de Claire, as finas linhas que lhe marcavam o canto dos olhos, o nariz estreito rodeado de sardas, a sensualidade de sua boca quando apartava os lábios, mostrando um reduzido vão entre os dentes frontais.

— Ei! — Cristal bateu no ombro dele. — Em vez da churrascaria, vamos ao Antonio's comer ostras. Vem conosco?

— Em seu estado?! — Conrad a repreendeu. — Eu vou, mas não sei onde fica o António's.

— Então, siga-nos — propôs Harry.

Conrad entrou em seu carro alugado, dando carona a Cristal, e esperou que Pete Lassiter e toda a equipe ocupasse o furgão da emissora. Seguiram em fila.

— Francamente, Cristal, acha que seu estômago aguenta ostras com alho e vinho? Devia tomar uma sopa rala e deitar-se cedo, isso sim.

— Isso é uma proposta?

— Não. — O fotógrafo deu risada. — É uma sugestão. Você passou muito mal esta tarde.

Ela resmungou e apoiou a cabeça na janela.

— Já não acreditava em horóscopos, mas o meu dizia que eu teria um belíssimo dia.

— O horóscopo falava alguma coisa sobre ingerir muito álcool no dia anterior?

— Devo ter perdido essa parte. — Cristal riu, bem-humorada a despeito de tudo.

— Espero que tenha servido de lição. A maioria das ressacas ocorre na manhã seguinte à bebedeira.

— Sim, eu sei. Se pensa que agi mal, precisava ver Gina Barone. Ela bebeu demais, fez uma tatuagem e desmaiou na calçada.

Se Conrad necessitasse de uma prova de que estava envelhecendo, ali estava. Ele não achou graça alguma, nem se comoveu.

— Gina se machucou? — indagou de qualquer forma.

— Estava alterada demais para sentir dor na queda. Acho que pessoas de certa idade só deveriam tomar refrigerantes. Pete a socorreu e levou para casa. — Cristal fez uma careta.

Ficou zangado comigo, mas creio que voltará às boas quando ouvir a fita gravada.

— Você gravou a cantoria no salão de karaokê?!

— Comecei, porém acabei caindo embriagada em cima do equipamento.

— Bem, talvez encontre outros ídolos do palco em Newark.

— Seria ótimo. — Baixou a voz, para falar num tom conspirador: — Mas descobri o caminho para os segredos de um segmento da população de Paradise Point.

— O caminho sempre esteve aberto.

Famílias O'Malley e DiFalco. Dez décadas de história. Um casamento em perspectiva.

— Não é bem assim, Conrad. Mas não vou lhe contar nada. Terá de esperar, como todos os outros.

Otimo. Terei mais tempo e calma para pensar em Claire.

Conrad calculou em quarenta por cento as probabilidades de que ela viesse ao farol, no dia seguinte. Só porque ele falhara em dominar suas lembranças não significava que Claire correria a seu encontro. Ela fora a responsável pelo rompimento, ao ser buscada pelo marido, no papel de um herói de cinema, e carregada de volta para Paradise Point. Claire também engravidara pouco depois desse retorno, selando a cumplicidade que mantinha com o homem que era idolatrado na sede dos bombeiros. O mesmo que, além de outras vítimas, salvara o próprio irmão das chamas. O mesmo que traía Claire com toda e qualquer mulher disponível, fazendo-a sofrer por anos a fio.

A Claire que Conrad conhecia não combinava com o perfil de mártir. Era uma guerreira, uma sobrevivente. Não permaneceria inerte enquanto o marido destruía sua auto-estima. Não a Claire que ele amava. Teria de haver algo mais naquela história, algum laço invisível ao resto do mundo — a Conrad, pelo menos — que os conservava juntos, unidos e aparentemente felizes.

Conrad não era tolo. Pressentia que esmiuçar a vida pregressa de Claire não levaria a um final digno de Hollywood. Ela nunca deixaria sua casa e sua família para voar com ele até a Malásia, por exemplo.

Cenas desse naipe, só ocorrem em filmes românticos. Na vida real, são raras ou inexistentes, por mais que se alimente a fantasia. Apenas no cinema as mães não se preocupam com a escola em que os filhos poderão estudar, ou com o estado de saúde de um velho pai a quem devem assistência.

Quando tornou a ver Claire, após a longa separação, Conrad foi atropelado pelo fato de que ela estava no lugar exato ao qual pertencia. A mulher insegura e confusa por quem ele se apaixonara na Flórida, anos antes, dera lugar a uma pessoa diferente: confiante, determinada, ainda um tanto bisbilhoteira, da qual seria fácil enamorar-se de novo.

Se ela permitisse, claro.

Mais uma vez, Claire deu graças aos céus por sua família, que tornava inviável recordar, por mais de trinta segundos consecutivos, os momentos que passara na companhia de Conrad, no saguão do hospital. Sempre que começava a reconstituir o diálogo ou rememorar o toque dele em sua mão, Mike gritava por um copo d'água ou uma das irmãs telefonava para o celular, apresentando uma nova desculpa para não visitar o pai internado.

Na ocasião em que se reencontraram, Conrad lhe parecera um estranho. Agradável, mas estranho. O renomado fotógrafo sorria, polido, sem transmitir

nenhum significado especial. O olhar nada revelara. Claire se sentira magoada e ferida como uma intrusa. A admiração que David Fenelli lhe dedicava serviu de bálsamo para seu ego e aqueceu-lhe o coração sob as múltiplas atenções dele.

Seus motivos para aceitar o convite de David e jantar com ele talvez não tivessem sido tão puros quanto desejaria, mas o que é a vida sem nenhuma surpresa? Atencioso e divertido, David se tornara atraente graças ao estilo cavalheiresco e, quando a refeição terminou, Claire estava relaxada, disposta a desfrutar momentos ainda melhores.

Ele se encaixava em sua vida do mesmo modo que ela servia à dele. Era o tipo de homem que toda mulher adoraria ter como amigo e, quem sabe, algo mais. Saudável, digno de confiança, bondoso. Durante a conversa após o jantar, Claire decidiu que gostava de David e, ao mesmo tempo, culpava-se por considerá-lo o segundo em sua lista de preferências, o que ele não merecia. Exceto se tivesse duas faces, como a de médico e monstro, David estaria no topo das predileções de uma mulher.

Mas tudo corria muito bem. O diálogo fora animado, incluindo o intercâmbio de anedotas. Quando David propôs irem ao cinema, Claire ficara deliciada. Seria ótimo assistirem a um bom filme e, depois, discutí-lo em mais meia hora de conversa. Então, o destino interferiu, levando seu pai a uma internação de emergência. Claire viu-se no hospital, no meio da noite, segurando a mão do homem com quem havia sonhado por longos anos, e ambos recolhiam as peças de um jogo que nenhum dos dois pudera controlar ou compreender.

E agora? Faltava uma pista para o futuro. Como dois adultos de meia-idade enfrentariam seus sentimentos, se não eram — digamos assim — especialistas no amor?

O som da risada de Mike ecoou através da porta do quarto para o qual fora removido, com o pé engessado e erguido no trapézio de metal.

— Parece que há uma festa em andamento — comentou a enfermeira que passou pelo corredor.

— Ele sabe se divertir — disse Claire, e era verdade.

Mike trabalhara bastante na vida, sofrera com a perda da esposa, batalhara contra problemas de saúde como câncer de próstata e ameaça de infarto. No momento, conformava-se em tratar das lesões no pé e no tornozelo, que as radiografias apontaram. Mas não abria mão de convocar amigos para amenizar seu desconforto.

Existia uma lição naquele comportamento.

Mais risos soaram. Claire saiu um pouco do quarto, de modo a garantir privacidade ao pai e sua turma. Dois auxiliares de enfermagem tinham acabado de banhá-lo com uma esponja.

— Está decente, papai? — Claire perguntou ao entrar.

— Venha, querida. Junte-se a nós. — Era Mary, viúva de um pescador, inclinada sobre o leito. — Estou dando algumas colheres de sopa a seu pai.

— Você trouxe a sopa de casa? — Claire admirou-se.

— Telefonei e comprei uma pronta. É bem melhor que a do hospital. Quer um pouco?

— Não, obrigada.

Os amigos de Mike, respeitosamente, fizeram silêncio durante a refeição. Mal ela terminou, porém, todos voltaram a conversar bem alto.

— Digam-me, esse minestrone não é mais gostoso do que aquele que minha mãe fazia? — indagou Mel Perry, o amigo que fazia fisioterapia junto com Adam O'Malley.

— Você não tem origem italiana — contestou Tommy Kennedy, um bombeiro novato. — Acho que sua mãe preparava sopa com caldo de carne, como a minha.

— Minha bisavó veio da fazenda e cozinhou como ninguém.

— Ela era de Newark — Mike desmentiu o amigo. — Lembro-me dela muito bem.

Todos pareciam delirar, mas os visitantes formavam um grupo jovial, que entretinha o ferido, conferindo-lhe ânimo. Tinham experiência em frequentar hospitais, e sabiam que com um doente pode-se falar de tudo, menos de doenças.

Também nesse pormenor existia uma lição a se aprender.

— Teve notícias de seus irmãos, Claire?

— Minhas irmãs telefonaram, papai, deixaram recados a você e votos de pronta recuperação, mas não poderão vir pessoalmente.

— E seu irmão?

— Não deve ter sabido ainda do acidente. Mas não se preocupe, ele ligará em breve.

— É mais ou menos assim em toda família grande. — Mary circulava pelo quarto, para colocar objetos no lugar e verificar se não havia poeira. — Não importa quantos parentes sejam, nunca é possível contar com todos.

— Claire é uma exceção — Mike sentenciou. — Desde que era pequena, a mãe sempre contou com ela.

Mary jogou uma embalagem vazia no cesto de lixo.

— Gostaria de ter sabido disso quando adolescente. — Claire sorriu. — Teria pedido um aumento na mesada.

O grupo inteiro caiu na gargalhada.

— Pois bem — ela completou, beijando a testa do pai. — É hora de eu sair e providenciar o que papai precisará ter em casa, quando receber alta. A assistente social daqui me passou uma lista.

— Não se esqueça da cerveja. — Mel Perry piscou-lhe.

— Não. — Claire entrou na brincadeira. — Nem de instalar uma barra de ferro no boxe do banheiro e uma lâmpada forte no corredor.

— Você tem tarefas demais. — Mary meneou a cabeça, condoída. — A churrascaria, seu novo emprego na casa de chá, o salão, seus filhos... Que tal se Mike ficasse comigo por algumas semanas, até seu completo restabelecimento?

— Mary, acho que você quer viver com meu pai. — Era impensável Mike morar com a mulher maníaca por limpeza e que chegava a passar a ferro revistas amassadas.

A amiga ainda possuía seu charme e mostrou-se nervosa. Chamou Claire para o canto mais distante do quarto, enquanto os amigos de Mike o distraíam com histórias picantes.

— Como sabe, moro numa comunidade de aposentados. Minha residência foi construída tendo em vista certas facilidades para pessoas idosas ou doentes. Meu banheiro já tem uma barra de segurança, e os corredores são todos largos o suficiente para a passagem de cadeiras de rodas. Sem degraus, sem gatos ou cachorros...

— Não sei o que dizer.

A própria família de Mary não levava em conta seus sentimentos e debochava de suas manias.

— É uma oferta preciosa, mas...

— Não estou sendo apenas altruísta, Claire. Minha casa é muito grande e... vazia. Confesso que gostaria muito da companhia de Mike, embora meus familiares venham em primeiro lugar.

Claire se surpreendeu com aquele conflito de emoções.

— Seria ideal para meu pai — teve de admitir.

E recebeu um abraço caloroso de Mary. Claire estava surpresa e, sem dúvida, grata à amiga.

— Importa-se se eu discutir o assunto com ele?

Claire apoiou a ideia com o contentamento que se seguiu ao espanto.

Ao sair do quarto, passou pela lanchonete interna, para apanhar Billy Júnior. E foi ele quem percebeu Kathleen na calçada, logo que o carro em que estava, com sua mãe, virou a esquina. A jovem carregava uma mochila de viagem nas costas.

Claire tocou a buzina e encostou no meio-fio. O rosto de Kathleen se iluminou ao vê-los. Correu e ocupou o banco traseiro do veículo.

— Pensei que você já tinha ido para Nova York, filha.

— Kelly prometeu me levar à estação, mas deve ter se esquecido. O celular dela está desligado.

— Devia ter me chamado. Eu viria imediatamente.

— Seu celular também não atendeu.

— Ah, sim... Eu o desliguei porque estava no hospital, e me esqueci de religar. — Claire fez um retorno perigoso na esquina. — Temos vinte minutos. Acha que chegaremos em tempo de você embarcar?

— Sim, mamãe! — Billy se empolgou. — Pise fundo!

— É esquisito o comportamento de Kelly. — Claire acelerou. — Outras pessoas podem falhar, mas não ela. — Olhou pelo retrovisor. — Coloque o cinto de segurança, filha.

— Mike vai morar com Mary Farnstein? — Adam pareceu chocado com a novidade.

Pouco antes, Claire e Billy adentraram o restaurante para Comer alguma coisa.

Claire ficara com vontade de tomar sopa.

— Quando isso aconteceu, Claire?

Ela explicou tudo a Adam, que logo trouxe um prato de batatas fritas para Billy.

— Devagar, garoto. Isto ainda não é a festa de casamento. Aliás, eu e Marjorie decidimos antecipá-la.

— Para quando? — Billy se interessou.

Sua mãe exibia felicidade, e Adam ficaria devendo isso a ela.

— Vinte e um de julho. Marjorie contará a Rose esta noite.

— Não vou estranhar se houver registro de um terremoto de no mínimo cinco graus — Claire manifestou-se com bom-humor.

— É a tal de escala Richter? — perguntou Billy, curioso. - Seria fantástico termos um terremoto por aqui!

Claire lançou-se a uma explicação metafórica. Adam a socorreu:

— O que sua mãe está tentando dizer que é, quando Rose souber da antecipação do casamento, terá um chilique atrás de outro.

— Você é ótimo em lidar com crianças — Claire elogiou o cunhado. — Já está treinando para ser pai outra vez?

— Marjorie vai ficar ocupada com A Irmandade do Chá, que também abre em julho. Queremos filhos, mas só quando tudo estiver tranquilo.

— As mulheres são conhecidas por trabalhar fora e cuidar da casa, do marido e das crianças. Vocês planejam pelo menos uma lua-de-mel?

Ele fez que não.

— Mesmo que vocês permaneçam em Paradise Point, contem comigo para ajudar no que for preciso.

— Acredita que julho não seja uma boa data para nos casarmos?

— Não afirmo nada. Só estou levantando alguns detalhes, como a lua-de-mel, que você pode ter esquecido.

— Não culpe Marjorie. A ideia foi minha.

— Quem sou eu para culpar alguém? Apenas acho que a mudança é típica de...

— Claire apertou os lábios numa linha estreita, forçando-se a se calar.

— Típica de quem? — Adam insistiu, mas conhecia a resposta: típica da imprevisível e impulsiva Marjorie Decker.

— Sabe onde está Kelly? Ela ia dar carona a Kathleen até a estação de trem, e não apareceu.

— Eu não a vi desde que cheguei.

— Não telefonou para sua filha, Adam?

— Passei em casa para tomar banho, trocar de roupa e ver se Kelly havia deixado algum recado escrito. Não deixou. Mas ela sabe onde me encontrar.

— Adam, sua filha anda esquisita, e isso me preocupa. Preocupava também a ele. A sensação de que existia algo de errado com Kelly já durava semanas.

— Ela tem estado nervosa. Talvez tenha brigado com Seth, porém com certeza voltarão a se entender.

— Não é isso, Adam. Eles estão mais firmes do que nunca em seu namoro. Problemas na escola, talvez?

— Kelly continua tirando ótimas notas. — Adam franziu a testa. — Ela vem tendo distúrbios estomacais. Até já chorou por causa deles.

— Talvez esteja grávida — Claire disparou, sem piedade.

— O quê?! Que conversa é essa?!

— Fale baixo! O menino está ouvindo.

— Como se você não gritasse...

— Venho tentando mudar. — Ela sorriu, embaraçada.

— De onde tirou essa ideia perversa, Claire?

— Instinto materno. Intuição feminina. E mais o enjoo que da teve na sorveteria, chegando a vomitar.

— É uma surpresa para mim.

— Mas eu lhe contei, na mesma noite.

— Disse que Kelly havia se sentido mal. Pensei numa tontura, numa dor de cabeça, em tudo menos numa...

— Ana foi com ela ao banheiro da sorveteria e, na inocência de seus cinco anos, passou adiante a informação. Kelly ficou um bom tempo reclinada sobre o vaso sanitário.

— Jesus! Ana não precisava ter visto a cena. Olhe, de todo modo Kelly é esperta demais para cometer um erro tão grande.

— Marjorie também. Mulheres espertas também podem ter uma gravidez a princípio indesejada. Se forem bondosas e responsáveis, criarão os filhos em vez de tirá-los, embora o aborto consentido seja legal em nosso país.

— Ainda não creio no que você falou, Claire. Kelly lê muito, devolve os livros na biblioteca antes do prazo, rebobina os filmes que traz da videolocadora. São detalhes banais, mas que mostram uma menina que jamais teria uma gravidez precoce.

— A não ser por acidente.

E naquele momento Claire constatou que Adam sentia medo.

— Vamos fechar, Jack — disse Adam.

Os últimos clientes da churrascaria já haviam saído.

— Não me importo de ficar mais um pouco, se você quiser.

— Vá para casa e durma bem. Tem trabalhado demais. Jack sorriu.

— Até amanhã, então, patrão.

E Jack foi embora, deixando Adam perturbado com seus crescentes problemas.

Era tarde para telefonar a Marjorie, porém necessitava de um contato com sua base afetiva, para certificar-se de que não sonhara ao ouvir os comentários de Claire.

Enviara à noiva uma mensagem eletrônica confidencial, seguida de um poema de amor. Como Marjorie não respondera, Adam imaginou que devia estar enfrentando a reação histérica da mãe à nova data do casamento.

Conseguira falar um pouco com Kelly, por volta das dez horas. A garota estava

em seu quarto, passava bem e, pelo que disse, realizava um trabalho escolar. Aquela aparentava ser uma noite normal em Paradise Point. Adam perguntou à filha sobre a carona oferecida a Kathleen. A resposta foi que esteve tão ocupada que acabou se esquecendo do compromisso.

Adam fechou a churrascaria, e em instantes chegou em casa, apreensivo. A luz do quarto de Kelly estava apagada, mas ele encontrou a garota adormecida na escrivaninha, sobre uma pilha de papéis e fotografias.

Era tão jovem e bela, com a cabeça pousada nos braços cruzados, iluminada pelo pequeno abajur... Usava calça de moletom e o suéter de que mais gostava, mesmo com um fio corrido na manga. Os pés descalços se apoiavam numa pilha de livros.

Por um minuto, Adam viu-se como um pai aterrorizado, solitário e frágil, tanto ou mais do que Kelly. Os anos haviam passado, mais ou menos sossegados, e agora, gestante ou não, ela deixaria o lar em breve para estudar em Nova York. Teria ensinado a sua menina tudo o que devia? Kelly aprendera de fato a lidar com fatos marcantes ou sua fachada de responsabilidade o induzira a um erro tremendo?

Nos retratos sobre a mesa, velhos fantasmas da família assombravam o aposento. A avó Irene e o avô Michael sorriam defronte à primeira casa dos O'Malley, mais tarde arrasada por um furacão. Havia imagens da primeira comunhão de Billy Júnior. Não, não era o caçula de Claire, e sim seu falecido irmão, Billy, aos cinco anos. A mãe de Kelly, Sandy, também aparecia na imagem. Uma onda de tristeza somou-se à aflição de Adam com relação ao destino da filha.

— Papai? Está olhando a fotografia de mamãe?

— Onde achou isto, bela adormecida? Eu nunca vi antes. Kelly bocejou, esfregou os olhos e observou sob a luz da escrivaninha a foto que Adam lhe entregou.

— Rose me deu uma caixa com lembranças, que estava guardada no escritório da casa dela. Não são incríveis?

— Esta foi tirada na hora de seu batizado. Era um dia frio, chuvoso, e Sandy agasalhou você de tal modo que o padre teve dificuldade em encontrar sua cabeça para despejar água benta.

Kelly sorriu.

— Sabe que sinto falta de Sandy, apesar de não tê-la conhecido.

— Sim, eu sei. — Por anos, Adam também sentira muita saudade dela. — Mas vejo sua mãe toda vez que você sorri.

A menina o encarou, compreensiva.

— Ainda fica triste?

— Por ver que Sandy reviveu em você? Não. Mas estou zangado porque não falou comigo desde que voltei do balneário.

— Desculpe-me. Correu tudo bem?

— Tudo ótimo. Marjorie e eu resolvemos adiantar nosso casamento para julho.

— Mesmo? Nada tenho contra. Gosto de Marjorie, e Ana é uma boneca.

— Você nunca me desapontou, Kelly. Sou um felizardo. Nenhum homem pode

ter filha melhor.

— Engano seu. — Ela balançou a cabeça. — Também cometo erros. E grandes.

— Sou todo ouvidos, se quiser falar sobre isso.

Deus do céu! Propus-me a escutar a verdade. Agora, dê-me forças para encontrar as palavras certas a dizer.

A expressão pesarosa de Kelly era de partir o coração.

— Já não sou uma garotinha, pai. Não posso correr até seu colinho sempre que tiver algum problema.

— Você tem um problema?

— Não disse isso.

— Claire anda preocupada com você, querida, desde que soube de seu enjoo na sorveteria.

— Fantástico! Titia deve ter dito que tenho bulimia ou coisa assim..

— E tem?

— Não! Ora, isso é demais!

— Então, o que houve?

Silêncio. Um véu de sombras se interpôs entre pai e filha.

— Às vezes, logo antes de meu período menstrual, fico enjoada com alguma coisa diferente que engulo. Sorvete, por exemplo.

— É isso mesmo? — Adam inquiriu, modulando a voz para um tom suave.

— Sim — Kelly asseverou, exibindo um leve ar de indignação. — Nada tenho que diga respeito a você ou a tia Claire.

E recolocou as velhas fotos dentro da caixa marcada com a etiqueta Família O'Malley. Segundos depois, saiu do quarto batendo a porta atrás de si.

Adam achou que estava irritada, mas não grávida. Pelo jeito, Deus não abandonara aquelas suas ovelhas.

— Um fauno?! — Gina ergueu o vestido, para deleite de Joey e espanto das mulheres reunidas na sala. — Sou italiana! Como fui tatuar uma divindade grega?!

— A pergunta certa é: quantos drinques você tomou antes disso? — interveio Denise, sua irmã, enxotando o menino do ambiente promíscuo.

Todas riram, menos Marjorie. Imitava a reação das outras, mas seus pensamentos se dirigiam a Kelly. Comparecera ao ponto do ônibus escolar com Ana e Rose, dentro da rotina de suas manhãs, porém não estivera presente de fato. Tinha em mente apenas a filha de Adam. O que estaria fazendo naquele horário? Como se sentiria? Qual futuro escolheria para si e os familiares?

Tudo poderia acontecer entre a manhã e as duas horas da tarde, quando Marjorie a apanharia no estacionamento do campinho de futebol, para levá-la à clínica. Por um lado, Kelly era capaz de decidir que errara ao confiar em Marjorie e entregar seu destino nas mãos dela. Por outro, nada a impediria de desistir do procedimento e não interromper a gestação.

Existia uma diferença entre as duas. Marjorie sentira muita falta da mãe, ao

descobrir que Ana estava a caminho. Resolvera retornar a Paradise Point e refazer a vida, com o apoio de Rose e demais parentes. Mas Kelly não tinha mãe viva, e como futura madrasta Marjorie não podia fazer mais do que fazia por ela.

Talvez fosse loucura assumir o risco de ajudar Kelly, para o melhor ou o pior. Vivia aquelas horas decisivas num limbo de aflição. O que Adam pensaria da interferência dela, que nada havia revelado a ele? Um rumoroso rompimento não estava excluído das possibilidades. E Kelly sempre se portara como a filha perfeita, sem mácula. Um aborto, ainda que não compromettesse sua saúde para sempre, representava um desastre, um colapso no interior da família.

Não era justo. Nem para Seth, nem para Adam. Nem tampouco para Claire e a própria Kelly. A jovem se iludia julgando que seus planos de estudo e de continuidade do namoro com Seth não seriam afetados.

Marjorie esperava que Kelly pesasse bem a situação, considerasse todos os fatores antes de tomar uma decisão irreversível. A filha de Adam dissera que sua opção fora feita, mas guardar um segredo desse porte não era trair o homem que Marjorie amava?

Era óbvio, para ela, que Kelly não seria a única a sofrer as consequências.

A despeito das chances em contrário, havia uma bastante viável: quebrar sua promessa e contar a Adam o que ocorria. Como pai, ele talvez exercesse sua ascendência sobre a filha e conseguisse dissuadi-la.

Terminada a exibição feita por Gina de sua nada inocente tatuagem, todos na sala quiseram saber em detalhes como fora o fim de semana de Marjorie no Balneário Spring, em companhia do noivo.

Claro que não faltaram comentários maliciosos sobre o tamanho da cama e a maciez do colchão do hotel cinco estrelas. Mas Marjorie, sabiamente, trouxe a conversa para o lado romântico da viagem, e com isso calou as línguas ferinas.

— Tão romântico que os dois mudaram a data do casamento - interveio Claire fora de hora, tirando de Marjorie a iniciativa de revelar a novidade, com toda a calma, para Rose e Lucy. — Vinte e um de julho — acrescentou, ignorando o olhar furioso que lhe foi dirigido. — É bom Lucy se apressar com o vestido.

— Está muito bem informada, Claire — Marjorie ironizou. Adam deve ter soltado o verbo, ontem à noite.

— Além de Rose, Olivia também tem de saber — disse Gina —, pois a época coincide com a abertura da casa de chá.

Marjorie se esquecera por completo desse pormenor. Gina fingiu indignação, algo que sabia fazer muito bem.

— Sabem de uma coisa? Aquele fotógrafo vai tirar uma foto minha para o livro sobre Paradise Point. Melhor que ele não saiba de minha tatuagem, porque pode querer registrá-la, e isso será péssimo para meus negócios. Prefiro aparecer de rosto lavado e cabelos desgrenhados.

— Conrad Flynn é, no mínimo, respeitador. Nunca lhe pediria que mostrasse o traseiro. O que há? Ainda está de ressaca, para mostrar tanto mau humor?

— Fique sabendo, Claire, que não fiz nada por vontade própria. Fui enfeitiçada.

Marjorie, que tinha ido à missa com Lucy, naquela mesma manhã, preferiu nada comentar.

Conrad acompanhou Olivia à Irmandade do Chá. Ficou impressionado com a transformação do antigo chalé num salão tipicamente inglês. Não se tratava de uma questão de bom gosto. Olivia tinha faro para empreendimentos lucrativos. Ela escoltou Conrad em meio aos operários, mostrando-lhe detalhes arquitetônicos e estilo desconhecido, porém bonitos.

Fotos foram tiradas, inclusive algumas de Olivia, feitas de surpresa enquanto ela examinava amostras de papel de parede.

— Chega. Esse é meu ângulo ruim.

— Você não tem nenhum ângulo ruim, Olivia — Conrad galanteou.

— Herdei bons genes. Como você.

De fato, os dois haviam sido lindos quando crianças, e depois quando jovens e adultos. Uma troca de olhares insinuantes marcou o momento. Ficou no ar uma perspectiva de romance, mas Conrad foi salvo pela entrada barulhenta de Pete Lassiter e sua equipe.

— Já terminei por aqui. — Conrad guardou as câmeras. — O lugar é todo seu.

— Não vá embora por nossa causa — pediu Lassiter. — Faço o maior gosto em obter alguns retratos de nosso trabalho. Talvez possam entrar no livro.

Conrad consultou o relógio. Tinha compromisso na casa de Gina dali a meia hora, mas era muito perto. Assim, destampou a lente de uma das máquinas fotográficas e a empunhou, para alegria de Lassiter.

— Ajam com naturalidade. Esqueçam que estou fotografando.

Cristal protestou, ajudando Harry a instalar o microfone num cabo comprido:

— Detesto ser fotografada. Sempre saio com a aparência de uma batata assada.

— O que você tem contra batatas assadas? — Conrad piscou-lhe, bem-humorado. — Com recheio de requeijão ficam sensacionais.

— Sou uma agente de transformações sociais — Cristal se gabou. — Chegará o dia em que piercings e tatuagens se tornarão comuns como tingir cabelos.

— O que pensa a diretoria da televisão aberta de seu talento para documentários? — Conrad a provocou de novo.

— Pois fique aqui e me veja trabalhando. — A moça valente ergueu o queixo.

— Eu não estava debochando. Se você foi capaz de gravar conversas e cantorias numa sessão de karaokê, pode conquistar o mundo. Aliás, quando poderei ouvir as fitas?

— Vou copiá-las hoje e deixá-las para você na recepção. — Cristal fez uma careta para Conrad. — Em troca, tire boas fotos indiscretas de Gina Barone. Podem ser muito úteis.

— Srta. O'Malley, pode acompanhar o resto da turma e responder à pergunta?

Kelly lutava para voltar ao presente, na classe em que assistia à aula do

professor Alfredi. Olhou em torno, atônita.

— Por favor, srta. O'Malley. — Quando o professor viu que Kelly continuava muda e desligada, chamou outra aluna.

A classe toda riu, e ela não pôde censurar ninguém. Foi salva pela campainha de término da aula.

Seth a esperava no corredor, muito ansioso. Kelly gostaria de não precisar mentir para ele, mas estava tão mergulhada em seu problema que não via saída.

— O que aconteceu? — Ele a tomou pelo braço, e foram juntos para a cantina do colégio. Em sua candura, Seth imaginava que a namorada vinha se alimentando mal.

— Adormeci. — Kelly deu de ombros. — Trabalhei até as quatro horas da madrugada na pesquisa sobre Franklin Delano Roosevelt. Deve ser por isso que apaguei.

Completa e deslavada mentira. Kelly permanecera acordada observando as fotografias de família que Rose DiFalco lhe dera, sobretudo aquela em que sua mãe a segurava no colo, ainda bebê. Sandy vivera apenas dezenove anos, até sofrer o acidente fatal, mas deixara Kelly como prova de que passara pelo mundo. E se ela também morresse muito jovem? Não era uma bênção divina estar esperando uma criança?

— Seria bom você repetir o teste ou ir de uma vez ao médico, querida.

— Cale-se, Seth! Já lhe contei o resultado. O que mais deseja de mim?

Ao avaliar sua reação destemperada, Kelly torceu para que Seth demonstrasse raiva, a xingasse de muitos nomes feios e a abandonasse na porta da cantina. Era o que merecia por iludir o namorado.

Seth, entretanto, não fez nada. Também por isso Kelly o amava tanto. Ele só olhou de perto, magoado, e marchou a seu lado como se já fosse um outro dia, livre de agressões.

Gina Barone adorou o modo como Conrad manejava as câmeras fotográficas, com segurança e inspiração. Atendia a clientes em sua loja de artigos de couro enquanto ele trabalhava. Depois, sozinha com Conrad, riu, flertou, fez poses sensuais.

Acima de tudo, porém, Gina gostava de falar. Em uma hora ali dentro, Conrad aprendeu muito sobre o comportamento social e sexual de numerosos cidadãos e cidadãs de Paradise Point.

— Ainda bem que não moro aqui — ele comentou. — As pessoas têm direito a manter alguns segredos.

— Não, querido, nada disso. Segredos são supervalorizados. A maioria deles vem à tona, cedo ou tarde.

A frase repercutiu no íntimo de Conrad. Gina fora honesta quanto a suas aventuras românticas, como se participasse de um reality show. Mas não corria o risco de ser expulsa da cidade por um grupo de moralistas, mesmo tendo se embriagado e feito uma tatuagem à vista de muita gente. Ele ansiava por escutar as misteriosas fitas gravadas por Cristal. Julgava que iriam apenas corroborar a

tendência de Gina a falar primeiro e pensar um ano depois.

Joey chegou da escola, e Gina abriu os braços para recebê-lo.

— Quanta saudade, filho! — Ela fitou Conrad por cima da cabeça do menino, indicando que, a partir daquele momento, a situação era outra. Passaria a se comportar como mulher recatada e mãe amorosa. — Este é Conrad, Joey. Aperte a mão dele e talvez você ganhe uma foto.

— Prazer em vê-lo, Joey — Conrad murmurou, constrangido, embora admitisse que se tratava de um menino encantador, a quem Gina adorava.

Aliás, toda cliente que por acaso o encontrasse na loja também iria adorá-lo.

— É meu caçula. Teve alguns problemas de saúde, meses atrás, mas agora está bem, muito bem. — Gina bateu três vezes no tampo de uma mesa de madeira.

Com suas faces saudáveis e sardentas, Joey lembrava modelos de propagandas de cereais matinais.

— Quer que eu tire sua foto, Joey? Gosto da luz que está entrando pela janela.

Gina mostrou-se deliciada. O visor da câmera a captou, antes de focalizar o menino, e Conrad teve de reconhecer que ali estava uma mulher de personalidade. Detestava fazer imagens de mães com filhos, que costumavam ser tolas e sentimentais. Naquele instante, porém, a cena o comoveu. Talvez estivesse descobrindo a fotografia de capa do livro sobre Paradise Point que iria editar.

— Devia ter me falado antes — disse Rose, com seu tom imperioso. — Vai chegar um grupo da Virgínia e preciso de você.

— Prometi a Kelly sair com ela e ajudar a escolher o vestido de formatura. Vamos ao shopping da estrada e, talvez, em outro mais adiante. — Informação demais, Marjorie se repreendeu. Os mentirosos devem contar histórias simples e sucintas. — Talvez possa chamar tia Lucy, mamãe.

— Ela tem quase oitenta anos. Contava com você.

— Mas tenho compromisso com Kelly e não quero faltar.

— E tem de ser hoje? — Rose não era ingênua. — Diga a verdade: essa saída nada tem a ver com vestidos de formatura, certo?

Pega de surpresa, Marjorie sentiu lágrimas em formação, que a denunciariam de vez.

— Não, nada tem a ver. — E viu-se impelida a revelar o segredo para livrar-se da pressão interior que a consumia. Conteve-se em tempo, entretanto.

Rose tocou-lhe o braço.

— Se está necessitando falar alguma coisa...

— Obrigada. — Marjorie abraçou a mãe. — É bom ter você por perto.

— Sempre que precisar, meu anjo.

Vou sair. Não aguento mais de ansiedade. — Claire removeu seu avental. — Quero ir ao hospital e saber se a assistente social conversou com papai, preparando-o para a alta.

Adam manteve os olhos nas cenouras que ela picava, para incluir na salada.

— Mas voltará depois de apanhar Billy, não?

— Deus do céu! — Claire se alarmou. — Esqueci completamente que Billy tinha dentista às quatro e meia!

Ou seria às cinco? Seu raciocínio se achava nublado.

— Qual o problema? — Dessa vez, Adam a encarou. — Vá ao hospital, leve Billy ao dentista e depois volte para cá. Já fez isso antes.

De fato. O que ela não tinha feito ainda era admitir que planejava ir ao farol da barra, encontrar-se com Conrad.

— Pode apanhar meu filho em meu lugar, Adam?

— Impossível. Jack irá embora às duas, e ficarei sozinho cuidando do restaurante.

— Não. Jack continuará trabalhando, a meu pedido.

— Você pensa em tudo.

Ah, Adam, como você vai se sair sem mim?

— Kelly está na biblioteca ou foi trabalhar na Candlelight?

— Nem uma, nem outra. Ela vai sair com Marjorie e procurar um vestido de formatura que seja de seu gosto.

— Por que ela não me consultou? — Claire mal disfarçou uma ponta de ciúme. — Compro vestidos para quatro filhas, afinal de contas.

A fisionomia de Adam não se mostrou menos impassível que a dela.

— Ouça, Claire, lamento muito. Kelly sabe como você é ocupada. Provavelmente não quis incomodá-la com corridas às lojas.

— Ora, até parece! — Claire exagerou na raiva. — Não nasci ontem, Adam. Faça-me um favor, sim? Da próxima vez, não me conte mentiras. Posso suportar tudo, menos isso!

Kelly aguardava Marjorie no local combinado.

— Trouxe o necessário? Ela já esperava a pergunta.

— Sim. Identidade, dinheiro, uma caixa extra de gaze esterilizada.

— Então, vamos — Marjorie a apressou.

No trajeto, contou à futura enteada a última traquinagem de Ana, que soltara sua mão em plena rua principal e parara em frente a um perigoso cruzamento. A cachorrinha Priscila teve sua parte no drama, guiando a menina até o lugar que resolvera molhar, em vez de latir e chamar a atenção da mãe.

Marjorie esperava arrancar de Kelly ao menos um sorriso. Nada, entretanto a jovem permanecia espiando a paisagem pela janela do carro, com as mãos cruzadas no colo e o rosto pálido. Mesmo de perfil, deixava ver profundas olheiras.

— Chegaremos adiantadas, Kelly. Gostaria de passear um pouco pelas margens do lago?

— Talvez possam me atender antes da hora marcada — Kelly respondeu, muito ansiosa.

Porém, devido a obras na pista, Marjorie teve de desacelerar. Kelly valeu-se da marcha lenta do veículo para indagar:

— Você conheceu minha mãe?

— Claro. Sandy era alguns anos mais velha que eu. Não fomos amigas, mas eu a conhecia.

— Gostava dela?

— Todos gostavam. — Marjorie sorriu. — Tinha um emprego de meio período na sorveteria e sempre colocava uma porção maior quando atendia crianças.

— Como era ela?

— Oh, Kelly... Não sei se consigo me lembrar. Faz tempo! — Mas uma recordação vibrante aflorou na memória de Marjorie. — Musical! É isso! Sandy era musical, tanto ao falar como ao contar histórias infantis em eventos públicos, na biblioteca. Muita gente elogiava essa sua qualidade e recomendava que tentasse a carreira de cantora lírica.

Marjorie ganhou um comovente olhar de gratidão. Kelly adorara conhecer detalhes sobre a mãe. Gostaria de poder ouvir-lhe a voz, tocar sua face, afagar seus cabelos e receber seus carinhos.

— E tem mais: era linda, como você. Existe alguma coisa no sangue, como os genes, que se transmitem de geração a geração. Desse modo, ninguém morre completamente, porque deixa uma história, planta uma descendência.

Ambas sabiam do que se estava falando: de laços de sangue que não deviam ser cortados sem um motivo relevante.

Pararam para um lanche. Marjorie ainda acreditava que, com mais algum tempo, Kelly desistiria de seu propósito e aceitaria a ajuda dos que a amavam.

À mesa, ao mencionar o assunto, Marjorie escutou uma sonora negativa, porém:

— Quero fazer o que vim fazer, o mais rápido possível. Quando isso estiver terminado, ficarei bem.

— Ele é todo seu, Mary — afirmou Claire.

Mary abriu a porta de seu carro, e Mike Meehan entrou, com o auxílio de enfermeiros. Portava muletas e tinha o pé engessado.

— Obrigada por sua paciência e bondade.

— Mike é apenas um urso velho, Claire. — Mary riu alto. — Com um controle remoto na mão, não me dará trabalho.

— Guardou as receitas de medicamentos? A agenda das próximas consultas no hospital? Você sabe que papai precisará de fisioterapia diária, depois de tirar o gesso.

— Está tudo certo, sossegue. Relaxe, querida. Pode me ligar na hora que quiser. E nem pense em trazer a escova ou a pasta dental de Mike. Já comprei novas.

Mais tranquila quando ao pai, Claire partiu para o farol da barra. Não era tola. À luz do dia, não correria perigo algum no reencontro com Conrad. Além disso, restavam entre eles as marcas do rompimento anterior, que tanto o magoara. Ela nem mesmo deixara endereço e telefone para manterem contato. Agora desejava vê-lo

mais uma vez, respirar o mesmo ar, ver de novo como as pupilas de Conrad se dilatavam quando a avistava.

Era estranho, mas Claire não conseguira romper com Billy, apesar das afrontas que sofrera. Tivera um quinto filho com o marido, sem o conhecimento de Conrad. Mas confessara como vivia mal com Billy e como seria bom acordar nos braços de Conrad, dia após dia, amorosa e confiante.

Mais adiante, já perto do farol, Claire parou para um café na rua principal de Porto Pleasant. Era uma cidade pequena, quase toda cortada pela rodovia, que abrigava um quarteirão inteiro de modernas clínicas especializadas, bastante confiáveis.

Não era o automóvel de Marjorie estacionado ali, defronte a um centro médico para gestantes? Devia ser, porque existiam poucos Mustangs na região. Mas Marjorie não tinha levado Kelly para escolher um vestido de gala? Pelo menos fora isso o que Adam lhe dissera.

Então, compreendeu. A verdade surgiu diante dos olhos de Claire. Kelly pedira a Marjorie para acompanhá-la, uma escolha perfeita. Só faltava descobrir o motivo disso. Grávida, Kelly viera consultar-se com um obstetra, longe de Paradise Point. Ou decidira realizar um...

Não! A simples palavra era impronunciável para alguém que pusera no mundo cinco filhos. Claire sentiu-se traída, porque tinha tolerância zero em relação a mentiras.

Marjorie e Kelly ficaram paradas por um instante, à porta do prédio.

— Você não precisa entrar, se não quiser, Kelly.

— Está tudo certo. Só quero terminar logo com isso.

— Tire mais alguns dias para pensar, como já lhe pedi.

Uma semana.

— Vou acabar com meu problema agora! — Kelly reagiu com impaciência. — Compreenderei se você resolver não me acompanhar até lá dentro.

Não era esse o ponto. Marjorie de fato preferiria não entrar na clínica, mas Kelly necessitava de alguém — ela — para lhe proporcionar segurança e consolo.

No balcão da recepção, a atendente acessou o nome de Kelly no computador e depois passou-lhe uma pilha de papéis para preencher e assinar, embora ela já tivesse feito uma entrevista pré-cirúrgica por telefone.

— A senhora é a mãe dela? — a moça indagou a Marjorie.

— Madrasta.

Nem isso ainda, mas não precisavam saber.

— Estávamos preocupados com a possibilidade de a Srta. Kelly não vir acompanhada de um parente maior de idade.

Os formulários foram preenchidos numa mesa do refeitório interno. Após devolvê-los, o primeiro procedimento seria a coleta de sangue de Kelly para uma comprovação rigorosa da gravidez, exame a cargo de médicos qualificados, não de testes de farmácia. Observando a futura enteada, Marjorie deu-se conta de que seu

grande dilema era não poder prometer a Kelly uma vida feliz, caso ela mantivesse o bebê na barriga. De um modo ou de outro, haveria consequências a enfrentar.

Conrad pediu ao dono de uma loja fotográfica, na rua principal, que lhe permitisse usar o quarto-escuro por meia hora, a fim de revelar e copiar um rolo especial. O comerciante, por acaso um primo de Rose DiFalco, exigiu cinquenta dólares pelo aluguel do recinto e material.

Desde que terminara de fotografar Gina, Conrad sentia que faltava uma peça no quebra-cabeça constituído pelas mulheres de Paradise Point. Talvez examinando as imagens descobrisse qual parte fora omitida.

Seu agente fizera contato pela manhã, antecipando em vinte e quatro horas sua viagem à Malásia, onde era esperado com urgência. Um lucrativo contrato com uma editora de revistas estava em jogo.

Pete Lassiter, que viajara com sua equipe até a ilha de Long Beach para filmar um documento raro encontrado pela Sociedade Histórica local, lembrara a Conrad que seria bom encerrar a missão fotografando as igrejas e o hospital de Paradise Point.

— Se meu agente consentir — dissera Conrad —, voltarei em agosto ou setembro para amarrar os nós soltos.

— Gostaríamos de ter fotos do casamento do ano, mas os noivos vivem mudando a data... — Lassiter completara.

Os planos sempre mutáveis de Adam e Marjorie tinham se tornado piada entre os membros da equipe. Igreja grande ou pequena? Recepção de gala num hotel ou piquenique na praia?

Antes de embarcar, Cristal passara a Conrad duas fitas-cassete gravadas. Ele mal podia esperar pelo retorno ao hotel, onde poderia ouvi-las. Quem sabe isso não resolveria o quebra-cabeça?

Na realidade, a gravação não autorizada continha falas esparsas de Gina Barone, sem sentido lógico e encobertas pelo forte ruído ambiente, que misturava conversas, risadas, música e a voz desafinada dos participantes da sessão de karaokê.

Deu para distinguir uma frase de Gina, que já soava embriagada, afirmando que não trocaria mais um dose de marguerita por sexo selvagem. E daí?

As fotos recém-copiadas revelaram ainda menos sobre a prima de Marjorie. Conrad ficou decepcionado. Esperava ver mais no rosto de Gina do que as lentes tinham captado. De qualquer modo, marcou as fotos que iria ampliar.

Parecia-lhe que Gina guardava a solução do enigma. A expressão dos olhos, seu alardeado interesse por homens, Joey com suas sardas e íris azuis, sobrancelhas espessas e covinha no queixo...

Pense! É muita coincidência!

O menino de Gina era a cópia exata do filho de Claire. Que por sua vez era a cópia exata do pai: Billy O'Malley.

O vigia do farol recebeu Claire e avisou que Conrad Flynn havia marcado visita para as duas horas, mas não aparecera. Convidou-a para conhecer o lugar, e Claire seguiu o guarda degraus acima. O guia improvisado não sabia que ela não prestou atenção a nenhuma de suas explicações.

Estava aborrecida por ter sido ignorada por Conrad, que nem mesmo lhe telefonara para informar algum atraso. Permaneciam sem comunicação. Ela sentiu-se rejeitada e teve vontade de chorar, a despeito de odiar mulheres que choravam por seus amados.

Conrad se achava ali perto, no escritório do administrador portuário, recolhendo dados para o texto do livro. Soube, por exemplo, que aquele farol não era a construção original, datada de 1834 e derrubada por uma tempestade. Ao constatar seu atraso, tomou o carro alugado e em poucos minutos parou ao lado do velho e gasto automóvel de Claire.

Ela já se achava na frente do farol, mas não se moveu. Conrad queria distância dela? Pois a teria.

— Vá embora! — gritou.

— Deixe-me explicar. — Conrad apenas desceu do veículo, sem se aproximar dela. — Tive problemas de horário. Olivia me passou seu número de celular, mas não houve resposta. Se checar suas mensagens, verá que tentei me comunicar.

Ela remexeu na bolsa e empunhou o aparelho, observando o visor.

— Está desligado — admitiu, espantada. — Nunca o desligo!

Conrad não se vangloriou por ter razão.

— Eu jamais a deixaria plantada neste lugar. Você merece coisa melhor.

— Desculpe-me. — O celular balançava na mão trêmula de Claire. — É que...

— Eu sei. Olhe bem, Claire. Sou real, não um sonho de seu passado.

Conrad retirou do carro um buque de rosas amarelas, as preferidas dela, e acercou-se de Claire. Ao entregá-lo, os rostos ficaram muito próximos, os lábios se encontraram, e um beijo intenso, devastador, aconteceu.

Solitária fazia tempo, Claire havia se esquecido do poder de uma carícia. Com o calor do corpo de Conrad de encontro ao seu, teve de alertar a si mesma para não se iludir com a momentânea vulnerabilidade.

— Nada mudou entre nós, Claire.

— Tudo mudou.

— Não meus sentimentos.

— Já não sou a mesma mulher que conheceu na Flórida.

— Então, quem é você? Eu sou Conrad Flynn.

— Não sei, mas acima de tudo sou mãe de cinco filhos. E gosto de viver em Paradise Point, perto do mar.

— Se aceitasse trocar a praia pelas montanhas da Ásia... Evidente que teria de abandonar os filhos, caso concordasse em viver com Conrad. Sua própria família nunca compreenderia, nem perdoaria.

— Estou mais maduro, Claire, e propenso a encontrar uma maneira de ficarmos

juntos.

— Bem, não posso enganá-lo. Para mim, seria difícil segui-lo em suas andanças pelo mundo. Já o magoei antes, com uma separação abrupta.

— Você fez a escolha certa. Decidiu ficar com sua gente, e ainda teve mais um filho.

— Billy Júnior é um ótimo menino.

Ele não disse nada. Sua expressão se manteve imutável.

— Fico feliz por você.

Para surpresa dela, Conrad contou que estivera casado, por menos de um ano, com uma jornalista parisiense.

— Julguei que ela pudesse preencher o vazio que você deixou, mas foi mera ilusão.

— Deveria ter tentado de novo. — Claire consultou o relógio. Tinha de ir, mas Conrad lhe pediu para ver a foto dos filhos.

— Tem uma na bolsa, não?

— Só de Billy Júnior. — Ela apanhou um retrato pequeno e mostrou-o. — As dos outros estão desatualizadas. Elias mora na Irlanda. Willow e Courtney estão no serviço militar. Kathleen você conheceu pessoalmente.

— Seu caçula tem um rosto muito expressivo. E covinha no queixo, como John Travolta.

— Falei isso para ele. — Claire vibrou de orgulho. — Billy perguntou quem era, imaginando um dinossauro. Olhe, lamento, mas tenho de ir, Conrad.

— Não vá. Podemos improvisar um piquenique na praia.

— Billy tem hora no dentista. Preciso levá-lo ao consultório. Após tanto tempo, ela ainda colocava os filhos em primeiro lugar. Conrad sabia ser impossível mudar isso, apesar da força das emoções envolvidas.

— Posso lhe pedir para esperar que eu volte da Malásia? Então, conversaremos melhor. Ou seu namorado não vai gostar?

:— Não tenho namorado.

— E o homem que vi com você, na rádio?

— É um grande amigo.

— Só porque você quer que seja assim. Aceito competir, Claire.

Talvez fosse a única maneira de descobrir aonde aquela estrada os levaria.

Claire voltou a Paradise Point em estado de graça, excitada mas eufórica. De passagem pela churrascaria, ouviu também um comentário de Adam:

— Você parece melhor agora do que quando saiu.

— Acredita que Mary levou meu pai para a casa dela? O amor é cego... Por falar nisso, tem notícias de Kelly?

— Já lhe contei que ela saiu com Marjorie à procura de um vestido de gala.

— Eu sei aonde elas foram. Vi o carro de Marjorie parado na rua principal de Porto Pleasant, em frente a um centro médico. Acho que Kelly resolveu trocar de ginecologista.

Adam estreitou os olhos do mesmo modo como o irmão costumava fazer quando desconfiava que algo estava errado.

— E você ainda insiste em dizer que ela foi comprar um vestido! Eu sei que Kelly e Seth...

Adam saiu apressado, sem avisar quando voltaria. A expressão facial dizia tudo. Claire ficou paralisada até que Billy Júnior retornou do banheiro e rodeou a mãe. Deus do céu, o que foi que eu fiz?!

— Alguém quer mais chá? — a atendente do refeitório ofereceu.

— Esperarei a canja ficar pronta — disse Marjorie.

A funcionária se afastou com o intuito de saber quando o prato estaria disponível.

— Não gosto de sopa e detesto canja

— Então, tome bastante água, Kelly. Você precisa se hidratar.

Kelly obedeceu, esvaziando dois copos em seguida.

— Ainda não acredito que pude fazer isso. Não acredito.

— Não seja dura consigo mesma. Você fez o que achava certo.

— Mas e se eu estivesse errada?

— Eis a canja, senhoras. — A atendente depositou na mesa dois pratos fundos e cheios, mais os talheres.

— É melhor tomar, Kelly. Canja tem propriedades medicinais e fortalece o organismo.

Mais uma vez, ela aceitou o conselho de Marjorie. Sentia-se fraca.

— Vai contar a meu pai?

— Prometi que não, e foi para valer. A decisão ainda cabe a você.

— Mas tem vontade de dizer a ele, não? — Por um segundo, Kelly temeu que Marjorie a deixasse sozinha. Ainda precisava de ajuda.

— Fale com Adam e deixe o resto comigo. Nunca lhe pedirei mais nada na vida.

Lassiter e sua equipe ainda não tinham retornado de Long Beach quando Conrad entrou em seu quarto, no hotel, e acionou de novo a fita gravada por Cristal. Avaliava que Gina Barone falara pouco, sem revelar detalhes íntimos. Devia haver mais alguma coisa escondida entre os ruídos da gravação.

Conrad escutou, muito atento. A voz de Gina soou abafada, mas suas palavras confirmaram as suspeitas dele, completando o quebra-cabeça. A semelhança entre Billy Júnior e Joey não era mera coincidência.

Segundo Gina, ela chamara Billy O'Malley, em determinada manhã, para lhe dizer que descobrira estar grávida dele. O irmão de Adam ficara magoado e depois furioso. Por cerca de dez anos, entre idas e vindas, existira um caso secreto entre os dois. Quase gaguejando, Gina acrescentou que, após a morte acidental de Billy, levava um susto toda vez que soava o alarme de incêndio.

Se a angústia de Gina era perceptível, como reagiria Claire a mais uma fraqueza do marido, em vida? Sempre soubera das traições de Billy, mas gerar um filho com

outra mulher era demais. Talvez tivesse aprendido a olhar para Joey e não enxergar nele os traços de Billy Júnior. Um dia, porém, sob efeito do álcool, Gina acabaria por revelar o segredo, como tinha acontecido.

No afã de poupar Claire, Conrad decidiu falar firme com Cristal, e com Lassiter se preciso fosse, com a finalidade de retirar do documentário toda e qualquer menção ao assunto. Então, os apaixonados poderiam revitalizar sua chance de serem felizes para sempre.

No estacionamento próximo ao colégio, Marjorie esperou Kelly abrir o próprio carro. O plano era simples. Iriam juntas à churrascaria, e Marjorie contaria tudo a Adam, enquanto Kelly reunia coragem para enfrentá-lo.

A jovem passava por um momento de dor e instabilidade emocional. E não havia como prevenir Adam para que fosse compreensivo. Devastada pelo peso de sua decisão, Kelly necessitava como nunca do apoio da família, do perdão do pai.

Outro problema era a parte de Marjorie na história. Adam a entenderia?

Era tarde para raciocinar, mas ela havia traído a confiança do noivo. Quando a poeira baixasse, ele perceberia que Marjorie tudo fizera para evitar o aborto e, não conseguindo, fora com Kelly para lhe oferecer apoio e tolerância.

"Adoro você, Kelly", pensou Marjorie quando ela a focalizou com os olhos tristes.

— Adam não culpará você, Kelly. Eu garanto. Agora, tente relaxar. Concentre-se no fato de que ele a ama acima de tudo no mundo.

Uma voz veio das sombras do anoitecer:

— Estava esperando vocês.

Junto à janela do veículo parado, Adam assustou Marjorie.

— Por que Kelly veio para o carro dela?

Ele devia estar bem-informado e acompanhara de longe toda a cena.

— Calma, Adam. Sei que está sendo duro para você...

— Claire viu seu automóvel diante da clínica de Porto Pleasant e deduziu o resto.

— Desde quando você sabe?

— Desde ontem à noite.

Marjorie notou as olheiras de um homem que não tinha dormido e parecia envelhecido.

— Ambas mentiram para mim. Kelly é minha filha. Você vai ser minha mulher, Marjorie. Como espera que eu me sinta?

— Sente-se aqui dentro. Vamos explicar tudo. — Marjorie respirou fundo. — Kelly nunca esteve grávida.

— Você tem uma missão importante, garota — Kelly incentivou Ana. — As flores trazidas pela daminha de honra dão sorte ao casal.

— Já sei. Mamãe me contou. — Ana mirou-se no espelho e admirou mais uma

vez seu vestido no estilo Barbie. Lembrava um anjo.

Houvera um casamento em julho, afinal, mas não o de Adam e Marjorie, que ficou mesmo para setembro. Kelly e Seth resolveram se casar e ter, quanto antes, um bebê destinado a repor tudo em seus lugares e cimentar a felicidade do casal. Como eram jovens e saudáveis, os hormônios não iriam falhar uma segunda vez.

Claire conseguira apoio para realizar a festa no salão de chá. Olivia não só abriu a Kelly e Seth as portas da casa como encontrara para moradia deles um pequeno apartamento, perto da Universidade Colúmbia. Agora, além de estudarem, Seth trabalhava numa padaria, e Kelly dava aulas particulares.

Sérios e responsáveis como de hábito, não queriam depender apenas da mesada dos pais. Mesmo porque Kelly ignorava se, após ter um filho, conseguiria revalidar a bolsa de estudos.

— Posso ver mamãe agora? Quero mostrar meus sapatinhos brancos.

Claire dava um espetáculo de entusiasmo, apreciando as roupas das mulheres presentes. Fez surgir na mão uma avançada câmera digital e convocou todas para uma foto.

— Eu não quero aparecer — disse Kelly. — Sinto-me feia.

— Acaba de falar a moça mais linda da cidade! — Claire rebateu.

— Não me faça rir, titia. Preciso urinar a cada cinco minutos. Talvez já esteja grávida. De verdade, desta vez. Vou levar Ana até o quarto de Marjorie.

O vestidinho se arrastou no chão, e Lucy gritou, em pleno ataque de nervos. Rose correu, com alfinetes entre os dedos, para de levantar temporariamente a barra em questão, antes que Ana varresse com ela todo o corredor.

Fazia uma semana que Conrad Flynn retornara à cidade. Prometera fotografar o casamento de Marjorie e Adam, e agora, na sala, postado ao lado da equipe de tevê, aguardava permissão para registrar os preparativos.

No entretanto, vinha saindo com Claire. Era óbvia a atração entre eles, tanto que David Fenelli ficou enciumado, mas Claire o acalmara dizendo que formava com Conrad apenas um par de bons amigos. Seria curioso ver o que o destino previa para aquele triângulo amoroso.

A Irmandade do Chá se tornara um sucesso, sob o pulso firme de Claire e Marjorie. As duas vinham conversando com Olivia e Rose sobre comprarem o terreno ao lado e construir um pátio ajardinado, como uma extensão do estabelecimento, que assim teria o lucro aumentado. Era óbvio que, com seu faro para dinheiro, as proprietárias do salão de chá concordariam com a proposta.

A sorte da família O'Malley estava mudando, e para melhor.

— Oh, Marjorie, você está maravilhosa! — Kelly suspirou ao ver aquela que já tratava como mãe.

Lucy DiFalco colocara todo seu talento no vestido e nos adereços da noiva, porém Marjorie contribuía muito para o resultado admirável, com sua beleza e seu porte.

— Tomara que seu pai também goste.

— Você ainda tem cintura fina — a jovem admirou-se, com uma ponta de inveja. — Eu não tenho mais.

— Espere e veja como sua cintura estará em meados de janeiro, se de fato estiver grávida. Conte comigo para ajudá-la a recuperar as formas.

— Meninas, dez minutos! — gritou Denise, da sala. — A limusine de aluguel chegou!

Sem tardança, as mulheres da família desceram os degraus, sob a luz de um forte refletor e os cliques de Conrad. Ele convenceu Rose DiFalco a posar sentada numa poltrona, com Marjorie atrás dela e Ana sobre os joelhos.

Muito tempo depois, aquela foto poderia lembrar a Ana suas raízes e talvez influir em suas decisões mais importantes.

Observando a cena, Kelly suspirou de novo. Ela deslizou a mão pelo ventre e, sonhando ou não, sentiu os primeiros sinais de um ser em formação dentro de si.

— Se Deus quiser, uma filha — murmurou consigo mesma. Teria de ser.

Fim